



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RICARDO RIOS BARRETO FILHO

AVALIAÇÕES DA (IM)POLIDEZ EM INTERAÇÕES NO *FACEBOOK*

Recife

2019

RICARDO RIOS BARRETO FILHO

AVALIAÇÕES DA (IM)POLIDEZ EM INTERAÇÕES NO *FACEBOOK*

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Kazue Saito Monteiro de Barros

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

B273a Barreto Filho, Ricardo Rios
Avaliações da im(polidez) em interações no Facebook / Ricardo Rios
Barreto Filho. – Recife, 2019.
267f.: il.

Orientadora: Kazue Saito Monteiro de Barros.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de
Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui Referências e Apêndices.

1. (Im)polidez. 2. Interações on-line. 3. Facebook. I. Barros, Kazue Saito
Monteiro de. (Orientadora). II. Título.

801 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-50)

RICARDO RIOS BARRETO FILHO

AVALIAÇÕES DA (IM)POLIDEZ EM INTERAÇÕES NO *FACEBOOK*

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em: 14/01/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Kazue Saito Monteiro de Barros (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Judith Chambliss Hoffnagel (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Lilian Noemia Torres de Melo Guimarães (Examinadora Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Costa de Araújo Lima (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

A Leilany e Fátima, as mulheres da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus pela possibilidade da vida.

À minha família, base de onde tudo começou na minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Agradeço à minha mãe, Fátima, por me mostrar desde cedo o valor da educação e pelo seu apoio incondicional em todos os momentos. Desde sempre tive o privilégio de ter ao meu lado a melhor mãe do mundo.

A Ricardo, meu pai, pelas palavras de apoio e estímulo e pelo valioso investimento na minha educação, fundamental para que eu chegasse até aqui. Felizmente e graças aos meus pais, tive a oportunidade de ter um ambiente propício desde a infância para que pudesse estudar, mesmo vivendo num país com tantas desigualdades.

À minha esposa, Leilany, pelo apoio e compreensão nas horas de aperto durante a escrita da tese para que eu pudesse ter uma vida mais serena mesmo nos momentos de maior exigência. Agradeço também por participar tão ativamente do trilhar dos nossos futuros, sempre com muito amor, carinho e companheirismo.

Ao meu irmão Rodrigo, pelo suporte e estímulos sempre dedicados à minha vida acadêmica desde que me iniciei na pós-graduação.

À minha querida orientadora, Profa Dra Kazue Saito Monteiro de Barros, pelo exemplo de competência profissional demonstrado em todo esse percurso e pela generosidade em compartilhar do seu conhecimento como todos os seus orientandos, sempre de forma sincera, sem perder o bom humor e a leveza, mesmo nos momentos em que as críticas são necessárias. Saio desse doutorado, graças a Kazue, com conhecimentos sobre assuntos acadêmicos e da vida inesquecíveis, os quais certamente me servem de alicerce para o meu futuro acadêmico.

À Profa Dra Abuência Padilha Peixoto Pinto (*in memoriam*) pelos valiosos ensinamentos na época da iniciação científica. Tenho certeza que de onde ela estiver, está torcendo pelo meu doutorado, como carinhosamente me disse anos atrás.

Às professoras doutoras Judith Chambliss Hoffnagel, Lilian Noemia Torres de Melo Guimarães e Larissa de Pinho Cavalcanti pelas valiosas contribuições ao meu trabalho, nas ocasiões de qualificação da tese e do projeto.

Às professoras doutoras Ana Maria Costa de Araújo Lima e Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes por gentilmente terem aceitado compor a banca final de avaliação da tese e pelas contribuições e questionamentos pertinentes e valiosos na ocasião da defesa.

A todos os amigos que fiz nessa jornada das Letras, por tornarem essa caminhada mais fácil e leve desde a graduação, em especial Herbertt Neves, Thalita Spencer, Mariana Becker, Larissa Santos, Erika Simas, Martha Ribeiro, Jorge Lira e Eduardo Barreto. Sem eles, certamente a jornada teria sido muito mais difícil.

Aos queridos amigos que fiz na Pós-Graduação em Letras, com os quais compartilhei angústias comuns aos pós-graduandos, e obtive, por meio do apoio mútuo, calma e serenidade para cumprir essa etapa. Em especial agradeço a Lin, Rafa Cruz, Paula Antunes, Ritinha, Leo, Laura, Paulinha, Júlia, Sônia, Fernanda, Shênia, Carla e tantos outros.

Aos companheiros de NELFE, nosso querido núcleo de pesquisa, em especial aos amigos e colegas que pude fazer por causa do nosso grupo InterVer. Muito obrigado, Herbertt, Marcelo, Luiza, Mirela, Gyrllyne, Eva, Tayana, Alice, Gabriel e Erivaldo.

Aos professores do Departamento de Letras da UFPE, que foram fundamentais para minha formação, em especial Ana Lima, Márcia Mendonça, Cláudia Mendonça, Simone Reis, Virgínia Leal, Judith Hoffnagel, Fatiha Dechicha, Stella Telles e Marlos Pessoa.

Aos professores com quem cursei disciplinas no PGLetras, pelos ensinamentos valiosos, que certamente levarei para o resto da vida. Muito obrigado, Kazue Saito, Siane Gois, Dóris Carneiro da Cunha, Medianeira de Souza, Vicente Masip, Fabiele de Nardi e Cristina Damianovic.

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Letras, Jozafas, Claudyvanne e Adriel, pelo constante apoio, presteza e colaboração nos assuntos administrativos da pós-graduação.

À minha amiga de longa data, Hanaty Mendonça, pela curiosidade, respeito, apoio e olhar de fora da área acerca dos assuntos relacionados à (im)polidez nos sites de redes sociais.

À minha querida amiga, Isabela Tavares, por gentilmente ter traduzido o resumo para língua espanhola.

À minha colega e amiga, Fernanda Nascimento, por ter realizado a revisão do texto final da tese com tanta competência e atenção.

Aos colegas da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, principalmente os da área de língua inglesa, que contribuíram para o afastamento das minhas atividades de ensino, o qual foi indispensável para que pudesse concluir o doutorado.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todos que puderam me apoiar de alguma forma nessa vida na academia.

Como qualquer outro esforço acadêmico, o estudo da linguagem se desenvolve em saltos e pulos. Algumas vezes, ele avança diretamente para frente com desenvolvimentos regulares. Em outras vezes, há explosões repentinas de atividades e movimentos em todas as direções, com passos para trás, para os lados e também para frente. Nestas vezes em que as disciplinas e subdisciplinas se deslocam e se reagrupam, é necessário questionar ideias existentes, ler fora da sua própria disciplina, repensar e rasgar as anotações e lições já estabelecidas. (...) Tudo isso torna o estudo da linguagem, nesse momento histórico, animador, exigente e, no fim das contas, gratificante. (BARTON e LEE, 2015, p. X)

RESUMO

O uso crescente e emergente dos sites de redes sociais no Brasil faz com que surjam questões acerca do funcionamento da linguagem nessas plataformas *on-line*. Diante deste quadro, este trabalho tem particular interesse em investigar a (im)polidez em discussões públicas no *Facebook*, a plataforma de redes sociais da internet mais utilizada no Brasil (BRASIL 2015, 2016). No contexto desta pesquisa, a (im)polidez é aqui definida como o estudo das avaliações dos comportamentos em relação à sua adequabilidade social (EELLEN, 2001; WATTS, 2003; SPENCER-OATEY, 2005), o que engloba fenômenos como a polidez – mobilização da linguagem para evitar conflitos – e impolidez – uso da linguagem para causar ofensa. Em vista do exposto, o objetivo geral dessa pesquisa é descrever o funcionamento e configuração da (im)polidez em discussões públicas no *Facebook*. Para tanto, foram selecionados, dentro de um *corpus* expandido de 50 textos, um total de 20 textos públicos, *on-line*, do *Facebook* para compor a amostra aqui analisada. Todos os dados são discussões de temas públicos, na sua maioria sobre política, e são compostos por 80 comentários, 263 réplicas e a participação de 126 usuários, entre autores de postagens e comentadores. A amostragem foi analisada por meio de uma abordagem qualitativa-interpretativista, a qual se dedicou a analisar as avaliações de (im)polidez, por meio da análise das reações visíveis dos participantes, bem como uma análise numérica das marcas de (im)polidez, a qual ofereceu uma visão geral das escolhas linguísticas presentes nos dados. Além disso, em relação à fundamentação teórica, foram usadas abordagens discursivas e pragmáticas da (im)polidez e suas relações com os conceitos de Ideologia, Identidades, Interação *On-line* e a Sociolinguística Interacional. Os principais resultados da pesquisa apontaram para a existência de três alinhamentos em relação à (im)polidez, a saber: agressão, preservação e ridicularização. A descrição desses juntamente com as análises das marcas de (im)polidez presentes nos dados da amostra sustentam o resultado geral de que, em discussões públicas no *Facebook*, em relação à impolidez, há mais ataques às identidades do que às faces individuais dos interlocutores, e, em relação à polidez, quando ela ocorre, há preservação das faces individuais dos interactantes. Desse modo, em outras palavras, é mais comum atacar grupos e preservar pessoas, em discussões públicas no *Facebook*.

Palavras-chave: (Im)polidez. Interações *on-line*. *Facebook*.

ABSTRACT

The increasing and emergent use of social net-working websites in Brazil stimulates studies on the language setting in these online platforms. Regarding this framework, this doctoral research is particularly interested on (im)politeness in public arguments on Facebook, the most used social media website in Brazil (BRASIL 2015, 2016). In this work, (im)politeness is seen as the study of behavior evaluations concerning their relationship with social adequacy (EELLEN, 2001; WATTS, 2003; SPENCER-OATEY, 2005), which encompasses phenomena like politeness – use of language to avoid conflicts – and impoliteness – employment of language to cause offense. Thereupon, this research aims at describing the setting and operation of (im)politeness in public discussions on Facebook. As a result, amongst an expanded corpus of 50 public online texts, 20 were selected to compose the sample of this research study. All the data are made of discussions of public topics, mostly about politics, containing 80 comments, 263 replies and 126 participants, amongst post authors and commentators. The sample was analyzed by the means of a qualitative and interpretative approach, which aimed at examining the (im)politeness evaluations through the observation of visible participants' reactions, as well as the quantitative study of (im)politeness marks, which offered a general view of the linguistic choices that were presented by the data. Moreover, regarding the theoretical background, this research was based on discursive and pragmatic approaches of (im)politeness and their relationship with concepts such as Ideology, Identity, Online Interaction and Interactional Sociolinguistics. The main findings of this work were the three footings regarding (im)politeness: aggression, preservation and ridicularization. Hence, the descriptions of those along with the analysis of the (im)politeness marks presented on the data support the main thesis that, in public arguments on Facebook, there are more attacks to identities, in terms of impoliteness, and more preservation of individual faces, concerning politeness. Therefore, in other words, on Facebook, it is more frequent to attack groups rather than individuals.

Keywords: (Im)politeness. Online interaction. Facebook

RESUMEN

El uso crecente y emergente de los sitios de redes sociales en Brasil hace con que aparezcan cuestiones a cerca del funcionamiento del lenguaje en tales plataformas en línea. Frente a este cuadro, este trabajo tiene particular interés en investigar la (des)cortesía en las discusiones públicas en Facebook, plataforma de redes sociales de internet más utilizada en Brasil (BRASIL 2015, 2016). En el contexto de esta pesquisa, la (des)cortesía es aquí definida como es estudio de las evaluaciones de los comportamientos en relación con su adecuación social (EELLEN, 2001; WATTS, 2003; SPENCER-OATEY, 2005), lo que engloba fenómenos como la cortesía – movilización del lenguaje para evitar conflictos – y descortesía – uso del lenguaje para causar ofensa. Debido a lo dicho, el objetivo general de esa pesquisa es describir el funcionamiento y configuración de la (des)cortesía en las discusiones públicas en Facebook. Para tanto, fueron seleccionados dentro de un *corpus* expandido de 50 textos, un total de 20 textos públicos, en línea, del Facebook, para componer la muestra aquí analizada. Todos los datos son discusiones de temas públicos, en su mayoría sobre política, y son compuestos por 80 comentarios, 263 réplicas y la participación de 126 usuarios, entre autores de postajes y comentaristas. La muestra fue analizada a través de un abordaje cualitativo interpretativo, el cual se dedicó a examinar las evaluaciones de (des)cortesía observando las reacciones visibles de los participantes, así como un análisis cuantitativo de las marcas de (des)cortesía, que ofrecen una visión general de las escojas lingüísticas presentes en los datos. Además, con relación a la fundamentación teórica, fueron usados abordajes discursivos y pragmáticos de la (des)cortesía y sus relaciones con los conceptos de Ideología, Identidades, Interacción En Línea y la Sociolingüística Interaccional. Los principales resultados de la investigación apuntaron para la existencia de tres alineaciones respecto a la (des)cortesía, a saber: agresión, preservación y ridiculización. La descripción de esos cuadros, juntamente con los análisis de las marcas de (des)cortesía, presentes en los datos de la muestra, sostienen la tesis de que, en discusiones públicas en Facebook, con relación a la (des)cortesía, hay más ataques a las identidades que a las facetas individuales de los interlocutores, y sobre la cortesía, cuando ocurre, existe una preservación de las facetas individuales de los interactuantes. De ese modo, en otras palabras, es más común atacar grupos y preservar personas en las discusiones públicas en Facebook.

Palabras clave: (Des)cortesía. Interacciones En Línea. Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Comprovação de Textos Públicos.....	34
Figura 2- Procedimentos de análise.....	40
Figura 3- Concurso no <i>Facebook</i>	61
Figura 4- Espaços de Escrita.....	62
Figura 5- Quebra na relação tópica entre <i>post</i> e comentário.....	63
Figura 6- Publicação na linha do tempo de outros usuários.....	120
Figura 7- Comentários de <i>post</i>	121
Figura 8- marcação de usuário em <i>post</i>	122
Figura 9- Marcação em réplica.....	123
Figura 10- Marcação em fotos.....	124
Figura 11- Marcação de usuário como redirecionamento.....	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Superestratégias e Estratégias de produção de Brown e Levinson (1987).....	71
Quadro 2- Máximas do Princípio da Polidez de Leech (1983).....	72
Quadro 3- Superestratégias de Impolidez de Culpeper.....	84
Quadro 4- Estratégias de Produção da Impolidez.....	84
Quadro 5- Fórmulas convencionais de impolidez.....	86
Quadro 6- Esquema de Participação.....	119
Quadro 7- Esquema de Participação em interações públicas no <i>Facebook</i>	127
Quadro 8- Formato de Produção.....	129
Quadro 9- Esquema de Participação e Formato de Produção em Interações Públicas Online no <i>Facebook</i>	134

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Temas dos 20 Textos da Amostra.....	35
Gráfico 2- Temas específicos nos textos sobre política.....	36
Gráfico 3- Uso das Marcas de Impolidez.....	146
Gráfico 4- Visão geral do direcionamento de Marcas de Impolidez.....	147
Gráfico 5- Marcas de Impolidez direcionadas à Face ou à Identidade por categorias.....	149
Gráfico 6- Uso das marcas de polidez nos textos.....	159

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Dimensões da amostragem.....	38
Tabela 2- Incidência de Marcas de Impolidez por Texto.....	145
Tabela 3- Incidência de Marca de Impolidez Direcionada à Identidade por Texto.....	150
Tabela 4- Incidência de Marcas de Impolidez direcionadas à face por Texto.....	151
Tabela 5- Percentual de Marcas de Impolidez por Texto da Amostra.....	152
Tabela 6- Incidência e quantidade de marcas de polidez nos textos.....	158
Tabela 7- Percentual de Marcas de Polidez por Texto da Amostra.....	158

LISTA DE SINAIS USADOS NAS TRANSCRIÇÕES

Sublinhado e Negrito para hiperlinks

[[comentários do analista]]

[...] para trechos omitidos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	METODOLOGIA.....	28
2.1	TEMA E OBJETIVOS DE PESQUISA.....	28
2.2	CARACTERIZAÇÃO E SELEÇÃO DOS DADOS.....	32
2.3	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	38
3	LINGUAGEM, INTERAÇÃO, ESTUDOS DA (IM)POLIDEZ EM CONTEXTO DE INTERAÇÕES ON-LINE	44
3.1	FUNDAMENTOS DOS ESTUDOS SOCIOINTERACIONAIS	45
3.1.1	Etnometodologia e Análise da Conversação	47
3.1.2	Sociolinguística Interacional	51
3.2	INTERAÇÕES <i>ON-LINE</i>	54
3.3	(IM)POLIDEZ: PRINCIPAIS CONCEITOS E ABORDAGENS	67
3.3.1	Abordagens Pragmáticas do Estudo da (Im)polidez.....	68
3.3.2	Abordagens Sociodiscursivas	74
3.4	ESTUDOS DA IMPOLIDEZ.....	82
4	APARATO DE ANÁLISE DA (IM)POLIDEZ EM POSTS <i>ON-LINE</i>.....	90
4.1	IDEOLOGIA E (IM)POLIDEZ.....	91
4.2	FACES, IDENTIDADES E (IM)POLIDEZ	96
4.3	<i>FOOTING</i> , QUADRO DE PARTICIPAÇÃO E FORMATO DE PRODUÇÃO NO <i>FACEBOOK</i>	112
5	<i>FOOTINGS</i> DA (IM)POLIDEZ EM DISCUSSÕES NO <i>FACEBOOK</i>.....	136
5.1	AGRESSÃO	137
5.2	PRESERVAÇÃO	154
5.3	RIDICULARIZAÇÃO	167
5.4	DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	181

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
	REFERÊNCIAS	191
	APÊNDICE A – TEXTO 1	197
	APÊNDICE B - TEXTO 2	200
	APÊNDICE C - TEXTO 3	202
	APÊNDICE D - TEXTO 4	204
	APÊNDICE F - TEXTO 5	206
	APÊNDICE G - TEXTO 6	208
	APÊNDICE H - TEXTO 7	210
	APÊNDICE I - TEXTO 8	212
	APÊNDICE J -TEXTO 9	214
	APÊNDICE K - TEXTO 10	228
	APÊNDICE L - TEXTO 11	230
	APÊNDICE M - TEXTO 12	236
	APÊNDICE N - TEXTO 13	240
	APÊNDICE O - TEXTO 14	246
	APÊNDICE P - TEXTO 15	249
	APÊNDICE Q - TEXTO 16	251
	APÊNDICE R - TEXTO 17	252
	APÊNDICE S - TEXTO 18	255
	APÊNDICE T - TEXTO 19	262
	APÊNDICE U - TEXTO 20	267

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo central descrever a configuração e o funcionamento da (im)polidez em discussões públicas no *Facebook*. Para tanto, buscou-se identificar o funcionamento dos ataques e das preservações de faces e de identidades nessas interações, bem como verificar quais aspectos das interações *on-line* influenciam a (im)polidez e descrever as marcas linguísticas envolvidas nesse fenômeno. Foi empregada uma metodologia qualitativa-interpretativista baseada nos princípios da Etnometodologia, da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional. Com base nesses preceitos, uma amostra de 20 postagens acompanhadas de seus respectivos comentários e réplicas foi estudada por meio da análise das reações visíveis dos participantes e da contagem e categorização das marcas linguísticas de (im)polidez. Os resultados da pesquisa demonstraram que particularmente a impolidez, no *Facebook*, é caracterizada por ser direcionada mais frequentemente a grupos e ideologias do que exatamente a interlocutores individuais nas interações. Além disso, o processo de ofender-se se mostrou afetado por essa realidade, na medida em que os usuários normalmente se ofenderam por causa de críticas e insultos a grupos com os quais se identificaram, em vez de por ofensas endereçadas a eles próprios. Para sustentar esse resultado, o trabalho construiu um novo aparato teórico de análise que pudesse dar conta do estudo da (im)polidez em contextos de interação *on-line*, portanto foram exploradas as inter-relações entre a (im)polidez e os estudos sobre identidade e interações *on-line* mediadas pelo *Facebook*.

Este trabalho surgiu da necessidade de melhor compreensão dos hábitos de uso da internet no Brasil, haja vista o crescente uso de plataformas digitais que medeiam as interações em *sites* de redes sociais. Com base em Brasil (2015, 2016), o *site Facebook* foi eleito como universo de pesquisa porque é o mais utilizado no Brasil, além de ser o que concentra maior variedade de usuários em diferentes faixas demográficas. Essa observação é particularmente importante para justificar o surgimento dessa pesquisa porque ainda há poucos trabalhos no Brasil que se dediquem a estudos da interação em postagens no *Facebook*, ainda mais se levarmos em consideração os estudos da (im)polidez.

A (im)polidez é aqui compreendida como um processo sociointeracional de avaliação dos discursos, por meio do qual os interactantes julgam intersubjetivamente os discursos com rotulações normalmente nomeadas de polidos, impolidos, rudes, agressivos, exageradamente

polidos, bem-educados, mal-educados etc. O termo (im)polidez é grafado dessa forma (com o prefixo entre parênteses) quando se refere a um *continuum* de avaliações que abarcam todas essas rotulações mencionadas. Aparecerão no trabalho ainda os termos polidez e impolidez, cuja definição do primeiro está relacionada ao uso da linguagem, de maneira não esperada, para evitar conflitos, e o segundo, de modo geral, ao uso da linguagem para causar ofensa.

Em vista do exposto, a pesquisa se justifica por trabalhar com a (im)polidez, que é intimamente ligada ao gerenciamento de conflitos, no nosso caso, na internet. É corrente a ideia de que o *Facebook* tem se tornado um palco de brigas, discussões e inimizades no contexto brasileiro, conforme demonstram diversos textos da mídia.¹ Por essa razão, a pesquisa contribui para a compreensão de como funciona a (im)polidez em discussões no *Facebook* e como funciona o processo de ofensa nesse contexto, o qual está relacionado à leitura inferencial de ataques às identidades político-ideológicas dos usuários de internet.

Ademais, a pesquisa também acaba por contribuir para a literatura da área de estudos da (im)polidez, no sentido de que apresenta um novo aparato teórico que dá conta dos estudos da (im)polidez em postagens, comentários e réplicas no *Facebook*. O trabalho demandou a (re)adaptação de conceitos vigentes na área da Sociolinguística Interacional para o contexto de interação *on-line* pública, a qual transforma conceitos como as noções de tipos de falante e de ouvinte, criando diferentes categorias, antes pensadas apenas a partir de exemplos de interações face-a-face.

Dessa maneira, é válido ratificar que o trabalho apresenta duas contribuições centrais: uma empírica, que diz respeito ao esclarecimento acerca de hábitos de uso da internet, particularmente no que se refere à (im)polidez no *Facebook*, outra teórica, à medida em que apresenta um novo aparato de análise que é capaz de abordar a (im)polidez no contexto de interação *on-line*. Em vista dessas contribuições, cabe discutir agora os objetivos gerais e específicos do trabalho.

¹Acerca desse assunto, pode-se encontrar referências nos seguintes links de notícias e reportagens sobre o assunto: https://olhardigital.com.br/dicas_e_tutoriais/noticia/cansou-do-facebook-veja-como-se-livrar-do-feed-de-noticias-em-2018/73203 ; <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/10/discussao-politica-no-facebook-abala-relacoes-de-internautas-com-amigos.html> ; <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/10/amigos-tentam-paz-apos-brigas-no-facebook-por-causa-da-eleicao.html>

Primeiramente, como objetivo geral, há a descrição da configuração e do funcionamento da (im)polidez em discussões no *Facebook*. Inicialmente, é necessário delimitar que, nessa pesquisa, optei por analisar apenas discussões, dentre outras possibilidades de interação que ocorrem nesta plataforma digital. A discussão é aqui compreendida como o debate entre pelo menos dois pontos de vista conflitantes, ou seja, só analisamos aqui interações que apresentaram discordância entre pelo menos dois usuários. Essa escolha se deu particularmente em razão da sua produtividade para o propósito da pesquisa, pois foi pressuposto que, ao discordarem, os interactantes mobilizam o uso da linguagem para causar ou evitar ofensas, e, por essa razão, optei por trabalhar apenas com discussões. O objetivo geral dessa pesquisa foi particularmente relevante, porque, embora haja muitos trabalhos sobre a (im)polidez em diálogos normalmente bipartidários e face a face, ainda há poucos estudos que investiguem a (im)polidez em interações abertas na internet, as quais se caracterizam como diálogos multi-partidários em que os participantes precisam considerar a função da audiência, que pode participar eventualmente como falante em interações na internet.

Conforme ressaltam Barton e Lee (2015, p. 20), cada vez mais as práticas vernaculares estão se tornando públicas na internet. Na vida *off-line*, uma simples conversa particular sobre política é, algumas vezes, transposta a espaços públicos em rede, como nas postagens, e essa transposição faz com que novas práticas vernaculares emerjam, de modo a influenciar a (im)polidez e as interações como um todo.

Investigar a interação *on-line* é, portanto, verificar novas maneiras de olhar a linguagem, questionar e colocar à prova conceitos clássicos da Linguística, conforme defende Marcuschi (2005). O objetivo geral da pesquisa nasce da pressuposição de que mudanças teórico-metodológicas são necessárias para estudar a (im)polidez em interações na internet, e é o trabalho de pesquisa e interpretação de dados empíricos que traz as respostas para as mudanças ocasionadas pela mediação tecnológica promovida pelos *sites* de redes sociais. Por isso, há a necessidade de descrever a configuração e o funcionamento da (im)polidez em discussões no *Facebook*.

Considerando-se o objetivo geral da pesquisa, surgem objetivos específicos que o decompõem. O primeiro deles diz respeito à descrição dos processos de ataque e preservação de identidades e faces no *Facebook*. Esses processos designam a maneira como os interlocutores mobilizam a linguagem para gerar ou evitar ofensas. Em meio às diversas

definições de face e identidade disponíveis na literatura da área, escolhi Goffman (1967) para definir o primeiro e Bucholtz e Hall (2005) para o segundo, em função da concepção interacional de linguagem adotada neste trabalho.

Para Goffman (1967), as faces são projeções positivas do eu de acordo com a linha social que o sujeito deseja adotar. Na visão do autor, nas interações, não estão sujeitos encarnados, mas, na verdade, projeções dos sujeitos, uma imagem positiva e relacional de acordo com as necessidades interacionais. Desse modo, ratifico, neste trabalho, a ideia de que as faces são projeções individuais. Por outro lado, a visão de Bucholtz e Hall (2005) advoga que as identidades são posicionamentos sociais e ideológicos do eu e dos outros que emergem a partir das interações. Dessa forma, adoto, no trabalho, a possibilidade de aproximação desses conceitos nos estudos da (im)polidez, considerando que as faces são projeções individuais dos sujeitos e as identidades são processos de identificação de sujeitos com ideologias.²

Sobre o processo de ataque a identidades, conforme já adiantei, este esteve presente na maioria dos ataques, pois os interlocutores, no *Facebook*, preferiram produzir críticas e insultos a ideologias ou representantes de ideologias, como figuras políticas, em vez de insultar ou criticar os seus interlocutores diretos. Especificamente sobre esse aspecto, essa pesquisa doutoral mostrou como os ataques normalmente eram feitos contando com o poder inferencial de interpretação dos interlocutores, os quais, para se sentirem ofendidos, deveriam se identificar com os insultos ou com as críticas lançadas a outros.

Esse objetivo foi particularmente relevante, pois demonstra a maneira como nos ofendemos, particularmente no *Facebook*. São comuns, nos dados, situações em que um usuário se sente ofendido por causa de uma crítica ou de um insulto direcionado a figuras políticas, como candidatos às eleições presidenciais. Por outro lado, os dados também demonstraram que as preservações sempre estiveram direcionadas às faces individuais dos interlocutores, normalmente em função do tratamento de tópicos particulares e sensíveis.

O segundo objetivo específico está intimamente relacionado à verificação da relação entre as funcionalidades técnicas disponíveis aos usuários do *Facebook* e suas implicações na

² Para uma visão mais aprofundada da questão, a seção 4.2 deste trabalho apresenta um detalhamento das diferenças e semelhanças entre faces e identidades nos estudos da (im)polidez.

(im)polidez. Este objetivo surgiu da hipótese de que as limitações e possibilidades oferecidas pela plataforma digital do *site* de redes sociais pudesse ter uma influência na (im)polidez presente nas interações.

Certamente, a hipótese inicialmente lançada foi confirmada a partir das análises dos dados, uma vez que foi muito comum o uso de *emoticons* e outros recursos imagéticos, sobretudo para causar ridicularização; também foi recorrente a declaração de uso ou recomendação do bloqueio ou da exclusão de usuários em decorrência da necessidade de causar ofensa, além das formas particulares de endereçamento possibilitadas por meio da marcação de usuários ou da escrita em suas linhas do tempo. Para a discussão dos aspectos técnicos da plataforma digital do *Facebook*, foram utilizados os conceitos de espaço de escrita (BARTON e LEE, 2015), que se refere ao espaço limitado que as plataformas digitais disponibilizam aos usuários, e *affordances* (GIBSON, 1981), que se refere às possibilidades que os usuários enxergam a partir dos recursos disponíveis e das limitações de um ambiente.

Esse objetivo, além de ratificar as relações entre as funcionalidades técnicas e a (im)polidez, demonstrou como os recursos tecnológicos transformam a interação e criam novas formas híbridas de interagir, uma vez que os usuários não criam padrões interacionais aleatoriamente. O que acontece, na verdade, é a transmutação de práticas *off-lines* a *on-lines*.

Finalmente, o terceiro objetivo específico diz respeito à análise das marcas linguísticas relacionadas à (im)polidez. Conforme discutirei alhures, as abordagens sociodiscursivas de estudo da (im)polidez defendem que esta não está apenas na língua, mas necessariamente na atualização das escolhas linguísticas em contextos situados de uso da língua. Esse pressuposto inicialmente pode levar a crer que as escolhas linguísticas não são importantes para a (im)polidez. No entanto, esta postura é justamente contrária à que defende esta pesquisa, pois, conforme aponta Culpeper (2011) e Culpeper e Hardaker (2017), a análise da (im)polidez deve centrar-se numa visão em três eixos: o contexto, o co-texto e as escolhas linguísticas.

O contexto refere-se às informações extralinguísticas, especialmente sócio-históricas, que estão ao redor do uso da linguagem, o co-texto, por sua vez, designa a ideia de que a (im)polidez não está em turnos ou enunciados soltos, mas está necessariamente atrelada à análise da interação como um todo, inclusive considerando-se uma porção de turnos. Finalmente, as escolhas linguísticas devem ser consideradas em meio a esses outros dois aspectos, pois não se deve abandonar a ideia de que algumas escolhas linguísticas estão historicamente atreladas a situações de (im)polidez, como os insultos, os quais normalmente

se relacionam à impolidez e à concordância, que normalmente vem associada à polidez. Com essa discussão, quero dizer que as escolhas linguísticas (e multimodais) foram consideradas como marcas de (im)polidez, ou seja, indícios de que há (im)polidez a depender da análise de contextos situados. As marcas de (im)polidez, portanto, estão atreladas à ideia de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982), que denotam marcas linguísticas criadas pelos interlocutores para criar o contexto de interação. A noção de marcas de (im)polidez se diferencia da de pistas de contextualização porque este conceito naturalmente não se refere apenas à (im)polidez, mas à criação do contexto como um todo. O objetivo específico de identificar as marcas de (im)polidez mostrou, como resultado, que as críticas e os insultos são as marcas de impolidez mais comuns, por outro lado, as ameaças foram inexistentes na amostragem. Em relação às marcas de polidez, a compreensão e a concordância foram as marcas mais comuns, em oposição à modéstia, que não se fez presente nos dados da amostra.

Levando-se em conta os objetivos geral e específicos do trabalho de pesquisa, cuja natureza é descritiva, empregou-se aqui uma metodologia indutiva com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Etnometodologia, da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional. Essa escolha se deu pela necessidade de aplicar abordagens de estudo da interação baseadas na observação dos dados antes mesmo de delimitar categorias de análise, além disso, a pesquisa está interessada particularmente no estudo da linguagem cotidiana, o que é um ponto em comum das três áreas apontadas acima.

De maneira geral, o norte teórico desta tese se concentra na pressuposição de que a linguagem é uma atividade colaborativa de construção de sentidos, conforme definem Koch (2007) e Marcuschi (2005). A metodologia aqui empregada busca compreender a coconstituição de sentidos nas interações *on-line*, a qual depende de ações conjuntas dos interactantes. Por essa razão, é buscado na análise compreender a (im)polidez do ponto de vista dos interlocutores, o que se relaciona ao conceito de (im)polidez como avaliação ou julgamento de comportamentos (EELLEN, 2001; WATTS, 2003 e SPENCER-OATEY, 2005). Segundo nossa linha metodológica, os interactantes colaboram para a criação de um contexto que indique sua avaliação de (im)polidez tanto dos seus discursos quanto dos discursos dos outros. Essa busca pelo ponto de vista dos interlocutores a partir da observação das suas reações visíveis está relacionada aos pressupostos da Etnometodologia e da Análise da Conversação, as quais, segundo Day e Wagner (2008), dão conta da construção das realidades sociais a partir do ponto de vista dos atores sociais, ou seja, dos interactantes.

Por essa razão, primeiramente foi utilizada uma análise qualitativa-interpretativista para descrever os contextos de aparecimento da (im)polidez a partir da observação e da interpretação das reações visíveis dos interactantes. Posteriormente, foi feita uma análise numérica das marcas de (im)polidez presentes nas interação para mostrar uma perspectiva panorâmica da amostragem.

Em relação à abordagem teórica aqui construída, foi necessário desenvolver um aparato teórico-metodológico apropriado para o estudo da linguagem mediada por *sites* de redes sociais, uma vez que são poucos os estudos da literatura da (im)polidez que trabalham com esse contexto, especialmente com a nossa unidade de análise, que são as postagens do *Facebook*, acompanhadas de seus comentários e réplicas.

Desse modo, o aporte teórico da tese se concentrou nas relações entre os estudos da (im)polidez com outras áreas, como os estudos da ideologia, das identidades e da interação face a face e *on-line*. A abordagem teórica aqui adotada teve uma postura indutiva, que partiu da observação dos dados para a delimitação das categorias de análise. A configuração particularmente da impolidez e as características interacionais dos dados demandaram particular interesse nos conceitos de ideologia e identidades e na readaptação dos conceitos de *footing*, estrutura de participação e formato de produção (GOFFMAN, 1981).

Dentre os diversos conceitos de ideologia disponíveis, adotamos o de Van Dijk (1998), que compreende que os diversos grupos sociais desenvolvem e partilham crenças que são adquiridas, partilhadas e modificadas em situações sociais, e essas crenças são reconhecidas como ideologias. Segundo o pensamento do autor, reconhece-se ainda que todos os grupos (oprimidos ou opressores) desenvolvem ideologias, seja como forma de controle ou de resistência social, e essas ideologias estão particularmente relacionadas às identidades. Dessa forma, a ideologia foi abordada neste trabalho conforme sua relação com as marcas e avaliações de impolidez, as quais, em sua maioria, apresentam natureza ideológica nos dados estudados.

Em relação aos conceitos de Goffman (1981) sobre a interação, eles foram readaptados tendo em mente as suas funções para o estudo da (im)polidez e suas transformações nos contextos de interação mediada por plataformas digitais. Verificou-se que os tipos de ouvinte da estrutura de participação propostas por Goffman (1981) merecem readaptação, haja vista o enfraquecimento da noção de ouvintes não ratificados, pois, no *Facebook*, praticamente não há quem não seja ratificado, uma vez que normalmente todos os usuários do *Facebook* são

ouvintes ratificados em potencial, porque possuem capacidade técnica de eventualmente ocupar o lugar de falante.

Com vistas aos objetivos e às contribuições acima mencionadas, esta tese se divide em 6 seções, cuja primeira e última dedicam-se à apresentação das considerações iniciais e finais da pesquisa respectivamente. Na seção 2, são apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa, os quais se caracterizam pela delimitação e definição do tema da pesquisa, bem como os objetivos gerais e específicos.

Logo em seguida, na mesma seção, são caracterizados os dados, os quais são compostos de discussões públicas no *Facebook* em que há debates de pontos de vista conflitantes e a participação de pelo menos 3 participantes. A amostragem da pesquisa foi composta por 20 textos, seus comentários e suas réplicas, que podem ser encontrados na seção de apêndice da tese. A seção metodológica ainda descreve os procedimentos de coleta, de seleção e de análise dos dados, a qual é baseada na observação das reações visíveis dos participantes e nas marcas de (im)polidez empregadas na amostra.

A seção 3 apresenta o aporte teórico da pesquisa de modo a elencar os princípios norteadores do trabalho. Primeiramente, foi detalhada e justificada a escolha das três correntes de estudo da interação verbal: Etnometodologia, Análise da Conversação e Sociolinguística Interacional, as quais foram eleitas em função do conceito de língua adotado pelo trabalho, notadamente o de linguagem como atividade sociointeracional situada (KOCH, 2007; MARCUSCHI, 2008). Além disso, são discutidas questões sócio-históricas relacionadas às interações *on-line* e algumas abordagens de estudo da (im)polidez, com base nas abordagens pragmáticas e sociodiscursivas. Por fim, essa seção também apresenta os estudos da impolidez, que são relativamente emergentes na literatura se comparados aos estudos da polidez.

A seção 4 caracterizou-se pela apresentação do aparato de análise construído pela pesquisa, o qual foi baseado nas relações entre (im)polidez, ideologia, faces e identidades, bem como na readaptação de conceitos próprios da Sociolinguística Interacional para fins de análise de interações *on-line*, principalmente os conceitos de *footing*, estrutura de participação e formato de produção (GOFFMAN, 1981). Essa etapa foi particularmente concluída por meio do exercício de análise e ilustração dos conceitos teóricos trabalhados a partir dos dados dessa pesquisa.

Por fim, a seção 5 apresentou a descrição da configuração e do funcionamento da (im)polidez, por meio da análise dos *Footings* de (im)polidez, conceito discutido nas seções 4 e 5. Os resultados da análise, como comentei acima, apontam para a tendência de atacar identidades ideológicas dos participantes e preservar indivíduos, por meio da preservação de faces individuais.

Em conclusão, as considerações finais ratificam as contribuições da pesquisa e seus resultados centrais e periféricos. Ademais, apontam para possibilidades de expansão de estudos que tematizem, assim como este trabalho, a relação entre (im)polidez e interações no *Facebook*, bem como as inter-relações entre identidades, faces, ideologia e (im)polidez.

2 METODOLOGIA

Levando-se em consideração os aspectos introduzidos na seção anterior, esta seção tem como objetivo central a exposição do tema e dos objetivos de pesquisa, a caracterização dos dados e o delineamento dos procedimentos de análise. Primeiramente, o tema e os objetivos justificam o aparecimento desta pesquisa de doutoramento, uma vez que a interação *on-line*, em função do seu crescimento notável e emergente, demanda trabalhos acadêmicos acerca do uso da linguagem, este que é fundamental para entender os hábitos de uso da internet no Brasil.

Dessa maneira, o objetivo central da pesquisa é descrever o funcionamento e a configuração da (im)polidez em discussões no *Facebook*, de modo a contribuir para a compreensão desse fenômeno em novos contextos de interação, particularmente a mediada pelas plataformas digitais da internet, e apresentar um aparato de análise sociointeracional que dê conta das particularidades das interações *on-line*.

Considerando esse objetivo central, apresento aqui os dados analisados por essa pesquisa, os quais consistiram de discussões públicas coletadas no *Facebook*. A amostragem considerada nas análises consistiu de 20 postagens *on-line* e seus respectivos comentários e réplicas, os quais serão caracterizados adiante em relação aos temas e às dimensões.

Finalmente, esta seção também apresenta e justifica os procedimentos de análise de dados, os quais se baseiam na observação das reações visíveis dos participantes e na análise da quantidade, da frequência e do direcionamento das marcas de (im)polidez. Em geral, a seção 2 se dedica a descrever os aspectos metodológicos do trabalho e demonstrar como eles contribuem para a descrição da (im)polidez em discussões no *Facebook*.

2.1 TEMA E OBJETIVOS DE PESQUISA

Na contemporaneidade, é notória a presença cada vez maior das redes sociais da internet na vida social. A popularização dos computadores pessoais, dos dispositivos móveis e da internet faz com que as pessoas dediquem boa parte do seu tempo a interações *on-line* por meio de *sites* e de aplicativos.

Nesse contexto, os *sites* de redes sociais exercem um papel fundamental porque possibilitam aos usuários a interação com outros, mesmo que remotamente, ao alcance das mãos. Diversos *sites* e aplicativos se popularizaram nos últimos anos, e, em certa medida, fazem com que os usuários interajam de forma síncrona e assíncrona. Em especial, destacam-se os *sites* de redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e outros, e os aplicativos de troca de mensagens instantâneas, como *Whatsapp*, *Messenger* e *Telegram*.

A Pesquisa Brasileira de Mídias 2015 (BRASIL, 2015) mostra que o uso da internet no Brasil tem crescido progressivamente. Brasil (2015) exhibe que 49% dos respondentes brasileiros fazem uso da internet, dentre os quais 76% a utilizam todos os dias com uma média de 4h59m de uso diário de segunda-feira a sexta-feira. Em relação ao uso de redes sociais e de aplicativos de mensagens instantâneas, 92% dos respondentes que usam a internet afirmam usá-los.

Os *sites* e aplicativos mais usados são: *Facebook* (83%), *Whatsapp* (58%) e *Youtube* (17%); também figuram na lista outras redes como *Instagram* (12%), *Google+* (8%) e *Twitter* (5%). Devemos considerar ainda que esses resultados podem se alterar velozmente porque a popularização do acesso e a criação de novas mídias não param.

Os dados de Brasil (2015) ainda demonstram que o uso da internet pode aumentar com o passar dos anos, já que 65% da população mais jovem (entre 15 e 25 anos) faz uso da internet todos os dias contra apenas 12% da população mais velha (entre 55-65 anos). Portanto, conforme o avanço do tempo, a população brasileira deve observar aumento tanto do número de usuários quanto do tempo de exposição à rede.

É nesse quadro de crescente uso da internet e, por conseguinte, das redes sociais que podemos nos questionar como linguistas sobre como se caracteriza a interação nesse contexto. Chama-me atenção mais particularmente como a (im)polidez funciona nas redes sociais, que, apesar de bem consolidadas na vida social, ainda são relativamente novas ao escrutínio científico.

Os estudos sociodiscursivos da (im)polidez a entendem como um fenômeno primordialmente avaliativo, ou seja, no fluxo das interações, os interactantes avaliam os discursos e comportamentos – seus e dos outros – a fim de preservar uma interação harmoniosa, no caso da polidez, ou de criar conflitos e situações de desconforto, nos casos de

impolidez. É por meio desse entendimento que este trabalho aborda a (im)polidez em interações no *Facebook*.

Conforme defende Marcuschi (2005), a pesquisa em relação à linguagem digital possibilita repensar ideias já bem estabelecidas nos estudos da linguagem, a exemplo dos conceitos de fala e de escrita. Analogamente, poderíamos refletir acerca da possibilidade de repensar o conceito e o funcionamento da (im)polidez a partir do estudo das interações em *sites* de redes sociais.

Locher (2010) explica que o interesse contemporâneo dos estudos da linguagem em interações digitais se caracteriza pelo foco “no papel da variabilidade linguística na formação das interações sociais e identidades sociais na Internet” (LOCHER, 2010, p 2). Essa linha de estudo, portanto, percebe que a linguagem da internet, na verdade, não se dá apenas pela inter-relação entre tecnologia e língua, mas é destacada a complexidade que diversos fatores, como identidades sociais, gêneros, idade, graus de letramento e propósitos de uso, exercem sobre a linguagem na Internet.

Além dessas questões apontadas por Locher (2010), o estudo da (im)polidez também está relacionado ao gerenciamento de conflitos, pois, numa discussão, a diferença entre a discordância considerada sadia e a violência pode estar relacionada às percepções de (im)polidez estabelecidas nas interações. Sobre esse assunto, destaco a importância de analisar por que e como surgem conflitos e mesmo a violência verbal em *sites* de redes sociais. Conforme ilustra Recuero (2015), uma das causas que podem levar a conflitos tanto em interações *on-line* quanto *off-line* é a variabilidade nos critérios que estabelecem o que é aceito ou não socialmente.

Acerca da variabilidade nas percepções dos comportamentos que não são aceitos socialmente, Haugh (2010) argumenta que um dos desafios das abordagens contemporâneas da (im)polidez é que

a variabilidade na percepção das normas e expectativas subjacentes às avaliações dos comportamentos como polidos, impolidos, exageradamente polidos etc, por isso existe uma inevitável disputa discursiva ou

argumentatividade em relação às avaliações de (im)polidez na interação³
(HAUGH, 2010, p. 8)

O reconhecimento de que há uma disputa discursiva acerca do que é considerado como (im)polido faz com que eu seja levado à seguinte pergunta de pesquisa: *como se caracteriza a (im)polidez em interações on-line no Facebook?*

Em vista desse questionamento, outros questionamentos são levantados: o que é considerado (im)polido no *Facebook*? Como as situações de (im)polidez se iniciam? Como os interactantes preservam e/ou atacam verbal e multimodalmente no *Facebook*? Que marcas linguístico-discursivas são mobilizadas em situações de (im)polidez no *Facebook*?

Em vista do exposto, essa pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

- Geral: Descrever o funcionamento e a configuração da (im)polidez em discussões públicas no *Facebook* e apresentar um aparato sociointeracional que dê conta das particularidades das interações *on-line*.
- Específicos:
 - Descrever processos de ataque e de preservação de identidades e de faces em discussões no *Facebook*;
 - verificar que aspectos das interações *on-line* influenciam na (im)polidez;
 - identificar escolhas linguísticas e discursivas associadas à (im)polidez.

Além desses objetivos, a pesquisa também demandou a construção de um aparato de análise que pudesse dar conta das interações *on-line*, tendo em vista a inexistência de um disponível na literatura da área para tratar da (im)polidez em *posts* no *Facebook*. Para esse fim, particularmente, foi necessária a readaptação de conceitos da área de estudos sociointeracionais e das teorias da (im)polidez para a análise deste contexto de pesquisa.

Certamente, não pretendo desenvolver uma teoria unívoca que seja capaz de predizer, com exatidão, tudo que será considerado (im)polido no *Facebook*. Por outro lado, este

³there is variability in the perceptions of norms and expectations underlying evaluations of behaviour as polite, impolite, over-polite and so on, and thus inevitably discursive dispute or argumentativity in relation to evaluations of (im)politeness in interaction.

trabalho apresenta estudos de interações reais, que são analisadas a partir do contexto sociodiscursivo em que aparecem, e, dessa maneira, teremos acesso a uma tipologia da situações de (im)polidez que, apesar de exemplificada em contextos particulares, pode ser representativa em outros contextos, tendo em vista o nosso trabalho de observação.

Este trabalho de pesquisa parte do princípio de que a língua é uma atividade sociointerativa situada, tal como concebe Marcuschi (2008). Em outros termos, compreendo que os sentidos por meios dos quais operamos são necessariamente engendrados na interação e fortemente ligados a questões histórico-sociais. Seguindo essa linha de raciocínio, os critérios de avaliação da (im)polidez são necessariamente sociointerativos, ligados à cultura e à história. Se não podemos determinar qual será a avaliação exata de cada comportamento nas redes sociais, poderemos certamente traçar um panorama de como os sujeitos avaliam alguns comportamentos nas interações virtuais em *sites* de redes sociais, e principalmente entender sob quais critérios essas avaliações são feitas.

2.2 CARACTERIZAÇÃO E SELEÇÃO DOS DADOS

Levando-se em consideração o tema e os objetivos de pesquisa deste trabalho, foi realizada a coleta de dados do *Facebook*. Esta seção se dedica especificamente a apresentar as características desses dados no que diz respeito aos critérios de seleção da amostra, às temáticas dos textos e às dimensões dos dados aqui analisados.

Os dados dessa pesquisa foram coletados no *site* de redes sociais *Facebook*, conforme já apontado acima, a mídia social mais utilizada no Brasil. A escolha por essa plataforma se deu por essa razão, e também em função das características técnicas do *website*, as quais possibilitam mais produção de textos verbais ao passo que os outros similares estão mais focados na veiculação de vídeos (*Youtube*), de fotos (*Instagram*) e de textos de até 260 caracteres (*Twitter*).

De acordo com Barton e Lee (2015), os *sites* de redes sociais, como o *Facebook*, oferecem espaços de escrita pré-estabelecidos para que os usuários, sem que tenham grande conhecimento técnico, possam publicar conteúdos *on-line*. O *Facebook* oferece diversos espaços de escrita, dentre os quais há aqueles que são públicos e estão à disposição do livre acesso de qualquer usuário que disponha de recursos tecnológicos para acessar a página, e

outros são privados, para os quais os usuários precisam de credenciais específicas para participar.

Nesta pesquisa, o foco recai apenas para os espaços de escrita públicos, cujo acesso é livre para qualquer usuário da internet. Portanto, o *corpus* é composto apenas de produções escritas publicadas em três espaços, a saber: atualizações de *status* ou *posts*, comentários e réplicas. Outra especificação do nosso *corpus* é que se limitam apenas às postagens em que há discussões, pois, dentre as possibilidades de textos encontrados no *Facebook*, estas são as mais significativas para o propósito da pesquisa.

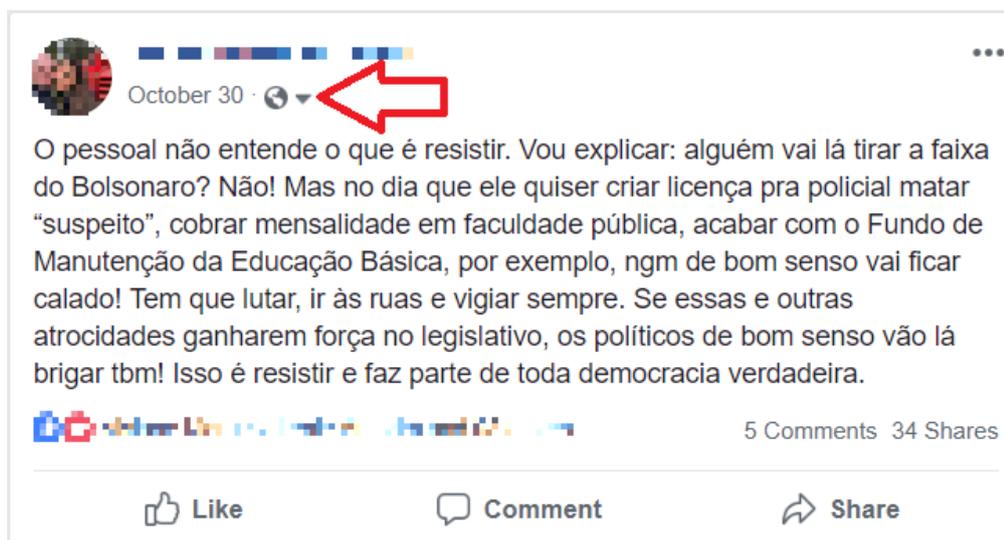
Por conseguinte, o termo texto nesta pesquisa designa a postagem inteira, composta por seus respectivos comentários e réplicas. Por essa razão, na seção de apêndice, todos os dados estão nomeados de texto 1, 2, 3, etc. A nossa unidade de análise, portanto, é a postagem por inteiro. Dessa maneira, as análises estão baseadas nas reações visíveis dos participantes naquelas postagens inteiras, tanto nos inícios dos *posts* quanto nos comentários e réplicas que os seguem.

Por discussão, neste trabalho, entendo quaisquer debates de ideias em que haja ao menos uma discordância de pontos de vista. Essa escolha se deu porque, ao discordarem, os usuários tendem a mobilizar escolhas linguísticas, sociointerativas e multimodais que implicam o surgimento da (im)polidez. Portanto, não foram catalogados textos em que não havia discussões, pois não é incomum, no *Facebook*, que haja postagens sem nenhum comentário ou postagens em que todos os participantes concordem ou digam mensagens de apoio. No entanto, para figurar como dado dessa pesquisa, é necessário que haja discussão.

Para uma coleta inicial do *corpus*, foi utilizado o meu perfil pessoal no *Facebook* como ponto de acesso aos textos, bem como sugestões de discussões vindas de colaboradores. A coleta se estendeu entre os meses de fevereiro a outubro de 2018. Numa primeira coleta, foram catalogadas 50 postagens e seus respectivos comentários, que atenderam ao critério de ser discussão pública no *Facebook*. A comprovação de que eram, de fato, textos públicos se deu pela checagem das configurações de privacidade das postagens, representada pelo símbolo do planeta Terra, conforme mostra a Figura 1. No *Facebook*, os textos que apresentam o desenho do planeta Terra logo acima da postagem demonstram que o usuário configurou aquele texto como público, ou seja, qualquer outro usuário da internet, com cadastro no *Facebook* ou não, tem acesso àquela postagem. A escolha por esses textos se deu especialmente por questões éticas, pois, como tais textos são de domínio público, é

prescindível coletar autorizações via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos participantes das interações. Além disso, ratifica-se o objetivo da pesquisa em trabalhar com interações públicas.

Figura 1- Comprovação de Textos Públicos



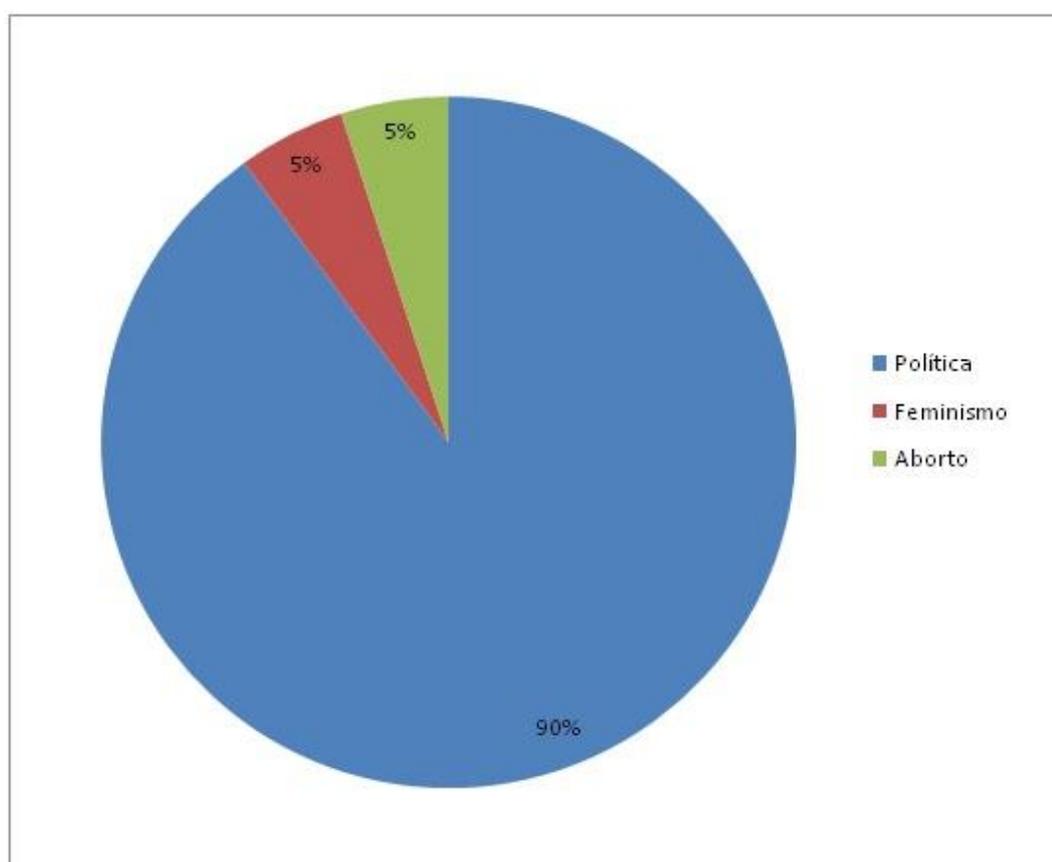
Fonte: Acervo Pessoal

Além do critério da configuração de privacidade da postagem, também foi estabelecido que, embora a autorização dos autores dos *posts* não seja exigida pelo Comitê de Ética em Pesquisa, todos os autores de *posts* foram contatados e perguntados se tinham alguma oposição em terem seus dados utilizados na pesquisa, com a condição de que suas informações pessoais não seriam divulgadas. Após o estabelecimento desse critério, chegamos ao número final da amostragem, que consistiu em 20 textos públicos *on-line* encontrados no *Facebook*, os quais obedeceram a todos os critérios de seleção de dados, delineados abaixo:

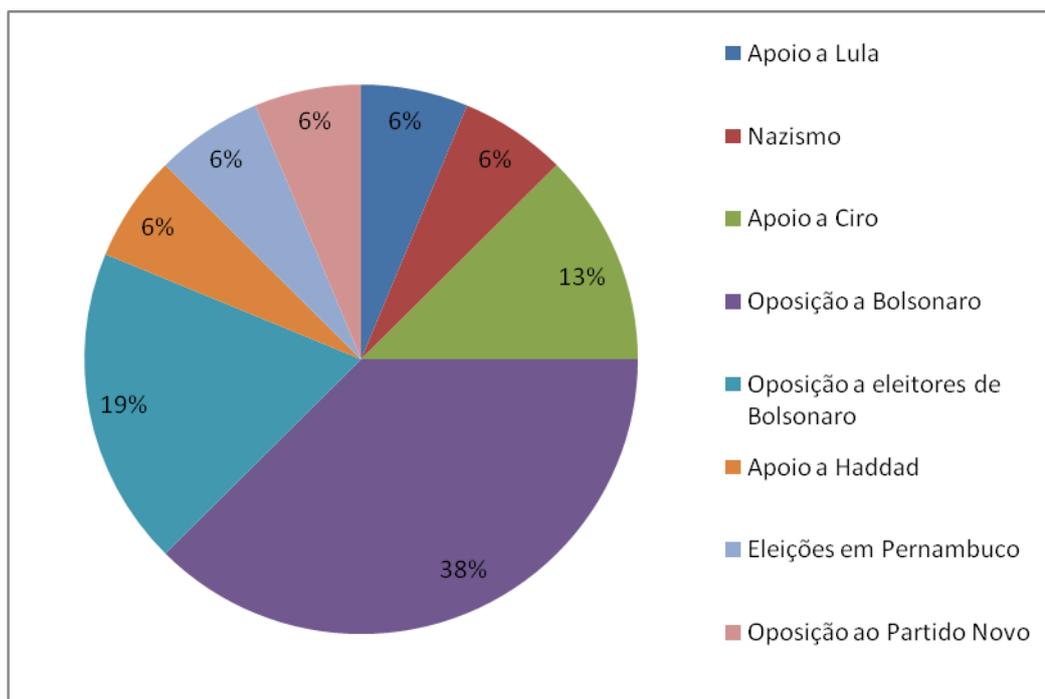
- Textos *on-line* publicados no *Facebook*.
- configuração de privacidade pública no momento de coleta da pesquisa;
- discussão, ou seja, postagens em que houvesse pelo menos dois pontos de vista conflitantes nos comentários e/ou nas réplicas;
- não oposição dos autores da postagem em relação ao uso para fins de pesquisa desde que suas identidades não fossem reveladas.

A fim de caracterizar mais detalhadamente os temas abordados pelas postagens, foi realizada a leitura dos conteúdos dos *posts* e cheguei à conclusão de que a maior parte dos textos tratava de assuntos relacionados à política, conforme demonstra o Gráfico 1. Acredito que esse resultado foi influenciado pela época em que foram coletados os textos, ano de eleições presidenciais no Brasil. Essa observação demonstra a tendência de haver discussão de temas de interesse público no *Facebook*.

Gráfico 1- Temas dos 20 Textos da Amostra

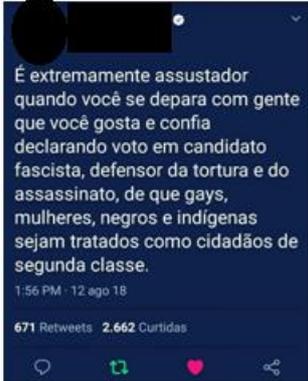


Para uma visão mais elucidativa dos temas tratados nas postagens da amostra, o Gráfico 2, abaixo, decompõe o grande tema “política” em temáticas mais específicas, e, conforme pode--se notar, a mais recorrente nas postagens diz respeito à oposição ao então candidato Jair Bolsonaro e aos seus eleitores, apresentando recorrência em 38% e 19% nos textos respectivamente. Todos os textos da amostragem estão disponíveis na seção de apêndice deste trabalho.

Gráfico 2- Temas específicos nos textos sobre política

Em relação ao tratamento dos dados, resolvi transcrevê-los da plataforma do *Facebook* para um arquivo em formato *.doc*. Essa decisão justifica-se por duas razões: facilitar o manuseio dos dados para a escrita da tese e omitir informações e referências pessoais e regionais que pudessem identificar os participantes das interações. Com vistas a cumprir o segundo propósito, substituí todos os nomes dos usuários que escreveram as postagens para “Autores(as) do *post*” e todos os usuários que teceram comentários por “Comentadores(as) 1, 2, 3” na sequência em que apareceram nos comentários das postagens. Além disso, nas transcrições, foram usados os colchetes duplos [[]] para representar comentários do analista, colchetes com reticências [...] para representar trechos que foram omitidos e **negrito e sublinhado** para representar *hyperlinks* e marcações de usuários. Um exemplo de como funcionaram as transcrições pode ser visto abaixo, no Exemplo 2.1 do Texto 9. Por uma questão de organização, os exemplos designam trechos ou textos inteiros que servem a um propósito específico de análise ou ilustração e serão enumerados a partir da ordem de aparecimento na seção, como o 2.1 abaixo. Por sua vez, a numeração dos termos Texto seguirá a ordem de aparecimento na seção de apêndice, a exemplo do Texto 9, do qual o exemplo 2.1 foi retirado.

Exemplo 2.1

Postagem 9:	<p><u>Autora do post</u> Assustador e depressivo 😞</p> 
Comentários	<p><u>Comentador 1:</u> Fique feliz. Isso significa que pessoas perto de Você estão despertando da hipnose marxista. 🙄🙄🙄</p> <p>Você poderá ser a próxima...</p> <p>😏😏😏😏</p> <p>[...]</p> <p><u>Comentadora 2:</u> Presteeeeee atencãooooooooo Comentadoooooor1</p> <p>Presteeeeeeeeee muuuuuuuuuitaaaaa atencãooooooooo</p> <p>Olheeee beeeem nos meus ooolhoossss</p> <p>Höooooort michhhhh</p> <p>E repitaaaaaa comigooooooooo:</p> <p>“Proletarier aller Länder, vereinigt euch!” [[Proletários de todos os países, unam-se!]]</p>

Em relação às dimensões da amostra, há 20 *posts* ou atualizações de *status*, 80 comentários, 263 réplicas e 126 participantes, com médias de 4 comentários por *post*, 13 a 15 réplicas por *post* e 6,3 participantes por *post*. A quantidade de comentários/*post* varia de 1 a 12; de réplicas/*post* de 0 a 37 e de participantes/*post* de 3 a 12. Essas informações estão sumarizadas na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1- Dimensões da amostragem

	Número Absoluto	Média	Variação
<i>Posts</i>	20	-	-
Participantes	126	6,3	3 a 12
Comentários	80	4	1 a 12
Réplicas	263	13,15	0 a 37

Em vista do exposto, os dados componentes dessa pesquisa se caracterizam por serem discussões no *Facebook*, coletadas em atualizações de *status*, configurados como públicos, multipartidários, pois apresentam sempre pelo menos 3 participantes, predominantemente sobre política, particularmente sobre os candidatos à presidência da república. Considerando-se essas características, adiante são delineados os procedimentos de análise de dados que complementam a metodologia utilizada pela pesquisa.

2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

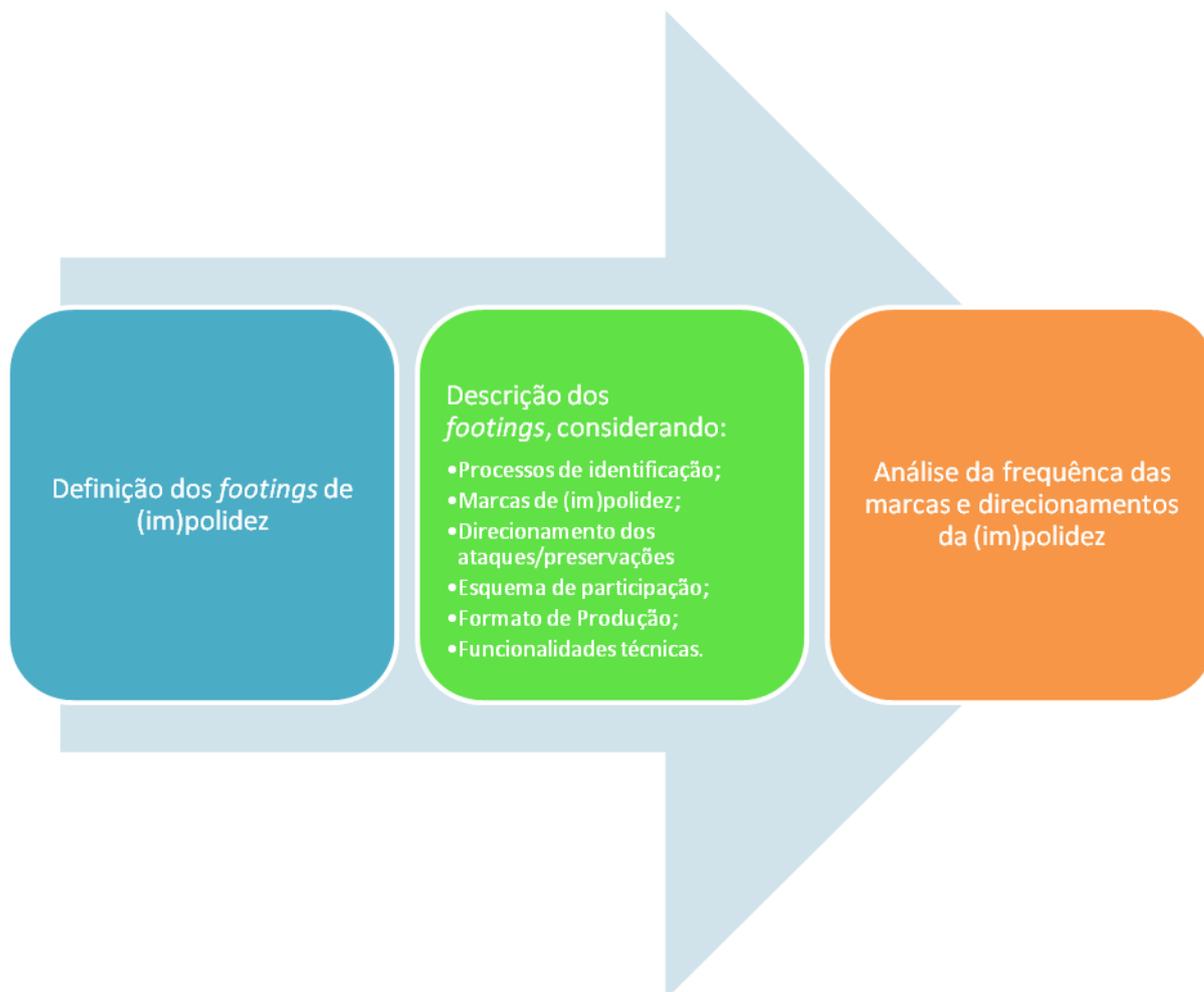
Considerando-se que o objetivo de pesquisa deste trabalho está relacionado à descrição da (im)polidez em um contexto ainda pouco estudado nos estudos linguísticos, os procedimentos de análise emergiram a partir da observação dos dados para a posterior delimitação das teorias que poderiam embasar as análises. Faz-se necessário, portanto, destacar o caráter indutivo adotado nesta pesquisa. Por conseguinte, o conceito de (im)polidez adotado no trabalho diz respeito às avaliações que os interactantes fazem dos discursos e dos comportamentos (ELEEN, 2001; WATTS, 2003; SPENCER-OATEY, 2005). Portanto, justifica-se afirmar que a (im)polidez não é uma construção teórica, é, na verdade, um fenômeno sociointerativo que emerge das interações humanas. Em vista de garantir que o objetivo geral da pesquisa – descrever o funcionamento e a configuração da (im)polidez em discussões públicas no *Facebook* – fosse cumprido, se fez necessária uma observação prévia dos dados sem que houvesse amarras teóricas pré-estabelecidas.

Além disso, em função da necessidade de criar um novo aparato de análise que combinasse interação *on-line* e (im)polidez, esta tese não divide rigidamente a teoria e a análise, por conseguinte, desde a definição do aparato teórico é possível observar diversas ilustrações dos conceitos abordados com dados da pesquisa, o que implica um exercício de análise. Considerando os aspectos mencionados, foram selecionadas as seguintes correntes teóricas, discutidas na próxima seção do trabalho: estudos da (im)polidez de base pragmática e discursiva⁴, estudos sobre ideologia e identidade e suas relações com a (im)polidez, estudos sobre interação *on-line* e Sociolinguística Interacional, particularmente os conceitos de ***footing***, **estrutura de participação** e **formato de produção**.

De maneira geral, conforme já mencionado na seção 1, este trabalho defende os resultados de que, em função de características técnicas e interacionais do *Facebook*, na maior parte das situações de impolidez – uso da linguagem para causar ofensa – ocorrem ataques às identidades sociais dos participantes, na maior parte das vezes, às suas identificações ideológicas em vez de ataques às suas faces individuais, ao passo que nas situações de polidez normalmente ocorre preservação das faces individuais. Dessa maneira, o principal achado dessa pesquisa, em relação à configuração da (im)polidez em discussões públicas no *Facebook*, é que os ataques são mais direcionados a identificações ideológicas e as preservações às faces individuais dos interactantes. Trocando em miúdos, em discussões no *Facebook*, atacam-se grupos e preservam-se indivíduos.

Em observância aos procedimentos de coleta e seleção dos dados e aos resultados centrais aqui defendidos, foram adotados os seguintes procedimentos de análise, representados na Figura 2:

⁴Por abordagens pragmáticas (CULPEPER E TERKOURAFI, 2017), entendem-se aquelas abordagens que se apoiam nos temas clássicos da Pragmática, notadamente a Teoria dos Atos de Fala e o Princípio da Cooperação; por sua vez, as abordagens discursivas (MILLS, 2011) são aquelas que se apoiam nas diversas correntes de estudos do discurso, a saber: Sociolinguística Interacional, Análise da Conversa, Etnografia da Comunicação.

Figura 2- Procedimentos de Análise

A Figura 2, acima, apresenta de forma gráfica os procedimentos de análise adotados. O primeiro desses procedimentos é a definição do que chamamos neste trabalho de *footings* de (im)polidez. O conceito de *footings* foi cunhado por Goffman (1981) e será melhor detalhado na seção 3.5.2, mas, de forma geral, pode ser definido como “o alinhamento que desenvolvemos para nós mesmos e para os outros e que se faz presente na maneira como gerenciamos a produção ou recepção de um enunciado” (GOFFMAN, 1981). Em vistas do conceito do autor, há uma pressuposição de que os interlocutores estabelecem um alinhamento na interação que vai se modificando no fluxo interacional. Para os fins desta pesquisa, desenvolvi a noção de *footings* de (im)polidez, a qual pressupõe que os sujeitos estabelecem alinhamentos por meio dos quais gerenciam as marcas de (im)polidez, fazendo com que elas recebam avaliações dentro do *continuum* de possíveis rotulações de (im)polidez: polido, impolido, exageradamente polido, rude, grosseiro, mal-educado, etc. Portanto, a

(im)polidez é percebida com base nos *footings*, que, dentre outros aspectos, demonstram a postura dos interactantes frente à interação.

Por meio da análise dos dados, foram identificados três *footings* de (im)polidez, a saber: agressão, preservação e ridicularização. A agressão foi caracterizada pelos alinhamentos em que as escolhas linguísticas dos interactantes provocavam ofensas de forma deliberada, seja aos indivíduos em si ou às ideologias com as quais se identificam; a preservação se deu quando os participantes se alinhavam de maneira a preservar os seus interlocutores, evitando situações de conflito; e a ridicularização foi um alinhamento híbrido em que os participantes geravam ofensas por meio do uso do humor, do sarcasmo e da ironia.

Esses *footings* foram descritos com base nas análises das interações no *Facebook*, nas funcionalidades técnicas dessa ferramenta, nos processos de ataque e de preservação das faces e identidades. Para o cumprimento dessa etapa, foi adotada uma abordagem interpretativista com base na observação das reações visíveis dos participantes na internet.

Sobre as abordagens de estudo da (im)polidez, de acordo com Terkourafi (2015), há três abordagens normalmente usadas pelos pesquisadores: o autorrelato, a experimentação e a observação. Os métodos de autorrelato incluem o uso de entrevistas, questionários e atividades em que os sujeitos de pesquisa são solicitados a completarem tarefas, os de experimentação, por sua vez, são parecidos com os de autorrelato, pois também utilizam-se de atividades práticas com sujeitos de pesquisa, no entanto, geralmente usam aparatos laboratoriais, como rastreamento ocular, utilização de aparelhos de ressonância magnética ou eletroencefalógrafo para não analisar apenas respostas a atividades solicitadas.

Escolhi, no entanto, utilizar a observação em função da baixa interferência nos dados, uma vez que os outros métodos têm natureza invasiva e são afetados pela percepção consciente dos participantes quando perguntados acerca de suas impressões ou solicitados a executarem experiências, conforme discutem Locher e Watts (2005, p. 17). Além disso, esta pesquisa segue a tendência, tal como defendido por Cunha (2009, p. 35), de que os materiais linguísticos na internet sejam tratados da maneira como são utilizados pelos seus autores. Por essa razão, pauto--me por uma tendência etnometodológica da análise das reações dos participantes das interações a partir das marcas ou pistas presentes no discurso.

A análise observacional dos dados centrou-se nos *posts* como unidade de análise, ou seja, foram observadas as reações visíveis dos participantes dentro das postagens para que

fosse delimitado o alinhamento estabelecido naquelas interações. Dessa maneira, foi possível identificar se os participantes atacavam uns aos outros ou preservavam os seus interlocutores por meio das escolhas linguísticas e multimodais empregadas em meio ao contexto da interação.

Depois da análise observacional, realizei a identificação das marcas de (im)polidez presentes nas interações, considerando as fórmulas convencionalizadas de impolidez de Culpeper (2011) e as máximas de polidez de Leech (1983). As marcas de (im)polidez se caracterizam como escolhas linguísticas associadas à (im)polidez, ou seja, usadas para gerar ou evitar ofensas. No entanto, a postura adotada aqui é de que as marcas só devem ser consideradas quando associadas a um contexto (im)polido, portanto na contagem dessas marcas só entraram aquelas que foram genuinamente usadas para gerar (im)polidez. Por exemplo, escolhas linguísticas que parecem com insultos, mas que, na verdade, eram usadas para demonstrar brincadeira não foram consideradas como uma marca de impolidez, pois não eram verdadeiramente insultos. Da mesma forma, marcas de polidez que tinham sentido sarcástico também não foram contabilizadas.

A análise numérica das marcas de (im)polidez levou em consideração os tipos de marcas, a quantidade delas e a presença nos textos da amostragem. Além disso, também foi observado o direcionamento das marcas, se elas direcionavam-se às identidades sociais dos interactantes ou às suas faces individuais. As análises das marcas demonstraram uma visão mais geral dos dados e coadunaram com o resultado geral da pesquisa.

Em resumo, a pesquisa, cujo objetivo é descrever o funcionamento e a configuração da (im)polidez em discussões *on-line* no *Facebook*, justifica-se pelo crescimento notável e emergente do uso da internet no Brasil e pela necessidade de (re)pensar a (im)polidez frente à nova realidade da interação mediada por plataformas digitais da internet. Em vista do objetivo e da justificativa da pesquisa, a amostra selecionada se caracterizou de 20 postagens *on-line*, coletadas no *Facebook*, acompanhadas dos seus respectivos comentários e réplicas.

Sobre a amostragem, a temática da política foi predominante em razão do período da coleta dos dados, ano de eleições presidenciais no Brasil, e se caracterizou por interações sempre multipartidárias, em que mais de dois interactantes participam, com a presença constante de linguagem multimodal. Acerca do tratamento dos dados da amostra, eles foram editados para que não houvesse identificação dos participantes das interações.

Os procedimentos de análise, por sua vez, estão embasados na observação dos dados a partir dos pontos de vista dos participantes das interações, por meio da análise das reações visíveis, bem como da análise numérica das marcas de (im)polidez no que concerne à sua quantidade, categoria e frequência. Além disso, se faz necessário destacar a natureza indutiva deste trabalho de pesquisa, o que exigiu a formulação de um novo aparato de análise que pudesse dar conta das interações em redes *on-line*. Em observância dos aspectos metodológicos, aqui descritos, a próxima seção aborda questões teóricas que auxiliam na compreensão do fenômeno estudado, a (im)polidez, e apresentam conceitos relevantes ao aparato de análise adotado neste trabalho.

3 LINGUAGEM, INTERAÇÃO, ESTUDOS DA (IM)POLIDEZ EM CONTEXTO DE INTERAÇÕES ON-LINE

Nesta seção, apresento aportes teóricos relevantes ao trabalho de pesquisa, notadamente relacionados à metodologia aqui empreendida, a qual se baseou numa abordagem indutiva dos dados. Em vista disso, primeiramente apresento fundamentos basilares dos estudos da interação, por meio da referência a três áreas específicas: Etnometodologia, Análise da Conversação e Sociolinguística Interacional. Em seguida, apresento uma contextualização sócio-histórica da interação *on-line*, em que são mostrados aspectos das interações mediadas por plataformas digitais, particularmente o *Facebook*, e, por fim, os estudos da (im)polidez nas perspectivas pragmáticas, sociodiscursivas e estudos exclusivamente voltados à impolidez, ainda emergentes na literatura.

As abordagens sociointeracionais escolhidas foram a Etnometodologia, a Análise da Conversação e Sociolinguística Interacional, exploradas na seção 3.1. Essas linhas teóricas foram escolhidas porque seus conceitos trabalhados nesta seção serão (re)pensados na seção 4, que se dedica à construção do aparato teórico para a análise de interações *on-line*. Dessa maneira, aqui apresento a definição dessas áreas juntamente com conceitos basilares.

Na subseção 3.2, são apresentados aspectos da interação *on-line*, os quais se resumem em características sócio-históricas dessas interações e conceitos para dar conta da mediação que decorre do uso do *Facebook* para interagir. Esta seção explora particularmente as funcionalidades técnicas dos *websites* de redes sociais e suas influências nas interações.

Finalmente, a subseção 3.3 explora os estudos da (im)polidez, sobretudo no que concerne às abordagens pragmáticas e sociodiscursivas de estudos, ademais são apresentados estudos sobre impolidez exclusivamente, os quais são considerados emergentes na literatura em comparação aos estudos de polidez, que são mais tradicionais. Esta seção, portanto, traz o aporte teórico de autores que inspiram as análises aqui desenvolvidas.

3.1 FUNDAMENTOS DOS ESTUDOS SOCIOINTERACIONAIS

A base teórica central para este trabalho é o Sociointeracionismo nos estudos da linguagem, o que não se caracteriza como uma escola hermética de estudos da linguagem, mas, na verdade, como uma abordagem baseada em escolas dos estudos linguísticos que entendem a linguagem como uma atividade sócio-histórica cultural situada (MARCUSCHI, 2008). De maneira geral, as teorias que tomam o sociointeracionismo como fundamento acreditam que os sentidos são construídos colaborativamente, como resultado de um projeto conjunto de interlocutores, em oposição à ideia de linguagem como representação ou espelho do mundo. Acerca desse tema, Koch (2007) explica que a linguagem é encarada como

atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. (KOCH, 2007 p. 7-8)

Dentre as diversas possibilidades de abordagens teóricas que se adequam à perspectiva sociointeracional da linguagem, devo destacar as que são relevantes aos propósitos e aparatos teórico-metodológicos da pesquisa, a saber: a Etnometodologia, a Análise da Conversação e a Sociolinguística Interacional, pois essas linhas de estudo apresentam princípios que guiam a abordagem da linguagem nessa pesquisa de doutoramento.

Em relação a pontos em comum dessas perspectivas, há a noção basilar de que a ordem social e as instituições humanas são estabelecidas por meio da interação social (GARFINKEL, 1962). Conseqüentemente, essas linhas de estudo concentram-se em interações sociais ordinárias, em detrimento do estudo de interações fortemente regradas e institucionalizadas, tais como a literatura, as artes e os textos institucionalizados como os das diversas áreas do conhecimento acadêmico.

As três áreas acima apontadas focaram, ao menos em sua origem, no estudo da linguagem cotidiana, realizada principalmente por falantes comuns, em textos orais, aparentemente despreziosos e banais. O interesse dos estudos sociointeracionais se concentrou em perceber como os falantes constroem conhecimentos e se compreendem,

mesmo com textos aparentemente caóticos se tomarmos como referência a correção linguística e gramatical.

Além do interesse pela linguagem oral e cotidiana, essas correntes teóricas apresentam outro ponto em comum que é a ligação direta com a análise dos dados. Essas correntes teóricas, diferentemente de abordagens da pragmática, não prescindiam da análise de dados reais da língua. Enquanto outras correntes da linguística contam com a formulação teórica a partir da aplicação de categorias pré-estabelecidas a dados não necessariamente reais da língua, a Análise da Conversação, a Etnometodologia e a Sociolinguística Interacional estão necessariamente preocupadas em formular estudos baseados em dados reais, sobretudo transcrições da linguagem oral, considerada conseqüentemente como fonte de dados mais rica para análise. A possibilidade desses trabalhos também está relacionada à popularização dos aparelhos de gravação, os quais naturalmente possibilitam o registro dos dados orais.

Essas linhas teóricas foram particularmente selecionadas, pois apresentam uma série de princípios norteadores para a pesquisa, tendo em vista que a metodologia aqui empregada está atrelada à observação de dados reais da linguagem. Em vista do exposto, mais à frente, na seção 3.2.1, apresento o histórico e alguns princípios da Análise da Conversação e da Etnometodologia, assim como os conceitos de turnos e a noção de construção coletiva dos sentidos. Mais à frente, em 3.2.1, elaboro uma delimitação da Sociolinguística Interacional, apresentando os seus princípios norteadores, juntamente com os conceitos da Teoria da Contextualização (GUMPERZ, 1982).

Em razão do período histórico de quando essas abordagens de estudos surgiram, elas naturalmente não estavam focadas na linguagem *on-line*, objeto de estudo desta pesquisa. Contudo, defendo que o aparato de análise para dados *on-line* deve ser (re)pensado a partir dos princípios norteadores dos estudos da interação, já que a interação em rede não cria um novo padrão interacional, mas, em realidade, transforma a interação já existente. Com isso, quero fazer uma afirmação um tanto óbvia, mas necessária, a de que a interação *on-line* apresenta novidades, mas continua sendo interação. Com vistas a essa noção, a seção 4 deste trabalho dedica-se especificamente a discutir como as questões relacionadas à interação podem ser (re)pensadas a partir da realidade das funcionalidades técnicas do *Facebook*.

3.1.1 Etnometodologia e Análise da Conversação

A Etnometodologia é uma a área da Sociologia que possibilitou o contexto epistemológico para o surgimento da Análise da Conversação. Aquela nasceu da crítica de Garfinkel (1962) aos padrões estabelecidos pelos métodos sociológicos da época, os quais compartilhavam noções do positivismo, cujo foco se centrava na subordinação dos atores sociais aos padrões estabelecidos pelo ambiente. Sobre o contexto histórico de surgimento da Etnometodologia, Heritage (1991) explica:

A publicação de *Estudos em Etnometodologia* em 1967 coincidiu com um período de disseminação da insatisfação com os aspectos ortodoxos das teorias e métodos sociológicos. A teoria parsoniana de sistemas, com sua subordinação analítica do ator social ao ambiente de exigências funcionais, perdeu sua popularidade em uma década de movimentos sociais libertários e protestos políticos. Estes encontraram expressão teórica dentro da Sociologia, em um ressurgimento do interesse em quadros teóricos que ressaltassem a primazia analítica do ponto de vista dos atores e a construção social da realidade.⁵ (HERITAGE, 1991 p. 2)

Em vista do exposto, a Etnometodologia proposta por Garfinkel (1962) deveria dar conta de focar na construção social da realidade a partir do ponto de vista dos atores sociais. Tendo em vista essa necessidade, o autor defendeu que a ordem social é criada em interações sociais, por meio dos pontos de vista participantes. Por essa razão, Heritage (1991) coloca que vários pilares da Etnometodologia pareciam estar intimamente relacionados ao contexto da época, como, por exemplo, a ênfase no local, na determinação dos sentidos a partir de análises do momento, e a preocupação com os contextos situados. Dessa maneira, a Etnometodologia ficou conhecida como a Sociologia do dia a dia.

Por essas razões, a conversa toma um papel de destaque, pois é uma das práticas mais comuns e primitivas de comunicação, a qual não abandonamos em nenhuma fase de nossas vidas, por isso é bastante cotidiana. Nesse contexto, há várias razões de por que estudar a conversa, pois é uma prática social muito comum, por meio dela são construídas identidades e

⁵The publication of *Studies in Ethnomethodology* in 1967 coincided with a period of widespread dissatisfaction with the prevailing orthodoxies of sociological theory and methodology. Parsonian systems theory, with its analytic subordination of the actor to an environment of functional requirements, had lost its appeal in a decade of libertarian social movements and political protest. These latter found theoretical expression within sociology in an upsurge of interest in frameworks which stressed the analytic primacy of the actor's point of view and the social construction of reality.

ideologias no cotidiano e envolve uma série de habilidades que vão além do simples reconhecimento linguístico das palavras.

Tomando a conversa como objeto de estudo, os etnometodólogos buscavam compreender o que as conversas têm a dizer sobre a sociedade. Por outro lado, os linguistas, analistas da conversação, se preocupam mais especificamente em compreender como nós conversamos, em outras palavras, como a língua é estruturada para favorecer a conversa, uma vez que ela é marcada por vários implícitos e é coconstruída e planejada de forma síncrona.

Para Marcuschi (1998),

admite-se, hoje, que a compreensão, na interação verbal face a face, resulta de um projeto conjunto de interlocutores em atividades colaborativas coordenadas de co-produção de sentidos e não de uma simples interpretação semântica de enunciados proferidos. (MARCUSCHI, 1998 p 15)

Marcuschi defende, portanto, que uma das características fundamentais da conversa é que ela deve ser colaborativa, pois, para que haja compreensão, ao menos dois interlocutores precisam colaborar com a construção dos sentidos. Além disso, é preciso que eles façam um intercâmbio da função de ouvinte e falante de maneira oportuna. O estudioso não quer dizer, no entanto, que é necessário que haja concordância sempre, muito pelo contrário, pois até nas situações de discordância, como em uma discussão, é necessário que os interactantes compartilhem certos conhecimentos para que sejam capazes de contribuir para o desenvolvimento da conversa.

Nesse contexto, uma categoria de análise fundamental para a Análise da Conversação é o turno. Para Marcuschi (1986), o turno é “a produção de um falante enquanto ele está com a palavra”, ou seja, é a produção linguística em si, que se faz quando se assume o papel de falante. É esperado em uma conversa que o papel de falante seja revezado e que os interlocutores tenham a possibilidade de tomar a palavra, ou seja, tomar o turno. Essa troca de turno é uma das questões analisadas pela Análise da Conversação, a qual se pergunta, principalmente, qual o momento apropriado para que haja troca de turnos e quais estratégias os interlocutores utilizam para tomar o turno para si, ou mesmo “assaltar”, passar o turno para o outro e mesmo encaminhar o fim da conversa.

A literatura tem mostrado que a troca de turnos depende de fatores culturais e contextuais, pois a conversa é um objeto variável que depende de fatores culturais daqueles que conversam, bem como do grau de formalidade que se estabelece. Marcuschi (1997)

observa esse aspecto quando trabalha com a ideia de *continuum* da relação de fala e escrita. Segundo ele, os gêneros de texto apresentam uma variação gradual em relação às características normalmente atribuídas à fala e à escrita, de modo que uma conversa pode ser mais simétrica e espontânea, caracterizada por uma troca de turnos constantes e regulares em relação aos seus tamanhos, mas pode, por outro lado, ter uma troca menos constante e assimétrica, em que um interlocutor “domina” a conversa, como nos casos de interações institucionais e hierarquizadas em reuniões de empresa ou contextos acadêmicos, como uma defesa de tese.

Uma das propriedades dos turnos, de acordo com Day e Wagner (2008), é que eles precisam contribuir para a progressão da conversa. Nesse sentido, é preciso que eles, por um lado, façam referência a algo que seja anterior, conhecido e partilhado pelos interlocutores, por outro lado, reflitam de alguma forma na progressão da conversa. É por meio dessa relação que os interlocutores são capazes de inserir turnos da conversa, bem como compreender o porquê dos turnos que precisam interpretar.

Essas duas áreas de estudo da interação verbal, Etnometodologia e Análise da Conversação, são normalmente tratadas em conjunto, pois uma está intimamente relacionada à outra. Em vista disso, Day e Wagner (2008 p 44) consideram que a tentativa de diferenciá-las é normalmente difícil e especulativa, por essa razão apresento aqui as duas em uma única seção. No entanto, algumas diferenças devem ser destacadas, conforme explica Atkinson (1988):

No estado atual do seu desenvolvimento, a “Etnometodologia” em geral não é facilmente distinguida do desenvolvimento mais específico da “Análise da Conversação”. Aquela presta atenção especialmente à análise refinada de interações faladas espontâneas (e, mais raramente, à coordenação de atividades faladas e não faladas); essa é a tradição mais consistente e produtiva da área. Não é completamente distinta de outros domínios do trabalho etnometodológico (os quais, em sua maioria, se baseiam nos seus próprios achados), a Análise da Conversação tem o seu próprio conjunto de preocupações e procedimentos característico. [...] No entanto, em certa medida, a Análise da Conversação divergiu das inspirações iniciais da etnometodologia. Particularmente, existe uma tensão entre o tratamento específico da ordem sequencial da conversa e interesses gerais no raciocínio cotidiano.⁶ (ATKINSON, 1998 p 442)

⁶In the current state of its development, “ethnomethodology” in general is not easily distinguished from the more specific development of “conversation analysis.” The latter pays special attention to the fine-grained analysis of naturally occurring spoken interaction (and, more rarely, to the coordination of spoken and nonverbal activities); this is the most consistent and productive area in the tradition. Not totally distinct from other domains of

Nesse sentido, pode-se observar que, embora sutilmente, as duas áreas se diferenciam no seu desenvolvimento. A corrente da Etnometologia caracteriza-se por uma abordagem da Sociologia mais interessada nas noções do raciocínio geral, mobilizada nas conversas cotidianas. Por outro lado, como a Análise da Conversação tem mais proximidade com a Linguística, esta acaba se preocupando mais especificamente com a natureza sequencial da conversa e com os procedimentos linguísticos empregados para garantir essa sequenciação. É como se, em certa medida, a Análise da Conversação estivesse preocupada em estudar a gramática da conversa, claro que por uma perspectiva não prescritiva, e sim descritiva.

Nesse contexto, Have (2002) argumenta que há uma diferença metodológica das duas áreas, pois, enquanto a Análise da Conversação conta com a catalogação de diversos exemplos de dados transcritos para que, por meio da regularidade, possa chegar a conclusões, a Etnometologia conta com as observações dos pesquisadores em conjunto com a análise das interações para chegar às suas conclusões. Portanto, embora sejam áreas próximas e epistemologicamente compatíveis, há ainda elementos que podem minimamente garantir a sua diferenciação.

No que tange à importância dessas áreas de estudo para esta pesquisa, deve-se ressaltar indicações metodológicas no que se refere à coleta, ao tratamento e à análise dos dados. Em primeiro lugar, assim como na abordagem etnometodológica, aqui também trabalhamos com dados reais e cotidianos. Além disso, a noção de trabalhar com o ponto de vista dos participantes, por meio da observação de suas reações visíveis, também é outro ponto influenciado pelas abordagens da Etnometodologia e da Análise da Conversação, no sentido de que, para o tratamento da (im)polidez, se faz necessário perceber, por meio da progressão do discurso, como os interactantes percebem uns aos outros, se de forma impolida ou não. Finalmente, a noção de coconstrução de sentidos também é enriquecedora para a observação dos dados, pois, embora não trabalhe com interação face a face, as discussões, no *Facebook*,

ethnomethodological work (much of which draws on its findings), conversation analysis has its own characteristic set of concerns and procedures. [...] However, in certain respects conversation analysis has diverged from ethnomethodology's original inspiration. In particular a tension exists between the specific treatment of conversation's sequential order and more general interests in mundane reasoning (ATKINSON, 1988 p. 442).

só ganham sentido se analisadas a partir da compreensão que os interlocutores fazem uns dos outros.

Em resumo, a visão da Etnometodologia e da Análise da Conversação, embora não diretamente aplicáveis no nosso contexto de análise de interações *on-line*, deve ser levada em consideração e (re)pensada para que possamos construir um aparato de análise adequado às novas realidades interacionais demandadas pela interação mediada por plataformas digitais em redes. Na subseção seguinte, trago à baila os estudos da Sociolinguística Interacional em função da sua teorização sobre o contexto, a qual também inspira as análises desta pesquisa.

3.1.2 Sociolinguística Interacional

Esta subseção, assim como a anterior, traz a definição e os conceitos essenciais de uma área de estudo da linguística embasada pela visão sociointeracional de linguagem. O termo Sociolinguística Interacional foi cunhado pelo linguista e antropólogo norte-americano Gumperz (EERDMAN, PREVIGNANO, THIBAUT, 2003) e designa a linha de estudo que se preocupa em estudar as formas linguísticas em contextos socioculturais situados.

A proposta de Gumperz foi criar conexões entre a Sociologia e a Linguística, em observância das questões interacionais pouco estudadas pela Sociolinguística da época. A criação da Sociolinguística Interacional é uma resposta direta aos estudos variacionistas que dominavam os estudos linguísticos nos Estados Unidos da década de 60. Uma série de autores, dentre os quais Goffman (1964), chamaram atenção para o fato de que os estudos sobre variação linguística negligenciavam a situação de interação à medida que observavam as variações linguísticas apenas em relação a categorias sociais fixas, desconsiderando o papel da situação nos padrões linguísticos empregados.

Nesse sentido, a Sociolinguística Interacional “está centrada no lugar da linguagem no seu contextosocial e cultural mais amplo e no seu papel na construção e sustentação das práticas culturais e estruturas sociais.”⁷(FOLEY, 1997 p. 3). Diferentemente da Etnometodologia e da Análise da Conversação, a Sociolinguística Interacional faz uma

⁷is concerned with the place of language in its wider social and cultural context, its role in constructing and sustaining cultural practices and social structures (FOLEY, 1997, p 3).

teorização mais complexa do contexto, pois não está tão preocupada com o encadeamento dos turnos, mas sim com a interpretação das estruturas linguísticas em contexto situado.

De acordo com Gumperz (2001), a Sociolinguística Interacional pode ser descrita

como uma abordagem da análise de discurso que tem sua origem na busca por métodos replicáveis de análise qualitativa que possam dar conta da nossa habilidade de interpretar o que os participantes tentam transmitir em práticas comunicativas cotidianas⁸ (GUMPERZ, 2001 p. 215)

Por meio dessa descrição, percebe-se certa ligação entre os estudos da Sociolinguística Interacional e da Etnometodologia e da Análise da Conversação, no sentido de que todas preocupam-se com as práticas comunicativas cotidianas. No entanto, a primeira apresenta um aparato de análise diferenciado, com categorias de análise e formulações teóricas que complexificam a noção de contexto. Sobre essa questão, deve-se comentar sobre a Teoria da Contextualização, as **pistas de contextualização**, o *footing* e a **estrutura de participação e formato de produção**.

A Teoria da Contextualização foi particularmente desenvolvida por Gumperz (1982) e se preocupa especificamente com a explicação de como funciona o processo inferencial envolvido na interação. Na opinião de Günthner (2008), o aparato teórico oferecido por Gumperz (1982) oferece uma análise aprofundada dos processos inferenciais, com base numa teorização que se distancia da noção estruturalista de contexto, para a qual é compreendido como já dado.

Na teoria de Gumperz (1982), o contexto é dinâmico, flexível e relacionalmente criado. Segundo o autor, os interactantes baseiam-se nos seus conhecimentos prévios para construir pressuposições que devem ser compartilhadas com os interlocutores. Para o compartilhamento do contexto, os interactantes utilizam-se de marcas empíricas presentes no discurso, chamadas de **pistas de contextualização**, as quais podem ser definidas “como sinais metapragmáticos, as pistas de contextualização representam as maneiras de sinalizar e fornecer informações aos

⁸as an approach to discourse analysis that has its origin in the search for replicable methods of qualitative analysis that account for our ability to interpret what participants intend to convey in everyday communicative practice” (GUMPERZ 2001 p. 215)

interlocutores e audiências sobre como a linguagem está sendo usada em qualquer ponto do fluxo corrente de interação”⁹ (GUMPERZ, 1996 p 366).

Essas pistas nem sempre têm sentido referencial, muitas vezes o sentido é apenas relacional. Na linguagem oral, ganham destaque elementos fonéticos suprasegmentais, tais como entoação ou o próprio volume da voz. Na linguagem *on-line*, conforme veremos nas nossas análises de dados, os *emojis* e as expressões de riso “kkkkkk” ou “hahaha” assumem particular destaque nessa tarefa. No entanto, embora haja essa regularidade, não se pode empreender análises fora de contexto para a determinação dessas pistas. Em outras palavras, não é sempre que um tom de voz mais aumentado ou um *emoji* de risos representa raiva ou bom humor respectivamente.

Por meio da análise das **pistas de contextualização** é que os interlocutores são capazes de realizar a inferenciação, definida como processos de interpretação por meio dos quais participantes avaliam a intenção comunicativa (GUMPERZ, 1999, p 458). Günthener (2008) destaca que, em interações interculturais, normalmente há problemas de interpretação das pistas de contextualização porque os conhecimentos prévios normalmente não são compartilhados. Este *emoji*, que é normalmente entendido no Brasil como um ícone de oração🙏, por exemplo, é normalmente usado em interações *on-line* como pista de que o interlocutor está fazendo um pedido ou está esperançoso. No entanto, no Japão, ele é normalmente entendido como um *high five* ou uma batida de mãos para comemorar uma situação positiva que possa ter acontecido. Por essa razão, as pistas de contextualização jamais podem ser entendidas ou interpretadas fora de contexto.

Além da Teoria da Contextualização, a Sociolinguística Interacional, por meio dos trabalhos de Goffman (1981, 1982), também desenvolveu estudos acerca do **footing**, do conceito de faces e da estrutura de participação e formato de produção, os quais serão detalhados na seção 4 e readaptados ao contexto de análise dessa pesquisa, a análise das interações *on-line* no *Facebook*.

⁹As metapragmatic signs, contextualization cues represent speakers’ ways of signaling and providing information to interlocutors and audiences about how language is being used at any one point in the ongoing stream of talk (GUMPERZ 1996 p. 366)

Goffman (1981 p 128) define o *footing* como “o alinhamento que desenvolvemos para nós mesmos e para os outros e que se faz presente na maneira como gerenciamos a produção ou recepção de um enunciado”. Dessa maneira, criou uma pressuposição de que, para que haja interação, é preciso que os interactantes estejam alinhados, criando um contexto, por meio do qual é possível gerenciar a compreensão dos enunciados. Vemos, portanto, mais uma teorização do contexto que, por meio deste conceito, enfatiza o caráter relacional da interação, uma vez que pressupõe alinhamentos.

Nesse mesmo texto, Goffman também teoriza sobre os diferentes papéis que podem ser assumidos por falantes e ouvintes nas interações, os quais não se limitam apenas à noção do senso comum de falante e de ouvinte. Nesse quadro teórico, o autor apresenta a estrutura de participação, a qual representa diferentes tipos de ouvintes, de acordo com sua ratificação para participar nas interações, e o formato de produção, o qual define diferentes tipos de ouvintes de acordo com sua participação na autoria dos discursos.

Conforme já comentei, no início da seção, os assuntos trabalhados aqui servem de inspiração para criação do nosso aparato de análise das interações *on-line*, uma vez que este trabalho propõe uma readaptação dos conceitos advindos dessas áreas para que possam dar conta da realidade emergente dos nossos dados. Essa missão será particularmente cumprida pela seção 4. As subseções que seguem a seção 3 dedicam-se à apresentação, primeiramente, do contexto socio-histórico que está ao redor das interações *on-line*, posteriormente, dos conceitos teóricos de estudo da (im)polidez e suas relações com a pesquisa empreendida.

3.2 INTERAÇÕES *ON-LINE*

É corrente a ideia de que as inovações tecnológicas podem mudar radicalmente a vida das pessoas. Podemos ver a materialização desse pensamento quando observamos as mudanças que tecnologias analógicas trouxeram para o estilo de vida e de comunicação da sociedade, como, por exemplo, a imprensa, jornais, câmeras, rádio e telefones.

Dentro dos estudos da linguagem, no entanto, é mais aceito que, em realidade, as mudanças tecnológicas transformam as práticas sociais, sem necessariamente criar práticas novas do zero, mas, principalmente, desenvolvendo novas práticas a partir de outras já existentes. As transformações provocadas pelas novas tecnologias mantêm, na verdade,

movimentos de continuidade e transformação relacionados a práticas antigas, admitindo ainda coexistência entre elas. Pensemos, por exemplo, no caso da TV e do rádio, em que umatecnologia não acabou ou substituiu completamente a outra. Por um lado, a TV apresenta características semelhantes ao rádio – podemos ver, por exemplo, que a figura de um apresentador como principal interlocutor nesses tipos de interação é compartilhada tanto por uma quanto por outra – no entanto, também são vistas diferenças, como, por exemplo, o uso da linguagem visual, que só é possível no caso da TV.

No que tange às transformações que emergiram em função da internet, pouco a pouco as pessoas passam a se surpreender menos com a quantidade de práticas sociais que migram da mediação por tecnologias analógicas para tecnologias digitais em rede. Como exemplo, podemos pensar na própria prática de pesquisa acadêmica, que cada vez mais é possibilitada por meio de recursos *on-line*. Hoje em dia, por exemplo, são raros os periódicos que mantêm publicações de artigos em meio impresso, e mais raro ainda é o seu consumo neste meio. Sem dúvidas, posso afirmar que a maioria do material bibliográfico referenciado neste trabalho – artigos e *e-books* – foram consumidos em ambiente *on-line*.

Mesmo considerando esse cenário de mudança, é válido ratificar que, segundo defendem Barton e Lee (2015), as novas tecnologias são apenas um elemento num conjunto de fatores interligados que provocam transformações nas práticas sociais. Os autores defendem que não é a tecnologia por si só que transforma os nossos costumes e hábitos em rede, mas necessariamente o contato dos seres humanos com a tecnologia que possibilita novas formas de comunicação e novas formas de viver.

Considerando esse contexto, a linguagem ocupa um lugar central, pois, em função do desenvolvimento e da popularização de novas formas de mediação, os interactantes desenvolvem formas de linguagem inovadoras (ou, pelo menos, transformadas) para se adequarem aos limites e possibilidades ofertados em ambientes *on-line*. No que diz respeito aos estudos linguísticos:

Muitos estudos da linguagem se basearam num conjunto de conceitos bastante estáveis, que parecem agora um tanto quanto forçados, à medida que a vida das pessoas torna-se *on-line*. Por exemplo, num *site* que combina imagens e palavras, conceitos básicos como *texto* têm de ser redefinidos. As unidades centrais da Sociolinguística como *variação*, *contato* e *comunidade* precisam ser repensadas. Muitos pesquisadores estão cientes de que as

noções centrais de interação, como tomada de *turno* e face a face, funcionam de maneira diferente com os dados *on-line*.¹⁰ (BARTON e LEE, 2015 p 13)

Em vista do exposto, como estudiosos da linguagem, cabe a nós, linguistas, (re)pensarmos conceitos fundamentais da nossa disciplina a fim de acompanharmos o curso da história, tendo em vista que as interações *on-line* são uma realidade irreversível. Assim sendo, Barton e Lee (2015) compilam alguns pontos que devem ser considerados ao tratar dados *on-line*:

- Problemas de terminologia;
- a questão do novo;
- o conceito de nativos digitais;
- os pânicos morais ou tecnopânicos.

O primeiro ponto diz respeito à maneira como denominamos a interação digital *on-line* e suas implicações para delimitação e reconhecimento desse objeto de estudo. O termo *on-line* é usado, tanto aqui quanto em Barton e Lee (2015), como um termo conveniente que designa a comunicação mediada por dispositivos conectados em rede. Dito isto, não podemos assumir uma dicotomia estrita entre o *on-line* e *off-line*.

Ao utilizarmos o termo *on-line*, pode haver uma falsa impressão de que ele está dissociado de práticas *off-line*. Pior ainda, pode-se entender que um indivíduo realiza duas vidas diferentes, uma *on-line* e outra *off-line*. Considero errôneo esse tipo de pensamento, pois, se assim fosse, pensaríamos que as novas tecnologias são capazes de dissociar os sujeitos de quem são e criar novas entidades totalmente dissociadas das práticas terrenas. Essa linha de raciocínio não se conforma com a observação das práticas sociais *on-line*, pois há, na verdade, muitas interrelações entre as atividades realizadas *on-line* e *off-line*.

Como professores universitários, por exemplo, fazemos uso constante das interações *on-line*— de maneira compulsória inclusive — visto que há resoluções, solicitações, pareceres, *e-mails* e processos que requerem a nossa participação em interações na internet. Atualmente, praticamente todas as submissões de trabalhos de pesquisa a periódicos é feita por meio da internet, raramente são feitos contatos via correios e muito menos face a face. Outra atividade em que compulsoriamente nos envolvemos com a interação em rede é a atualização dos currículos *Lattes*, uma necessidade que nos conformamos periodicamente como demanda para progressões funcionais e solicitações de apoio para pesquisa. Essas práticas são exemplos das

¹⁰Grifos dos autores.

interrelações entre as interações *on-line* e *off-line* na vida profissional. Mesmo nos casos em que os sujeitos, ao interagirem *on-line*, criam identidades falsas (os *fakes*) ainda não podemos desconsiderar completamente a presença de um ser humano, que tem uma vida *off-line*, participando de interações *on-line*. Portanto, a dicotomia estrita entre espaço cibernético e físico é falsa.

Outro aspecto a ser considerado nas interações *on-line* é a questão do “novo”, pois as tecnologias digitais não são mais novas, vejamos, por exemplo, o caso de “novas” tecnologias já consideradas obsoletas, como o *ICQ*, *Orkut*, *Fotolog*, *MySpace* e outros. Barton e Lee (2015) ressaltam que ainda utilizamos o termo novas tecnologias como se estivéssemos nos referindo a Nova Iorque¹¹, fundada em 1624, cujo adjetivo “novo” representa algo que já foi novo um dia.

A ideia mais aceita hoje é a de mudanças constantes. Em outras palavras, o que é novo em relação às interações *on-line* é bastante efêmero. Sobre esse assunto, os autores explicam que os letramentos digitais são rapidamente ultrapassados, pois há criação constante de novas ferramentas de interação *on-line*, sempre combinadas com igualmente frequentes modificações nas ferramentas que já existem. O *Facebook*, por exemplo, se atualizou muito desde sua criação até agora, por exemplo, hoje, além de curtir as publicações, é possível reagir a elas associando-as a apreciações negativas ou positivas; além de comentar as postagens, é possível escrever réplicas aos comentários; além de postar imagens, vídeos e fotos que ficam registradas de forma permanente nas linhas do tempo dos usuários, é possível postar pequenos vídeos feitos com dispositivos móveis, programados para que fiquem disponíveis por um curto espaço de tempo e várias outras atualizações no *design* e *layout* do *website*.

Frente a essa realidade, Barton e Lee (2015) chamam a atenção para o fato de que os letramentos digitais são rapidamente ultrapassados. Enquanto estamos aqui tentando investigar a interação em uma plataforma *on-line*, várias outras estão se desenvolvendo e ganhando notoriedade. No entanto, enquanto pesquisadores, devemos identificar em que as práticas sociais continuam ou rompem padrões estabelecidos.

O outro fator histórico a ser considerado no estudo das interações *on-line* é o surgimento do que convencionou chamar de *Web 2.0*. Grosso modo, esse termo surgiu em oposição à *Web 1.0*, que se tratava de uma orientação do *design* das páginas virtuais que colocavam o

¹¹Os autores utilizaram, na verdade, o sintagma nominal *New College*; fiz essa modificação para que o exemplo ficasse mais elucidativo em língua portuguesa.

internauta como um consumidor inativo de conteúdo. Por sua vez, a *Web 2.0* designa um conjunto de características do *design* dos *websites* que possibilita aos usuários uma produção relativamente livre do conteúdo exposto.

Pensemos, por exemplo, no caso do *Facebook* e do *Youtube*, os dois *sites* de redes sociais mais utilizados no Brasil (BRASIL, 2015). Nessas páginas, são exibidos textos multimodais cuja maioria dos autores não precisa de conhecimento técnico especializado para produzir e publicar conteúdos. Esses exemplos de *Web 2.0* disponibilizam uma forte moldura – cheia de possibilidades e limitações – com a qual o usuário comum ganha papel de protagonista na produção de conteúdo. De forma geral, a *Web 2.0*, para angariar o interesse dos usuários, estimula a interatividade, sobretudo, por meio de espaços de escrita chamados de comentários. As duas páginas supracitadas possibilitam a publicação *on-line* de conteúdos, ao passo que também estimulam a apreciação dos outros usuários, fazendo com que, de forma muito frequente, surjam interlocuções entre internautas que discutem acerca da produção de outros internautas. Dessa forma, a assimetria entre os interlocutores em redes sociais acaba sendo diminuída.

Embora a ideia de produção livre seja constantemente difundida quando falamos sobre a *Web 2.0*, sobretudo nos casos dos *sites* de redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e outros, não devemos ter um posicionamento tão ingênuo. Hoje, nas redes, é comum o compartilhamento de textos de outros, muitas vezes produzidos por grandes empresas da mídia, e a manipulação do conteúdo que normalmente é exibido por meio do controle feito por algoritmos. Dessa maneira, ratifico que a produção de textos nas plataformas *on-line* da *Web 2.0* é relativamente livre.

A questão da faixa etária dos usuários e suas relações com a internet são outros fatores que devem ser observados quando se fala de interações *on-line*. De maneira geral, há certa crença de que os jovens são particularmente mais hábeis do que os mais velhos em relação ao uso das novas tecnologias, e, por isso, devem ser chamados de nativos digitais. Em contrapartida, aqueles que não nasceram em meio às ferramentas digitais de interação *on-line*, os chamados imigrantes digitais, segundo a crença do senso comum, têm menos familiaridade com as plataformas digitais e conseqüentemente mais dificuldade em inserirem-se em interações *on-line*.

Esse tipo de pensamento, apesar de bastante difundido, nega a complexidade das interações *on-line*, considerando-se que as práticas sociais na internet não são únicas. Conforme já comentei acima, as interações *on-line* estão envolvidas em diversas atividades

profissionais de maneira compulsória, e a familiaridade com determinada prática social *on-line* depende das necessidades interativas do usuário. Ora, um jovem internauta pode ter muita familiaridade com novas plataformas digitais, como é o caso do *Snapchat*, por exemplo, mas ter pouco conhecimento em relação às regras de atualização da plataforma *Lattes*, significativa apenas para os acadêmicos. Sendo assim, as plataformas digitais são variáveis e os letramentos envolvidos para a interação por meio delas serão aprendidos a partir das necessidades interacionais dos usuários, e não necessariamente das suas faixas etárias.

O quarto ponto, elencado por Barton e Lee (2015), acerca da interação *on-line* é sobre os tecnopânicos ou pânicos morais sobre a internet. Os autores ressaltam que esse fenômeno, no curso da história, não foi atribuído apenas à internet, mas a todas as novas tecnologias (digitais ou analógicas) no momento de seu aparecimento. É comum que ideias apocalípticas acerca da internet surjam, como a de que, por exemplo, os jovens terão suas habilidades de letramento deterioradas em função de não lerem mais livros, ou escreverem por meio do *internetês*.

Não obstante, esses pânicos normalmente não se conformam com a realidade. Crystal (2011) observa que apenas poucos itens lexicais da língua inglesa tiveram as suas ortografias alteradas, além do que, os processos de encurtamento e abreviação das palavras não são exclusivos das interações *on-line*. Ademais, estudos linguísticos, como o de Plester e Wood (2009), chegam a sugerir uma relação positiva entre as habilidades ortográficas de crianças britânicas e a escrita de mensagens de texto. Os estudos sobre multiletramentos (THE NEW LONDON GROUP, 1996; ROJO, 2011) também apresentam possibilidade de trabalhos educacionais com as interações *on-line* como forma de adequação entre a realidade vivida pelos aprendizes na contemporaneidade e os currículos escolares.

Em meio a esse quadro histórico e social, surgem as redes sociais da internet, como o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram*, o *MySpace* e outros. Como já comentei neste trabalho, esses *websites* proporcionam uma estrutura fixa que, de um lado, oferta possibilidades de produção e publicação de textos na rede de forma prática e relativamente livre, e, de outro, limitam e controlam a produção de conteúdo nas redes, além de monetizá-las, ou seja, obter lucro por meio da exibição de publicidade.

Em vista dessas observações, verificamos que as redes sociais, portanto, se distanciam e muito de folhas em branco. No caso do *Facebook*, por exemplo, os usuários devem se adequar a espaços de escrita disponibilizados pelos *designers* da página. Não é possível, por exemplo, alterar a ordem das publicações em uma linha do tempo (páginas pessoais), os textos sempre

estão organizados em ordem cronológica inversa, ou seja, os mais recentes sempre estão mais ao topo.

Sobre essas possibilidades e limitações oferecidas/impostas pelas plataformas de *sites* de redes sociais, Barton e Lee (2015) evocam o conceito de *affordance*¹², tal como cunhado pelo ecólogo Gibson (1986). Esse termo denomina “as possibilidades e restrições de ação que as pessoas percebem seletivamente em qualquer situação” (BARTON e LEE, 2015 p 44). Segundo as palavras de Gibson (1986 p 127):

Os *affordances* do ambiente são o que ele oferece ao animal, o que ele *provê* ou *fornece*, tanto para o bem quanto para o mal. O verbo *afford* é achado no dicionário, o substantivo *affordance* não é. Eu o criei. Quero que ele diga respeito a algo que se refere tanto ao ambiente quanto ao animal de um jeito que nenhum outro termo se refira.¹³ (GIBSON, 1986 p 127)

Trazendo essa discussão para o campo da interação *on-line*, o conceito de *affordances* auxilia para ilustrar a relativa liberdade dos usuários nas interações *on-line*. Se, por um lado, os designers de *websites* apresentam um espaço de escrita relativamente fixo aos internautas, por outro, os usuários não estão limitados apenas ao que lhes oferecem, pois é possível que eles criem, a partir da estrutura pré-estabelecida, formas originais de linguagem. Sobre essa questão, observemos o seguinte exemplo na Figura 3:

¹²Na tradução brasileira de Barton e Lee (2015), este conceito é traduzido por virtualidades. Optei por utilizar o termo em língua inglesa por não achar que a tradução é elucidativa. Além disso, no texto de Gibson (1981), o autor faz referências ao verbo *afford*, que dá origem ao termo. O verbo *afford*, em língua inglesa, significa ser capaz de arcar com as consequências ou custos de algo, é normalmente utilizado para falar das possibilidades financeiras de alguém para custear algum bem ou serviço. Como o termo virtualidade não mantém qualquer ligação com o sentido de *afford*, optei por manter o conceito em língua inglesa.

¹³The *affordances* of the environment are what it offers the animal, what it provides or furnishes, either for good or for ill. The verb to afford is found in the dictionary, but the noun affordance is not. I have made it up. I mean by it something that refers to both the environment and the animal in a way that no existing term does.

Figura 3: Concurso no *Facebook*



Fonte: Acervo Pessoal

Considerando-se que o *Facebook* foi um *website* pensado para que as pessoas expusessem seus pensamentos por meio das atualizações de *status*, vemos aqui uma forma original de utilizar suas funcionalidades. O texto da Figura 3 apresenta um concurso promovido por meio do *Facebook*, e a forma de ganhá-lo é conseguir o maior número de “curtidas”. O conceito de *affordance* é muito bem ilustrado porque, segundo ele, os seres observam os espaços e o utilizam a partir das suas percepções. O ambiente, portanto, apresenta algumas condições que devem ser seguidas, no entanto os seres interpretam essas condições e exploram seu uso, não se limitando apenas ao pré-estabelecido.

Nos *sites* de redes sociais, há várias limitações e funcionalidades pré-estabelecidas pelos *designers*, contudo os usuários são capazes de reinterpretá-las e desenvolver *affordances* originais. Desse modo, as “curtidas”, que inicialmente eram pensadas como formas de aprovação de um conteúdo, podem ser usadas como votos em uma competição, como é o caso da Figura 1.

Os *affordances*, nos *sites* de redes sociais, são limitados às condições apresentadas pelos desenvolvedores, mas são expansíveis a partir da interpretação dos usuários. Os *sites* de redes sociais, inclusive, passaram a ser questionados por serem muitas vezes vetores de

As atualizações de *status* ou *posts* oferecem ao usuário do *Facebook* um espaço para que escrevam, postem imagens, vídeos, *links* de outros *websites* ou ainda compartilhem outros *posts* com legendas ou não. Os comentários oferecem um espaço para que sejam colocados textos normalmente ligados à postagem original, as réplicas de comentários normalmente apresentam textos que respondem aos comentários. No entanto, não são incomuns situações em que essa “regra lógica” de coerência entre *post*, comentário e réplica seja quebrada. Há algumas situações em que os comentários não mantêm qualquer coerência tópica com as postagens ou em que as réplicas, na verdade, estejam mais relacionadas às postagens do que propriamente aos comentários que estão replicando. Vejamos o exemplo da Figura 5, em que o terceiro comentário aparece de uma forma pouco convencional:

Figura 5: Quebra na relação tópica entre *post* e comentário



Fonte: acervo pessoal

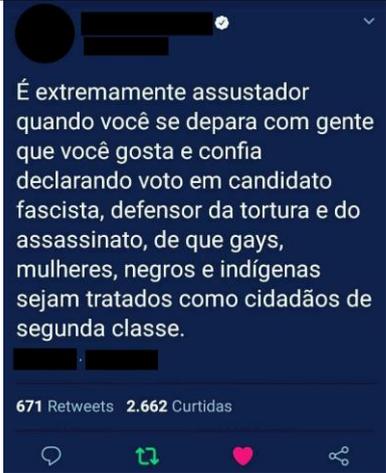
No exemplo da Figura 5, uma usuária compartilha uma foto com seu marido, o qual responde no primeiro comentário. No segundo comentário, outra usuária faz uma pergunta que não necessariamente mantém uma relação explícita com o tópico da postagem, que se refere ao relacionamento da Autora do *post* e do primeiro Comentador. Por sua vez, a Comentadora 2 faz uma pergunta direcionada ao Comentador 1 sobre outro assunto. Neste caso, seria mais convencional que o comentário 2 aparecesse numa postagem do Comentador 1, ou mesmo numa interação via mensagens privadas.

Podemos perceber que o segundo comentário é sobre outro assunto através da réplica do Comentador 1, que diz “Já já apareço com muitas dúvidas para tirar”, pode-se inferir, portanto, que a pergunta do segundo comentário foi interpretada como uma cobrança para que o Comentador 1 aparecesse. Na verdade, a segunda Comentadora é a orientadora de pós-graduação do Comentador 1, e esse dado contextual auxilia na interpretação de que o segundo comentário é realmente uma cobrança para que o Comentador 1 apresente-se.

Por meio desse exemplo, podemos ver que, embora fosse esperado que os comentários e *posts* mantivessem uma relação tópica explícita, nem sempre isso acontece. Podemos inferir diversos motivos pelos quais a manutenção do tópico é violada em comentários de *posts*, uma das razões pode ser o próprio grau de letramento que um usuário tem do espaço de escrita, pois talvez alguns usuários não saibam explorar todos os espaços de escrita disponibilizados no *Facebook*. No entanto, há situações em que essa quebra de expectativa do uso do espaço de escrita pode favorecer o aparecimento de (im)polidez para a formulação de críticas mais ou menos (im)polidas. Sobre esse aspecto, vejamos o exemplo 3.1 abaixo, retirado do texto 9 *docorpus* desta pesquisa:

Exemplo 3.1

Postagem	<p><u>Autora do post:</u></p> <p>Assustador e depressivo 😞</p>
----------	---

	
Comentários:	
	<p><u>Comentador 1:</u> Fique feliz. Isso significa que pessoas perto de Você estão despertando da hipnose marxista. 🍷🍷🍷 Você poderá ser a próxima... 😂😂😂😂</p> <p>[...]</p> <p><u>Comentador 3:</u> É verdade <u>Autora do post</u>, eu tb fico muito espantado com isso, pessoas que eu outrora achava que era impossível, caiu no pensamento que ele salvará a pátria, porém percebo que vai além do Bolsonaro, é como se houvesse realmente um ódio ao Socialismo (mesmo sem saber 5% do que ele representa e de sua história), ou cansados dos candidatos que já existem, e por esse "impulso" votam nele. Porém, ele não é apenas um adversário político, ou esses amigos e familiares não estão apenas votando em um candidato diferente do meu, estão votando em candidato que quer de volta um regime de tortura e atraso, machismo, homofobia, racismo, comunidades indígenas e quilombolas ameaçadas... Isso vai muito além de um candidato com propostas diferentes. Com tudo isso repenso se vale a pena manter esses laços familiares e de amigos ou se realmente devo perdoá-los pela ignorância ou preguiça política! Boa noite!</p>

	<p>[...]</p> <p><u>Comentador 1</u>: Viu só, <u>Comentadora 2</u>? O Comentador 3 respondeu antes de mim e puft! Hipinitizado está!</p> <p></p>
--	--

Neste exemplo 3.1, a Autora do post compartilhou um texto cujo conteúdo está relacionado a uma crítica às pessoas que votam em um candidato político, que, segundo o texto, apresenta posturas discriminatórias. No comentário 1, o comentador posiciona-se de forma contrária ao conteúdo do post, fazendo o uso da ridicularização, pois afirma que as pessoas que votam neste candidato estão, na verdade, despertando de uma espécie de “hipnose marxista”.

Este dado é bastante rico para os propósitos dessa pesquisa, no entanto, neste momento, o foco recai sobre o uso da réplica, enquanto funcionalidade técnica desse espaço de escrita, como forma de criação de uma crítica. O Comentador 3, no seu texto, direciona a resposta à Autora do post, conforme observamos por meio do vocativo na primeira linha da réplica. No entanto, conforme já pontuei, é esperado que os posts e réplicas mantenham uma relação tópica, que, neste caso, é aparentemente quebrada pelo uso do vocativo, porque o mais convencional seria que a réplica ao comentário 1 fosse direcionada ao Comentador 1. Contudo, pelo conteúdo do texto, percebemos uma clara relação entre o comentário 1 e a réplica do Comentador 3, principalmente pela referência ao marxismo, que só é iniciada a partir do comentário 1, e não da postagem inicial.

Podemos perceber, portanto, que o Comentador 3 se utiliza da marcação da Autora do post para mascarar o direcionamento da réplica. Em outras palavras, embora ele marque a Autora do post como interlocutora direta, o conteúdo da réplica – principalmente no que se refere à ignorância sobre o marxismo – e a própria escolha de escrever uma réplica e não um novo comentário fazem com que o Comentador 3 tenha escrito uma mensagem indireta para o Comentador 1 ou, como chama Goffman (1981), um *innuendo*¹⁴.

Neste caso, vemos uma ilustração de como as funcionalidades técnicas dos espaços de escrita dos *sites* de redes sociais – particularmente o uso de réplicas – podem influenciar na

¹⁴Esta palavra em língua inglesa significa uma insinuação normalmente pejorativa sobre uma pessoa. Por entender este termo, na obra de Goffman (1981), como um conceito, preferi manter a palavra em língua inglesa.

configuração da (im)polidez. Neste caso, a réplica do Comentador 3 foi uma forma de atenuar a crítica ao pensamento do Comentador 1, já que o texto não se apresenta como uma resposta explícita ao comentário 1. No entanto, conforme demonstra a réplica do Comentador 1, logo abaixo do texto do Comentador 3, a crítica foi entendida pelo alvo da insinuação, haja vista a resposta provocativa “O Comentador 3 respondeu antes de mim e puft! Hipinitizado está! 😂😂😂”.

Esta subseção objetivou principalmente explicar algumas questões socio-históricas sobre a interação *on-linee* ilustrar como aspectos técnicos dos *websites*, por meio dos espaços de escrita, podem influenciar na percepção dos *affordances* dos usuários. Na subseção seguinte, conceitos basilares dos estudos da (im)polidez serão expostos, tendo em vista sua importância para os propósitos da pesquisa.

3.3 (IM)POLIDEZ: PRINCIPAIS CONCEITOS E ABORDAGENS

Os estudos sobre a (im)polidez dentro do âmbito da Linguística são muito frutíferos, resultando, dessa forma, numa gama de pesquisas e perspectivas teóricas que visam explicar, à sua maneira, o fenômeno em questão. Em vista dessa observação, é importante ressaltar que preciso estabelecer um recorte e um agrupamento específico de teorias que são importantes como embasamento dessa pesquisa, haja vista a impossibilidade de abordar todos os modelos teóricos em um só trabalho.

Para tanto, agruparei as perspectivas mais importantes para a concepção desta pesquisa em dois grupos: as abordagens pragmáticas do estudo da (im)polidez e as abordagens sociodiscursivas. O primeiro grupo de modelos teóricos é assim nomeado porque todos apresentam uma forte ligação com alguns tópicos clássicos em Pragmática, como por exemplo: a Teoria dos Atos de Fala, o Princípio da Cooperação (PC), o Princípio da Polidez (PP) e as Máximas Conversacionais. Ademais, as abordagens pragmáticas também se assemelham porque apresentam modelos de análise que pretendem ser universais, prescindindo, na maioria das vezes, análises situadas e relativizadas.

Por outro lado, as teorias de base sociodiscursiva surgem a partir da crítica aos modelos então vigentes de estudos da polidez, sobretudo ao de Brown e Levinson (1987), reconhecido como o modelo mais famoso de estudo da polidez. Outra característica que justifica o

agrupamento é o fato de que em geral os modelos discursivos pretendem ser particulares e analisam o fenômeno de maneira situada, sem pretensões de se tornarem universais.

Nessa seção, meu objetivo é apresentar quais pontos das teorias se mostram mais valiosos aos objetivos desta pesquisa. Além da discussão das principais teorias dos estudos da (im)polidez, essa seção contempla ainda os estudos da impolidez, por meio da discussão acerca dos postulados teóricos de Culpeper em duas fases, Culpeper (1996), quando o autor se propôs a apresentar um modelo teórico sobre a impolidez com base da teoria de Brown e Levinson sobre polidez; e Culpeper (2011) e Culpeper e Hardaker (2017), quando o autor reflete sobre as críticas lançadas ao seu primeiro modelo e desenvolve elementos para um novo modelo teórico sociodiscursivo da impolidez.

3.3.1 Abordagens Pragmáticas do Estudo da (Im)polidez

A (im)polidez é um fenômeno estudado prioritariamente por duas áreas da Linguística, notadamente, a Pragmática e a Sociolinguística Interacional, conforme aponta Eelen (2001). Por serem relevantes para as interações humanas, os estudos da polidez extrapolam o campo da Linguística e ressoam em áreas como Sociologia, Antropologia e Ética. No entanto, foi certamente por meio dos estudos em Pragmática que apareceram as primeiras reflexões acerca da polidez na Linguística.

Robin Lakoff, de acordo com Eelen (2001), pode ser considerada como a mãe das teorias modernas sobre polidez. Situada numa perspectiva decididamente pragmática, Lakoff (1973, p. 34) conceitua a polidez como: “um sistema de relações interpessoais desenvolvido para facilitar a interação minimizando o potencial para o conflito e confrontação inerentes a todos intercâmbios humanos”.

De maneira geral, a teoria de Lakoff, assim como outras teorias pragmáticas da polidez, é explicada a partir do conceito das máximas conversacionais de Grice, que apresenta quatro regras as quais constituem o Princípio Cooperativo (PC): quantidade, qualidade, relevância e modo. Lakoff percebe que esses princípios são fundamentais à comunicação, no entanto apresentam uma situação “ideal” de interação que a todo tempo é violada em razão do Princípio da Polidez (PP), também orientador da linguagem. Segundo a autora:

[...] se o objetivo do falante é navegar de alguma maneira ou de outra em meio aos respectivos *status* dos participantes no discurso, indicando onde cada um se coloca na sua avaliação, seu objetivo será mais relacionado a uma expressão de polidez do que à clareza da mensagem propriamente dita.¹⁵ (LAKOFF, 1973, p 296)

Com base nessa ideia, Lakoff (1990) defende que, em situações em que a clareza se mostra predominante, o PC de Grice seria ativado, por outro lado, nas situações em que o falante se vê na posição de considerar o *status* dos ouvintes, o PP é posto em evidência. Em geral, três princípios de polidez (ou máximas) são desenvolvidos pela autora: a) não imponha; b) dê opções; c) faça o ouvinte feliz.

Por sua vez, Brown e Levinson (1987), talvez os mais famosos estudiosos da polidez, trabalham sob a perspectiva de duas ideias centrais e universais para eles: racionalidade e face, incorporadas ao conceito de polidez como desvio de conflitos, cunhado por Lakoff. A primeira ideia se refere a uma lógica de meios e fins, ou seja, pensar sobre as estratégias disponíveis para atingir objetivos pessoais; a segunda se caracteriza por dois desejos que se complementam: face negativa e face positiva. Esta se caracterizando pelo anseio de que seu desejo se torne também vontade dos outros (desejo de ser aceito), e aquela se caracterizando pela vontade de que os seus desejos ou intenções não sejam impedidos por outros (desejo de ser desimpedido, livre).

Nesse contexto, os autores defendem que os atos de fala, em sua maioria, provocam ameaças às faces dos falantes ou ouvintes, por isso estratégias de polidez podem emergir para evitar conflitos. Para os autores, a ideia de estratégia está intimamente relacionada à lógica de meios e fins, ou seja, à racionalidade. Sobre esse aspecto, os autores explicam:

Nós continuamos a usar a palavra estratégia, apesar de o termo expressar uma conotação de consciência plena, porque não conseguimos pensar em nenhuma outra palavra que implica um elemento racional, enquanto cobre ambos: (a) planos de ação inovadores, que ainda podem ser (mas não precisam necessariamente ser) inconscientes, e (b) rotinas – ou seja, planos previamente construídos cuja origem inicialmente racional permanece

¹⁵[...] If the speaker's principal aim is to navigate somehow or other on among the respective statuses of the participants in the discourse indicating where each stands in their speaker's estimate, his aim will be less the achievement of clarity than an expression of politeness, as its opposite.

preservada nas suas construções, apesar das suas aplicações automáticas e já acabadas.¹⁶ (BROWN e LEVINSON, 1987 p. 85)

Os estudiosos lançaram a ideia de estratégias desde a primeira publicação de *Politeness*, em 1978, mas, desde então já havia críticas às formulações deles. Conforme podemos perceber na reformulação de sua obra, em 1987, citada acima, Brown e Levinson parecem levar em consideração algumas das críticas que lhes foram lançadas, reconhecem, por exemplo, que o termo estratégia dá a impressão de que elas são escolhas sempre feitas de forma consciente e planejadas. Contudo, conforme é apresentado no fragmento citado, percebe-se que a ideia de estratégia abarca tanto as escolhas conscientes dos falantes para atingir seus objetivos quanto as expressões linguísticas já cristalizadas e automatizadas (rotinas).

Seguindo esse conceito de estratégia, os autores elaboram duas categorias: superestratégia e estratégias de produção. A primeira se refere a macroestratégias que guiam os falantes a fazerem determinadas escolhas linguísticas específicas, as estratégias de produção. Em outras palavras, podemos entender as superestratégias como agrupamentos de estratégias de produção, sendo estas as efetivas materializações linguístico-discursivas daquelas.

As cinco superestratégias são:

- *Bald on Record*: o ato de fala é desempenhado da maneira mais clara e objetiva possível.
- Polidez positiva: estratégias de reparação da face positiva (desejo de ser aceito) do ouvinte.
- Polidez negativa: estratégias de reparação da face negativa (desejo de ser desimpedido) do ouvinte.
- *Off Record*: realizar o ato de fala de uma maneira em que haja mais de uma intenção subentendida. Em outras palavras, utilizar-se de uma implicatura.
- Não realização do Ato de Fala.

¹⁶We continue to use the word 'strategy', despite its connotations of conscious deliberation, because we can think of no other word that will imply a rational element while covering both (a) innovate plans of action which may still be (but need not be) unconscious, and (b) routines — that is, previously constructed plans whose original rational origin is still preserved in their construction, despite their present automatic application as ready-made programmes.

Conforme podemos perceber, a ideia de superestratégia precede a sua realização linguístico-discursiva, pois há diversas escolhas diferentes que podem ser feitas para materializar uma superestratégia. Essas escolhas são chamadas, nessa perspectiva, de estratégias de produção¹⁷, ou seja, as realizações efetivas das superestratégias.

Brown e Levinson (1987) trabalharam de forma enfática no desenvolvimento e detalhamento do quadro de possíveis estratégias de produção para as superestratégias de polidez positiva, negativa e *off-record*. Abaixo, o quadro mostra de forma sintética essas estratégias:

Quadro 1- Superestratégias e Estratégias de produção

Superestratégia	Estratégia de produção
Polidez Positiva	<ul style="list-style-type: none"> • Promova associações. • Demonstre cooperação. • Realize os desejos do ouvinte.
Polidez Negativa	<ul style="list-style-type: none"> • Seja indireto. • Não pressuponha. • Não coaja o ouvinte. • Comunique os seus desejos não os imponha ao ouvinte. • Repare os desejos dos outros sobre o ouvinte.
<i>Off-record</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Convide o ouvinte a fazer implicaturas. • Seja vago ou ambíguo, viole a máxima de modo

Retirado de Brown e Levinson (1987)

A teoria de Brown e Levinson (1987) ainda versa sobre as variantes sociais que influenciam a quantidade e os tipos de estratégias de polidez utilizadas, notadamente: a) a diferença de poder entre o falante e o ouvinte; b) a distância social entre eles; c) o nível de

¹⁷Minha tradução para o termo em inglês *output strategies*.

ameaça do ato de fala. O modelo para o estudo da polidez desses autores é baseado na ideia de que a preservação de face é universal, ou seja, ocorre em qualquer contexto, no entanto é esperado que haja uma elaboração cultural de cada sociedade específica, que podem ser vistas nos níveis: dos atos de fala que ameaçam as faces, das relações sociais que vão criar estratégias de proteção da face e dos estilos (não) preferidos de estratégias.

Outra teoria clássica da polidez é o modelo de Leech (1983), em que o autor também trabalhará com a ideia de PP e de máximas, assim como Lakoff (1973). No entanto, o modelo do autor parece ser mais elaborado do que o da autora, porque dá mais detalhamento à questão do PP. Culpeper e Terkourafi (2017) explicam que o PP de Leech (1983) é elucidado por meio de uma relação de perde-e-ganha com o PC de Grice. Para ilustrar, os autores utilizam-se do exemplo das “mentiras brancas”, em que o princípio da qualidade é sacrificado em detrimento do princípio da polidez. Em outras palavras, a presença da polidez implica, de alguma forma, na violação das máximas conversacionais de Grice.

Por essa razão, o PP de Leech é baseado na ideia de máximas, cujo princípio básico é maximizar a polidez e minimizar a impolidez. Culpeper e Terkourafi (2017, p 19) chamam a atenção para o fato de o modelo de Leech conseguir dar conta de questões não previstas por Brown e Levinson (1987), por exemplo: o enunciado “vamos jantar juntos”¹⁸ pode ser visto, em primeiro momento, como impolido, pois restringe a liberdade do ouvinte. No entanto, como é um enunciado que maximiza os benefícios ao ouvinte, pode ser entendido como polido. O quadro abaixo, retirado de Leech (1983, p 132), reflete as suas máximas:

Quadro 2- Máximas do Princípio da Polidez de Leech (1983)

(I) MÁXIMA DO TATO (em impositivos e compromissivos)
--

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Minimizar o custo ao outro¹⁹ [Maximizar o benefício ao outro] |
|--|

¹⁸ O exemplo dado por Leech utilizava-se da expressão convencional em língua inglesa “*have a drink*” (tome uma bebida), que é comumente usada em língua inglesa e, apesar de estar no modo imperativo, é vista como bastante usual e esperada quando se recebe algum convidado em casa.

¹⁹ Normalmente, em pragmática utiliza-se o par falante-ouvinte, no entanto Leech (1983, p 131-132) explica que utilizará o termo outro (tradução nossa de *other*, em inglês), porque este designa não somente as pessoas que estão ouvindo, mas também outras partes envolvidas na interação; e o termo eu (tradução nossa de *self*, em inglês), pois não designa somente quem fala, mas, em algumas situações, uma terceira parte representada.

(II) MÁXIMA DA GENEROSIDADE (em impositivos e compromissivos)
<ul style="list-style-type: none"> • Minimizar o benefício ao eu [Maximizar o benefício ao outro]
(III) MÁXIMA DA APROVAÇÃO (em expressivos e assertivos)
<ul style="list-style-type: none"> • Minimizar a desaprovação do outro [Maximizar a aprovação do outro]
(IV) MÁXIMA DA MODÉSTIA (em expressivos e assertivos)
<ul style="list-style-type: none"> • Minimizar a aprovação do eu [Maximizar a desaprovação do eu]
(V) MÁXIMA DA CONCORDÂNCIA (em assertivos)
<ul style="list-style-type: none"> • Minimizar o desacordo entre o eu e o outro [Maximizar o acordo entre o eu e o outro]
(VI) MÁXIMA DA COMPREENSÃO (em assertivos)
<ul style="list-style-type: none"> • Minimizar a incompreensão entre o eu e o outro [Maximizar a compreensão entre o eu e o outro]

Esses arcabouços teóricos, fortemente ligados à Pragmática, sobretudo no que se refere à sua relação com o PP de Grice e a Teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle, se mostram de bastante relevância para os estudos modernos da polidez. No entanto, há uma série de críticas a eles, principalmente às ferramentas analíticas. Alguns pesquisadores com base em estudos etnográficos colocam à prova a ideia de que o modelo analítico dos autores é universal.

A reivindicação do *status* de modelo universal da polidez sem um trabalho sistemático em outras línguas e culturas do mundo é uma das críticas mais evidenciadas na área de estudo. Além disso, há várias reservas em relação ao modelo de comunicação adotado pelas abordagens pragmáticas porque muitos pesquisadores o consideram demasiadamente simplificado, pois pressupõe falante e ouvinte ideais.

Uma questão levantada por Barros (2017), acerca dos modelos pragmáticos, que também pode ser vista como uma limitação, é o fato de se apresentarem como uma teoria da mitigação, concentrada no falante. Nas palavras da autora:

São modelos centrados no falante, no sentido de que é ele que antecipada e preventivamente ou produz atos mitigatórios (Brown e Levinson) ou aplica máximas conversacionais (Leech, Lakoff) como forma de prevenir possíveis reações do interlocutor. (BARROS, 2017 p. 364)

Como veremos na seção seguinte, as acepções mais discursivas e interacionais da (im)polidez defendem que a mitigação faz parte do fenômeno, contudo não encerra a discussão. Uma ideia corrente, fruto da tradição pragmática, é que a polidez sempre ocorre por meio da mitigação de enunciados potencialmente impolidos. Por exemplo, ao se utilizar do modelo de Brown e Levinson, alguns analistas consideram que em geral a indiretividade (estratégias negativas) e falta de clareza (*off record*) necessariamente implicam polidez. Contudo, se levarmos em conta os mais variados contextos de uso da língua, percebemos que as possibilidades são muito variáveis. Muitas vezes, por exemplo, o excesso de mitigação pode ser visto como insincero, arrogante, irônico e mesmo impolido. Mais à frente, vamos defender a ideia de que a (im)polidez não está apenas na língua, mas necessariamente na maneira que os recursos linguístico-discursivos (e mesmo paralinguísticos) são atualizados na interação.

Apesar dessas ressalvas, as abordagens pragmáticas apresentam como ponto forte o fato de, além de terem sido os pioneiras nos estudos da Polidez, terem feito análises detalhadas sobre as escolhas linguísticas que normalmente são associadas à polidez. Os modelos de Brown e Levinson e Leech, embora não tenham sido originados da análise de dados de forma indutiva, foram vastamente aplicados a interações (principalmente em inglês). Em vista disso, não podemos desconsiderar o fato de que as máximas e estratégias podem ser utilizadas como referência inicial para reconhecer fórmulas convencionais (e normalmente idealizadas) de polidez. As estratégias e fórmulas podem funcionar, portanto, como indícios de que há marcas de (im)polidez, contudo, devido à natureza sociointeracional deste trabalho, a simples identificação dessas marcas não pode garantir a avaliação de um discurso como (im)polido sem a devida análise das considerações, reações e questões cotextuais e contextuais na interação.

3.3.2 Abordagens Sociodiscursivas

Conforme já adiantado na subseção anterior, uma série de críticas foi lançada acerca das abordagens pragmáticas dos estudos da Polidez. Essas críticas tomam como base principal os estudiosos que se dedicaram à análise de outras línguas e culturas diferentes das ocidentais e anglófonas. Como exemplo, podemos mencionar Sachiko Ide e Shoshana Blum-Kulka, autoras apontadas por Eelen (2001); a primeira observa que boa parte dos teóricos

compreende a polidez como um conjunto de estratégias utilizadas para atingir desejos individuais, e os falantes podem, a sua própria escolha, selecionar aquelas estratégias que acham convenientes. No entanto, Ide (1989) explica que, em japonês, o uso dos honoríficos faz parte da gramática da língua e não há possibilidade de uso da forma neutra de polidez (cumprimento do PC, ou seja, fala ideal na concepção de Grice). Em japonês, o falante sempre deve optar por alguma estratégia de polidez no que se refere a formas de endereçamento, portanto as estratégias não estão à disposição da livre escolha do falante. Para explicar essa diferença, a autora desenvolve duas categorias: *volição*, estratégias escolhidas livremente pelo falante, e *discernimento*, estratégias impostas ao falante pelas línguas.

Na mesma direção, Blum-Kulka (1992) também advoga que há estratégias de polidez obrigatórias e opcionais, contudo, a autora apresenta um foco direcionado a questões culturais. Para ela, a incidência do discernimento na gramática de algumas línguas, como no caso do japonês, ocorre devido à cristalização de normas culturais na língua.

Para além das observações das autoras, há uma série de críticos que pretendem desenvolver um trabalho pós-moderno e discursivo, chegando inclusive a estabelecer uma “virada discursiva nos estudos da (im)polidez” (LINGUISTIC POLITENESS RESEARCH GROUP, 2011, p 12). Mills (2011), com base no trabalho de Eelen (2001), aponta para algumas críticas ao modelo de análise proposto por Brown e Levinson (1987), que, segundo a estudiosa, guiam de alguma forma as abordagens discursivas e pós-modernas. Os problemas apontados são: “a dependência da Teoria dos Atos de Fala, o falante ideal/individualismo, o modelo de comunicação, a definição de polidez, o entendimento sobre o papel e funções das variáveis e a premissa da natureza universal da polidez”. (MILLS, 2011, p 20-21).

A Teoria dos Atos de Fala (TAF) foi usada no modelo de Brown e Levinson (1987) como uma maneira geral de explicar a linguagem em uso. Conforme Mills (2011) observa, Brown e Levinson reconhecem problemas em relação ao uso desta teoria na revisão do seu trabalho, em 1987, contudo não apresentam alternativa de mudança. O principal problema relacionado à dependência da TAF é que outros pesquisadores, ao aplicarem o modelo teórico de Brown e Levinson nas suas pesquisas, pressupõem que um ato de fala se dá pela realização de certas formas linguísticas, ou seja, ao analisarem pedidos, elogios ou pedidos de desculpas, procuram as formas linguísticas comumente associadas a esses atos de fala nos seus dados. Holmes (1995 apud MILLS 2011) observa, no entanto, que os atos de fala podem ser

realizados de forma indireta, por exemplo, e mais ainda, as comunidades de fala podem fazer decisões particulares sobre o que considerar como um elogio ou um pedido de desculpas.

O modelo de Brown e Levinson pressupõe também um falante ideal, porque os sujeitos precisam necessariamente estar dotados de racionalidade e de um uso da língua que os possibilite alcançar seus objetivos de curto ou longo prazo. Essa premissa tem sido atacada porque toma como base uma visão ocidental e autônoma dos sujeitos, desconsidera, por exemplo, as escolhas linguístico-textuais feitas com base nas pressões e estratificações sociais ou até mesmo na própria gramática da língua, conforme as reflexões iniciadas pelos trabalhos de Ide (1989) sobre discernimento.

O modelo de comunicação também é outro aspecto que provoca críticas acerca das teorias clássicas da polidez. Conforme ressalta Mills (2011), o modelo de Brown e Levinson considera a comunicação como infalível. Isso ocorre, principalmente, porque há um claro foco no produto em detrimento do processo interacional, ao mesmo tempo em que o foco recai sobre o falante em detrimento do ouvinte.

Os fatores acima, sobretudo o ideal de falante e de comunicação, fazem com que a polidez seja entendida apenas como um mecanismo de atenuação/mitigação e gerenciamento estratégico de problemas. Contudo, pesquisas mais recentes apontam para outros conceitos e funções da polidez para além da mitigação de ameaças à face. Por exemplo, a polidez também pode ter a função de reconhecimento e manutenção da estratificação social. Ao fazer uso de um determinado pronome de tratamento, o sujeito, além de possivelmente estar evitando conflitos, está reconhecendo a sua posição social perante o outro e está aceitando o seu papel social, assim como o de seu interlocutor. Outro problema associado à questão da conceituação da polidez é a deficiente discussão sobre o que seria a impolidez. Ao enxergar a impolidez como a sumária falta de polidez, é difícil explicar, por exemplo, o que leva um sujeito a quebrar o PP, ainda mais como discutir a avaliação de um ato que intenciona ser polido, mas é interpretado como impolido.

Nessa mesma direção, talvez, a principal das críticas a Brown e Levinson (1987) tenha sido relativa à universalidade. O modelo proposto pelos estudiosos, apesar de considerar algumas variáveis, pretende ser universal e aplicável a todas as culturas, porque a polidez é vista basicamente como uma forma de preservação da face. Pelos motivos expostos acima, nota--se que há diversas variáveis culturais e interacionais que tornam a universalidade uma

forma etnocêntrica (sobretudo ocidental e anglófona) de observar a polidez nas diversas culturas.

A partir dessas críticas, outras perspectivas foram surgindo. Na opinião de Culpeper e Terkourafi (2017), por algum tempo, as considerações teóricas da polidez ficaram concentradas ora na reparação de problemas pontuais dos modelos pragmáticos, ora na aplicação desses modelos a contextos e línguas variados, e, por essa razão, ocorreu certa estagnação teórica. A observação do autor faz bastante sentido, porque Mills (2011) explica que as teorias discursivas da (im)polidez não foram originalmente pensadas para constituir um grupo, tão pouco são homogêneas nos seus princípios e pressupostos. O que acontece, no entanto, são pontos de semelhança que fazem com que a autora possa, de maneira geral, agrupar essas perspectivas na mesma categoria, sendo um dos pontos mais importantes a discordância com o modelo de Brown e Levinson.

Sobre o termo discursivo, Mills pontua que:

Houve uma virada discursiva nas pesquisas sobre polidez. Com isso, quero dizer que os teóricos não estão mais satisfeitos em analisar a polidez e a impolidez como se elas fossem realizadas por meio do uso isolado de expressões e sentenças. Está claro que a polidez e a impolidez são, além de outras coisas, julgamentos sobre fenômenos linguísticos, e julgamentos são normalmente constituídos em uma série de turnos ou até mesmo em maiores porções de interação. Além do mais, os estudiosos que se utilizam de uma abordagem discursiva normalmente estão preocupados com questões de contexto. Portanto, os teóricos discursivos não focam na polidez no nível das expressões ou sentenças e não assumem que a polidez em algum sentido é inerente às palavras empregadas no discurso.²⁰ (MILLS, 2011 p 26)

Mills (2011) argumenta que o que ela chama de abordagens discursivas nos estudos da (im)polidez, na verdade, é um conjunto de abordagens teóricas que se originam de diferentes teorias do discurso, que muitas vezes chegam a discordar entre si. Como exemplos de embasamentos teóricos que dão origem a perspectivas nos estudos da (im)polidez, a autora

²⁰There has been a discursive tum in politeness research. By this, I mean that theorists are no longer content to analyse politeness and impoliteness as if they were realised through the use of isolated phrases and sentences. It is clear that politeness and impoliteness are, amongst other things, judgements about linguistic phenomena and judgements are generally constituted over a number of turns or even over much longer stretches of interaction. Furthermore, theorists who take a discursive approach generally are concerned with issues of context. Thus, discursive theorists do not focus on politeness at the level of the phrase or sentence, and do not assume that politeness is in some sense inherent in the words used.

enumera: a teoria social de Bourdieu, a noção de Comunidade de Prática de Wenger, a Teoria da Relevância, o conceito de Enquadre e a Análise da Conversa Etnometodológica.

É notável que os embasamentos teóricos citados pela autora já demonstram certa heterogeneidade na abordagem que os diversos teóricos discursivos da (im)polidez possuem. No entanto, ainda faz sentido agrupá-los dessa forma, pois há pontos comuns entre todos eles, como defende Haugh (2007, p. 297), “as abordagens discursivas não só abandonam o desenvolvimento de uma teoria da polidez unicamente preditiva e pré-estabelecida, mas também qualquer tentativa de criar uma teoria universal, que se aplique a qualquer cultura”.²¹Consequentemente, acredito que a ideia que os autores defendem é a de que os estudos discursivos da (im)polidez devem se pautar mais nos processos envolvidos no discurso do que na criação de modelos infalíveis de análise da (im)polidez.

Ainda sobre as semelhanças das abordagens discursivas da (im)polidez, Mills (2011, p. 35) aponta para três características principais:

- Os teóricos que estudam a (im)polidez sob o viés discursivo compartilham a ideia de que o fenômeno não reside no enunciado em si e estão interessados também nas relações entre polidez e impolidez.
- As abordagens também estão interessadas nas relações entre indivíduos, sociedade e (im)polidez. Consequentemente, trabalham com a ideia de identidades construídas conjuntamente pela interação.
- Os estudiosos que estudam a (im)polidez de forma discursiva geralmente partilham de certos princípios metodológicos. Normalmente, eles questionam o papel do analista e focam na análise do contexto, assim como estão mais interessados nas questões relacionadas ao julgamento ou avaliação da (im)polidez.

Sobre o último ponto levantado acima, cabe-me agora expor mais detalhadamente a ideia de (im)polidez como avaliação dos discursos, pois ela é fundamental para esta pesquisa, haja vista o título deste trabalho.

²¹[...] the discursive approach abandons the pursuit of not only an a priori predictive theory of politeness or a postfacto descriptive theory of politeness, but also any attempts to develop a universal, cross-culturally valid theory of politeness altogether.

Por meio das leituras sobre as abordagens pragmáticas da polidez, podemos perceber que, nas principais abordagens clássicas, o conceito de polidez é definido como uma teoria da mitigação, em que os falantes aplicam máximas ou estratégias para evitar conflitos. Considerando as diversas perspectivas de estudo da (im)polidez (clássicas ou não), Eelen (2001) categoriza as abordagens de duas formas: de um lado, o estudo da Polidez 1, ou seja, a polidez como ela é compreendida pelos interactantes; do outro lado, a Polidez 2, que se caracteriza pelo esforço teórico dos acadêmicos em determinar que estruturas e estratégias discursivas são polidas ou ameaçadoras. A abordagem de Brown e Levinson é, portanto, uma abordagem da Polidez 2, pois os pesquisadores é que ficam a cargo de, por exemplo, entender que um determinado número de estratégias é classificado como polido (polidez positiva, negativa e *off-record*) em oposição a outro grupo (im)polido ou neutro. Para esses estudiosos, certas formulações linguísticas já são previamente classificadas como (im)polidas.

Por outro lado, Eelen (2001) explica que há concepções teóricas que se preocupam mais especificamente com os processos de avaliação do discurso tal como é feito por falantes ordinários, inseridos dentro de um contexto situacional e sociocultural. Blum-Kulka (1992), por exemplo, pesquisa como falantes israelenses entendem a (im)polidez, por meio de métodos de autorrelato como questionários e *role-plays*. A autora chegou a conclusões curiosas como a de que alguns israelenses associam a ideia de polidez (como mitigação) a aspectos negativos como a falta de sinceridade ou vontade de ludibriar os interlocutores.

Ao considerar o estudo da Polidez 1, ou seja, a percepção dos próprios interactantes em relação ao que é (im)polido, surge o conceito de avaliatividade²². Nas palavras de Eelen:

Diariamente, a (im)polidez ocorre nem tanto quando o falante produz o comportamento, mas quando o ouvinte avalia o comportamento [...] a essência da (im)polidez está nesse momento avaliativo. Mesmo que haja ouvintes avaliando falantes, falantes avaliando a si próprios, ou informantes avaliando falantes hipotéticos ou enunciados, esse momento avaliativo sempre estará presente. De fato, na prática este parece ser o único jeito que a (im)polidez possa ser estudada. A avaliação é, portanto, a maneira primordial de ser da (im)polidez.²³²⁴(EELLEN, 2001, p. 109)

²²*evaluativity* em língua inglesa

²³ênfase minha.

²⁴In everyday practice (im)politeness occurs not so much when the speaker produces behaviour but rather when the hearer evaluates that behavior [...] the very essence of (im)politeness lies in this evaluative moment. Whether it involves hearers evaluating speakers, speakers evaluating themselves, or informants evaluating hypothetical speakers or utterances, the evaluative moment is always present. Indeed, in practice it proves to be

A concepção desse projeto corrobora com Eelen no sentido de que a (im)polidez emerge, na verdade, da avaliação. Consequentemente, os discursos e comportamentos têm por característica a avaliatividade, ou seja, podem ser avaliados de maneira variável a partir da sua função dentro da interação. Essas avaliações da (im)polidez são entendidas por Haugh (2013) como práticas sociais, ou seja, não são carregadas pelos falantes como regras estanques, mas são estabelecidas por meio da avaliação da linguagem situada em contextos interacionais específicos.

Dessa forma, compreendo que não podemos afirmar com certeza se uma estrutura de pergunta indireta, por exemplo, será considerada como polida, impolida, polida de forma jocosa, irônica, nem polida, nem impolida, ofensiva ou irônica. É a análise do contexto interacional associada a questões socio-históricas que entrará em jogo para a avaliação da (im)polidez.

Seguindo essa linha de pensamento, Spencer-Oatey (2005, p. 97) acredita que a (im)polidez “é o julgamento subjetivo que as pessoas fazem sobre a adequação social de um comportamento linguístico ou não”²⁵. A autora corrobora, portanto, com a visão de que a percepção da (im)polidez se dá a partir de julgamentos, – ou avaliações, conforme prefere Eelen (2001) – feitos com base nas expectativas dos interactantes. Spencer-Oatey (2005) explica que essas expectativas estão baseadas nas crenças sobre o comportamento, ou seja, no que é prescrito, permitido e proscrito.

Os comportamentos prescritos são aqueles que estão de acordo com a lei, ou seja, que as pessoas estão obrigadas a seguir e esperam que as outras pessoas também o façam. Um exemplo desses comportamentos são as leis de trânsito, as quais são previstas pela legislação, e o não cumprimento delas é penalizado também pela força legal. De outro lado, estão os comportamentos proscritos, ou seja, proibidos também pelas leis, como exemplo, a autora cita as falas de cunho racista, cuja realização pode provocar consequências criminais. Por sua vez, os comportamentos permitidos são aceitáveis e não são tecnicamente prescritos, nem proscritos.

the only way in which (im)politeness can be studied. Evaluation is thus the basic, primordial mode of being of (im)politeness.

²⁵I take (im)politeness to be the subjective judgments that people make about the social appropriateness of verbal and non-verbal behavior.

Sobre os comportamentos permitidos, há aqueles que não são socialmente esperados, mas são considerados desejáveis, por isso são vistos como polidos na perspectiva de Watts (2003). Por outro lado, há os comportamentos permitidos e socialmente esperados, e são, portanto, chamados de comportamentos políticos (por WATTS 2003) ou polidez não-marcada (por SPENCER-OATEY, 2005).

Watts (2003), um dos primeiros autores a desenvolver uma perspectiva discursiva nos estudos da Polidez, fez essa diferenciação fundamental para a área. Na perspectiva do autor, a polidez ocorre quando há elaboração para que o discurso se pareça polido. Expressões normalmente associadas à polidez, como cumprimentos e formas de tratamento, muitas vezes não representam uma elaboração para que o discurso pareça polido, na verdade, são formas esperadas na convivência humana e, por isso, são consideradas comportamentos políticos, ou seja, uma polidez não marcada.

Watts (2003) ainda advoga que as avaliações da (im)polidez podem ser feitas pelo trabalho do analista, contanto que este esteja à procura de conclusões análogas às dos interactantes. Para formulação de sua perspectiva teórica, o estudioso busca, por meio da análise etnometodológica de dados variados de interlocuções públicas e privadas, exemplificar casos de (im)polidez marcados e de comportamentos políticos. A proposta etnometodológica do estudioso pretende compreender o processo de avaliação da (im)polidez por meio da observação das reações dos interlocutores.

Ainda sobre a avaliatividade dos discursos, Haugh (2013) propõe que a avaliação da (im)polidez se dá pela inter-relação dos sentidos pragmáticos colocados em confronto com a ordem moral. Propõe, conseqüentemente, uma análise dessas avaliações por meio de uma abordagem também etnometodológica, que, segundo o autor, expande o modelo de comunicação, que passa a levar em consideração não apenas a relação entre falante e ouvinte, mas principalmente os papéis que estes ocupam na interação.

A questão da avaliação interessa de forma marcante a concepção deste trabalho porque, se compreendemos que a (im)polidez é um processo avaliativo e uma prática social, tal como defendem Eelen (2001) e Haugh (2013), devemos nos questionar, portanto, sob que critérios essas avaliações acontecem. Afinal de contas, todas as avaliações são feitas por meio de julgamentos com base em critérios.

Ainda sobre as avaliações, recorreremos à noção de (im)polidez defendida por Spencer-Oatey (2005) que entende o termo (im)polidez como

um termo guarda-chuva que cobre todos os sentidos avaliativos (por exemplo, afetuoso, amigável, respeitoso, cordial, insolente, agressivo, rude). Esses sentidos podem ter uma conotação positiva, negativa ou neutra, e os julgamentos podem impactar as percepções das pessoas de suas relações sociais e de boa convivência ou (des)harmonia que existe entre elas.²⁶ (SPENCER-OATEY, 2005 p. 97)

Portanto, neste trabalho, defendo, inspirado pela autora, a ideia de que a (im)polidez designa, na verdade, um conjunto de sentidos avaliativos – inclusive mais numerosos do que esses apresentados acima – obtidos por meio da avaliação dos participantes de uma interação, levando em consideração o contexto e aspectos socio-históricos.

Este trabalho busca, portanto, descrever a configuração e o funcionamento da (im)polidez em discussões no *Facebook*. Busco, por conseguinte, identificar as avaliações dos discursos em interações nesse *site* de redes sociais alinhando-me à proposta de Watts (2003) de verificar como ocorre a (im)polidez por meio da observação e análise situada de interações.

3.4 ESTUDOS DA IMPOLIDEZ

Conforme vimos na subseção 3.1, a impolidez parece pouco abordada nas principais perspectivas teóricas. De fato, é possível classificar os estudos da impolidez como emergentes na Linguística. Apesar de haver diversos trabalhos contemporâneos acerca desse tema, se observarmos a história dos estudos da (im)polidez como um todo, perceberemos que, por muito tempo, a impolidez foi deixada de lado.

Culpeper e Hardarker (2017) ressaltam que isso se deve ao fato de que as abordagens pragmáticas dos estudos da polidez consideravam a impolidez como uma anomalia ou uma falha em um princípio interacional básico, o PP. Em razão dessa observação, a impolidez não merecia tratamento sistemático e descritivo, o que é muito curioso, pois os casos de impolidez parecem saltar mais aos olhos do que os casos de polidez, pois, segundo os autores, as interações harmoniosas são mais frequentes nas vidas das pessoas. Por outro lado, a ofensa e a

²⁶an umbrella term that covers all kinds of evaluative meanings (e. g. warm, friendly, considerate, respectful, deferential, insolent, aggressive, rude). These meanings can have positive, negative or neutral connotations, and the judgments can impact upon people's perceptions of their social relations and the rapport or (dis)harmony that exists between them.

desarmonia frequentemente estão associadas a emoções negativas que chamam mais a atenção tanto das pessoas que passam por ela como participantes ativos quanto das pessoas que observam as situações como audiência.

No entanto, é importante destacar que esse quadro vem mudando com o tempo e o número de trabalhos com a impolidez vem aumentando, sobretudo em decorrência da consolidação das abordagens discursivas dos estudos da (im)polidez que veem sistematicidade e complexidade nas interações em que a impolidez prevalece. Alguns autores, dentre os quais Blitvich (2010) e Culpeper e Hardarker (2017), afirmam que 2008 ficou conhecido como o ano da impolidez, haja vista o aumento significativo no número de trabalhos sobre essa temática.

Nesta subseção, apresento de forma panorâmica como se deu o início do interesse teórico acerca da impolidez e como ele se desenvolve na contemporaneidade. Culpeper e Hardarker (2017) destacam que há diversos trabalhos sobre a impolidez em outras áreas fora da Linguística. Esses trabalhos focam, sobretudo, em estudos de comportamentos não verbais considerados impolidos, por exemplo, a disputa por espaço em ambientes superlotados.

Esses trabalhos concentravam-se na análise de questionários e entrevistas em que os informantes relatavam situações de impolidez e associavam os comportamentos a emoções como raiva, desconforto, frustração, etc. Já no campo da Linguística, principalmente nos estudos da pragmática, o interesse geral era nas estratégias e máximas relacionadas ao PP (Princípio da Polidez). Como já apontado acima, a impolidez era vista como um comportamento anômalo, um desvio de um dos princípios básicos da interação, a polidez.

Culpeper (1996) não foi o primeiro trabalho de Linguística a se preocupar com o assunto, porém certamente foi o primeiro a ganhar notoriedade na área. Neste primeiro momento, o autor estava interessado em mostrar para a comunidade de linguistas que a impolidez, na verdade, apresenta sistematicidade e é digna do escrutínio científico, assim como a polidez.

O recurso encontrado por Culpeper, nesse momento, foi o desenvolvimento de um modelo muito semelhante ao de Brown e Levinson (1987), só que acerca do lado inverso da moeda, a impolidez. Enquanto estes autores sustentavam a sua teoria com a noção de que os interactantes, por essência, protegem as suas próprias faces e a de seus interlocutores, Culpeper (1996) parte da ideia de que, em algumas situações, os interactantes atacam as faces de seus interlocutores, em vez de preservá-las.

Por meio deste trabalho, podemos ver, de certa maneira, uma mudança de paradigma, pois, se os modelos então vigentes diziam que somos essencialmente seres polidos, que buscam a harmonia nas interações humanas, o artigo de Culpeper advoga que, em alguns contextos, os seres humanos buscam, na verdade, o conflito e a discordância. Portanto, a impolidez deixa de ser tratada apenas como a falta de polidez e passa a merecer um tratamento compatível com sua complexidade e importância.

Em relação ao aparato analítico apresentado pelo autor, vemos praticamente uma transposição do modelo de Brown e Levinson (1987) da polidez para a lógica da impolidez. Se no modelo da polidez havia superestratégias de proteção da face, no modelo da impolidez, há estratégias de ataque à face, conforme ilustra o quadro abaixo:

Quadro 3- Superestratégias de Impolidez de Culpeper

Impolidez <i>bald on record</i>: o Ato de Ameaça a Fala (FTA) é realizado de maneira direta, clara, concisa e sem ambiguidade, em circunstâncias em que a face não é irrelevante ou minimizada.
Impolidez positiva: o uso de estratégias para atacar a face positiva (desejo de ser aceito) do interlocutor.
Impolidez negativa: o uso de estratégias para atacar a face negativa (desejo de ser livre) do interlocutor.
Sarcasmo ou impolidez simulada: o FTA é realizado por meio de estratégias de polidez deliberadamente falsas.
Polidez retida: quando uma estratégia de polidez não é utilizada em um contexto esperado.

Retirado de Culpeper (1996, p. 356)

Culpeper também apresenta um conjunto de estratégias de produção positivas e negativas que ilustrariam as escolhas linguísticas associadas ao comportamento impolido:

Quadro 4- Estratégias de Produção da Impolidez

SUPERESTRATÉGIAS	ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO
------------------	-------------------------

Positivas	<ul style="list-style-type: none"> • Ignorar ou desprezar o outro • Desassociar-se ao outro • Demonstrar desinteresse ou incompreensão • Usar marcadores de identificação inapropriadamente • Usar linguagem obscura ou secreta • Buscar o desacordo (pela seleção tópica, por exemplo) • Fazer com que o outro se sinta desconfortável • Usar palavras tabu • Usar palavrões com o outro
Negativas	<ul style="list-style-type: none"> • Amedrontar • Ser arrogante, menosprezar ou ridicularizar • Invadir o espaço do outro • Explicitamente associar-se ao outro de maneira forçada • Ressaltar o compromisso (dívida) do outro

Retirado de Culpeper (1996, p. 357-358)

A esse modelo teórico, várias críticas foram lançadas, muitas das quais tiveram origem nas mesmas oposições feitas ao modelo de Brown e Levinson (1987) já comentadas nesta seção como um todo. Contudo, é relevante destacar que essa abordagem é a responsável por dar tratamento analítico à impolidez.

Tendo em mente uma das principais críticas ao seu primeiro modelo, notadamente a ideia de estratégias, Culpeper (2011), agora com outra orientação epistemológica, concentra seus estudos na formulação de um quadro de expressões convencionais de impolidez – ilustradas no Quadro 5 abaixo. As expressões se diferenciam das estratégias, sobretudo pela forma como são estabelecidas.

Quadro 5- Fórmulas Convencionais de Impolidez

Fórmulas convencionais de impolidez	Exemplo
Insulto (vocativos negativos personalizados)	seu idiota
Insulto (afirmações negativas personalizadas)	you é uma puta
Insulto (referências negativas personalizadas)	no seu cu
Insulto (referência negativa a outra pessoa na presença do alvo)	aquela tapada
Crítica/reclamação acentuada	Isso tá uma merda
Desafio, perguntas ou pressuposições desagradáveis	Por que você faz a minha vida impossível?
Arrogância	Você está sendo infantil
Reforços de mensagens	Escuta aqui!
Dispensas	Vai se foder (no sentido de sai daqui)
Silenciadores	Cala tua boca
Ameaças	Eu vou dar um tiro na porra da tua cabeça se você tocar no meu carro
Maldições e maldizeres	Vá tomar no cu

Retirado e traduzido de Culpeper (2011 p 135-6)

Enquanto as estratégias são o produto final de uma teoria preditiva e dedutiva da impolidez, as expressões convencionais são, na verdade, o resultado de análises indutivas de diversas interações reais. Para chegar aos seus resultados das expressões que em geral são associadas à impolidez, Culpeper (2011) se dedicou à análise de interações em que a

impolidez parece ser o padrão, por exemplo, programas de TV de “baixaria”, treinamentos militares e pichações. Além disso, o pesquisador coletou questionários autorreflexivos respondidos por mais de 150 alunos de graduação britânicos. O autor destaca que as expressões convencionais de impolidez não devem encerrar a discussão sobre o fenômeno, são apenas pontos de partida, pois nenhuma expressão linguística é inerentemente polida ou impolida. A avaliação da (im)polidez só pode ser feita por meio das análises cotextuais e contextuais.

É importante observar ainda duas escolhas metodológicas fundamentais para a mudança de paradigma do autor. A primeira delas é a necessária análise de interações, os resultados do autor não prescindem uma análise de contextos reais de interações, portanto, não são mais fruto único e exclusivo da previsão teórica. Outra questão importante foi a escolha dos dados, pois muitos pesquisadores relatam a dificuldade de conseguirem autorização para utilizar dados reais de impolidez, mas o foco em interações que apresentam a impolidez como padrão parece ser uma boa estratégia.

Para definição dessas expressões convencionais de impolidez, Culpeper (2011) explica que se inspirou na perspectiva de Terkourafi (2005) acerca da polidez. Esta autora defende que certas expressões de polidez tornam-se convencionais nas línguas quando passam a ter seu sentido não desafiado em determinados contextos²⁷. A maneira que a autora encontra para delimitação dessas expressões é a análise estatística de contextos em que elas aparecem.

Culpeper (2011), inspirado na proposição da autora, também acredita nessa ligação entre contextos e expressões verbais associadas à polidez. Entretanto, o autor percebe que a impolidez, diferentemente da polidez, é normalmente desafiada. Em outras palavras, enquanto a polidez resulta normalmente em interações respeitadas e harmoniosas, a impolidez normalmente está associada a emoções de cunho negativo, como raiva, desconforto, humilhação, arrogância etc.

Sobre essa questão, Culpeper ressalta:

[p]oucas pesquisas empíricas dentro da Linguística focaram nas emoções que são associadas à impolidez. Culpeper (2011a, pp 63-65) levantou a

²⁷Conforme explicitarei durante essa seção, há autores que não avaliariam essas expressões convencionais de polidez como polidez de fato. Para Watts (2003), esses seriam, na verdade, casos de comportamentos políticos, como, por exemplo, os cumprimentos (bom dia, boa tarde), formas convencionais de agradecimento (obrigado, agradecido), expressões convencionais de pedidos (por favor, por obséquio). Spencer-Oatey (2005), por sua vez, prefere chamar de polidez não marcada, ou comportamentos permitidos esperados.

hipótese de que diferentes emoções são sentidas pelo alvo de uma experiência de ataque à face (ser chamado de idiota, por exemplo), em comparação a quem sofre impolidez relacionada ao ataque de seus direitos (quando alguém lhe toma o lugar na fila, por exemplo). Um estudo que consistiu na análise de 100 relatos de estudantes de graduação britânicos, nos quais os alunos documentaram conversas que haviam lhes causado uma sensação ruim, ajudam a confirmar essa hipótese. Em episódios de ataque à face, os descritores das emoções podem ser agrupados em *envergonhado*, *humilhado*, *tolo*, *magoado* e *chateado*. Em relatos relacionados à impolidez sobre a ameaça de direitos sociais, especialmente os relacionados à equidade (tratamento justo e recíproco), aqueles descritores foram importantes também, mas vimos uma duplicação de itens relacionados à raiva. Esses dados são vastamente consistentes às conclusões de Smith *et. al.* (2010), que estudou as percepções de interações entre estranhos na Austrália, a raiva foi a emoção mais forte experimentada pelas “vítimas” (2010 p 81)²⁸²⁹. (CULPEPER e HADAKER, 2017, p. 205)

Dessa maneira, o autor acaba apontando uma característica importante da impolidez, a de que ela é associada a emoções, como raiva, vergonha, humilhação, etc. Essa consideração traz uma importante consequência metodológica, a relevância de se trabalhar com instrumentos que provoquem a reflexão nos interactantes, tais como relatos, questionários e entrevistas.

Parece-me que os estudos da impolidez merecem bastante destaque nas análises que essa tese pretende traçar, pois as interações em *sites* de redes sociais estão propensas ao surgimento de situações de conflito e violência/ofensa verbal. Conforme destaca Recuero (2015), diferentemente das interações face a face, nas quais os interactantes precisam estar espacialmente próximos, recebendo retornos instantâneos, nas interações em *sites* de redes sociais, os usuários estão normalmente distantes e, conseqüentemente, estão menos atentos às consequências do que pode ser avaliado como impolido. Além disso, a interação no *Facebook* ainda pode ser marcada pelo anonimato e pela falsidade, que diminuem a responsabilidade

²⁸aspas e itálico do autor.

²⁹Little empirical research within linguistics has focused on the emotions that are associated with impoliteness. Culpeper (2011a, pp. 63–5) hypothesized that different emotions are felt by the target when they experience facerelated impoliteness (e.g. being called a moron) as opposed to rights-related impoliteness (e.g. someone jumping ahead of them in a queue). A study consisting of 100 reports supplied by British undergraduates in which the students documented conversations that had caused them to feel bad lent support to this hypothesis. For reports of face-related events, descriptors of emotions clustered into groups such as *embarrassed*, *humiliated*, *stupid*, *hurt* and *upset*. For reports of sociality rights-related impoliteness, specifically to do with equity (i.e. fair, reciprocal treatment), those groups were important too, but we see a doubling of items relating to *anger*. This is broadly consistent with Smith et al. (2010), who studied perceptions of interactions between strangers in Australia; anger was the strongest emotion experienced by ‘victims’ (2010, p. 81).

dos interactantes sobre aquilo que dizem, e podem, por conseguinte, fomentar contextos conflituosos.

Em resumo, esta seção se encerra com as principais abordagens teóricas as quais embasam as análises deste trabalho e a seções subsequentes. Iniciei pela apresentação dos fundamentos interacionais, os quais fundamentam a noção de linguagem predominantes nas análises, posteriormente as questões socio-históricas ao redor do conceito de interação *on-line* e, finalmente, os principais estudos da (im)polidez. A seção seguinte apresenta como as teorias apresentadas aqui podem ser (re)pensadas e adaptadas ao contexto de análise de textos *on-line*.

4 APARATO DE ANÁLISE DA (IM)POLÍDEZ EM POSTS *ON-LINE*

Esta seção emergiu particularmente da necessidade de trabalhar com os dados no *Facebook*. Em função da natureza fortemente ideológica, principalmente dos ataques realizados nas discussões no *Facebook*, foi impossível não considerar a função da **ideologia** e dos **processos de identificação** nas análises aqui empreendidas. Além disso, também se fez necessário readaptar os conceitos de *footing*, **estrutura de participação** e **formato de produção**, cuja conceituação original se restringiu ao contexto de interação face a face.

Para tanto, essa seção empreende um exercício de análise em que se mesclam a fundamentação teórica com a análise dos dados, haja vista a quantidade de ilustrações desempenhadas nessa seção. Primeiramente, defino e discuto o conceito de **ideologia** e faço uma escolha teórica de considerá-la como o conjunto de crenças, comportamentos e conhecimentos associados a um grupo. Ademais, apresento um exemplo de como a ideologia se faz presente em um dos dados dessa pesquisa, o qual demonstra a natureza ideológica das marcas de impolidez.

Posteriormente, a noção de **identidade** é definida como uma forma de posicionamento ideológico do eu e dos outros que emerge das interações, conforme discutem os trabalhos de Bucholtz e Hall (2004a, 2004b, 2005) acerca da concepção interacional de **identidades**. Além disso, o conceito de identidades é diferenciado do conceito de faces (GOFFMAN, 1982), em que o primeiro está relacionado a processos de identificação ideológicos e o segundo à projeção positiva e individual do eu na interação.

Finalmente, a seção aborda a adaptação dos conceitos de Goffman (1981) para a realidade das interações *on-line*, o que implica uma modificação nas categorias de análise propostas pelo autor em função das funcionalidades técnicas que medeiam o acesso dos interactantes à linguagem. Em vista do exposto, esta seção apresenta um exercício de análise e apresentação de aspectos teóricos ilustrados simultaneamente.

4.1 IDEOLOGIA E (IM)POLIDEZ

Neste estudo, adotamos uma abordagem da (im)polidez de natureza sociointerativa, de modo a descrever esse fenômeno em interações no *Facebook*. Esta subseção é dedicada particularmente às relações entre a ideologia e a (im)polidez em decorrência da importância desses conceitos nas análises dos dados.

Conforme vimos nas seções anteriores, acerca das abordagens da (im)polidez de base pragmática e discursiva, os estudos da (im)polidez tiveram uma mudança de foco. Grosso modo, as abordagens discursivas passaram a embasar suas descobertas por meio do estudo situado de interações reais. Por essa razão, viu-se a necessidade de tratar de tópicos interdisciplinares que não estão apenas dentro do campo da Linguística. Um desses aspectos que chamam atenção na análise dos nossos dados – discussões no *Facebook* – é a ideologia, pois verifiquei, conforme exibido na seção 5, que boa parte das marcas de (im)polidez tem natureza ideológica, em outras palavras, muito mais do que se relacionarem a questões de natureza individual, são direcionadas a características e ideias de um grupo social específico.

Antes de nos aprofundarmos nas análises dos dados, é relevante, nesse momento, definir o que é entendido como ideologia e como ela está relacionada à (im)polidez. Primeiramente, assim como a (im)polidez, a ideologia também tem duas acepções mais gerais: uma relacionada às concepções ordinárias de falantes comuns; outra relacionada a uma corrente de estudo que se dedica ao estudo da ideologia.

Conforme Kienpointner e Stopfner (2017) afirmam, no senso comum, a ideologia normalmente recebe um sentido pejorativo, geralmente atribuído àqueles que não conseguem ver a realidade, pois sempre estão influenciados pelas ideias de outros. Por outro lado, as abordagens de estudo das ideologias normalmente pretendem compreender as ideias que estão por trás dos discursos e discutir as relações entre elas.

Em meio a essas definições excessivamente generalizadas da ideologia, há diferentes conceitos teóricos que desenvolveram explicações mais detalhadas acerca do conceito. Kienpointner e Stopfner (2017) apontam que a preocupação com a ideologia inicia-se desde a Grécia Antiga, contudo é na Revolução Francesa que o termo é cunhado pelo aristocrata e revolucionário Antoine Destruitt de Tracy. O pensador pretendia introduzir a ciência das ideias como um ramo da zoologia que pretendia buscar a genealogia científica das ideias, o que poderia não apenas revelar a origem do pensamento, mas também trazer discernimento e distanciamento de atitudes errôneas.

Como a ideologia como ciência também abordava questões políticas, Napoleão Bonaparte foi um dos seus maiores opositores, reconfigurando o termo como um conjunto de ideias políticas de oposição, o que faz parte da concepção ordinária e pejorativa que por vezes vemos em conversas do cotidiano. Esta concepção, no entanto, foi a que, em certa medida, inspirou o conceito de Marx e Engels ([1867] 2007) para criticar a ideologia burguesa. De acordo com a lógica marxista, a consciência está diretamente ligada à sua condição material, ou seja, aqueles que dominam os meios de produção também exercem um domínio sobre a consciência/pensamento dos outros. De acordo com essa linha de raciocínio, uma classe dominante exerce controle ideológico sobre as classes dominadas. A ideologia serve, nesse contexto, à manutenção de classes e de valores associados a um determinado grupo de pessoas (classe dominante).

Por sua vez, Eagleton (1994), cuja preocupação reside na definição e defesa do conceito de ideologia, explica que não há uma teoria única sobre a ideologia, mas um conjunto de definições acerca desse conceito que podem ser listadas dessa forma:

- a. O processo de produção de sentidos, signos e valores na vida social.
- b. Um corpo de ideias características de um grupo social particular ou classe.
- c. Ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante.
- d. Ideias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante.
- e. Comunicação sistematicamente distorcida.
- f. Aquilo que oferece uma posição ao sujeito.
- g. Formas de pensamento motivadas por interesses sociais.
- h. Pensamentos identitários.
- i. Ilusão socialmente necessária.
- j. A conjuntura do discurso e poder.
- k. O meio pelo qual atores sociais conscientes fazem sentido no mundo.
- l. Conjunto de crenças orientadas para ação.
- m. A confusão da realidade linguística e fenomenológica.
- n. O meio necessário pelo qual indivíduos vivem suas relações com a estrutura social.
- o. O processo pelo qual a vida social é convertida a uma realidade natural.

(EGLEATON, 1994 p. 1-2)

Considerando esse quadro, Eagleton explica que muitas dessas definições contradizem umas às outras, o que demonstra toda a complexidade da temática. Podemos perceber que algumas acepções são negativas ou pejorativas (d, e), pois trazem a ideia de dissimulação; os itens “k” e “i” discordam em relação à consciência; e a maior parte de itens corrobora com a

ideia de vida ou convívio social (a, b, g, h, n), particularmente os itens “b” e “h” que relacionam a ideia de ideologia às noções de pertencimento a grupos sociais.

No caso dos dados estudados neste trabalho, a noção de ideologia como necessariamente relacionada ao pertencimento de grupos parece-me valiosa, pois, conforme apontam os resultados da pesquisa, explorados na seção 5, várias situações de (im)polidez decorrem da preservação ou do ataque de identidades diretamente relacionadas à orientação ideológica dos interactantes, sobretudo no que diz respeito às suas visões políticas.

Em vista do exposto, sem desmerecer as diversas acepções do que vem a ser entendido por ideologias, compreendo, neste trabalho, que este conceito se refere a

não apenas a conjuntos de crenças, mas a crenças socialmente partilhadas de um grupo. Essas crenças são adquiridas, usadas e modificadas em situações sociais, e com base nos interesses sociais dos grupos e nas relações sociais entre grupos em complexas estruturas sociais.³⁰(VAN DIJK, 1998 p 135)

Certamente, não podemos deixar de lado, pois é uma ideia também defendida pelo autor, a de que o mundo não é um ambiente ideal e igualitário em que todos os grupos têm igual acesso ao poder. É evidente que há grupos sociais que detêm privilégios históricos, o que acaba gerando diversos casos de ideologias opressoras, como o machismo, o racismo e o classismo.

Kienpointner e Stopfner (2017) chamam atenção inclusive para o fato de que algumas ideologias impõem avaliações de (im)polidez que se cristalizam na língua. Vejamos, por exemplo, que muitas fórmulas convencionais de impolidez em língua portuguesa têm o machismo ou classismo em sua origem, como, por exemplo, os insultos: filho da puta (machismo), ralé (classismo).

Em vista do exposto, percebo, inspirado por Van Dijk (1998), que há ideologias tanto de grupos opressores quanto de grupos oprimidos, a diferença principal reside no acesso que essas ideologias ganham nas instâncias de poder e a maneira como elas são valorizadas. A fim de elucidar como o conceito de ideologia é abordado nos casos de (im)polidez, vejamos o exemplo 4.1, do Texto 2, a seguir:

³⁰Ideologies are not merely sets of beliefs, but socially shared beliefs of groups. These beliefs are acquired, used and changed in social situations, and on the basis of the social interests of groups and social relations between groups in complex social structures.

Exemplo 4.1

Postagem	<p>Autora do post compartilhou uma postagem</p> <p>← Tweet</p>  <p>se vc acha aborto tão errado, vai lá ajudar essa mãe desesperada a criar</p> <p>vai arranjar advogado p ela ter condições de cobrar pensão</p> <p>vai conseguir vaga na creche pra ela poder trabalhar</p> <p>agora se vc nao vai fazer nada disso, cala a boca e nao se mete no que nao é da sua conta</p> <p>6.253 Retweets 10,5K Curtidas</p>
Comentários	<p>Comentador 1: Autora do post, com esses comentários que você fez eu, de fato, fiquei chateado.</p> <p>Estou por aqui pensando que você quer tirar a sua criança. Por favor, Autora do post, não faça isso.</p> <p>Se você fizer isso, de fato, a mãe de Deus vai ficar preocupada e as coisas não vão caminhar. Continue com a sua criança que tudo dá certo.</p> <p>Saiba. Se você precisar da minha ajuda, estarei aqui pra te ajudar e te amparar. Dinheiro, uma casa pra morar, várias e várias palavras de incentivo e tudo o mais que você quiser.</p> <p>Essa é a verdade, minha amiga. Saiba. A vida é uma glória de Deus e a gente precisa dela pra tudo caminhar. Fica aí um abraço pra você. Muita saúde e a gente se fala.</p> <p>Autora do post: Não, Comentador A, não quero tirar a minha criança. Mas continuo apoiando as mulheres que querem e precisam. Isso é escolha delas. Mas agradeço a sua proposta de amparo.</p> <p>Comentadora 2: No uterus, no opinion. Por favor.</p>

No exemplo 4.1 acima, percebemos uma discussão no *Facebook*, pois vemos pelo menos dois pontos de vista distintos sendo discutidos. De um lado, a Autora do *post* e a Comentadora 2 parecem aliar-se ideologicamente à ideia de que as mulheres devem ter o poder de escolha em relação à descontinuação da gravidez, por outro lado, o Comentador 1 parece se alinhar a um posicionamento ideológico discordante e principalmente pautado na religião, haja vista as referências a Deus.

Observando especificamente as marcas de (im)polidez presentes no texto, vemos como os posicionamentos ideológicos estão relacionados às escolhas linguísticas demonstradas pelos interactantes. De um lado, o Comentarador 1 utiliza-se do comportamento político (Por favor; Um abraço aí pra você) e argumentos da ideologia cristã (mãe de Deus vai ficar preocupada; A vida é uma glória de Deus e a gente precisa dela pra tudo caminhar), para mitigar as suas críticas (fiquei chateado)e ordens (não faça isso; Continue com a sua criança que tudo dá certo.). Por outro lado, a Comentaradora 2 faz uso de um silenciador (No uterus, no opinion³¹) relativamente comum na internet e associado à ideologia feminista que busca defender que a mulher deve ser protagonista nas escolhas relacionadas ao parto.

No excerto acima, vemos como, no *Facebook*, as disputas nas discussões não são necessariamente individuais, mas ideológicas. Quando o Comentarador 1 fala à Autora do *post*, ele não apenas fala a ela, mas direciona sua opinião, de uma forma ou de outra, a todas as pessoas que concordam com a postura ideológica presente no texto compartilhado, haja vista a marca de impolidez usada por outra pessoa que não a interlocutora direta na segunda réplica ao comentário. Por outro lado, a Comentaradora 2 também não parece apenas usar um silenciador direcionado ao Comentarador 1, mas ela se utiliza de uma linguagem deliberadamente associada à ideologia feminista para se contrapor e silenciar o discurso de um grupo – homens que querem envolver-se nas escolhas reprodutivas das mulheres.

Tendo em vista as questões aqui levantadas, o conceito e reconhecimento das ideologias são bastante úteis para a análise dos dados, pois vemos, nas análises, como os interactantes utilizam-se da língua e das funcionalidades técnicas para defender ou atacar posicionamentos ideológicos. Considerando as discussões feitas até aqui, na subseção seguinte, há uma revisita ao conceito de faces e a discussão de como este se relaciona com a noção de identidades e (im)polidez.

³¹Essa frase normalmente é associada à personagem Rachel Green do *sitcom* norte-americano *Friends*. Ela foi usada, pela personagem, como um silenciador, durante uma discussão em que Rachel, que estava grávida, via dois outros personagens masculinos da série, Joey e Ross, defendendo que a anestesia epidural faria com que ela não sentisse as dores das contrações.

4.2 FACES, IDENTIDADES E (IM)POLIDEZ

O conceito de faces é muito utilizado nas teorias de estudos da (im)polidez. No entanto, Blitvich e Sifianou (2017) chamam a atenção para o fato de que, embora o conceito de identidade seja próximo ao de face, aquele não tem recebido grande investimento dos estudos da (im)polidez. As autoras acreditam que isso se deva ao valor que o modelo teórico de Brown e Levinson (1987) tem recebido ao longo da história.

Conforme já explicamos na seção 3.1, o modelo de Brown e Levinson apoiou-se no conceito de face (GOFFMAN, 1967) para criar sua teoria universal da polidez. No entanto, conforme argumentam Blitvich e Sifianou (2017), os autores, na verdade, trouxeram uma alteração do conceito de Goffman, sobretudo no que diz respeito ao caráter social que este autor dera ao seu conceito:

O termo face pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama a si mesma, por meio da linha³² que os outros assumem que ela tenha tomado durante um contato particular. A face é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados, apesar da imagem que outros possam compartilhar, como quando uma pessoa mostra uma boa impressão de sua profissão ou religião para mostrar, ao mesmo tempo, uma boa impressão de si mesmo.³³ (GOFFMAN, 1967 p. 5)

Podemos perceber que os conceitos de face de Goffman e Brown e Levinson são, na verdade, distintos no sentido de que enquanto o primeiro traz um enfoque social para o conceito de face, os segundos pautam-se no conceito de racionalidade individual. Para Brown e Levinson, os interactantes escolhem estratégias de preservação das suas próprias faces individuais e de seus interlocutores que necessariamente projetam dois desejos fundamentais: o de ser aceito (face positiva) e o de ser livre (face negativa).

Em função dos muitos anos em que a concepção de face de Brown e Levinson dominou os estudos da polidez, a aproximação entre os conceitos de face e identidade foi

³²Anteriormente, no mesmo texto, Goffman define linha como “um padrão de atos verbais e não verbais por meio do qual o interactante expressa o seu ponto de vista da situação e, através disso, sua avaliação dos participantes [da interação], especialmente de si mesmo.”

³³The term face may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self delineated in terms of approved social attributes – albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself.

sistematicamente esquecida, mesmo porque as teorias sobre os estudos da identidade têm uma abordagem construtivista, ou seja, a teoria emerge dos dados; por outro lado, os estudos clássicos da polidez obedecem ao estilo racionalista, em que a teoria é primeiramente desenvolvida para ser aplicada a dados. Portanto, enquanto os estudos sobre identidade eram construídos por meio da observação dos discursos que a constituía, os estudos sobre a face³⁴, baseados em Brown e Levinson (1987), limitavam-se à definição teórica do termo para posterior aplicação a dados.

Embora os estudos da polidez não estivessem centrados em trabalhar com o conceito de identidade, vários estudiosos desenvolveram pesquisas sobre questões de gênero (LAKOFF, 1975; HOLMES, 1994) e de nacionalidade (BLUM-KULKA *et al* 1989; KASPER e BLUM-KULKA, 1993). No entanto, a falta de discussão e problematização do conceito de identidades provocou, nesses estudos, uma visão essencialista dos sujeitos, como se as características fossem sempre atreladas àqueles, desconsiderando variáveis interacionais. São conclusões desses tipos de estudo, por exemplo, a ideia de que a mulher é mais polida do que o homem (HOLMES, 1994) e de que os japoneses sempre prezam pela modéstia (LEECH, 1983).

Essas generalizações são vistas como reducionismos por Blitvich e Sifianou (2007), pois não dão conta da noção de que nacionalidade e gênero são, na verdade, identidades sociais construídas a partir do discurso. As autoras defendem que as abordagens linguísticas da identidade, embora variem consideravelmente, normalmente “compartilham a noção de que as identidades são adquiridas e desenvolvidas na interação e realizadas discursivamente” (BLITVICH e SIFIANOU, 2017 p 232).

É válido argumentar, no entanto, que as identidades não são completamente instáveis e criadas a cada início de interação, pois, sendo assim, não haveria necessidade de existirem. Os estudos linguísticos sobre identidade, em sua maioria, apoiam-se na noção de que elas não são estáveis, mas “temporariamente estabilizadas pelas práticas sociais e comportamentos regulares previsíveis” (BAKER e GALASINSKI, 2001 p. 31). Tendo essa noção em vista, as

³⁴A concepção de face como positiva e negativa é um exemplo de como o termo foi teoricamente estabelecido como universal sem necessariamente levar em conta a análise de culturas diversas. Alguns linguistas asiáticos, dentre eles Ide (1989) e Gu (1990), questionam a validade da face negativa, por exemplo. Para eles, nas culturas japonesas e chinesas, os sujeitos não necessariamente preservam suas faces negativas, ou seja, não projetam o desejo de serem desimpedidos.

identidades não são nem completamente permanentes e enrijecidas, nem completamente fluídas e flexíveis.

Corroborando com a noção de fluidez das identidades, Wodak (2011) coloca três princípios básicos para sua conceptualização do conceito:

- As identidades são sempre (re)criadas em contextos específicos. Elas são coconstruídas em relações interativas, são normalmente fragmentadas, dinâmicas e mutáveis – todas as pessoas têm múltiplas identidades.
- A construção de identidades sempre implica processos de inclusão e exclusão, por exemplo, a definição de SI MESMO e dos OUTROS.
- As identidades que são coletivas ou individuais, nacionais e transnacionais são também (re)produzidas e manifestadas simbolicamente.³⁵ (WODAK, 2011 p. 216)

A partir do ponto de vista da autora, as identidades são vistas primeiramente como atreladas a um contexto interacional específico, construído colaborativamente. Podemos perceber que, em vista do primeiro princípio, as identidades ganham vida a partir do fluxo da interação e não se acabam naquele momento de contato, pois também são dinâmicas e aceitam mudanças. Além disso, as pessoas não são uma só, na verdade, à medida que interagem, assumem identidades múltiplas que emergem das interações.

Ademais, o processo de identificação é estabelecido, conforme vemos em Wodak (2011), por meio dos processos de delimitação de quem são uns em detrimento de quem são os outros. Portanto, uma identidade, necessariamente, precisa das outras para sua existência, uma vez que o processo de identificação é o agrupamento de características dos similares e a delimitação de diferenças em relação aos outros.

Por último, a autora ratifica a característica semiótica das identidades, pois elas são produzidas necessariamente por meio de símbolos, ou seja, por meio da linguagem. Com isso, percebe-se que não há um estabelecimento prévio e acabado do que vem a ser chamado de identidades, é a linguagem, compreendida como atividade de coconstrução de sentidos, que é capaz de identificar os sujeitos interativamente.

³⁵• Identities are always re/created in specific contexts. They are ‘co-constructed’ in interactive relationships. They are usually fragmented, dynamic and changeable – everyone has multiple identities. • Identity construction always implies inclusionary and exclusionary processes, i.e. the definition of ONESELF and OTHERS • Identities that are individual and collective, national and transnational are also re/produced and manifested symbolically

Levando em consideração que há diversas perspectivas e aparatos teóricos para o trabalho com o conceito de identidades, neste trabalho, adoto uma perspectiva interacional defendida por Bucholtz e Hall (2004a, 2004b, 2005). As autoras, assim como Wodak (2011), defendem que as identidades emergem das interações, contrapondo-se a uma perspectiva individualista, que acredita que a identidade reside na consciência individual dos sujeitos, na psique. Nas palavras das autoras:

Argumentamos a favor do valor analítico de abordar a identidade como um fenômeno relacional e sociocultural que emerge e circula em contextos discursivos locais de interação ao invés de uma estrutura estável localizada principalmente na psique individual ou em categorias sociais fixas.³⁶ (BUCHOLTZ e HALL, 2005, p. 585-586)

Dessa maneira, embasado na concepção das autoras, trato as identidades como processos de identificação, que, embora estejam baseados nas práticas sociais e ideológicas prévias, estão ao serviço da interação e do trabalho relacional entre os interactantes. Dessa forma, defendo aqui que a identidade é o “posicionamento social do eu e do outro” (BUCHOLTZ e HALL, 2005, p.586).

Para dar suporte à concepção supracitada, as autoras defendem 5 princípios básicos que devem guiar os estudos das identidades em uma perspectiva sociointeracional:

1. O princípio da emergência: a identidade é melhor vista como um produto que surge a partir de práticas linguísticas e multissemióticas, em vez de uma fonte pré-construída, e, por essa razão, é fundamentalmente um fenômeno social e cultural.
2. O princípio do posicionamento: as identidades não abrangem apenas categorias demográficas (idade, sexo, nacionalidade, etnia), mas também posições locais e especificidades etnográficas de grupos específicos.
3. O princípio da indexalidade: as relações identitárias emergem por meio de alguns processos indexicais, que incluem: a rotulação explícita, implicaturas, pressuposições, opiniões, posicionamentos epistemológicos, uso de estilos ideologicamente associados a pessoas ou grupos.

³⁶We argue for the analytic value of approaching identity as a relational and sociocultural phenomenon that emerges and circulates in local discourse contexts of interaction rather than as a stable structure located primarily in the individual psyche or in fixed social categories.

4. O princípio relacional: as identidades são construídas por meio de relações complementares e intersubjetivas, que normalmente se sobrepõem, incluindo: adequação/distinção; autenticação/desnaturalização; autorização/ilegitimização.
5. O princípio da parcialidade: toda construção identitária é parcialmente intencional e habitual, e parcialmente negociável e fruto de processos ideológicos maiores que podem ser importantes à interação.

O primeiro princípio diz respeito a uma característica ontológica das identidades, pois, segundo a abordagem eleita neste trabalho, as identidades aparecem em função das necessidades interacionais dos sujeitos. A única forma de ter acesso a elas é por meio do discurso e do contato com o outro. Para elucidar esse princípio, vejamos o exemplo 4.2, do Texto 4 abaixo:

Exemplo 4.2

Postagem:	<p><u>Autora do post</u> compartilhou uma postagem:</p>  <p>is with [redacted] and [redacted] August 6 at 10:39 AM</p> <p>Manuela D'Ávila como vice de Haddad, Katia Abreu como vice de Ciro. A luta pelo feminismo fará nessas eleições com que os partidos políticos capitalizem o movimento atraindo os votos das mulheres, mas nenhuma das duas defendem, verdadeiramente, qualquer pauta feminista.</p> <p>Manuela defende abertamente a regulamentação da prostituição e Katia Abreu tem origem na cultura oligárquica e da exploração do trabalho escravo, típica do agro negócio.</p> <p>Não tenho qualquer ilusão de que o que se faz hoje na política, seja de direita ou de esquerda, são as mesmas práticas da República Velha. Sempre mais do mesmo.</p>
Comentários:	<p><u>Comentador 1:</u> Autora do <i>post</i> [[apelido]], eu tenho uma pergunta, mas é pergunta mesmo! Não é provocação, ataque ou qualquer coisa... é só para entender mesmo! Se uma mulher discorda de uma pauta de feministas, isso já a faz não feminista? Eu realmente achava que Manuela D'ávila era feminista, mas vi esse post que não a classificava como tal, por uma pauta específica. Fiquei um pouco confuso...</p> <p>1.1 <u>Autora do post:</u> Não. Mas isso sou eu.</p> <p>A autora do texto, por exemplo, acha que apoiar prostituição e pornografia ""feminista"" são a prova de que uma mulher não se importa com a outra, o que faz dela uma não feminista. Eu concordo que apoiar prostituição e pornografia são o oposto de se preocupar com mulheres, mas como o movimento eh grande e complexo, não acho que tira carteirinha de feminista (pra mim, vc só fica devendo e muito ao movimento). Eh só não que não tem lógica mesmo. Dá uma olhada nos comentários desse post pra tu ver as opiniões da autora do</p>

	<p>texto.</p> <p>1.2 Comentadora 2: Pois é, eu tinha essa mesma questão, Comentador 1, pq considero o feminismo amplo e eu, por exemplo, me considero feminista e sou a favor da regulamentação da prostituição (de uma forma muito pragmática, como o aborto: não gosto que exista, mas se existe, prefiro que se dê o máximo de dignidade às mulheres).</p> <p>Mas, tirando esse ponto -pq acho q a Manuela é feminista sim- eu concordo muito que essa eleição, a forma como está se desenhando, só mostra o quanto de machismo e misoginia ainda vive o Brasil e a política brasileira. Concordo que essa busca por mulher pra compor a chapa (sempre vice, nunca cabeça) enquanto se corta a cabeça de outras em prol dos mesmos homens brancos de sempre, também vem como uma forma de se apropriar do movimento feminista.</p> <p>1.3 Comentador 1: Entendi, meninas! Obg! Concordo com vcs tbm no sentido de que as estratégias políticas são na vdd oportunismo para angariar votos... Aliás, é o que mais estamos vendo nessa eleição não importando a orientação política pq me parece que o PSDB tbm se utilizou de uma estratégia parecida...</p> <p>1.4 Comentador 1: Tenho repetido “escolha o menos pior” como um mantra pra aguentar ir à urna...</p> <p>1.5 Comentadora 3: Não temos opção. É escolher o menos ruim e de esquerda, infelizmente.</p>
--	---

Nesse exemplo 4.2, que se trata de um compartilhamento de texto no *Facebook*, a Autora do *post* publica um texto em que figuras públicas que se associam ao movimento feminista no Brasil são identificadas como não feministas porque não defendem, segundo o texto, pautas feministas como a regulamentação da prostituição e o trabalho escravo, praticado pelo agronegócio.

Nos comentários do *post*, podemos ver uma discussão acerca de que características fazem uma mulher ser feminista. O questionamento do Comentador 1 faz com que a Autora do *post* discorra sobre o assunto e conseqüentemente demarque as características que poderiam identificar uma mulher feminista. Nesse excerto, vemos posições diferentes para o assunto, de um lado a autora do texto compartilhado não categoriza mulheres que apoiem a regularização da prostituição como feministas, de outro a Autora do *post* o faz, mas com ressalvas. A Comentadora 2, que participa da interação mesmo sem ter sido chamada diretamente – o que ocorre frequentemente no *Facebook* – ainda identifica-se como feminista, não vê problema em apoiar a regulamentação da prostituição e identifica a política Manuela D’ávila como feminista também.

No exemplo acima, vemos como as identidades não aparecem como blocos de características pré-estabelecidas, mas como um posicionamento dos interactantes frente a uma ideologia (feminismo). O processo de identificação, como explicita o exemplo 4.2 acima, emerge das necessidades interacionais, pois, a princípio, a Autora do *post* apresentou uma construção identitária que foi negociada a partir do contato com o Comentador 1, cujo comentário provocou uma reconstrução identitária apresentada pela réplica da Autora do *post*. Em seguida, a Comentadora 2 prossegue com o processo de construção identitária por meio da adequação, ressaltando características em comum entre si mesma e outras feministas, notadamente o apoio à regulamentação da prostituição.

Nesse mesmo exemplo, também vemos ilustrado o segundo princípio, o do posicionamento. Este é uma contraposição a pesquisas que tratam de características demográficas, como gênero, por exemplo, sem necessariamente problematizar a complexidade dos diversos posicionamentos dentro de uma mesma categoria social fixa. Para expandir a ilustração, consideremos o segundo comentário que segue essa postagem, no exemplo 4.3, também do Texto 4:

Exemplo 4.3

	<p>Comentadora 4: Acho muito doido uma mulher poder dizer que a outra não é feminista, como se houvesse apenas um feminismo.</p> <p>2.1 Autora do post: As bases p interpretações são fornecidas pelos objetivos do movimento.</p> <p>2.2 Comentadora 4: O movimento é muito diverso, né? Acho muito violento negar a legitimidade de uma militante pq não concorda com as pautas que ela defende.</p>
--	---

Em relação à polidez, podemos perceber que a Comentadora 2, no exemplo 4.2, utilizou-se de marcas de polidez para mitigar a sua discordância do texto compartilhado pela Autora do *post*. A réplica 1.2 não fez uma crítica explícita e ainda apresentou uma sequência de concordância no segundo parágrafo. Percebamos, no entanto, que a Comentadora 4 posicionou--se de forma mais enfática, tecendo uma crítica ao texto compartilhado ao estilo *bald on record*, ou seja, sem qualquer estratégia de revestimento. As réplicas que seguiram o comentário também continuaram com o mesmo estilo direto, tanto a declaração (em 2.1) da Autora do *post* quanto a pergunta/desafio e a crítica, em 2.2.

O ponto que devemos sustentar, neste momento, é que, embora as Comentadoras 2 e 4 e a autora do texto estejam todas incluídas nas mesmas características demográficas – mulheres, brasileiras, de semelhantes faixas etárias – os estilos usados, particularmente no que diz

respeito à (im)polidez, são diferenciados. Apesar de não discutirmos as causas e variáveis que podem estimular essa variação de estilo dentro das características demográficas, pois isso não faz parte do escopo do trabalho, Bucholtz e Hall(2005) explicam que essas diferenças podem estar relacionadas a características etnográficas específicas, como os papéis sociais locais. De todo modo, o exemplo ilustra o princípio do posicionamento das identidades, que diz respeito a diferentes posições que podem ser adotadas em uma dada identidade.

O terceiro princípio evoca o conceito de indexador da Sociolinguística. A indexalidade “envolve a criação de conexões entre formas linguísticas e sentidos sociais” (BUCHOLTZ e HALL, 2005 p 594). De acordo com as mesmas autoras, no que tange à construção identitária

[a] indexalidade depende fortemente das estruturas ideológicas, porque as associações entre língua e identidade são enraizadas em crenças e valores culturais – ou seja, ideologias – sobre os tipos de falantes que (podem e deveriam) produzir tipos particulares de linguagem.³⁷(BUCHOLTZ e HALL, 2005 p 594)

Tendo essa observação em vista, as identidades podem ser interpretadas, nas interações, por meio de alguns processos de indexação, a saber: (a) menção explícita a uma identidade; (b) implicaturas e pressuposições acerca de uma posição identitária; (c) opiniões e posicionamentos epistemológicos aparentes nas interações; (d) uso de estruturas linguísticas normalmente associadas a um posicionamento ideológico.

Nos nossos dados, podemos encontrar diversos processos de indexação de identidades que são concomitantemente marcas de (im)polidez, como, por exemplo, o silenciador utilizado na réplica da Comentarista 2, no exemplo 4.4, do Texto 2, abaixo, já exibido na seção anterior:

³⁷ [the] indexicality relies heavily on ideological structures, for associations between language and identity are rooted in cultural beliefs and values – that is, ideologies – about the sorts of speakers who (can or should) produce particular sorts of language.

Postagem	<p><u>Autora do post</u> compartilhou uma postagem</p> <p>← Tweet</p> <p>  </p> <p>se vc acha aborto tão errado, vai lá ajudar essa mãe desesperada a criar</p> <p>vai arranjar advogado p ela ter condições de cobrar pensão</p> <p>vai conseguir vaga na creche pra ela poder trabalhar</p> <p>agora se vc nao vai fazer nada disso, cala a boca e nao se mete no que nao é da sua conta</p> <p>6.253 Retweets 10,5K Curtidas</p>
Comentários	
	<p><u>Comentador 1:Autora do post</u>, com esses comentários que você fez eu, de fato, fiquei chateado.</p> <p>Estou por aqui pensando que você quer tirar a sua criança. Por favor, <u>Autora do post</u>, não faça isso.</p> <p>Se você fizer isso, de fato, a mãe de Deus vai ficar preocupada e as coisas não vão caminhar. Continue com a sua criança que tudo dá certo.</p> <p>Saiba. Se você precisar da minha ajuda, estarei aqui pra te ajudar e te amparar. Dinheiro, uma casa pra morar, várias e várias palavras de incentivo e tudo o mais que você quiser.</p> <p>Essa é a verdade, minha amiga. Saiba. A vida é uma glória de Deus e a gente precisa dela pra tudo caminhar. Fica aí um abraço pra você. Muita saúde e a gente se fala.</p> <p><u>Autora do post</u>: Não, Comentador A, não quero tirar a minha criança. Mas continuo apoiando as mulheres que querem e precisam. Isso é escolha delas. Mas agradeço a sua proposta de amparo.</p> <p><u>Comentadora 2</u>:No uterus, no opinion. Por favor.</p>

A frase “No uterus, no opinion” pode ser considerada um indexador da identidade feminista, já que é um silenciador geralmente associado ao uso por parte de mulheres que lutam para que as grávidas sejam as protagonistas nas escolhas relacionadas ao parto. Para que o leitor identifique a Comentarista 2 dessa forma, é necessário que realize uma implicatura, identificando que esse é um silenciador normalmente associado ao movimento feminista.

Por sua vez, o princípio de número 4 é pertinente ao aspecto relacional das identidades, pois reafirma que as identidades jamais serão autônomas ou independentes, mas sempre vão adquirir sentido na interação, e questiona a ideia de que as identidades giram em torno de um eixo único: de semelhança e diferenciação. Sobre esse assunto, ainda é relevante reafirmar que as identidades funcionam necessariamente pela oposição com as outras, ou seja, sem que haja relação entre uma identidade e outra, não há razão para que elas existam.

Bucholtz e Hall (2004a, 2004b, 2005) propõem o que elas chamam de táticas de intersubjetificação para explicarem os processos relacionais entre as identidades. Essas táticas se classificam em três eixos: (a) adequação e distinção; (b) autenticação e desnaturalização; e (c) autorização e ilegitimação.

O primeiro eixo é explicado pela díade adequação e distinção, em que aquela simboliza a ação de maximizar as semelhanças que potencializem a associação identitária dos interactantes, e esta, o oposto, ou seja, esconder as semelhanças que ratifiquem a associação entre identidades e destacar as diferenças que apontam para uma ruptura. Abaixo, vejamos o exemplo 4.5, do Texto 1, em que dois interactantes discutem calorosamente acerca de uma matéria compartilhada na internet sobre o fato de um menino ter atirado na caravana do ex-presidente Lula, apesar de ter se beneficiado, segundo o texto, dos programas sociais desenvolvidos pelo ex-presidente:

Exemplo 4.5

<p>Postagem</p>	<p>Autor do post compartilhou uma postagem:</p> <p>Aluno que atacou caravana de Lula diz amar escola criada pelo ex-presidente</p>  <p>Depois de hostilizar caravana no Rio Grande do Sul, aluno que faz três cursos em escola federal criada por Lula diz amar a instituição. Exemplo é emblemático por revelar nível do analfabetismo político que assola o País</p>
<p>Comentários</p>	<p>Comentador 1: Analfabetismo político seu! O que Lula, ou qualquer outro governante, fez em benefício do povo foi pura e simplesmente só uma obrigação institucional do cargo, não um motivo para idolatria! Lembre-se que Hittler também fez muita coisa em prol do povo alemão por isso por eles foi "ungido", mas o preço dessa idolatria custou caro ao povo alemão. Portanto, parem (você e demais mentes psicóticas) de querer conferir poderes divinos ao apedeuta sem dedo (mais conhecido como Lula), parem de conferir-lhe uma honraria da qual ele não é merecedor. Lula não fez nada por amor ao Brasil, por abnegação e renúncia, mas por pura vaidade e oportunismo criminoso! Por isso já foi condenado em duas instâncias.</p> <p>1.1 Autor do post: Uma obrigação que em 500 anos não havia sido cumprida... Diga-se de passagem... Só esse detalhinho que você esqueceu... Soldadinho de Chumbo. Pare bater continência e lambe as botas dos teus superiores... Ouse pensar por si mesmo.</p> <p>1.2 Comentador 1: Autor do post Meu amigo, somos exatamente iguais, feito da mesma matéria, ao fim e ao cabo vamos todos descansar sobre 7 palmos. O único detalhe é que o PT te faz pensar que vc tem pensamento autônomo, mas tudo que vc fala é discurso pronto que vc só reproduz e se acha o cara, né!</p> <p>1.3 Autor do post: Você mencionou parte dos eventos da vida, a matéria... A energia que nos move ou a alma que nos sustenta é bem distinta... As diferenças entre mim e você não estão apenas no campo do concreto, mas principalmente do ideológico e do espiritual...</p>

No excerto como um todo, podemos verificar uma discussão em que se fazem presentes marcas de impolidez que também funcionam como indexadores de identidades e ideologias as quais entram em conflito. De um lado, o Comentador 1 utiliza, dentre outras marcas de impolidez, os insultos “mentes psicóticas” e “apedeuta sem dedos”, que podem servir de indexadores de uma ideologia antipetista; do outro, o Autor do *post* que, dentre outras marcas

de impolidez, utiliza-se do insulto “Soldadinho de chumbo”, um indexador de uma ideologia antimilitarista. Vemos, nesse caso, um duelo ideológico que marca a distinção entre os interactantes, pois, considerando o contexto político brasileiro, podemos verificar que os participantes dessa interação identificam-se em lados opostos ideologicamente. Em vista dessas observações, vemos ilustrado o movimento relacional de distinção.

Não obstante, o Comentador 1, por meio da réplica 1.2, busca uma relação de adequação identificando os dois interactantes como “feitos da mesma matéria”, logo em seguida, volta a relacionar-se de forma distintiva, por meio da crítica acentuada “O único detalhe é que o PT te faz pensar que vc tem pensamento autônomo, tudo que vc fala é discurso pronto que vc só reproduz e se acha o cara, né!”. Em resposta, o Autor do *post* continua a distinção por meio das críticas acentuadas na réplica 1.3.

Conforme o exemplo 4.5 acima ilustra, as relações de adequação e distinção são frutos do discurso e acontecem de forma constante em discussões marcadas pela impolidez, conforme veremos de maneira mais detalhada na seção 5 deste trabalho. Em relação ao objetivo dessa seção, vimos ilustrados os dois movimentos de adequação e distinção.

O segundo eixo das táticas de intersubjetividade é autenticação/desnaturalização. Essas duas relações dizem respeito à realidade ou artificialidade de alguém ou de alguma característica associada a uma identidade. Vejamos o exemplo 4.6, do Texto 10, o qual ilustra a autenticação:

Exemplo 4.6

<p>Postagem:</p>	<p>Autora do <i>post</i>:</p> <p>Que homão</p> 
------------------	---

Nesta postagem, a Autora do *post* compartilha a imagem de um político, Fernando Haddad, então candidato a vice-presidente da República nas eleições de 2018. A imagem compartilhada e a legenda da foto “Que homao” funcionam como indexadores da identidade política da autora e autenticam a identidade do candidato como um político bem-preparado, eficiente e honesto. A autenticação, nesse caso, confere ao político a característica de ser adequado para representar a identidade política construída pela autora.

Em sequência, vamos analisar o comentário que segue a postagem, no 4.7, também do Texto 10, o qual apresenta o primeiro comentário que segue o compartilhamento da autora do *post*:

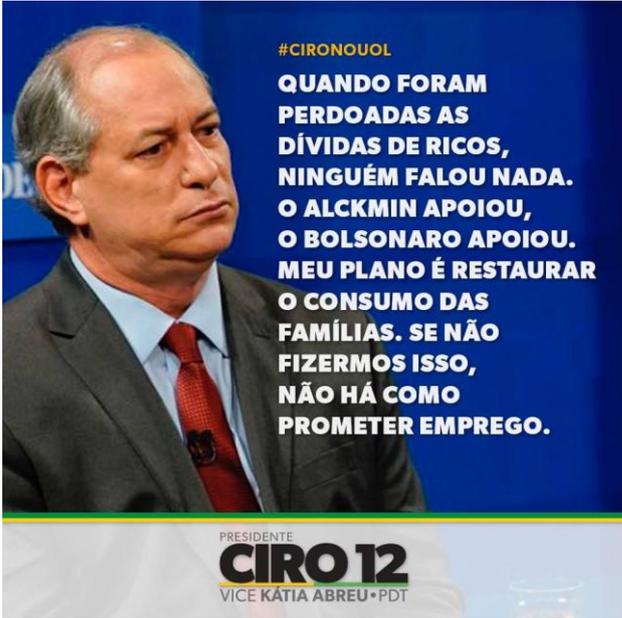
Exemplo 4.7

Comentários:	
	Comentador 1: e acaba de virar réu. [...]

Observemos que, no comentário 1, o Comentador 1 desafia a validade da identidade arquitetada na postagem. Enquanto a Autora do *post* construiu uma identidade de um bom político, qualificado e honesto, o Comentador 1 desnaturaliza a construção identitária anteriormente desenvolvida. Conforme apontamos acima, esse eixo (autenticação/desnaturalização) diz respeito à genuinidade ou artificialidade das identidades. O exemplo acima mostra, na postagem, uma relação de autenticidade conferida à identidade do candidato, enquanto o Comentário 1, por meio de uma pressuposição desagradável, desnaturaliza a identidade de bom político previamente construída. Em outras palavras, enquanto a autenticação confere a um representante a genuinidade de um grupo, a desnaturalização promove a artificialidade de uma construção identitária.

Finalmente, o terceiro eixo das táticas de intersubjetividade de Bucholtz e Hall (2004a, 2004b, 2005) se refere à autorização e deslegitimação. Esse eixo está relacionado aos aspectos institucionais da construção da identidade. Para ilustrar esse processo, vejamos o exemplo 4.8, do Texto 14, a seguir:

Exemplo 4.8

Postagem	<p><u>Autora do post:</u></p> <p>Ciro é um candidato pragmático, de propostas pra tirar as classes pobre e média desse mar de lama. Vamos fugir da polarização, do ódio e das pautas acadêmicas e vamos nos unir em torno de um projeto progressista novo sério para o povo? #Ciro12</p> 
----------	---

Neste exemplo 4.8, a Autora do *post* identifica, como progressista, o candidato à presidência da República, *Ciro Gomes*, nas eleições de 2018, por meio de uma rotulação explícita. Dessa maneira, autoriza, nesta interação, que o político seja visto como um representante da identidade progressista a que também se associa, conforme demonstra a sua pergunta, que tem função de um chamamento. O caso da autorização diz respeito ao processo de afirmação ou imposição de uma identidade através de estruturas de poder e ideologias institucionalizadas, locais ou translocais; neste exemplo, o discurso da Autora do *post* autoriza o candidato a fazer parte da ideologia progressista ou de esquerda.

Vejamos agora como o processo de ilegitimação pode ser ilustrado num comentário que segue a postagem, exibido pelo exemplo 4.9, também do Texto 14:

Comentários:	
	<p><u>1. Comentador 1:</u> Só uma ressalva: <i>Ciro NÃO É</i> de esquerda.</p>

	<p><u>1.1 Autora do post:</u> Quem é de esquerda?</p> <p><u>1.2 Comentador 2:</u> Pois é, quem é de Esquerda?</p> <p><u>1.3 Comentadora 3:</u> Lula de esquerda?! Rs</p> <p><u>1.4 Autora do post:</u> Com quem eu falo pra poder entrar na esquerda?</p> <p>[...]</p>
--	--

No comentário 1, o Comentador 1 discorda da Autora do *post* e ilegitima o candidato como representante da identidade progressista, de esquerda. O processo de ilegitimação é um processo em que as construções identitárias são censuradas, dispensadas ou simplesmente ignoradas por uma ideologia. O comentário 1 ilustra um processo de ilegitimação na interação, podemos ainda ir um pouco mais além e perceber que a ilegitimação não diz respeito apenas à identidade do candidato, mas também à identidade da Autora do *post*, que é implicitamente ilegitimada como progressista por apoiar um representante ilegítimo, de acordo com a (des)identificação presente no discurso do Comentador 1.

Mais à frente, veremos como esse processo pode ser avaliado como impolido, ocasionando réplicas que visam atacar a face dos interactantes, como, por exemplo, o comentário da Comentadora 3, em 1.3. A ironia da Comentadora 3 serve para, de alguma forma, ridicularizar e ilegitimar a identificação de Lula como pertencente a uma orientação política de esquerda, o que pode ser visto como um ataque à face de Lula e também daqueles que se identificam como seus apoiadores. Finalmente, após definir e exemplificar as táticas de intersubjetividade, que fazem parte do quarto princípio da visão de identidade defendida por Bucholtz e Hall (2005), veremos agora o quinto e último princípio, o da parcialidade.

O princípio da parcialidade existe, sobretudo, para contrapor a ideia de que as formas de vida social são internamente coerentes. As identidades em si não são coesas, ou seja, não são blocos únicos de características associados a um determinado grupo. Lembremos do exemplo 4.2, do Texto 4, em que havia uma discussão sobre feminismo, quando vimos o princípio da emergência. Naquele caso, três mulheres apresentaram três formas diferentes de identificação como feministas; houve, inclusive, uma discordância em relação à autenticidade de Manuela D'Ávila como feminista.

Com isso, defendo, embasado em Bucholtz e Hall (2005), que todas as construções identitárias são necessariamente descrições parciais e produzidas por meio de “configurações

do eu e do outro contextualmente situadas e ideologicamente orientadas” (BUCHOLTZ e HALL, 2005 p 605). Já que as identidades emergem da interação, o acesso a elas é permeado pela parcialidade e subjetividade, ou seja, não é possível (nem produtivo) descrever e delimitar exaustivamente as identidades face as suas incompletudes.

Em vista do exposto, o conceito de identidades parece-me valioso para a análise da (im)polidez em discussões no *Facebook*. Conforme demonstram os dados dessa pesquisa, que foram utilizados para ilustrar o conceito de identidade nesta seção, os interactantes, a todo o momento, estão construindo identidades relacionando-as principalmente a ideologias bem constituídas na história, como é o caso das ideologias de direita e de esquerda e do feminismo. Em meio aos dados desta tese, são bastante recorrentes rotulações explícitas a posicionamentos ideológicos, como “Eu me considero feminista” ou “Vamos unir a esquerda”. Feita esta observação, é importante perceber que as situações de polidez ou de impolidez normalmente não são direcionadas à face dos interactantes (conforme percebida por Goffman), mas ao posicionamento desses sujeitos frente às suas posturas ideológicas nas interações, em outras palavras, às suas identidades. Quando, nos nossos dados, um interactante insultou o outro de “Soldadinho de chumbo”, ele não estava apenas atacando a projeção do eu daquele interlocutor, mas estava principalmente atacando uma construção identitária.

Nas discussões públicas do *Facebook*, podemos verificar que é muito recorrente que os insultos e ofensas não sejam somente direcionados a um indivíduo, mas, principalmente, à identidade que aquele indivíduo reclama para si. Em vista do exposto, neste trabalho, defendo, inspirado por Blitvich e Sifianou (2017), que é proveitoso aproximar os conceitos de face e identidade, pois ambos tratam de modos de projeção do eu no fluxo da interação. Sobre esse assunto, as autoras resumem quatro pontos para os quais a área de estudo sobre a relação entre (im)polidez e identidades pode avançar:

- (a) Manifestações/avaliações de (im)polidez podem ser conectadas à (co)construção das identidades, não apenas à face.
- (b) Identidade e face são inseparáveis, já que elas coconstituem uma a outra.
- (c) A (im)polidez pode ser vista como um indexador na construção da identidade.
- (d) Modelos construídos para a análise de construções de identidades podem ser frutiferamente aplicados ao estudo da (im)polidez (BLITVICH e SIFIANOU, 2017, p. 238).

Em vista dessas conclusões, neste trabalho, não empreendo uma diferenciação exaustiva dos conceitos de face e identidade. Considero que ambos os conceitos se tratam de formas de

projeção do eu na interação advindos de escolhas terminológicas diferentes. No entanto, ratifico a importância do conceito sociointerativo de identidades (BUCHOLTZ e HALL, 2004a,2004b e 2005) para este trabalho em decorrência do seu rico aparato teórico para defender a tese desta pesquisa, notadamente: a de que a (im)polidez em discussões públicas no *Facebook* está intimamente relacionada às construções identitárias dos interactantes. Para fins de análise, conforme veremos na seção 5, considero o conceito de face como a projeção positiva individual do eu, e o conceito de identidade como o posicionamento do eu e do outro em meio ao contexto ideológico. Dessa maneira, o direcionamento da (im)polidez à face ou às identidades será fundamental aos propósitos da pesquisa.

4.3 FOOTING, QUADRO DE PARTICIPAÇÃO E FORMATO DE PRODUÇÃO NO FACEBOOK

Esta subseção se preocupa especialmente com a definição de conceitos fundamentais à análise desta pesquisa e à área de Sociolinguística Interacional como um todo, pois definem, em certa medida, a noção de interação deste trabalho, a qual não é baseada na conceptualização diática de comunicação entre ouvinte e falante. Ademais, também tenho particular interesse em discutir os conceitos de *footing*, **estrutura de participação** e **formato de produção** (GOFFMAN, 1981), trazendo exemplos das interações *on-line* e, conseqüentemente, propondo adaptações ao nosso contexto de pesquisa.

O termo *footing*, como comentado na seção 3, advém dos escritos do sociólogo canadense Erving Goffman, que se dedicou aos estudos da interação social. Esse item lexical, em língua inglesa, designa a ideia de chão, alicerce ou fundação sobre os quais se firmam os pés. A palavra, utilizada metaforicamente por Goffman (1981), tem a ver com a expressão em língua inglesa *take the floor*, a qual literalmente pode ser traduzida como “tomar o chão”, mas, na verdade, se trata de uma expressão idiomática que corresponde a “tomar a palavra”³⁸ em uma conversa, por exemplo.

Retomando a citação que já fiz na página anteriormente, na seção 3, Goffman (1981, p. 128) define o *footing* como “o alinhamento que desenvolvemos para nós mesmos e para os outros e que se faz presente na maneira como gerenciamos a produção ou recepção de um

³⁸Além deste sentido, a expressão também pode designar a ação de entrar em um salão para dançar.

enunciado”³⁹. Neste sentido, podemos perceber a pressuposição de que os interactantes, em uma dada interação, alinham-se uns com os outros, e esse alinhamento influencia no processo de produção e interpretação dos discursos.

No entanto, os *footings* não são estanques, acabados ou limitados a cada interação, em outras palavras, não devemos pensar que, uma vez que o *footing* é estabelecido, ele deva ser seguido do início ao fim da interação. A ideia é justamente contrária, pois Goffman (1981, p. 128) sustenta que “os participantes no fluxo da fala constantemente modificam *ofooting*, e essas modificações são uma característica persistente da conversa natural”⁴⁰. Além disso, Goffman também sugere, conforme destaca Ribeiro (2006, p. 52), que os interlocutores, na verdade, não mudam de *footing*, mas incorporam novos aos já existentes, o que afasta a noção de mudança abrupta.

As mudanças de *footing* exemplificadas por Goffman (1981) são bastante diversas, alguns exemplos são: 1) a mudança de *footing* presente em uma interação entre um presidente e uma jornalista, quando aquele faz um comentário machista em relação à vestimenta desta, de modo a gerar uma modificação de um *footing* profissional para um *footing* doméstico e sexual; 2) as mudanças comuns em interações de negócios, quando se começa com uma conversa banal antes de introduzir tópicos realmente relevantes aos negócios; 3) os casos de *code-switching*, descritos por Gumperz (1976), quando falantes noruegueses modificam a língua e os seus modos de falar a depender do tópico sobre o qual falam e das pessoas com que falam; 4) as mudanças em interações radiofônicas, quando o locutor modifica o seu tom de voz a depender do tópico tratado.

Por sua vez, Levinson (1987) enxerga essa plasticidade e flexibilidade do conceito de *footing* como uma fraqueza, pois acredita que o termo deveria se focar apenas em um conjunto de conceitos pré-estabelecidos a serem aplicados na descrição de dados, notadamente nas mudanças nos papéis de participação na interação. No entanto, neste trabalho, observo a fluidez do conceito como relevante e necessária, pois ele dá conta de mudanças muito frequentes e constitutivas da interação. Aqui, portanto, adoto a postura de que os *footings* são alinhamentos não empíricos e localizáveis, mas inferidos a partir da análise das escolhas linguísticas e multimodais presentes na interação.

³⁹the alignment we take up to ourselves and the others present as expressed in the way we manage the production or reception of an utterance.

⁴⁰[...] participants over the course of their speaking constantly change their footing, these changes being a persistent feature of natural talk.

Neste sentido, concordo com a visão de Ribeiro (2006, p. 50), segundo a qual os *footings*, dentre outros conceitos,

denotamum quadro conceitual que auxilia no entendimento das constantes mudanças dos interlocutores na construção do ‘eu’ nas interações, [...] [pois] levam em consideração que o contexto não está separado da interação e não é dado *a priori*”.⁴¹(RIBEIRO, 2006p. 50)

O fato de o conceito de *footing* ser interacional e admitir mudanças faz com que possamos trabalhá-lo no contexto desta pesquisa, tendo em vista que nossos dados, como se tratam de interações multipartidárias e repletas de sentidos colaborativos, apresentam modificações nas posturas e posicionamentos dos participantes interacionais de forma constante. Dessa maneira, na análise de nossos dados, observaremos os *footings* a partir da perspectiva da (im)polidez, o que é uma particularidade, uma adaptação desse conceito aos propósitos desta pesquisa. Parto do pressuposto, a partir da perspectiva de Goffman (1981), de que os interactantes se alinham e demonstram esse aspecto a partir de escolhas linguístico-discursivas e multimodais reveladas nos textos. Além disso, demonstram as avaliações de (im)polidez a partir da mobilização da linguagem revelando, de forma gradual, um *footing* mais ou menos (im)polido. A fim de ilustrar de forma mais clara a análise dos *footings* aqui apresentada, observemos o exemplo 4.9, do Texto 15:

Exemplo 4.9

Postagem:	<p><u>Autora do post:</u></p> <p>O grupo Mulheres Unidas contra Bolso.naro (que em 1 semana juntou mais de 2 milhões de mulheres) foi hackeado. Um sujeito entrou, retirou as moderadoras do comando e mudou o nome do grupo para Mulheres com Bolso.naro. Isso não é uma brincadeira, isso é criminoso. Revela como tratam nossos corpos e invadem nossos espaços, extirpam a nossa voz. Revela como se comporta o fascismo.</p> <p>Já somos 2 200 000 mulheres contra o tal candidato! Mulheres do Brasil</p>
-----------	--

⁴¹They denote a framework that helps understand the ever-shifting moves of interlocutors in the construction of self in interaction. Footing, positioning, and voice provide ways of capturing what we mean by identity or “doing identity work” in everyday conversation.

	<p>inteiro tomam posição política contra o preconceito e discriminação, como pauta política, representada por um deputado de extrema direita, com pautas Nazifascista contra a diversidade de pensamentos na sociedade brasileira.</p> <p>Mulheres unidas contra o retrocesso!</p> <p>Tá com a gente? Copie e cole no seu mural!</p> <p>#EleNão</p> <p>#EleNunca</p> <p>#MulheresUnidasContraBolsonaro</p> <p>#MulheresUnidasContraoFascismo</p>
--	--

Nessa postagem, a Autora do *post* compartilhou um texto em sua página pessoal que provavelmente foi escrito por outra pessoa, haja vista o pedido “Tá com a gente? Copie e cole no seu mural!”. Nesse texto, embora não haja rotulação explícita, podemos perceber alguns indexadores identitários que o identificam com a ideologia feminista, a saber: o nome do grupo apoiado “Mulheres Unidas” e as afirmações de que os invasores do grupo “invadem nossos espaços, extirpam a nossa voz”. Além disso, o texto também parece identificar-se com a orientação política de esquerda, haja vista as atribuições negativas destinadas ao deputado representante da extrema direita, o qual é identificado como preconceituoso, discriminador e “Nazifascista”.

Em face das escolhas linguístico-discursivas do texto e das *hashtags* – uma funcionalidade técnica do *Facebook* que permite a indexação de textos – utilizadas no final da postagem, percebemos que a postura (ou *footing*) adotada pela autora caracteriza o texto como sério, de caráter político, que busca atacar a postura político-ideológica identificada como extrema direita, por meio de adjetivos como “Nazifascismo”, o qual demonstra impolidez. Considerando esses aspectos, vejamos agora o comentário 1 que segue essa postagem, no exemplo 4.10, também do Texto 15:

Exemplo 4.10

Comentários:	
	<p>Comentador 1: Kkkkkkkkk.....facista? As centenas de Blogueiros recebendo para alavancar o PT é o que?</p> <p>Para quem não sabe, o tal grupo criado tinha outro nome, Gina Indelicada e muitas contas foram inseridas sem o consentimento das mesmas, inclusive</p>

	<p>aqui em casa.</p> <p>Ou seja, uma guerra virtual e quem tem telhado de vidro, tem que ficar pianinho.</p> <p>Bolsonaro 17 ganha no primeiro turno, para desespero da esquerda caviar.</p> <p>Comentador 2: é verdade isso, eu era a Gina</p> <p>Comentador 1: Comentador 2 acho que vc era a va gina.</p> <p>Comentador 1: Comentador 2</p>  <p>Autora do <i>post</i>: Comentador 1, vai tomar no cu. Consegue nem fazer piada decente. Que nojo. Tá finalmente bloqueado. Mantenha distância.</p>
--	--

Conforme podemos observar, houve uma mudança no *footing* nessa interação, revelada pelas mudanças nas escolhas linguístico-discursivas feitas pelos interactantes. Enquanto o texto da postagem demonstrava um posicionamento sério, argumentativo e militante, o Comentador 1 demonstra sinais de que não leva com seriedade a reivindicação sinalizada na postagem, sobretudo pelo recurso do “kkkkkkkkk”, o qual representa risos nas interações *on-line*. Além disso, apresenta argumentos contra as ideias defendidas pela Autora do *post* e também se utiliza de um insulto (esquerda caviar) direcionado a uma identidade político-ideológica de esquerda, implicada no texto da postagem.

Neste caso, ainda percebo a presença de marcas de ataques identitários, no entanto, sob outro alinhamento, outro *footing*, o qual nomeei de ridicularização, conforme veremos de forma mais detalhada na próxima seção. Em torno da ridicularização, percebemos que o Comentador 2 lança mão do sarcasmo, ridicularizando o argumento do Comentador 1, por meio da réplica “é verdade isso, eu era a Gina”, e o Comentador 1 continua a ridicularização seguindo com duas provocações nas réplicas posteriores, sendo a segunda um texto imagético que busca ridicularizar a foto de duas mulheres por meio de uma rotulação explícita presente no enunciado verbal “Mulheres contra Bolsonaro”.

O que sustenta a interpretação de que o texto imagético é uma tentativa de ridicularização é o *footing*, pois o conjunto do primeiro comentário com as 3 primeiras réplicas estabelece a ridicularização como a base sobre a qual os enunciados podem ser interpretados. No entanto, conforme já comentei em relação à avaliação da (im)polidez, ela é variável. Embora o Comentador 1 estivesse estabelecendo uma ridicularização, a Autora do *post*, ao tomar a palavra, estabeleceu um *footing* muito mais sério e incisivo, por meio de um maldizer “vai tomar no cu” e crítica acentuada “Consegue nem fazer uma piada decente. Que nojo.”. Além disso, a Autora do *post* também afirma se utilizar de um recurso técnico do *website*, o bloqueio, o qual impossibilitaria o contato do Comentador 1 com a Autora do *post*, pelo menos por meio daquele perfil de usuário.

O exemplo acima ilustra a visão de *footing* adotada aqui neste trabalho, notadamente a noção de alinhamento interacional, por meio do qual os enunciados são produzidos e interpretados, especificamente, neste trabalho, em relação à (im)polidez. Com isso, não quero dizer que o *footing* restringe-se à questão da (im)polidez, contudo, em função do escopo desta pesquisa, adotei esse entendimento em razão da fluidez do conceito – demonstrada pelos exemplos em Goffman (1981) – e da necessidade de ter uma categoria de análise interacional, adaptativa e que garanta a possibilidade de descrever escolhas linguístico-discursivas e multimodais de forma dinâmica, respeitando o fluxo interacional. Sendo assim, o conceito de *footings* de (im)polidez possibilita a este trabalho a criação de macrotipologias de (im)polidez que estão num nível mais amplo do que as estratégias, máximas e fórmulas convencionalizadas de (im)polidez.

Um dos aspectos principais acerca da discussão sobre *footings* são as noções de estrutura de participação e formato de produção, desenvolvidas em Goffman (1981) e rediscutidas em Levinson (1987), sob o conceito de papéis de participação. Esses conceitos foram pensados em função do problema relacionado ao modelo diádico que normalmente se conferia à interação, ou seja, uma relação entre dois extremos: ouvinte e falante. Essa questão incomodava não somente a Goffman, mas também a outros estudiosos da linguagem a exemplo de Hymes:

Uma longa tradição na nossa cultura é a tríade entre falante, ouvinte e algo sobre o que se fala. Ela tem sido trabalhada em áreas como a teoria da informação, linguística, semiótica, crítica literária e sociologia de diversas maneiras [...] Todos esses esquemas parecem concordar em ora observar o ponto de vista do falante individual, ora postular uma díade, falante-ouvinte (ou fonte-destino, emissor-receptor, remetente-destinatário). Mesmo que

esse esquema tenha a intenção de ser apenas um modelo, para um trabalho descritivo, ele não funciona.⁴² (HYMES, 1972 p. 58)

Em vista dessa reclamação trazida por Hymes, Goffman (1981) e Levinson (1987) advogam em favor de um quadro conceptual que decomponha a noção de falante e ouvinte, considerando diferentes *status* de participação. Segundo Goffman, a noção de falante e ouvinte, vindas do senso comum, pode ser decomposta em categorias menores e analiticamente coerentes. Goffman (1981, p. 130) explica ainda que a noção de falante e ouvinte considera apenas a influência da linguagem sonora na interação oral, pois são desconsiderados os olhares e contatos visuais com outras partes não diretamente envolvidas na conversa, bem como a função dos recursos paralinguísticos de que o ouvinte pode se utilizar para dar uma resposta ao falante.

Nesse contexto, o autor desenvolve uma discussão acerca do *status* de participação dos ouvintes em interações face a face, primeiramente trazendo à baila a noção de ratificação. Segundo o autor, em um momento de fala, é comum que haja tanto ouvintes ratificados, aqueles que possuem legitimidade para participar da conversa, quanto ouvintes não ratificados, que têm acesso à conversa, mas não têm legitimidade para participar ativamente da interação. Pensemos, por exemplo, em uma conversa entre dois estudantes em uma biblioteca, os dois estudantes são naturalmente os ouvintes ratificados nessa interação, pois trocam de papéis (falante e ouvinte) na interação e os enunciados são destinados ora a um, ora ao outro. Neste ambiente, no entanto, é natural que haja outros estudantes e funcionários que têm acesso à conversa e podem prestar atenção aos assuntos ou não. Contudo, essas outras pessoas não terão a mesma legitimidade para se envolver nos assuntos tratados.

Essa noção de ratificação modifica o pensamento analítico em relação à análise de dados de interação, pois é pressuposto por Goffman (1981) que há influência desses outros ouvintes não ratificados na interação, embora eles convencionalmente não assumam o papel de falantes. Tomando o exemplo do diálogo na biblioteca, podemos prever que a presença desses ouvintes não ratificados, por exemplo, pode influenciar no tom de voz usado pelos estudantes que, segundo manda a etiqueta, deve ser baixo e discreto. Além disso, os tópicos

⁴²Long traditional in our culture is the threhold division between speaker, hearer and something spoken about. It has been elaborated in information theory, linguistics, semiotics, literary criticism, and sociology in various ways [...] All such schemes appear to agree either in taking the standpoint of an individual speaker or in postulating a dyad, speaker-hearer (or source-destination, sender-receiver, addressor-addressee). Even if such a scheme is intended to be a model, for descriptive work it cannot be.

tratados na conversa também sofrem influência, pois possivelmente os interlocutores, nesse caso, não compartilhariam segredos caso não tivessem a certeza de que outras pessoas não poderiam ouvir a conversa.

Nesse quadro, Goffman (1981) apresenta o conceito de estrutura de participação, por meio do qual decompõe em categorias menores a noção de ouvinte. O quadro 6, logo abaixo, feito com base em Levinson (1987), ilustra essa categoria:

Quadro 6- Esquema de Participação⁴³

<p>1. Ouvintes ratificados: (p. 226)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Destinatário: aquele para quem o falante direciona sua atenção visual e para quem, incidentalmente, ele espera passar o seu papel de falante. (p. 133) • Receptores não endereçados (p. 133): o restante dos “ouvintes oficiais”, que podem ou não estar ouvindo.
<p>2. Ouvintes não ratificados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ouvintes casuais: ouvintes inadvertidos e não oficiais (p. 132). • Espiões: ouvintes não oficiais que intencionalmente ouvem a conversa sem que sejam autorizados. (p. 132)

Fonte: Traduzido e adaptado de Levinson (1987, p. 169)

Nesse contexto, o autor apresenta duas macrocategorias para a posição de ouvinte, notadamente: ratificados e não ratificados. No que tange aos ouvintes ratificados, há duas subdivisões: os destinatários (aqueles para quem os enunciados são destinados e que, incidentalmente, ocuparão a posição de falante) e os não endereçados (aqueles que são alvo dos enunciados, mas podem ou não estar ouvindo).

⁴³Embora essas categorias tenham sido cunhadas por Goffman (1981), o autor não as apresentou da maneira como está disposta no quadro, ele comentou sobre essas categorias no decorrer do seu texto. Levinson (1987), por sua vez, foi quem desenvolveu esse quadro num trabalho que se tratou de uma revisão crítica do trabalho do primeiro autor. Esse quadro, no entanto, está adaptado em relação ao de Levinson (1987), pois este autor propôs uma revisão terminológica dos conceitos, a qual julgo que não é relevante a este trabalho de pesquisa. Além disso, as páginas que aparecem no quadro se referem à obra de Goffman (1981), contudo a ideia de referenciar as páginas foi de autoria de Levinson (1987) e não minha.

No que diz respeito às interações *on-line*, objeto desta pesquisa, esses conceitos devem ser repensados e adaptados, porque a interação mediada apresenta condições diferentes da interação face a face, a qual foi utilizada para desenvolver o quadro teórico de Goffman (1981). Pensemos então em que adaptações devemos fazer. Em primeiro lugar, na interação mediada por *sites* de redes sociais raramente haverá contato visual entre os interlocutores, pois, em geral, nas interações *on-line*, os interactantes ocupam espaços geográficos diferentes. No entanto, o critério de contato visual é fundamental para diferenciação entre destinatário e receptores não endereçados.

Em vista do exposto, nas interações *on-line*, outros recursos serão utilizados para marcar essa diferenciação. Apresento aqui funcionalidades técnicas dos espaços de escrita com o quais esta pesquisa trabalha: *posts*, comentários e réplicas. Na Figura 6, é ilustrada uma funcionalidade técnica do *Facebook* que possibilita aos usuários escreverem nas páginas pessoais (ou linhas do tempo) de outros usuários. Dessa forma, o usuário cuja página tenha recebido uma mensagem, recebe uma notificação do *website* que chama a atenção para que este leia a mensagem.

Figura 6- Publicação na linha do tempo de outros usuários⁴⁴

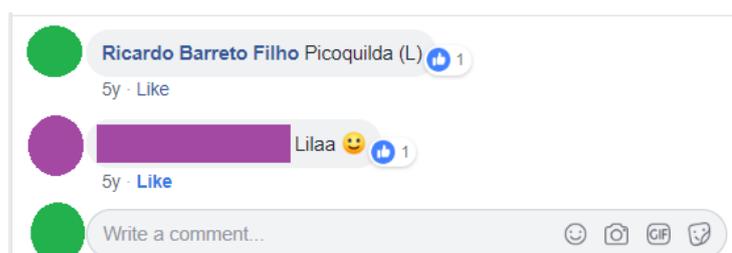


Fonte: Acervo Pessoal

⁴⁴Nessa seção, há particular interesse em apresentar o nome do interactante marcado para que o leitor compreenda como se configura uma marcação. Por questões éticas, resolvi utilizar exemplos próprios para não revelar a identidade de outros usuários. No entanto, ratifico que o uso de textos próprios se restringiu às Figuras 7, 8 e 9, pelas razões supracitadas e os outros dados não contaram com minha participação como interactante direto.

Nessa interação, é apresentada uma foto acompanhada de um enunciado verbal “Mandaram um beijo pra tu 😊”. Claramente, percebemos que o dêitico “tu” refere-se ao usuário “Ricardo Barreto Filho”, pois essa funcionalidade técnica age como uma forma de direcionamento direto do texto, transformando esse usuário em destinatário. Assim como nas interações face a face, nas interações *on-line* também é esperado que o destinatário assuma a posição de falante em algum momento da interação, como podemos ver ilustrado na Figura 7, que apresenta os comentários dessa publicação:

Figura 7- Comentários de *post*⁴⁵



Fonte: Acervo Pessoal

Conforme podemos perceber, na sequência da interação, o destinatário da mensagem de fato assumiu a posição de falante, comentando a publicação. É válido destacar, no entanto, que não é incomum que outros usuários não destinatários assumam a posição de falante, haja vista o segundo comentário do *post*, cuja autoria não é nem da Autora do *post*, nem do destinatário da postagem⁴⁶. Portanto, diferentemente do previsto em interações face a face, nas interações *on-line*, não é esperado que apenas os destinatários assumam o papel de falantes, mas, de maneira geral, todos os ouvintes potencialmente podem assumir a posição de falante.

Além da publicação nas linhas do tempo de outros usuários, há também outras possibilidades de direcionamento de destinatários, como, por exemplo, a marcação em *posts*, comentários ou réplicas. Vejamos o exemplo da Figura 8, em que é utilizada a marcação:

⁴⁵Lila é o nome da cachorra da foto, e seu apelido é Picoquilda. O (L) entre parênteses representa o *emoticon* do coração.

⁴⁶Veremos adiante que a questão da destinação das mensagens no *Facebook* incide uma influência significativa no aparecimento da polidez.

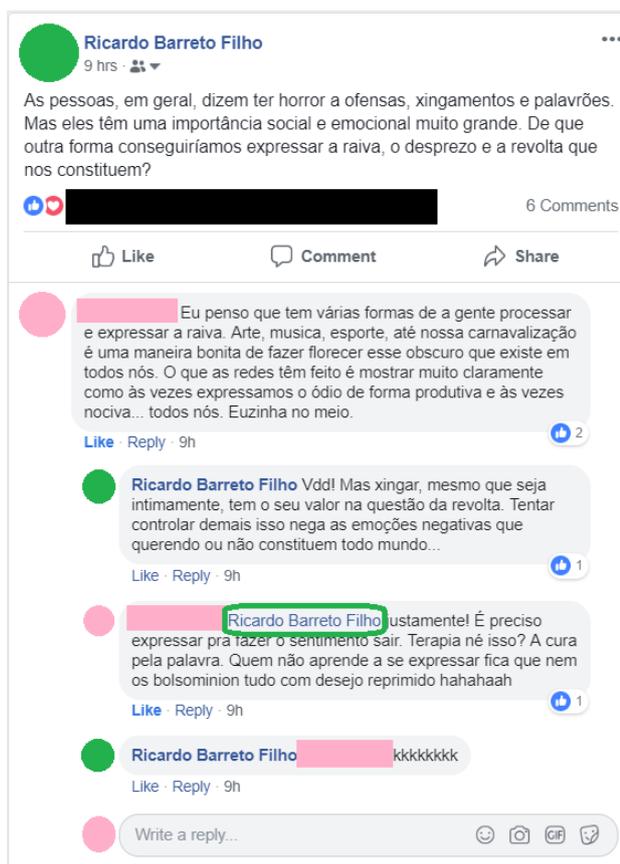
Figura 8- marcação de usuário em post



Fonte: Acervo Pessoal

Neste caso, o nome “Ricardo Barreto Filho” aparece em azul, o que indica que se trata de um *hiperlink*. O uso do nome de alguém como um *hiperlink* também garante que a pessoa marcada receberá uma notificação e essa chamada de atenção facilitará que o enunciado chegue ao seu destinatário. No caso da Figura 8, há um compartilhamento de um *link*, que fica público a todos os usuários do *Facebook*, mas que está especialmente direcionado às três pessoas marcadas no texto do *post*. Essa funcionalidade técnica aparece tanto no texto das postagens quanto em outros espaços de escrita, como comentários e réplicas, conforme vemos ilustrado na Figura 9, e até mesmo em fotos, a exemplo da Figura 10:

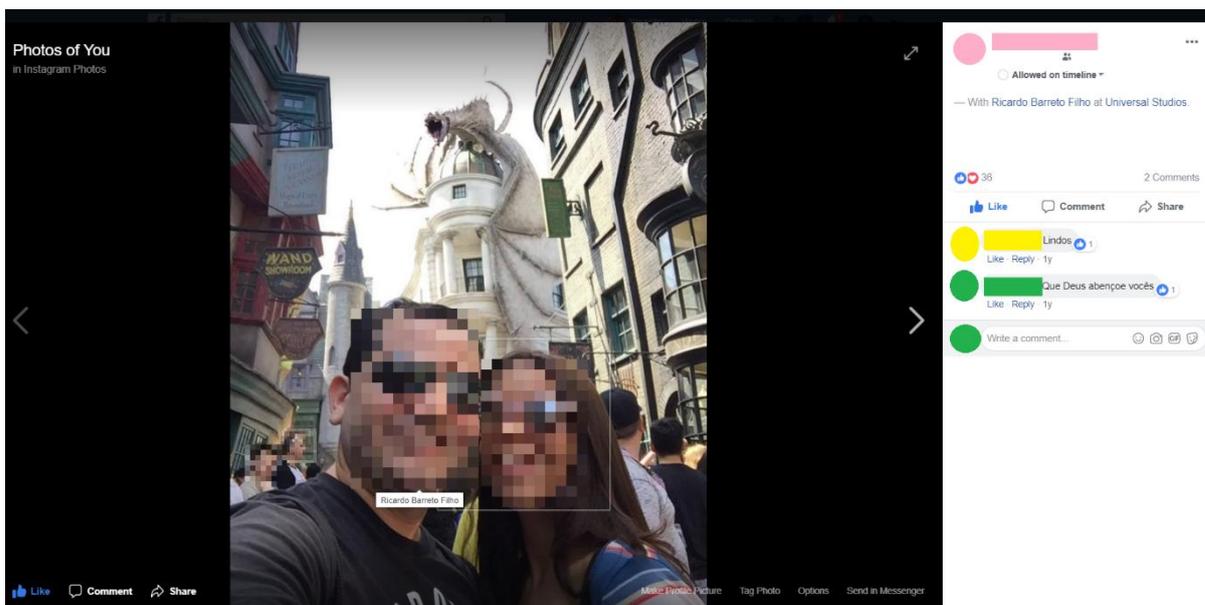
Figura 9-Marcação em réplica



Fonte: Acervo Pessoal

No caso da Figura 10, abaixo, a marcação ganha dupla função, pois, além de determinar o destinatário, faz com que a fotografia seja indexada ao perfil daquele usuário, pois essa foto fica disponível nos álbuns tanto de quem postou a foto quanto de quem foi marcado.

Figura 10- Marcação em fotos



Fonte: Acervo Pessoal

Além das funcionalidades técnicas destacadas, a esperada (porém constantemente quebrada) hierarquia entre *post*, comentários e réplicas também pode servir para diferenciação entre destinatário e receptores não endereçados. Convencionalmente, o destinatário de um comentário é o Autor do *post* e o de uma réplica é o autor do comentário. No entanto, essa regra funciona apenas no nível abstrato, pois os usuários encontram, a todo o momento, funções originais e criativas para as funcionalidades técnicas. Já apresentei anteriormente como essa regra pode ser utilizada para geração de um *innuendo* (GOFFMAN, 1981 p 134) ou insinuação, observemos agora (Figura 11) como a marcação também pode servir para um redirecionamento de um *post*, ou seja, neste caso, o comentário não funciona como uma resposta a um *post*, mas como um redirecionamento a outro destinatário:

Figura 11- Marcação de usuário como redirecionamento



Fonte: Acervo Pessoal

Na Figura 11, no comentário, atrás do quadrado vermelho, há uma marcação de uma terceira usuária, diferente do Autor do *post* e da primeira comentadora. Neste caso, a marcação tem a função de redirecionar o vídeo compartilhado a outro usuário, quebrando, portanto, a hierarquia e a relação tópica entre comentário e postagem. Dessa forma, percebemos que o redirecionamento é um *affordance* percebido da funcionalidade técnica de marcação. Com essa discussão, damos conta de discutir a particular forma de diferenciação entre os dois tipos de ouvintes ratificados: os destinatários e os ouvintes não endereçados.

Agora, cabe discutir a questão dos ouvintes não ratificados, que, segundo Goffman (1981), dividem-se em ouvintes casuais e espíões. Em ambos os casos, esses ouvintes não têm a autorização de participar da interação, ora porque simplesmente não são reconhecidos como participantes, mas não são necessariamente proibidos de serem ouvintes, caso dos ouvintes casuais, ora porque são realmente proibidos de participar das interações e precisam encontrar meios bem arquitetados para terem acesso ao conteúdo da conversa (espíões).

Neste trabalho, defendo que essa categoria, na verdade, se dissolve nas interações *on-line* por meio do *Facebook*, sobretudo a categoria de ouvintes casuais, porque, vias de regra, todos os usuários cadastrados no *Facebook*, especialmente no caso das interações públicas,

têm legitimidade técnica para ocuparem o *status* de ouvintes ratificados. Ora, pressupõe-se que os conteúdos, uma vez compartilhados em rede, podem ser lidos, apreciados e comentados por outros usuários, mesmo que sejam destinatários ou não. Os espaços de escrita dos *posts*, comentários e réplicas funcionam, portanto, como um lugar propício para o aparecimento de diálogos multipartidários, em que diversas pessoas possuem a autorização e a capacidade técnica de tornarem-se falantes.

Dessa forma, torna-se difícil sustentar, no contexto de trabalho desta pesquisa, que haja ouvintes casuais, pois os enunciados, nesse espaço de escrita, apesar de serem eventualmente direcionados a um interlocutor específico, são, na verdade, enunciados para a rede. Não obstante, a percepção do espaço *on-line* é diversa e híbrida, por isso pode-se perceber eventualmente que, em algumas situações, a questão da (não) ratificação se faz presente. Vejamos um excerto retirado do *corpus* desta pesquisa em que, num dado momento de uma longa discussão, um dos comentadores declara, no exemplo 4.9, do Texto 9:

Exemplo 4.9

Comentador 1:Comentadora 2, porque detesto "textões".

De resto, vou continuar por inbox, pois já "floodou" demais o post da **Autora do post...** 😊👍

Neste comentário, o Comentador 1 inicia uma sequência de despedida em que diz que não mais comentará no *post*, pois odeia “textões” e já “floodou”⁴⁷ demais o *post* que pertence à autora do texto. Por meio da justificativa do Comentador 1, percebe-se um cuidado em relação a um espaço que não lhe pertence, mas pertence à Autora do *post*. Embora a ideia de pertencimento seja estranha à linguagem *on-line* em função da constante presença de compartilhamentos, do estímulo constante à interatividade e da interação multipartidária e em rede, não é incomum a referência à ideia de posse e controle, como se os comentadores devessem aos autores do *post* o reconhecimento de sua posição hierárquica. No mesmo

⁴⁷O termo “floodar” é um verbo muito utilizado na linguagem *on-line*, tem sua origem na palavra “flood”, em língua inglesa, que significa inundar ou inundação. O verbo flexionado em língua portuguesa denota a a o de escrever ou postar demais em *sites* de redes sociais.

sentido, podemos encontrar interações como a que segue abaixo, fruto de uma discussão sobre política, no exemplo 4.12, no Texto 16:

Exemplo 4.12

Comentador 1: Você já esta enchendo o Saco vou te bloquear

Autora do *post*: **Comentador 1** mas é meu face! E você que vive me mandando coisa no privado? Eu nem reclamo, mas pode bloquear.

Autora do *post*: **Comentador 1** sabe qual é o seu problema? Não quer aceitar a realidade, nunca tem argumentos pra rebater. Por isso fica incomodado.

Em vista do exposto, podemos concluir que a categoria de ouvintes casuais parece enfraquecer-se nas interações *on-line* públicas no *Facebook*, em função das características tecnológicas que medeiam essas interações. Não obstante, os interactantes eventualmente parecem estabelecer critérios de ratificação, dentre os quais se destaca a ideia de posse conferida aos autores dos *posts*.

Em relação à noção de espíões, parece-me ainda mais enfraquecida, no caso do nosso objeto de estudo, já que as interações são públicas e não haveria qualquer necessidade de arquitetar algum tipo de espionagem para ter acesso aos conteúdos discutidos. Contudo, o exemplo logo acima chama atenção para uma capacidade técnica que pode proibir algum usuário de ser “ouvinte”: o bloqueio.

Por meio da funcionalidade do bloqueio, o usuário pode impedir que um perfil acesse as suas postagens ou comentários. No entanto, no que diz respeito às postagens públicas no *Facebook*, sempre é possível que um usuário se utilize de um perfil falso ou mesmo perfis de terceiros para ter acesso aos conteúdos postados por alguém que o bloqueou. Nessa situação, configurar-se-ia um caso de espionagem.

Considerando, portanto, a discussão proposta sobre as categorias do esquema de participação (GOFFMAN, 1981) no contexto de interações públicas no *Facebook*, proponho o seguinte quadro:

Quadro 7- Estrutura de Participação em Interações Públicas no *Facebook*

1. Ouvintes ratificados:

- Destinatário: ouvintes para os quais os enunciados são direcionados, por meio

de funcionalidades técnicas do *website*, notadamente: publicação na linha do tempo, marcações ou conformidade com a hierarquia entre *post*, comentário e réplica. Assim como nas interações face a face, espera-se que esses ouvintes, incidentalmente, assumam a posição de falantes.

- Receptores não endereçados: ouvintes para os quais as mensagens não são diretamente enviadas, por meio das funcionalidades técnicas, mas que podem participar das interações, eventualmente tomando a posição de falantes.

2. Ouvintes não ratificados:

- Ouvintes casuais: noção enfraquecida, no contexto de interações públicas no *Facebook*, pois, em geral, todos os usuários em rede são potenciais ouvintes ratificados. No entanto, os usuários podem criar relações híbridas em que estabelecem posse sobre as postagens e criam critérios de ouvintes mais legitimados ou menos legitimados.
- Espiões: ouvintes que planejam estratégias para participar de interações de que foram proibidos. No caso da interação no *Facebook*, usuários bloqueados que se utilizam de perfis de terceiros.

Conforme discutimos, o esquema de participação decompõe o conceito de ouvintes em categorias menores e analiticamente coerentes. Por outro lado, ainda se faz necessário decompor o conceito de falante da mesma maneira; para isso, Goffman (1981) desenvolve o conceito de formato de produção. As categorias do autor para o formato de produção, assim como as do esquema de participação, obedecem à lógica das suas funções interacionais e se referem à relação que o falante mantém com o que é dito.

É importante compreender que essas funções não são pré-estabelecidas, nem mesmo fixas durante toda a interação, elas emergem das necessidades interacionais que, por sua vez, estão atreladas aos conteúdos tratados e aos objetivos do falante em relação ao seu contato com os outros. O Quadro 8, abaixo, adaptado de Levinson (1987, p. 169), apresenta as categorias de formato de produção cunhadas por Goffman (1981), por meio da citação direta da voz deste autor e da exposição das páginas em que os conceitos aparecem:

Quadro 8- Formato de Produção

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Animador: “a caixa de som” (p. 226) 2. Autor: “o agente que desenvolve o texto em si” (p. 226) 3. Principal: “a parte cuja posição atesta as palavras” (p. 226) |
|--|

Fonte: Traduzido de Levinson (1987)

O **animador** refere-se ao falante que serve de articulador vocal dos enunciados, de maneira bem simples, é aquele que vemos falar. No caso de uma interação, como em um telejornal, por exemplo, os âncoras normalmente cumprem exclusivamente esse papel, pois geralmente não produzem os textos que leem, tornando-se articuladores orais de textos que foram escritos por outros.

Em contrapartida, o **autor** é a categoria que se refere àqueles que articulam a produção textual desenvolvendo o seu roteiro e orquestrando as vozes que aparecem nos textos. Um exemplo disso são os chamados *ghost writers* (escritores fantasmas, em inglês), esse termo é utilizado para designar, no mercado editorial, aqueles escritores contratados com o propósito de escreverem obras que serão atribuídas a outras pessoas. Esse tipo de escritor, que normalmente é muito utilizado na escrita de biografias de pessoas famosas, cumpre o papel da articulação intelectual dos enunciados, mas não é visto como o responsável por aquelas palavras.

Finalmente, o **principal** se refere à parte que tem responsabilidade sobre o que é dito, àquele a quem as palavras e ideias serão atribuídas. Num contexto de discurso político, por exemplo, normalmente os políticos contam com equipes de assessoramento que controlam o que será dito. Dessa forma, a equipe geralmente se conforma ao papel de autor, pois articula e avalia a redação dos discursos. No entanto, neste caso, a responsabilidade sobre as ideias é atrelada ao político, é a imagem dele que estará sob apreciação.

É importante salientar, no entanto, que há possibilidade de sobreposição dessas categorias, pois, em muitas vezes, o mesmo sujeito pode atuar como animador, autor e principal. Às vezes também é possível que o sujeito se enquadre como animador e principal, sem que seja necessariamente o falante, como no caso, do discurso político estruturado por assessores.

Tendo essas categorias em vista, pensemos agora como essas noções aparecem no contexto desta pesquisa, as interações públicas no *Facebook*. Conforme já destaquei, as interações em *sites* de redes sociais são constantemente construídas a partir do

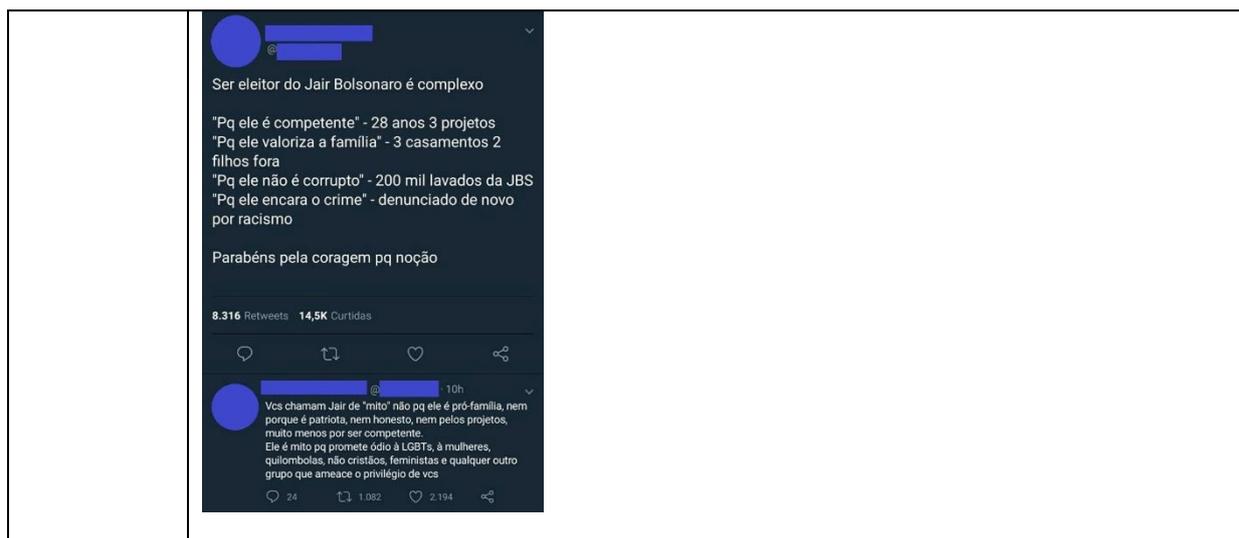
compartilhamento de textos. As funcionalidades técnicas do *website* permitem que a maioria dos textos seja replicada de forma integral e ainda há a possibilidade do aparecimento de espécies de correntes, as quais normalmente apresentam frases como “copie e cole no seu mural/linha do tempo”. Vejamos o exemplo 4.13 abaixo, retirado do Texto 1:

Postagem	<p>Autor do <i>post</i> compartilhou uma postagem:</p> <p>Aluno que atacou caravana de Lula diz amar escola criada pelo ex-presidente</p>  <p>Depois de hostilizar caravana no Rio Grande do Sul, aluno que faz três cursos em escola federal criada por Lula diz amar a instituição. Exemplo é emblemático por revelar nível do analfabetismo político que assola o País</p>
----------	--

Esse compartilhamento de imagem faz com que o Autor do *post* se caracterize como um animador dessa notícia, pois a imagem, já pronta e construída, foi replicada, neste caso, sem que houvesse qualquer influência do compartilhador. Contudo, há situações em que os compartilhadores enquadram-se como animadores, porém adicionam sentidos aos textos compartilhados por meio de legendas de compartilhamento. Vejamos no exemplo 4.14, no Texto 4:

Exemplo 4.14

Postagem:	<p>Autor do <i>post</i> compartilhou uma postagem</p> <p>É melhor jair caindo fora! 😂😂😂😂😂😂</p>
-----------	---



Neste caso, o animador do compartilhamento adicionou sentido ao texto, pois, por meio dos *emoticons* de risadas, reforçou o *footing* de ridicularização em que o autor do texto compartilhado faz uso de ironias parabenizando certo grupo de eleitores pela coragem. Nos nossos dados, os autores dos *posts*, em sua maioria, tomam o papel de animadores, ora animando de forma simples, por meio de compartilhamento sem a criação de legendas (1º exemplo), ora de forma elaborada, por meio da adição de sentidos estabelecida pelo uso de legendas (2º exemplo).

A animação nos comentários e réplicas também se faz presente, não é incomum que os comentários apresentem *links*, *memes* e outros textos multimodais para replicar ou responder a outros usuários. Vejamos este exemplo 4.15, do Texto 11, numa sequência de réplicas, em uma discussão sobre política:

Exemplo 4.15

Comentador 1: **Comentador 4** antes de me rotular, procure se informar melhor, FHC e Lula possuem a mesma raiz, a diferença é que um estudou e oboutro sempre foi malandro.

Comentador 4: <https://politica.estadao.com.br/.../eleicoes,o-que...>



Comentador 1:Comentador 4 procura um canal de rola e me esquece.

Comentador 4: Os links tãõ aí. Não precisa nem dizer que leu pra mim nem pra ninguém. Só lê e aprende, é bom pra tu mesmo.

Na segunda réplica desse exemplo 4.15, o Comentador 4 anima uma notícia com o aparente objetivo de insinuar que o Comentador 1 é desinformado, haja vista a última réplica que diz “Só lê e aprende, é bom pra tu mesmo”. Nesse caso, percebemos que a animação é fundamental para a análise da interação no nosso contexto de pesquisa, pois a funcionalidade do compartilhamento é bastante produtiva na escrita em posts.

No que tange à questão da autoria nos dados desta pesquisa, percebe-se que ela nem sempre é identificável, pois, se o compartilhamento for de uma imagem, raramente o Autor do *post* indicará a fonte. No entanto, quando é um caso de compartilhamento de *links* de outros *websites* ou do próprio *Facebook*, o autor do texto é normalmente referenciado por meio de *hiperlinks*, conforme o exemplo 4.16, do Texto 4, abaixo⁴⁸:

Exemplo 4.16

Postagem:	<p><u>Autora do <i>post</i></u> compartilhou uma postagem:</p>  <p>August 6 at 10:39 AM</p> <p>Manuela D'Ávila como vice de Haddad, Katia Abreu como vice de Ciro. A luta pelo feminismo fará nessas eleições com que os partidos políticos capitalizem o movimento atraindo os votos das mulheres, mas nenhuma das duas defendem, verdadeiramente, qualquer pauta feminista.</p> <p>Manuela defende abertamente a regulamentação da prostituição e Katia Abreu tem origem na cultura oligárquica e da exploração do trabalho escravo, típica do agro negócio.</p> <p>Não tenho qualquer ilusão de que o que se faz hoje na política, seja de direita ou de esquerda, são as mesmas práticas da República Velha. Sempre mais do mesmo.</p>
-----------	---

No que tange à questão dos principais, nas interações públicas no *Facebook*, normalmente a percepção dos interlocutores é de que, embora haja muitos compartilhamentos (animação), os animadores é que são responsabilizados pelo que animam, embora sua autoria não seja reconhecida. Vejamos o exemplo 4.17, do Texto 1, abaixo:

Exemplo 4.17

⁴⁸Neste caso, os hiperlinks que identificam a autoria do compartilhamento foram omitidos em função de questões éticas.

Postagem	<p><u>Autor do post</u> compartilhou uma postagem:</p> <p>Aluno que atacou caravana de Lula diz amar escola criada pelo ex-presidente</p>  <p>Depois de hostilizar caravana no Rio Grande do Sul, aluno que faz três cursos em escola federal criada por Lula diz amar a instituição. Exemplo é emblemático por revelar nível do analfabetismo político que assola o País</p>
Comentários	
	<p><u>Comentador 1:</u> <u>Analfabetismo político seu!</u> O que Lula, ou qualquer outro governante, fez em benefício do povo foi pura e simplesmente só uma obrigação institucional do cargo, não um motivo para idolatria! [...]</p>

No comentário 1, do exemplo acima, vemos a presença de um insulto logo na primeira linha “analfabetismo político seu!”. Diferentemente do padrão de insultos normalmente apresentado nos nossos dados, os quais são normalmente direcionados a grupos identitários, esse insulto foi direcionado à face do autor do texto, que foi atacada em resposta a uma animação de uma notícia que classificava um rapaz como “analfabeto político”. Embora o texto seja facilmente identificado como uma animação simples, um compartilhamento direto de notícias sem qualquer elaboração, percebe-se que o Comentador 1 responsabiliza o Autor do *post* como principal, haja vista o insulto direcionado à face do Autor do *post* e não ao autor do compartilhamento.

Em vista dos conceitos explicados e exemplificados nesta seção e das reflexões propostas para o contexto de interações públicas no *Facebook*, o Quadro 9 sistematiza os principais conceitos goffmanianos frente à realidade das interações *on-line* aqui abordadas:

Quadro 9- Esquema de Participação e Formato de Produção em Interações Públicas
On-line no Facebook

<p>Animador⁴⁹: falante que apresenta verbo-visualmente os textos por meio de seus perfis. A animação do discurso de outros autores aparece principalmente por meio do compartilhamento de textos que, por sua vez, pode ser caracterizado como uma animação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Simples: quando o compartilhamento é simplesmente feito sem que haja adições de sentido por meio de legendas, ou • Elaborado: quando, além de compartilhar, o animador adiciona legendas ao compartilhamento. <p>Autor: o falante que articula ou escreve os textos, mas não necessariamente os apresenta em seu perfil. A autoria dos textos pode não ser indentificável, sobretudo em compartilhamentos de fotos. Se se tratarem de textos produzidos em outros <i>websites</i> ou no próprio <i>Facebook</i>, normalmente a autoria é identificada por meio de <i>hiperlinks</i>.</p> <p>Principal: a quem é atribuída a responsabilidade pelas palavras. Muitas vezes, no <i>Facebook</i>, a percepção dos usuários é de que a responsabilidade é do animador.</p>
<p>Ouvintes ratificados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Destinatário: ouvintes para os quais os enunciados são direcionados, por meio de funcionalidades técnicas do <i>website</i>, notadamente: publicação na linha do tempo, marcações ou conformidade com a hierarquia entre <i>post</i>, comentário e réplica. Assim como nas interações face a face, espera-se que esses ouvintes, incidentalmente, assumam a posição de falantes. • Receptores não endereçados: ouvintes para os quais as mensagens não são diretamente enviadas, por meio das funcionalidades técnicas, mas que podem participar das interações eventualmente tomando a posição de falantes.
<p>Ouvintes não ratificados:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ouvintes casuais: noção enfraquecida no contexto de interações públicas no

⁴⁹As categorias de formato de produção admitem sobreposição de papéis de um mesmo falante. Não raro os animadores são também autores e principais.

Facebook, pois em geral todos os usuários em rede são potenciais ouvintes ratificados. No entanto, os usuários podem criar relações híbridas em que estabelecem posse sobre as postagens e criam critérios de ouvintes mais legitimados ou menos legitimados.

- Espiões: ouvintes que planejam estratégias para participar de interações de que foram proibidos. No caso da interação no *Facebook*, usuários bloqueados que se utilizam de perfis de terceiros.

Em resumo, esta seção apresentou um novo aparato teórico para estudo da (im)polidez no contexto de discussões *on-line* no *Facebook* a partir de discussões ainda emergentes acerca da relação da (im)polidez com a ideologia e as identidades e da adaptação de conceitos dos estudos da interação em meio *on-line*. Deve-se enfatizar a natureza inferencial dos ataques no *Facebook*, os quais têm natureza ideológica e são normalmente direcionados às identidades ideológicas dos participantes, o que normalmente requer que eles se identifiquem por meio da compreensão dos indexadores identitários para que se sintam ofendidos.

Ademais, essa seção também enfatizou as mudanças da estrutura de participação e do formato de produção, os quais se modificam em função das funcionalidades técnicas que medeiam o acesso do interactante à linguagem. Foi percebido, aqui, que, em relação ao formato de produção, a maioria dos textos são animados pelos autores do *post*, contudo a percepção é de que os animadores são igualmente principais, pois são normalmente responsabilizados por aquilo que compartilham. Ademais, há uma dissolução do conceito de ouvintes não ratificados, uma vez que a plataforma do *Facebook* incentiva a participação de participantes, mesmo que não tenham sido endereçados. A próxima seção se dedica à descrição dos três *Footings* de (im)polidez encontrados na pesquisa, os quais serão analisados a partir do aparato de análise proposto nesta seção.

5 FOOTINGS DA (IM)POLIDEZ EM DISCUSSÕES NO FACEBOOK

Esta seção está dedicada à descrição e definição dos *Footings* de (im)polidez encontrados na pesquisa, a saber: de agressão, de preservação e de ridicularização. O termo *Footing*, grafado em letra maiúscula, foi escolhido para representar as situações em que os interactantes estabelecem alinhamentos ligados à (im)polidez, ou seja, quando somos capazes de verificar que se estabelece um alinhamento em que as expressões linguísticas podem ser compreendidas a partir da agressão, da preservação e da ridicularização de interlocutores. O que garante esse estabelecimento de *Footing* de (im)polidez é sempre a inter-relação entre o uso da língua e o contexto. Em boa parte das vezes, as descrições dos *Footings* são marcadas pela presença de marcas de (im)polidez, as quais funcionam como pistas de contextualização (GUMPERZ, 1981) para mostrar aos interlocutores que há intenção de gerar ofensa, ridicularização ou preservação.

Em vista do exposto, esta seção pretende descrever os *Footings*, por meio da identificação de marcas de (im)polidez embasadas nos seus contextos de uso, bem como com a explicação dos processos de ofensa e de preservação. Além disso, também foi realizada uma análise numérica das marcas de (im)polidez presentes nos textos da amostra, em que observei a frequência, a presença, o tipo e o direcionamento das marcas, com o fim de caracterizar, de forma geral, as marcas linguísticas associadas aos *Footings* de (im)polidez.

Primeiramente, os *Footings* da agressão foram caracterizados, demonstrando que os ataques deliberados encontrados no *Facebook* são normalmente direcionados às identidades sociais dos participantes em vez de suas faces individuais. Além disso, as críticas acentuadas e os insultos foram as marcas de (im)polidez mais utilizadas, enquanto as ameaças e maldizeres foram as menos utilizadas.

Os *Footings* de preservação caracterizam-se pela presença da polidez, ou seja, o uso da linguagem para evitar conflitos. Esses foram menos produtivos nos nossos dados e foram exclusivamente usados para preservar as faces individuais dos interlocutores; normalmente apareceram quando foram levantados temas individuais que eram sensíveis às faces dos interactantes. A marca mais utilizada foi a da compreensão, o que demonstra que a polidez normalmente aparece para esclarecer informações, e as marcas do tato e da modéstia foram inexistentes.

O último *Footing* descrito foi o da ridicularização, o qual se demonstrou como um alinhamento híbrido em que os interactantes ora tendiam a aparecer mais agressivos, ora mais preservativos. Esse *Footing* caracteriza-se pelo uso do humor e da ironia para desqualificar e ridicularizar o posicionamento dos outros. Vejamos a seguir as descrições dessas categorias.

5.1 AGRESSÃO

Os *footings* considerados agressivos são aqueles por meio dos quais podem-se depreender sentidos ofensivos das escolhas linguísticas, ou seja, quando se percebe a mobilização da linguagem para gerar ofensa. Conforme tenho defendido, neste trabalho, o simples uso de expressões linguísticas convencionalmente ligadas a ofensas não é infalível na percepção de um *Footing* agressivo, é preciso que, por meio da mobilização da linguagem em uso haja, o estabelecimento da agressividade.

A escolha pela palavra “agressivo” aqui deve ser percebida como um estabelecimento de um termo técnico que designa alinhamentos agressivos, ou seja, o uso da língua para causar ofensa de forma deliberada. Isso significa dizer que a noção de agressividade aqui não pode ser encarada única e simplesmente a partir de uma percepção individual e intuitiva do analista. Para justificar que há, em determinada interação, um *Footing* agressivo, é necessário que o analista sustente sua interpretação com base nas reações visíveis dos interactantes por meio da análise de três aspectos, conforme apontam Culpeper e Hardaker (2017): cotexto, contexto e escolhas linguísticas. Por exemplo, um falante qualquer pode individualmente achar que um palavrão seja extremamente impolido, no entanto, essa percepção individual não é capaz, por si só, de determinar que haja um *Footing* agressivo em uma dada interação. Ora, em função de questões contextuais, o uso de palavrões pode ser apenas uma marca de intimidade entre amigos ou mesmo uma característica ritual de determinadas interações.

Sobre essa questão, vamos ilustrá-la, por meio da análise do exemplo 5.1, do texto 15, que compõe a amostra dessa pesquisa. Essa interação se inicia quando a Autora do *post* assume o papel de animadora de uma corrente que circulou em páginas de mulheres brasileiras na ocasião das campanhas eleitorais de 2018. O texto animado relata o caso de invasão de um grupo no *Facebook* intitulado como “Mulheres contra Bolsonaro”; segundo o texto, *hackers* teriam invadido a página e modificado o nome do grupo para que desse a

entender que os seus membros, na verdade, apoiavam o candidato. Vejamos, no excerto abaixo, o texto animado pela Autora do *post*:

Exemplo 5.1

Postagem 15:	<p><u>Autora do post:</u> O grupo Mulheres Unidas contra Bolso.naro (que em 1 semana juntou mais de 2 milhões de mulheres) foi hackeado. Um sujeito entrou, retirou as moderadoras do comando e mudou o nome do grupo para Mulheres com Bolso.naro. Isso não é uma brincadeira, isso é criminoso. Revela como tratam nossos corpos e invadem nossos espaços, extirpam a nossa voz. Revela como se comporta o fascismo. Já somos 2 200 000 mulheres contra o tal candidato! Mulheres do Brasil inteiro tomam posição política contra o preconceito e discriminação, como pauta política, representada por um deputado de extrema direita, com pautas Nazifascista contra a diversidade de pensamentos na sociedade brasileira. Mulheres unidas contra o retrocesso! Tá com a gente? Copie e cole no seu mural! #EleNão #EleNunca #MulheresUnidasContraBolsonaro #MulheresUnidasContraoFascismo</p>
--------------	--

Esse fragmento apresenta indexadores identitários que estão relacionados ao feminismo e à posição político-ideológica de esquerda, haja vista a frase “Revela como tratam nossos corpos e invadem nossos espaços, extirpam a nossa voz”, que apresenta reclamações recorrentes nos movimentos feministas, e o insulto “Nazifascista” atrelado às pautas de um deputado de extrema direita. Conforme indicam Blitvich e Sifianou (2017), a impolidez revelada por meio de críticas acentuadas e insultos pode agir como indexador identitário, pois outros interlocutores podem inferir que o fato de atacar uma posição ideológica implica necessariamente no apoio à outra posição antagônica. Pode-se ver essa questão materializada nos comentários que seguem, vejamos o exemplo 5.2, que apresenta a sequência do Texto 15:

Exemplo 5.2

Comentários:	<p>Comentador 1: Kkkkkkkkk.....facista? As centenas de Blogueiros recebendo para alavancar o PT é o que? Para quem não sabe, o tal grupo criado tinha outro nome, Gina Indelicada e muitas contas foram inseridas sem o consentimento das mesmas, inclusive aqui em casa. Ou seja, uma guerra virtual e quem tem telhado de vidro, tem que ficar pianinho.</p>
--------------	---

	<p>Bolsonaro 17 ganha no primeiro turno, para desespero da esquerda caviar. <u>Comentador 2:</u> é verdade isso, eu era a Gina <u>Comentador 1:</u> <u>Comentador 2</u> acho que vc era a va gina. <u>Comentador 1:</u> <u>Comentador 2</u></p>  <p><u>Autora do post:</u> Comentador 1, vai tomar no cu. Consegue nem fazer piada decente. Que nojo. Tá finalmente bloqueado. Mantenha distância.</p>
--	--

Na seção de comentários desse *post*, vemos que o Comentador 1 investiu em um ataque aos dois posicionamentos ideológicos indexados na postagem, haja vista os insultos “esquerda caviar” – contra a posição política de esquerda– no comentário e o texto imagético na terceira réplica, cujo objetivo é ridicularizar o feminismo. Por sua vez, a Autora do *post*, de forma incisiva, fez uso de um maldizer “vai tomar no cu” e de uma dispensa “Tá finalmente bloqueado. Mantenha a distância”. Com esse exemplo, quero ilustrar que, na verdade, não são as escolhas linguísticas *per se* que fazem com que o último comentário desse *post* seja interpretado por meio de um *footing* da agressividade. Como analista, só é possível sustentar esse ponto de vista se percorrermos a análise do contexto histórico-ideológico ao redor dessa interação, a análise do cotexto, identificando o encadeamento interativo em que essas marcas de impolidez aparecem, e, finalmente, a análise das escolhas linguísticas feitas pelos interlocutores.

Além disso, também é importante ressaltar que foge do escopo dessa pesquisa o juízo de valor sobre a impolidez – se ela é justificável ou não – bem como a gradação do que é mais agressivo ou menos agressivo. Não cabe a esta pesquisa, por exemplo, defender que um interlocutor é mais (im)polido que outro ou que há situações mais agressivas que outras.

Outro aspecto que pode ser ilustrado nesse exemplo é a questão do direcionamento da impolidez. No caso acima analisado, percebe-se que há insultos direcionados à face individual dos interactantes e outros direcionados às identidades indexadas por eles. Por exemplo, os insultos empregados pelo Comentador 1 “esquerda caviar” e texto imagético são direcionados às identidades indexadas no texto animado pela Autora do *post*, em contrapartida, o maldizer e a dispensa empregados pela Autora do *post* estão direcionados à face individual do

Comentador1. Ao longo da análise dos *footings* agressivos, vamos demonstrar que o primeiro tipo de direcionamento é o mais comum em discussões públicas no *Facebook*.

Acerca dessa questão, ainda é importante destacar que, embora este trabalho proponha uma divisão de direcionamento de ofensas e marcas de impolidez, o processo de ofender-se não está unicamente relacionado ao direcionamento da impolidez. É relativamente comum que os insultos críticos e outras marcas de (im)polidez, embora não direcionadas à face individual dos interlocutores, os atinjam, gerando a percepção da ofensa.

No exemplo 5.2, do texto 15, por exemplo, há elementos visíveis que sustentam a conclusão de que a Autora do *post* se ofendeu com os comentários e réplicas do Comentador 1, haja vista a sua resposta incisiva e agressiva. Neste caso, a relação cotextual (e também contextual) entre os comentários do Comentador 1 e a réplica da Autora do *post* suportam a existência de emoções negativas (revolta e desconforto, nesse caso) frutos dessa interação. Percebe-se, portanto, que o processo de ofensa expresso pela autora do texto acontece porque ela se identifica com a identidade atacada pelo Comentador 1, ou seja, embora o direcionamento das ofensas normalmente não sejam direcionadas aos ouvintes endereçados, isso não acarreta menos ofensas na internet, muito pelo contrário, é relativamente comum que vários interlocutores identifiquem-se e ofendam-se por meio da tática de intersubjetificação da adequação (BUCHOLTZ e HALL, 2004a, 2004b, 2005), uma vez que ofender-se por causa de um insulto ou de uma crítica acentuada a uma identidade implica que o interactante ofendido se adéqua à identidade atacada.

Ainda sobre essa questão, os dados demonstram que os indexadores identitários nos textos do *Facebook* aparecem por meio de processos inferenciais, ou seja, na maior parte das vezes, os interactantes não se autorrotulam como pertencentes a um grupo, fica a cargo dos interlocutores a interpretação sobre a que grupo os usuários se associam e qual grupo está sendo atacado. Essa característica interacional está intimamente relacionada à configuração da (im)polidez, conforme veremos no exemplo 5.3, do Texto 7, abaixo:

Exemplo 5.3

Postagem:	<u>Autor do post</u> compartilhou uma imagem: Se seu candidato defende essas formas de violência, por favor, só me exclua. Obrigado.
-----------	--



No exemplo 5.3, o Autor do *post* faz uma animação elaborada de um texto imagético contra homofobia, fascismo, racismo e ódio adicionando sentidos ao texto por meio da sua legenda, a qual relaciona o conteúdo da imagem às eleições presidenciais no Brasil, em 2018. Além disso, a legenda escrita pelo autor do texto apresenta uma marca de impolidez chamada de dispensa, já que pede que aqueles que votarem em um determinado candidato excluam-no da sua rede de amigos. A exclusão e o bloqueio são funcionalidades técnicas que influenciam as marcas de impolidez, pois implicam o afastamento de interactantes nas interações por meio do *Facebook*.

Considerando-se a marca de impolidez apresentada pelo Autor do *post*, o Comentador 1 demonstra, por meio do exemplo 5.4, continuação do Texto 7, abaixo, a maneira como identifica o seu interlocutor. Em vista disso, vemos, mais uma vez, como a impolidez pode servir como indexador identitário:

Exemplo 5.4

Comentários:	
	<p>Comentador 1: Fascismo e ódio são bandeiras de luta do PT. Homofobia já estiveram na pauta do PT, quando excluíram Gabeira, que na época era do PCdoB, de ser o vice de Lula. No lugar dele entrou um obscuro Paulo Bisol...fuça ai que tu vai descobrir.</p>

Em vista das críticas tecidas pelo Comentador 1, nesse exemplo 5.4 podemos perceber que ele interpretou que a dispensa realizada pelo aAutor do *post* é um indexador identitário de eleitor do PT. Com base nisso, encaminha uma crítica acentuada ao Partido dos Trabalhadores, acusando-o de homofóbico e machista. Conforme percebemos, o processo de

ofensa aqui é construído a partir de leituras inferenciais, notadamente a de que a dispensa da legenda do *post* é um indexador que identifica apoio ao PT, e a de que as críticas tecidas ao PT serão identificadas pelo interlocutor endereçado (Autor do *post*) como críticas a ele próprio.

Na réplica que segue esse comentário, no exemplo 5.5, continuação do Texto 7, vemos que outro interlocutor interage na postagem com o objetivo de ridicularizar a opinião do Comentador 1, vejamos:

Exemplo 5.5

	<p>Comentador 1: Fascismo e ódio são bandeiras de luta do PT. Homofobia já estiveram na pauta do PT, quando excluíram Gabeira, que na época era do PCdoB, de ser o vice de Lula. No lugar dele entrou um obscuro Paulo Bisol...fuça ai que tu vai descobrir.</p> <p>Comentador 2: Ô vida dura!!! Tentar explicar o mico!!</p>  <p>Comentador 1: Aceitem que dói menos! Cadê o candidato do PT? O tal do Andrade kkkk</p>
--	---

Conforme pode-se perceber, a ridicularização proposta pelo Comentador 2 demonstra a natureza multipartidária dos diálogos em *sites* de redes sociais, como o *Facebook*. O endereçamento das marcas de impolidez, ao menos no nível superficial, normalmente é feito às identidades indexadas nos textos dos participantes, fazendo com que as críticas e insultos, principalmente, não sejam direcionados a um interlocutor específico, mas a todos que se adequam a uma determinada identidade. Essa observação, a meu ver, estimula que ocorra colaboração entre usuários que podem se unir para defender um ponto de vista, e, conseqüentemente, realização de ataques a identidades em conjunto, a exemplo do que ocorreu com o Autor do *post* e o Comentador 2, cujos textos coadunam para um ataque ao grupo de eleitores que apoiam um candidato. A última réplica do Comentador 3 reafirma a natureza ideológica da discussão, fazendo, mais uma vez, uma crítica acentuada ao Partido dos Trabalhadores.

Ainda sobre o processo de ofensa, percebe-se que é regular que as ofensas nos inícios dos *posts* sejam normalmente direcionadas a identidades ideológicas, e, eventualmente, quemarcas direcionadas às faces individuais apareçam no decorrer do texto, quando os interactantes ofendidos demonstram-se identificados pelas identidades atacadas. Sobre essa observação, podemos ver, no exemplo 5.3, do Texto 3, como isso se materializa nos discursos:

Exemplo 5.3

Postagem:	<p>Autor do <i>post</i>:</p>  <p>Nem toda direita é nazista, MAS TODO NAZISTA É DE DIREITA! <u>#Fato</u></p>
-----------	--

No exemplo 5.3, primeiramente, vemos um raro exemplo, ao menos na amostragem, de texto não compartilhado, ou seja, nesse caso, a figura de animador, autor e principal se sobrepõem. Aqui se vê que a ofensa está direcionada ao posicionamento político-ideológico de direita, pois o Autor do *post*, por meio de uma rotulação, deliberadamente insulta a posição ideológica de direita quando faz uma analogia entre a direita e o Nazismo. O insulto aqui não é direcionado a nenhum destinatário específico, pois não há uso das marcações ou referências explícitas a algum interlocutor.

No entanto, nos comentários que acompanham a postagem, no exemplo 5.7, continuação do Texto 3, há reações que sustentam a ofensa e repondem ao insulto do Autor do *post*, por meio de um maldizer interpretado sob um *Footing* de agressividade, principalmente no comentário do Comentador 4:

Exemplo 5.7

Comentários:	
	Comentador 1: Verdade
	Comentadora 2: #LulaLivre#LiberdadeparaLula#SOMOSTODOSLULASOMOSTODOSPT
	Comentador 3: Todos dando a bunda suruba por luladrão 😄😄😄😄😄😄😄 #LULA PRESO



Esse exemplo ilustra que os ataques que normalmente são direcionados a identidades político-ideológicas dos participantes, no exemplo 5.6, podem, no decorrer da interação, originar ataques às faces, como no caso do Comentador 4, no exemplo 5.7. Além disso, o Comentador 3, em 5.7, demonstra ainda que a ofensa do Autor do *post* foi interpretada por ele como um indexador da ideologia petista, haja vista a ridicularização da figura de Lula e dos militantes do PT por meio do texto imagético animado no comentário.

A análise dessas marcas de (im)polidez, das características das interações *on-line* (ser pública e multipartidária, por exemplo) e a predominância de discussões sobre política levam à conclusão de que os ataques, nas discussões públicas do *Facebook*, são muito mais direcionados às identidades dos participantes do que propriamente às suas faces individuais. Essa observação faz com que o processo de se ofender se torne conseqüentemente mais inferencial e baseado na interpretação dos indexadores identitários presentes nos textos.

Nossa tese, além de ser sustentada por exemplos de análises qualitativo-interpretativas, como as realizadas acima, também se apoia nas análises numéricas das marcas de impolidez presentes nos textos. Para executar essa tarefa, utilizei como base as fórmulas convencionalizadas de impolidez de Culpeper (2011), agrupando a categoria de insultos – que Culpeper (2011) divide em quatro – em apenas uma, porque a sua diferenciação não se apresentou relevante para os resultados da pesquisa. Além disso, as marcas foram consideradas apenas quando presentes em *Footings* agressivos, ou seja, que tinham a função deliberada de gerar ofensa. Os simples arranjos lexicais e sintáticos de marcas para outros fins, como de ridicularização ou uso simulado, não foram contabilizados. A Tabela 2, abaixo, mostra a presença e quantidade das marcas em cada texto da amostra:

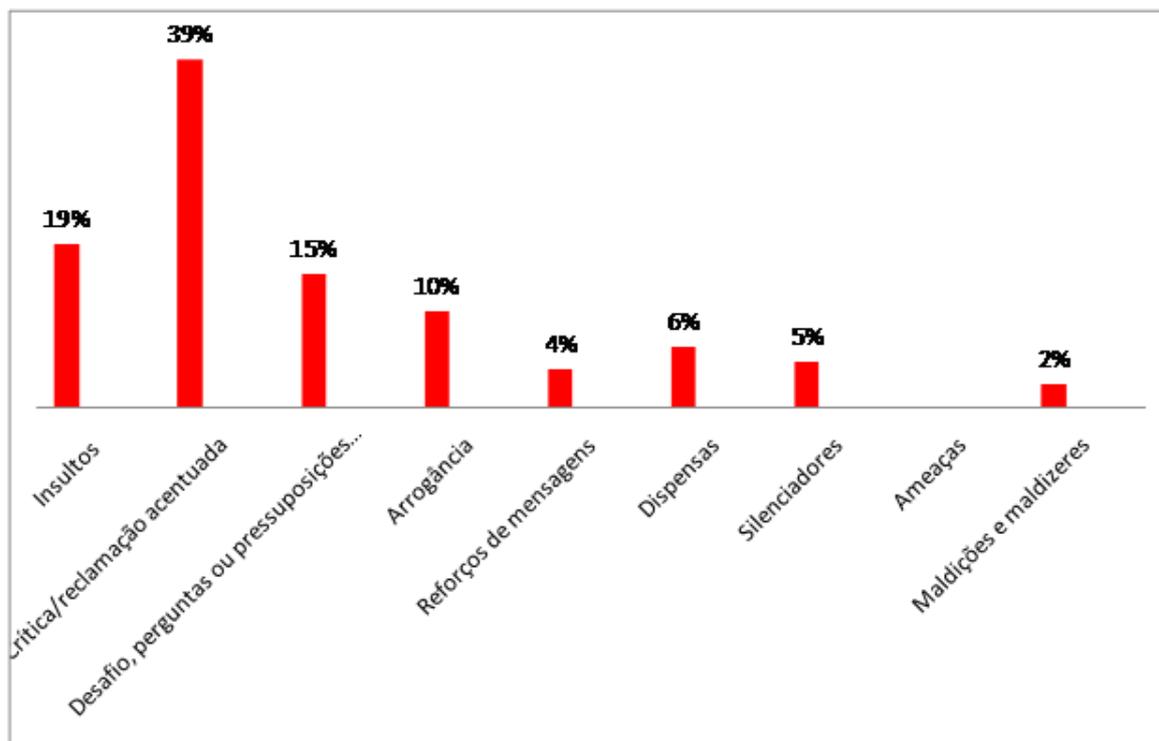
Tabela 2- Incidência de Marcas de Impolidez por Texto

Textos:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total
Insultos	6	-	-	-	1	2	-	-	-	-	4	5	1	1	2	-	-	-	2	-	23
Crítica/ reclamação acentuada	9	-	1	1	3	3	1	1	1	1	2	4	5	-	1	1	1	1	2	3	47
Desafio, perguntas ou pressuposi- ções desagradá- veis	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4	2	-	1	-	-	8	-	-	20
Arrogância	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	-	-	-	-	-	2	-	3	13
Reforços de mensagens	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	5
Dispensas	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	3	-	2	-	-	-	-	-	-	-	9
Silenciadores	2	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	6
Ameaças	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Maldições/ Maldizeres	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3
Total	22	1	2	1	4	7	2	3	1	1	15	18	10	1	5	1	1	13	4	3	126

A tabela acima demonstra a quantidade total de marcas de impolidez e sua incidência nos 20 textos da amostra. Com a interpretação da tabela, temos que os insultos e críticas foram as marcas de impolidez mais presentes nos textos, tanto em relação à quantidade de vezes em que apareceram, quanto em relação ao espalhamento por todos os textos da amostra. As ameaças, por outro lado, foram inexistentes ao longo da análise da amostra. Em resumo, a tabela 2 resulta na conclusão de que as escolhas linguísticas mais utilizadas para causar ofensa são as críticas acentuadas e os insultos. A disposição da tabela 2 facilita a visualização das marcas nos textos da amostra e fornece a possibilidade aos leitores de verem as marcas nos textos da seção de apêndice.

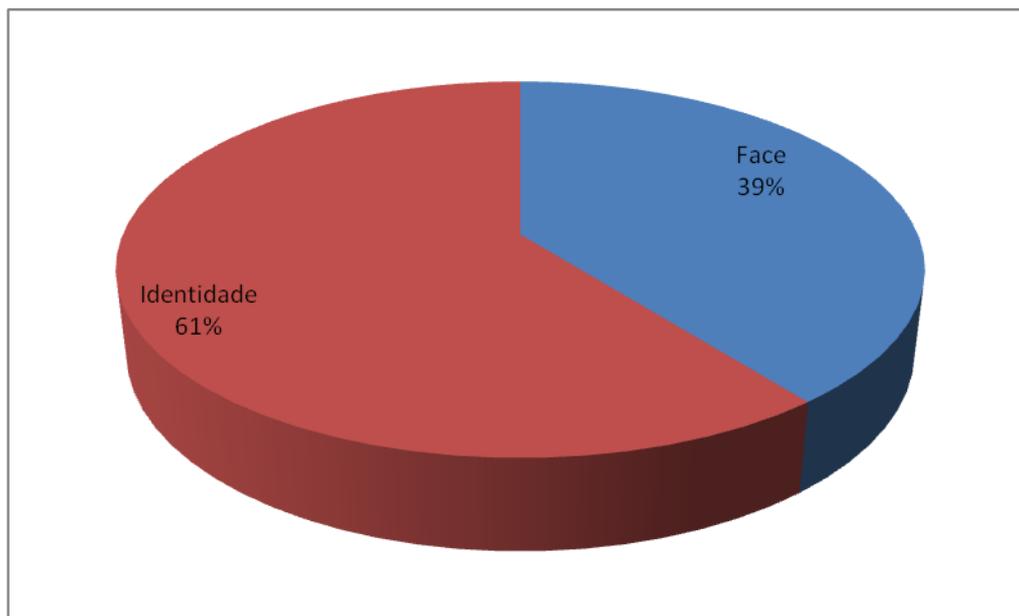
Para melhor visualização das marcas mais frequentes, o Gráfico 3 apresenta a porcentagem de cada categoria em relação ao número total de marcas na amostra. Como se pode observar novamente, as marcas de impolidez mais frequentes foram os insultos e críticas acentuadas, somando juntos 58% do total. Os dados não apresentaram nenhuma ameaça, e apenas 2% de maldições e maldizeres, que foi a categoria presente mais rara.

Gráfico 3- Uso das Marcas de Impolidez



Além da presença, o estudo das marcas também se baseou no direcionamento delas, as quais foram divididas em duas categorias: direcionadas às faces e direcionadas às identidades. Na análise do texto 15, nos exemplos 5.1 e 5.2, foram apresentadas marcas direcionadas à face individual de um comentador, particularmente quando a Autora do *post* disse: “Comentador 1, vai tomar no cu. Consegue nem fazer piada decente. Que nojo. Tá finalmente bloqueado. Mantenha distância.”, apresentando uma maldizer (Vai tomar no cu) e uma dispensa (Tá finalmente bloqueado. Mantenha a distância). Justifica-se que o direcionamento dessas marcas seja à face, pois a autora individualizou seus enunciados, atacando explicitamente o ouvinte endereçado sem direcionar o ataque ao grupo com o qual ele pudesse se identificar.

Nos exemplos 5.3, 5.4 e 5.7, do texto 7, por outro lado, o Comentador 1 emprega uma crítica direcionada às identidades político-ideológicas do Autor do *post*, que foi inferida a partir do compartilhamento da postagem. Por meio da crítica acentuada “Fascismo e ódio são bandeiras de luta do PT”, o Comentador 1 atacou um grupo, o Partido dos Trabalhadores, o que conseqüentemente gerou um processo de ofensa do Comentador 3, que provavelmente identificou-se com o grupo atacado. Em resumo, esses dois exemplos ilustram a variável direcionamento, abordada no Gráfico 4:

Gráfico 4- Visão geral do direcionamento de Marcas de Impolidez

O Gráfico 4, acima, demonstra que a maior parte das marcas de impolidez empregadas na amostragem desta pesquisa foram destinadas às identidades em detrimento do direcionamento às faces dos ouvintes endereçados. Essa observação sustenta a ideia de que, nas discussões no *Facebook*, as pessoas ofendem muito mais os grupos que indivíduos em separado.

Ratifica-se, no entanto, que os ataques às identidades acabam atingindo as faces individuais dos interlocutores, mas por um processo diferenciado, pois a impolidez aparece, nesses casos, direcionada a um grupo bem maior de pessoas – aqueles que partilham de certa ideologia – de modo que, para que as faces sejam atingidas, é necessário que os interlocutores, por meio de um processo inferencial de interpretação de indexadores identitários, identifiquem-se com as identidades atacadas. É dessa maneira que este trabalho, na verdade, relaciona os conceitos de identidades – posicionamento social do eu e dos outros – e de faces – projeções individuais positivas dos interlocutores numa interação. A ideia que trago aqui é a de que os ataques, no *Facebook*, são, em sua maioria, direcionados às identidades político-ideológicas dos participantes, e, para que haja o processo de ofensa, é necessário que os interlocutores inferencialmente identifiquem-se com as identidades atacadas.

Ademais, em relação aos espaços de escrita em que essas marcas aparecem, as postagens ou atualizações de *post* são lugares em que o direcionamento à identidade ocorre recorrentemente. Apesar de ser uma funcionalidade possível, não são encontradas, em nossos

dados, discussões originadas de postagens que utilizem a marcação de usuários ou *posts* na linha do tempo de um usuário específico, o que demonstraria, em ambos os casos, a presença de um destinatário específico desde o compartilhamento ou escrita dos *posts*. Isso demonstra que normalmente os *posts* apresentam insultos ou críticas não direcionadas, mas que podem causar ofensa a usuários que se adéquem às identidades atacadas. Como ocorre no exemplo 5.8, do Texto 1, em que o Autor do *post* faz uma crítica a um personagem de uma notícia, mas ofende o Comentador 1, que inicia sua resposta com uma ofensa direcionada ao Autor do *post*:

Exemplo 5.8

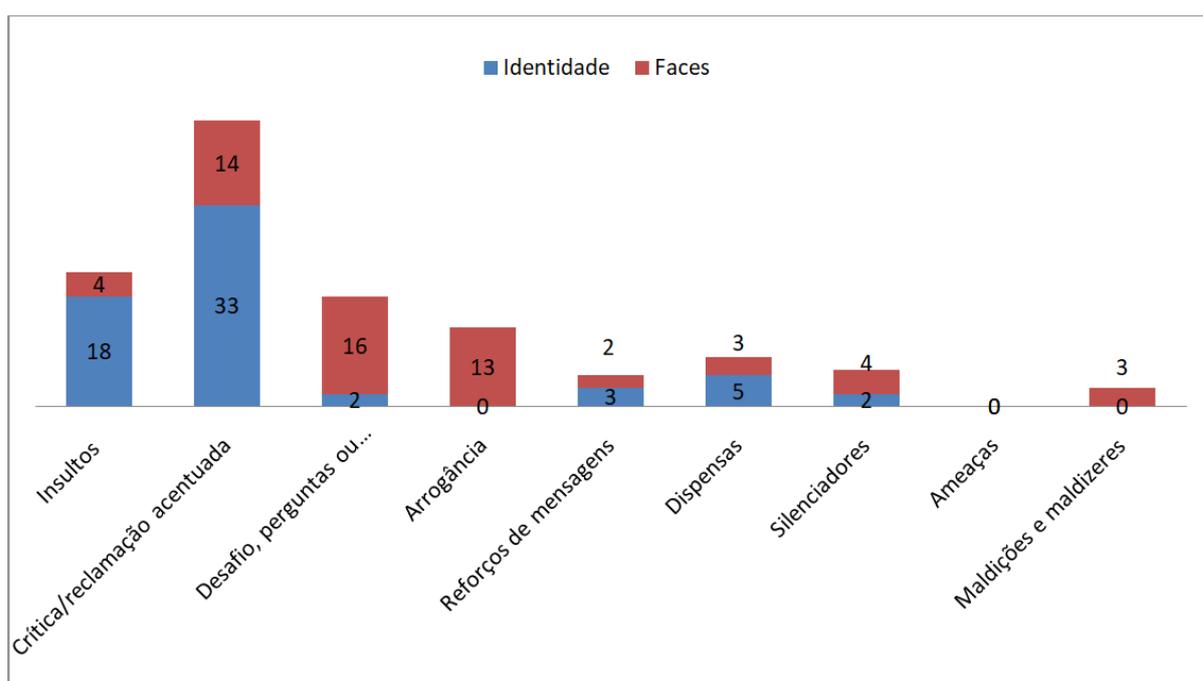
Postagem 1	<p>Autor do <i>post</i> compartilhou uma imagem:</p> <p>Aluno que atacou caravana de Lula diz amar escola criada pelo ex-presidente</p>  <p>Depois de hostilizar caravana no Rio Grande do Sul, aluno que faz três cursos em escola federal criada por Lula diz amar a instituição. Exemplo é emblemático por revelar nível do analfabetismo político que assola o País</p>
Comentários	
	<p>Comentador 1: Analfabetismo político seu! O que Lula, ou qualquer outro governante, fez em benefício do povo foi pura e simplesmente só uma obrigação institucional do cargo, não um motivo para idolatria! Lembre-se que Hittler também fez muita coisa em prol do povo alemão por isso por eles foi "ungido", mas o preço dessa idolatria custou caro ao povo alemão. Portanto, parem (você e demais mentes psicóticas) de querer conferir poderes divinos ao apedeuta sem dedo (mais conhecido como Lula), parem de conferir-lhe uma honraria da qual ele não é merecedor. Lula não fez nada por amor ao Brasil, por abnegação e renúncia, mas por pura vaidade e oportunismo criminoso! Por isso já foi condenado em duas instâncias.</p>

Nesse excerto, percebemos que o processo de se ofender não está exatamente relacionado ao direcionamento das ofensas. Mesmo o texto animado tendo feito referência a um interlocutor específico (o rapaz que atirou pedras na caravana do ex-presidente Lula), o

Comentador 1 parece ofender-se, já que apresenta um insulto personalizado ao Autor do *post*, inclusive fazendo uma retomada por itens lexicais, no insulto “Analfabetismo político o seu”. Embora seja usado, nesse comentário, um insulto personalizado, percebamos como, na sequência, o Comentador 1 emprega críticas direcionadas à identidade indexada no compartilhamento, a de apoiadores do PT.

Dessa forma, fica perceptível que a quantidade de marcas direcionadas às identidades seja maior (61%), embora haja também, em minoria, marcas de impolidez direcionadas às faces (39%). A fim de detalhar as informações apresentadas no Gráfico 4, o Gráfico 5 apresenta, em números absolutos, a quantidade de cada direcionamento de marcas de impolidez por categorias:

Gráfico 5- Marcas de Impolidez direcionadas à Face ou à Identidade por categorias



Nota-se, a partir das informações apresentadas, que, nas duas categorias mais produtivas – insultos e críticas – há predominância do direcionamento às identidades. Como vimos mais acima, os insultos e críticas juntos somam 58% do total de marcas presentes nos textos da amostra. No entanto, chama a atenção o fato de que, em todas as outras marcas menos produtivas, com exceção das dispensas, os ataques, nos *Footings* agressivos, são direcionados à face. Vejamos como isso se dá, nas tabelas 3 e 4, as quais apresentam a distribuição e quantidade das marcas em todos os textos da amostra. Mais uma vez, a disposição dos dados nas tabelas facilita a visualização das quantidades de marcas por cada texto da amostragem, o

que facilita a observação das marcas se procuradas nos textos do apêndice. Por essa razão, optei por exibi-las:

Tabela 3- Incidência de Marca de Impolidez Direcionada à Identidade por Texto

Textos:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total
Insultos	4	-	-	-	1	2	-	-	-	-	4	2	-	1	2	-	-	-	2		18
Crítica/ reclamação acentuada	7	-	-	1	3	2	1	-	1	1	4	1	4	-	1	-	1	2	2	2	33
Desafio, perguntas ou pressuposi- ções desagradá- veis	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	4
Arrogância	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Reforços de mensagens	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Dispensas	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	5
Silenciadores	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Ameaças	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Maldições/ Maldizeres	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0

A tabela 3, acima, coaduna com os resultados que venho apresentando, pois mostra que, nas marcas mais numerosas, o direcionamento é mais frequente às identidades em detrimento das faces. A tabela 3 ainda mostra que a presença de críticas acentuadas a identidades está presente em quase todos os textos, precisamente em 15 dos 20 textos da amostra. Por sua vez, a Tabela 4 comprova que, no caso das marcas menos produtivas, o direcionamento foi feito às faces, como no caso dos maldizeres e silenciadores.

Tabela 4- Incidência de Marcas de Impolidez direcionadas à Face por Texto

Textos:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total
Insultos	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	-	-	-	-	-	-	-	5
Crítica/ reclamação acentuada	2	-	1	-	-	1	-	1	-	-	2	3	1	-	-	1	-	1	-	1	14
Desafio, perguntas ou pressuposi- ções desagradá- veis	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4	2	-	1	-	-	6	-	-	16
Arrogância	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	-	-	-	-	-	2	-	3	13
Reforços de mensagens	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2
Dispensas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3
Silenciado- res	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Ameaças	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Maldições/ Maldizeres	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3

Em resumo, pela análise das tabelas, pode-se chegar à conclusão de que as marcas de insulto e críticas/reclamações acentuadas, além de serem as mais numerosas, são as mais espalhadas pelos textos, pois os insultos estão presentes em 9 dos 20 textos, e as críticas em 18 dos 20, considerando um percentual de 45% e 90% respectivamente, conforme dispõe de maneira mais completa a Tabela 5. Como a maioria dessas duas marcas, mais numerosas e mais frequentes nos textos, foram direcionadas às identidades, os critérios da presença e da incidência coadunam com o resultado de que realmente os *Footings* agressivos em discussões no *Facebook* se configuram, em sua maior parte, por marcas de impolidez direcionadas às identidades, o que acarreta uma violência ideológica e identitária que pode estimular o processo de ofensa a alvos incontáveis, uma vez que os alvos não são previamente estabelecidos por meio de recursos técnicos que poderiam limitar o escopo das ofensas.

Por outro lado, a impolidez direcionada à face também se fez presente em menor número. Inference-se, desse resultado, por meio da observação qualitativa dos textos, que a impolidez direcionada à face ocorre normalmente em situações em que os interlocutores individualizam as ofensas, demonstrando deliberadamente que se identificam com as identidades atacadas.

Tabela 5- Percentual de Presença de Marcas de Impolidez nos Textos da Amostra

	Quantidades de Textos em que as marcas estiveram presentes	Percentual em relação aos 20 textos da amostra
Crítica/ reclamação acentuada	18	90%
Insultos	9	45%
Desafios, perguntas ou pressuposições desagradáveis	6	30%
Arrogância	4	20%
Dispensas	4	20%
Silenciadores	4	20%
Reforços de mensagens	3	15%
Maldições/ Maldizeres	3	15%
Ameaças	0	0%

Além disso, ratifica-se o caráter inferencial envolvido no processo de ofender e ofender-se, já que, em função do direcionamento identitário, os usuários precisam adequar-se às identidades atacadas para que se ofendam ou adequar o outro a identidades a serem ofendidas. Percebe-se que essa observação está relacionada a características da interação *on-line*, como, por exemplo, aos tópicos tratados na maior parte das discussões, notadamente assuntos de

interesse público, como a política, às percepções do formato de produção e esquema de participação na internet, e às funcionalidades técnicas mobilizadas.

Em relação aos tópicos tratados, a nossa amostragem demonstrou que os temas públicos são mais discutidos no *Facebook*. O assunto de política dominou 90 % dos textos e os outros assuntos abordados (aborto e feminismo) também são de interesse público. Essas temáticas acabam por estimular o aparecimento de indexadores identitários, uma vez que os usuários costumam discutir esses tópicos relacionando-os a grupos ideológicos, como a esquerda e direita na política, e o feminismo, em assuntos relacionados à liberdade ou à família.

Além disso, as análises também demonstraram como as percepções do formato de produção estão relacionadas à impolidez, no sentido de que, embora a maior parte dos *posts* que compõem a amostragem consista de animações de textos de outras pessoas, os usuários normalmente conferem aos animadores a responsabilidade sobre aquilo que compartilham, tratando-os, portanto, como principais. Temos como exemplo o Texto 1, quando, embora o Autor do *post* tenha animado um texto de outra pessoa que insultava um rapaz de analfabeto político, o Comentador 1 responde à postagem com um insulto personalizado “Analfabetismo político o seu”. Dessa maneira, é possível sustentar que, embora o Autor do *post* não tenha de fato escrito o insulto, o seu interlocutor entende que ele é o principal do texto, ou seja, aquele que tem responsabilidade pelas palavras.

Finalmente, as análises também demonstraram que as funcionalidades técnicas de bloqueio e exclusão estão intimamente relacionadas a marcas de impolidez como a dispensa. Além disso, a ausência de marcações de usuários e postagens em linhas do tempo de usuários específicos contribui para que a impolidez presente nos *posts* não seja direcionada a um interlocutor específico. Dessa forma, há influência das funcionalidades técnicas do *website* na configuração da impolidez em discussões públicas no *Facebook*.

De forma geral, essa seção definiu e descreveu os *footings* de (im)polidez considerados agressivos, apresentando a nossa noção de agressividade que está relacionada à mobilização da linguagem para causar ofensa, mas não implica a gradação do que é mais ou menos agressivo, tão pouco se a agressividade é ou não é justificável, pois essas questões, embora pertinentes, fogem ao escopo da pesquisa. Estão inclusos como objetivos desta seção a investigação de escolhas linguísticas relacionadas à impolidez, o que foi alcançado por meio da análise quantitativa e qualitativa das marcas de impolidez, bem como a defesa da nossa tese central de que, nas discussões públicas, no *Facebook*, há mais ataques a identidades do que propriamente às faces individuais dos interactantes.

As subseções de análise que seguem estão relacionadas a outros dois tipos de *footings* de (im)polidez que também foram achados na amostragem. Esses *footings*, no entanto, demandam formas de análise diferenciadas, mas que mantém a coerência do uso da abordagem observacional e interpretativa que tenho adotado.

5.2 PRESERVAÇÃO

Os *Footings* de preservação ocorrem quando os participantes dedicam-se a preservar a natureza harmônica das interações, evitando conflitos. Se os *footings* de agressão estão intimamente relacionados à impolidez, os de preservação relacionam-se à polidez, que, por sua vez, se define pela mobilização da linguagem para evitar conflitos. Nesse caso, as escolhas linguísticas podem ser interpretadas como formas de preservação dos participantes a fim de que não sejam interpretados como impolidos pelos outros.

A polidez, no caso desta pesquisa, não deve ser confundida com as fórmulas rotineiras de cortesia, como estruturas convencionais de entrada e saída de interação, fórmulas convencionais de pedido ou de ordem, etc. Quando falo em polidez, nesta seção, refiro-me especificamente às ideias defendidas por Watts (2003) e Spencer-Oatey (2005), segundo as quais a polidez é definida como o uso de formas não exatamente exigidas ou esperadas socialmente para preservação das faces dos interactantes.

Nesse sentido, cabe a diferenciação entre polidez e comportamento político (WATTS, 2003) ou polidez não marcada e polidez marcada (SPENCER-OATEY, 2005), discutidas na seção 3.1.2. De forma resumida, os autores tratam as fórmulas rotineiras de cortesia como comportamento político ou polidez não marcada, ou seja, elas são, na verdade, comportamentos prescritos que, se não usados, podem causar conflitos, mas não resultam do esforço discursivo dos interactantes para a preservação das faces. A polidez, neste caso, se define como a mobilização da linguagem para que haja essa preservação.

A fim de ilustrar essa questão, observemos a o exemplo 5.9, do Texto 4, acompanhado do seu primeiro comentário:

Exemplo 5.9

Postagem 4:	<u>Autora do post</u> compartilhou uma postagem:
-------------	---

	 <p>August 6 at 10:39 AM</p> <p>Manuela D'Ávila como vice de Haddad, Katia Abreu como vice de Ciro. A luta pelo feminismo fará nessas eleições com que os partidos políticos capitalizem o movimento atraindo os votos das mulheres, mas nenhuma das duas defendem, verdadeiramente, qualquer pauta feminista.</p> <p>Manuela defende abertamente a regulamentação da prostituição e Katia Abreu tem origem na cultura oligárquica e da exploração do trabalho escravo, típica do agro negócio.</p> <p>Não tenho qualquer ilusão de que o que se faz hoje na política, seja de direita ou de esquerda, são as mesmas práticas da República Velha. Sempre mais do mesmo.</p>
Comentários:	
	<p>Comentador 1: <u>Autora do <i>post</i> [[apelido]], eu tenho uma pergunta, mas é pergunta mesmo! Não é provocação, ataque ou qualquer coisa... é só para entender mesmo! Se uma mulher discorda de uma pauta de feministas, isso já a faz não feminista? Eu realmente achava que Manuela D'ávila era feminista, mas vi esse <i>post</i> que não a classificava como tal, por uma pauta específica. Fiquei um pouco confuso...</u></p>

Neste excerto, a Autora do *post* animou um texto de outra usuária do *Facebook* que discute o papel das mulheres nas campanhas políticas de 2018. Segundo a autora do texto compartilhado, apesar da presença das mulheres nas campanhas políticas dos candidatos à presidência no papel de vice-presidentas, nenhuma delas defendia verdadeiramente as pautas feministas. Dessa maneira, o texto animado implica uma ilegitimação dessas figuras políticas enquanto representantes do feminismo, conforme já discutido na seção 4.

Sobre essa opinião, o Comentador 1 tece um questionamento seguido de um esclarecimento que parece discordar do ponto defendido pelo texto da postagem. O Comentador 1 ainda declara que acreditava que uma das políticas citadas, Manuela D'ávila, era representante legítima do movimento feminista. Dessa maneira, mesmo que em forma de pergunta, o Comentador 1 apresenta um contra-argumento ou discordância do ponto de vista animado pela Autora do *post*.

No que se refere à polidez, o trecho sublinhado faz um esclarecimento que não é exigido socialmente tão pouco traz novos argumentos ao seu ponto de vista. O trecho “eu tenho uma pergunta, mas é pergunta mesmo! Não é provocação, ataque ou qualquer coisa...” tem basicamente a função de evitar que o seu questionamento seja compreendido como um ataque. Percebe-se, neste caso, que o Comentador 1 explicita o objetivo de sua mensagem a

fim de evitar a implicatura de que o seu ponto de vista conflitante seja visto como um ataque às ideias do texto animado. Dessa forma, o comentário 1 desse texto é um exemplo elucidativo do que compreendemos como polidez e *Footing* de preservação neste trabalho.

Fórmulas convencionais de demonstrar cortesia não podem, portanto, ser confundidas com polidez, pois são mais relacionadas à manutenção de padrões sociais do que a exatamente à mobilização da linguagem para evitar conflitos. Ademais, no *Facebook*, ainda não há padrões tão cristalizados que possam ser vistos como comportamentos políticos, e o uso de escolhas linguísticas associadas a esses comportamentos nas interações face a face normalmente não mantém a mesma função quando usados em dados *on-line*. Sobre essa questão, observemos o exemplo 5.10, do Texto 11:

Exemplo 5.10

Comentador 1: A esquerda tentou por mais de 30 anos, deixou um legado de corrupção, de improbidade, de deturpação moral, infelizmente não deu certo, agora, chegou a hora de acabar com os Jean Willis da vida, com o MST, com as Organizações criminosas como o PT, PSDB, PSOL e devolver o Brasil aos Brasileiros. E que Deus nos ajude, pous, o mimimi vai ser grande. Uma boa noite à todos.

Comentador 4: PSDB de esquerda me fez chorar aqui, parte de rir, parte de lamento pela ignorância alheia...

Comentador 1:Comentador 4 não, o FHC é militar. Tadinho....precisa comer mais mortadela.

Neste exemplo 5.10, dois interactantes debatiam calorosamente sobre que atores sociais (políticos e partidos) podem ser identificados como esquerda. Na visão do Comentador 1, o PSDB e os seus membros se adéquam à identidade de esquerda, em contrapartida, o Comentador 4 não concorda com essa classificação e, por meio da ridicularização, discorda e ataca a face do seu interlocutor.

Sobre a questão do comportamento político (WATTS, 2003), podemos perceber que o Comentador 1 utiliza-se de uma fórmula de cortesia costumeiramente usada em fechamentos de interação “Uma boa noite à [sic] todos”. No entanto, essa interação não se enquadra nos casos de *Footing* de preservação porque não há, na verdade, mobilização da linguagem para evitar conflitos, muito pelo contrário. A réplica do Comentador 1, neste contexto, ataca a identidade de vários interactantes que nessa interação apresentaram indexadores de esquerda.

Esse exemplo 5.10, portanto, demonstra que as marcas de comportamento político, nas interações *on-line* no *Facebook*, são indícios fraquíssimos de *Footing* de preservação. Além disso, essas marcas, na internet, demonstram-se pouco relacionadas às suas funções nas interações face a face, pois, nesse contexto, ainda não há marcas reconhecíveis de comportamento político, já que não são exatamente esperadas em *posts*, comentários e réplicas no *Facebook*.

Em vista dessas observações, o *Footing* de preservação está relacionado às posturas dos interlocutores nos momentos em que eles estejam interessados em manter a interação sem que haja conflitos. No caso dos nossos dados, discussões públicas no *Facebook*, esses *Footings* poderiam aparecer especialmente quando há discordância, pois a existência de, ao menos, dois pontos de vista conflitantes é o pré-requisito fundamental para o início de uma discussão. Não obstante, os *Footings* de preservação foram pouco evidenciados nos dados da pesquisa.

Em função da natureza fluida do conceito de *footing*, não é possível quantificá-lo exatamente, pois não há um momento exato de quando ele começa ou acaba, mesmo porque ele está em constante mudança nas interações. No entanto, é possível contabilizar as marcas de polidez presentes nos textos que foram interpretadas com base nos *Footings* de preservação. A Tabela 6 apresenta a incidência e quantidade de marcas de polidez dispostas nos textos da amostra desta pesquisa. Para a identificação das marcas, utilizei as categorias cunhadas por Leech (1983), conhecidas como máximas de polidez:

Tabela 6- Incidência e Quantidade de Marcas de Polidez nos Textos

Texto:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total	
Tato	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Generosidade	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Aprovação	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	1	-	-	1	-	-	-	-	6
Modéstia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Concordância	-	4	-	4	-	-	-	-	-	-	2	-	4	2	-	-	1	-	-	-	-	17
Compreensão	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	4	1	-	-	-	11
Total	-	8	-	8	-	-	-	-	-	-	4	-	7	3	-	-	6	1	-	-	-	37

A quantidade total de marcas de polidez (37) é bem menos numerosa que a de marcas de impolidez (126). Além disso, essas marcas também foram pouco presentes nos textos da amostra, haja vista os dados apresentados na Tabela 7, que demonstram que 70% dos textos não apresentaram quaisquer marcas de polidez:

Tabela 7- Percentual de Marcas de Polidez por Texto da Amostra

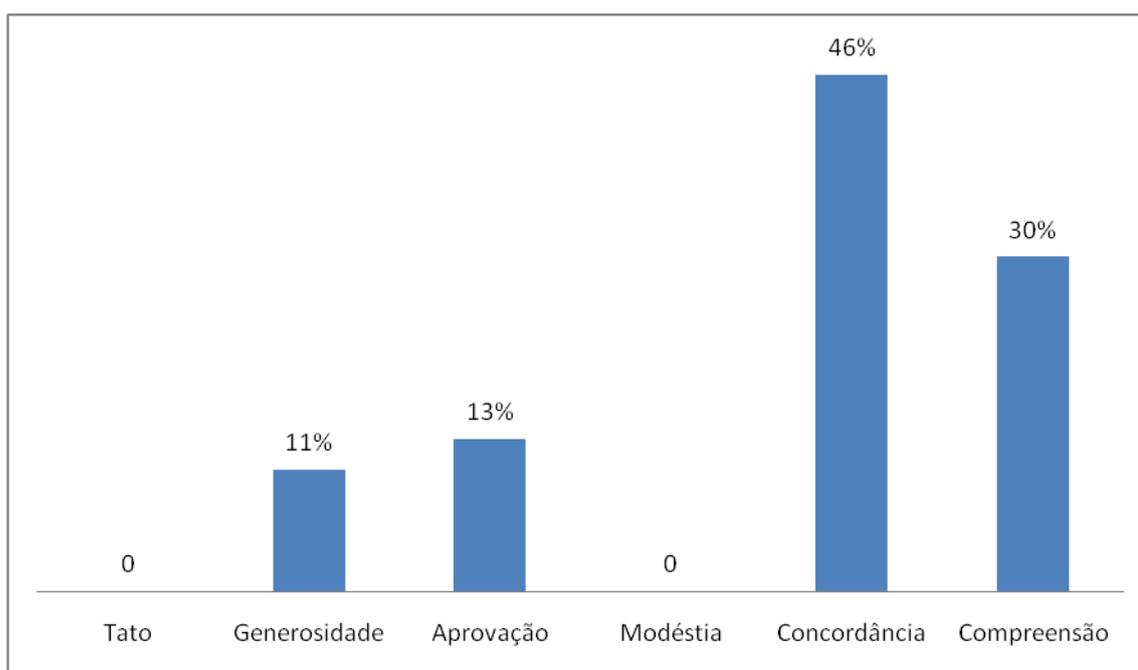
	Quantidade de Textos em que as marcas estiveram presentes	Porcentagem em relação aos 20 Textos da amostra em que as marcas estiveram presentes
Concordância	6	30%
Compreensão	5	25%
Aprovação	4	20%
Generosidade	1	5%
Modéstia	0	0%
Tato	0	0%

Não é permitido, no entanto, concluir que os usuários no *Facebook* são menos polidos, mesmo porque não há como trabalhar com uma visão manequista de polido-impolido, pois

as avaliações de (im)polidez são variáveis e muitas vezes conflitantes. Além disso, o desenho da pesquisa não foi feito para atingir esse objetivo.

Com vistas ao objetivo de descrever a configuração da polidez, podemos perceber que as marcas de polidez mais utilizadas pelos interactantes dos textos da amostragem foram concordância e compreensão, conforme podemos perceber no Gráfico 6, que apresenta a porcentagem de ocorrência das marcas em toda a amostragem:

Gráfico 6- Uso das Marcas de Polidez nos Textos



Os dados apresentados no Gráfico 6, acima, coadunam com os da Tabela 7, demonstrando, portanto, que a concordância e a compreensão foram duplamente mais frequentes e espalhadas pelos dados da amostra. Os gráficos ainda mostram que as máximas da modéstia e do tato foram improdutivas e as de generosidade e aprovação foram presentes, embora pouco produtivas. Esses resultados são consistentes com as características das interações analisadas, pois, como os dados foram compostos de discussões, é mais esperado que os interactantes façam mais enunciados assertivos, e, de acordo com Leech (1983), as máximas de compreensão e concordância normalmente acompanham esses enunciados.

Nesta seção, diferentemente da anterior, o direcionamento das marcas de polidez não foi levado em consideração, pois todas elas foram direcionadas às faces, não houve, portanto, qualquer marca voltada às identidades, o que ratifica a tese de que, em discussões públicas no

Facebook, em maior parte, atacam-se as identidades e preservam-se as faces, em outras palavras, atacam-se grupos e preservam-se pessoas.

Vejamos o exemplo 5.11, do Texto 2, em que a Autora do *post* animou, de forma simples, um texto originalmente postado no *Twitter* sobre a questão da legalização do aborto:

Exemplo 5.11

Postagem2	<p><u>Autora do post</u> compartilhou uma postagem</p> <p>← Tweet</p>  <p>se vc acha aborto tão errado, vai lá ajudar essa mãe desesperada a criar</p> <p>vai arranjar advogado p ela ter condições de cobrar pensão</p> <p>vai conseguir vaga na creche pra ela poder trabalhar</p> <p>agora se vc nao vai fazer nada disso, cala a boca e nao se mete no que nao é da sua conta</p> <p>6.253 Retweets 10,5K Curtidas</p>
-----------	--

No texto acima, percebe-se uma defesa à legalização do aborto ao mesmo tempo em que se ataca a identidade daqueles que se posicionam contra a legalização, mas não agem para apoiar as mulheres que recorram à interrupção da gravidez. Por meio das leituras dos comentários que seguem a postagem, no exemplo 5.12, são permitidas algumas inferências, como a de que a Autora do *post* estava grávida no momento da postagem, vejamos:

Exemplo 5.12

Comentários	<p><u>Comentador 1:</u> Autora do post, com esses comentários que você fez eu, de fato, fiquei chateado.</p> <p>Estou por aqui pensando que você quer tirar a sua criança. Por favor, <u>Autora do post</u>, não faça isso.</p> <p>Se você fizer isso, de fato, a mãe de Deus vai ficar preocupada e as coisas não vão caminhar. Continue com a sua criança que tudo dá certo.</p> <p>Saiba. Se você precisar da minha ajuda, estarei aqui pra te ajudar e te amparar.</p>
-------------	--

	<p><u>Dinheiro, uma casa pra morar, várias e várias palavras de incentivo e tudo o mais que você quiser.</u></p> <p>Essa é a verdade, minha amiga. Saiba. A vida é uma glória de Deus e a gente precisa dela pra tudo caminhar. Fica aí um abraço pra você. Muita saúde e a gente se fala.</p> <p><u>Autora do post:</u> Não, Comentador 1, não quero tirar a minha criança. Mas continuo apoiando as mulheres que querem e precisam. Isso é escolha delas. <u>Mas agradeço a sua proposta de amparo.</u></p> <p><u>Comentadora 2:</u> No uterus, no opinion. Por favor.</p>
--	--

Como se pode perceber, a declaração do Comentador 1 em “Estou por aqui pensando que você quer tirar a sua criança” permite que pressuponhamos que a Autora do *post* está grávida, e essa informação foi adicionada pelo Comentador 1, pois a animação simples do texto compartilhado não trazia nenhum indicador dessa informação. Esse texto, portanto, contraria a regularidade temática sobre a qual já comentei, na seção 2, pois traz à discussão um tópico particular, o que não é comum nas outras interações da amostragem, cujo foco se concentra em tópicos de interesse público, como política, por exemplo.

Ademais, percebe-se que o Comentador 1 faz inferências com base na informação contextual que possui – a de que a Autora do *post* está grávida – e realiza um pedido, por meio do qual pede que a Autora do *post* mantenha o bebê, com base numa argumentação de cunho religioso. O trecho sublinhado no Comentário 1 foi entendido como uma marca de polidez, baseada na máxima da generosidade (LEECH, 1983), com a qual o interactante maximiza o benefício à interlocutora, oferecendo-lhe ajuda financeira e motivacional. Por sua vez, a Autora do *post* responde ao comentário 1 de forma discordante, pois reafirma o apoio às mulheres que desejam abortar, mas finaliza com uma marca de aprovação, o que ratifica o *Footing* de preservação nessa interação.

O exemplo do Texto 2 é um pouco destoante dos demais, pois o comentário 1 tem um caráter compromissivo, expresso pelo pedido do Comentador 1, e, por essa razão, foi o único a apresentar a marca da generosidade. Embora seja um exemplo destoante, ele é importante para sinalizar as funções dos *Footings* de preservação, dentre as quais está a discussão de temas sensíveis, uma vez que trazer um tema particular a uma discussão pública em rede normalmente é visto como um assunto delicado.

Por meio da análise das reações visíveis presentes nessa interação, parece-me que as marcas de polidez apresentadas pelo Comentador 1 foram suficientes para garantir a harmonia, ao menos no que diz respeito à Autora do *post*, sua destinatária. Por outro lado, conforme comentamos anteriormente, as avaliações de (im)polidez são sempre variáveis, haja

vista a réplica da Comentadora 2, que respondeu ao comentário com um silenciador “No uterus, no opinion”, o qual atinge não apenas a face do Comentador 1, mas de todos os homens que opinam sobre questões relacionadas ao corpo da mulher e à reprodução. Esse exemplo demonstra, portanto, que as marcas de polidez não são infalíveis, pois podem ou não contribuir para a manutenção ou interrupção do *Footing* de preservação.

O exemplo 5.13, do Texto 13, por sua vez, apresenta um uso mais comum da polidez por meio do uso da marca de concordância, a mais produtiva nos nossos dados. Nas preservações encontradas nas discussões analisadas, foi relativamente comum que os interlocutores investissem em concordâncias para mitigar as discordâncias nos seus comentários. Na postagem do Texto 13, o Autor do *post* animou uma notícia que dizia respeito à candidatura da então vereadora Marília Arraes ao cargo de deputada federal. Foi fato muito divulgado na época que a política tinha interesse na candidatura ao cargo do governo do estado de Pernambuco, mas teve sua solicitação negada pela organização nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), embora tivesse o apoio da organização do partido em nível regional. Esse tema foi bastante polêmico na época, inclusive entre apoiadores do PT, pois alguns apoiavam a decisão nacional do partido, e outros discordavam dessa postura.

Exemplo 5.13

Postagem 13:	<p>Autor do <i>post</i>:</p> 
--------------	---

Abaixo, o exemplo 5.14 mostra um dos comentários da postagem cuja autora, a Comentadora 4, posiciona-se contra a posição do PT e tece críticas ao partido:

Exemplo 5.14

	<p><u>Comentadora 8:</u> Não voto. Não voto em mais ninguém do PT. Talvez em Lula apenas. Se eu resolver ir votar.</p> <p><u>Comentadora 4:</u> <u>Compreendo sua indignação, Comentadora 8 e respeito sua decisão.</u> Mas espero que quando a poeira baixar possamos analisar a questão com mais racionalidade, pois estamos diante de um jogo que se faz necessário agirmos com sagacidade.</p>
--	---

Na réplica da Comentadora 4, percebemos a marca da concordância, comum em preservações em discussões do *Facebook*. Nesse contexto, a Comentadora inicia sua réplica concordando com a sua interlocutora, entretanto, logo após a concordância, apresenta seu ponto de discordância, em que defende a posição do partido político, pois justifica que se trata de “um jogo que se faz necessário”. Essa marca, inclusive, faz parte de alguns outros momentos da Comentadora 4, que apresenta concordâncias com as posições dos seus interlocutores sempre nos inícios da réplicas, mas, logo após, insere os seu contra-argumentos, conforme demonstra o exemplo 5.15, do mesmo texto, logo abaixo, nos trechos sublinhados:

Exemplo 5.15

	<p><u>Autor do post:Comentadora4</u> </p> <p><u>Comentadora 8:Comentadora 4</u> só o que temos feito é esperado a poeira baixar e aceitarmos tudo, uma cagada atrás da outra. Não se pode exigir lealdade diante da traição. Não é justo. Cada um colhe o que planta. O PT não é religião e Lula não é Deus. Tudo tem limite</p> <p><u>Autor do post:</u><u>E nós temos nossos limites. Autocritica é bom</u></p> <p><u>Comentadora 8:</u> <u>É. É ótimo.</u></p> <p><u>Comentadora 7:Comentadora 8,</u> <u>eu concordo plenamente com vc</u></p> <p><u>Comentadora 7:Comentadora 4,</u> eu votei em Lula todas as vezes que ele se candidatou. Depois votei em Dilma pq ele pediu. Minha indignação reside exatamente aí. Acreditei que eram diferentes, mas são, a meu ver, piores que os demais, porque roubaram as minhas esperanças. PT e Lula nunca mais!</p> <p><u>Comentadora 4:Comentadora 7</u> <u>não pretendo ponderar com você em seus argumentos. Eu apenas compreendo teu descontentamento, até porque já senti isso também.</u> Mas não temos um povo realmente esclarecido politicamente. Se assim tivéssemos, nenhum político</p>
--	--

	safado viria candidato. Mas, infelizmente a realidade é outra e não dispusemos de muitas "armas". As mudanças são tão lentas que conseguimos regredir 50 anos em 2. O processo histórico é longo e lutamos com o que temos no momento
--	---

Os comentários da Comentadora 4 ilustram que a discordância típica das interações analisadas nesta pesquisa não necessariamente obedece ao *Footing* da agressividade. As preservações investidas no texto demonstram que discordar não é necessariamente ser impolido, pois as marcas de polidez buscam exatamente evitar as situações de impolidez, embora não sejam sempre bem-sucedidas. Percebe-se, por exemplo, que os ataques à identidade de membros do PT continuam a sofrer ataques por parte das Comentadoras 8 e 7. Contudo, as marcas apresentadas pela Comentadora 4 parecem ao menos trazer uma atmosfera ponderada no que diz respeito ao ataque às faces individuais dos interlocutores presentes nessa interação.

Ainda no que tange às marcas de polidez, a compreensão foi a segunda marca mais produtiva nos dados. Ela foi mais ativada quando os interlocutores clarificaram seus discursos a fim de maximizar a compreensão e diminuir a incidência de ruídos nas mensagens. Vejamos como isso ocorre em uma réplica de comentário no exemplo 5.16, do Texto 18:

Exemplo 5.16

	Comentador 4: Qual é o país desenvolvido que usa castração química? (Não é ataque não! É só curiosidade mesmo, pq eu realmente nunca ouvi falar que usassem)
--	---

Em meio à discussão sobre o uso da castração química, uma comentadora utilizou como argumento o uso bem-sucedido desse procedimento em países desenvolvidos. Dentro de uma discussão caracterizada pelo *Footing* agressivo, o questionamento do Comentador 4 poderia ser interpretado como um ataque ou mesmo um tipo de arrogância. Essa implicatura provavelmente motivou o aparecimento do trecho em parênteses, que tem como objetivo esclarecer as intenções pretendidas pelo Comentador 4. Dessa forma, reconhecemos no exemplo a máxima da compreensão, a qual adiciona informações ao texto para evitar incompreensões que podem ser interpretadas como impolidez. A máxima da compreensão

surge principalmente como resultado de implicaturas que podem soar como impolidas, como o exemplo acima demonstra.

Outro exemplo que demonstra o uso das marcas de polidez relacionadas à máxima da compreensão está em 5.17, do Texto 17, em que os participantes apresentam mais detalhes sobre si mesmos para delimitarem a ideologia com a qual se identificam:

Exemplo 5.17

<p>Postagem:</p>	<p>Autora do <i>post</i> compartilhou uma postagem:</p>  <p>The chart displays three bars: a yellow bar for 'Eleitores de Bolsonaro' (57,797,073), a red bar for 'Eleitores de Haddad' (47,039,291), and a blue bar for 'Abstenções, Brancos e Nulos' (42,465,252). The top of the chart has two columns of text: 'VOTARAM EM BOLSONARO: 57.797.073' and 'NÃO VOTARAM EM BOLSONARO: 89.504.543'. The source is cited as 'Fonte: TSE'. Below the chart is a social media post snippet from 'Analfabeto Político' dated October 29, with the text 'Não se esqueça disso.' and a 'Like Page' button.</p>
<p>Comentários:</p>	
	<p>Comentador 1: 100 milhões ainda é bem mais que 89 milhões! Qual é mesmo o raciocínio?</p> <p>Autora do <i>post</i>: Comentador 1, queremos apenas dizer que as ideias propostas pelo candidato que tanto nos assustam não revelam o posicionamento da maioria. Não significa, porém, que tenham votado no Haddad. Entretanto, visto que muitos se abstiveram, ficamos felizes em perceber que não há adesão a causas preconceituosas e segregacionistas como se divulga.</p>

	<p><u>Comentador 1:</u><u>Autora do post</u> boa reposta! Faço sua resposta minha também em relação ao roubo à doutrinação e à corrupção espalhada pelo PT! Note, escrevi espalhada, não criada!</p> <p><u>Autora do post:</u><u>Comentador 1</u> ,<u>não sou petista, amigo!</u> É óbvio que o PT errou, mas eu optei por não eleger um candidato que, ao meu ver, empoderou discursos perigosos para a sociedade. Espero que ele faça um bom governo, mas não confio em suas intenções. Imagino como as minorias estão se sentindo neste momento e isso me dói. Aguardemos os próximos capítulos...</p> <p><u>Comentador 1:</u>Rezemos para que dê certo.</p> <p><u>Não sou Bolsonaroista</u>, acho ele no mínimo fraco, sem falar das emponderamentos citados acima por você. <u>Mas já fui PTISTA até 2011</u>. Ontem lavei minha alma. Fui traído e feito de idiota quando usava broche do PT, adesivo de Lula lá, quando fiz por 5 eleições seguidas campanha na rua de graça por um ideal de justiça social e contra a corrupção que foi sempre a FALSA bandeira dessa GANGUE!</p> <p>Meu recado foi para o PT! Ou o PT se reconstrói, pelo visto a derrota ainda não foi suficiente, ou igual a mim ele terá sempre ex-militantes dispostos a impedir que outros jovens inocentes sofram de lavagem cerebral.</p>
--	--

Nesse caso, os trechos sublinhados se tratam de autorrotulações que distinguem os interlocutores como pertencentes a grupos (petistas e bolsonaristas). Embora essa seja uma tática de intersubjetificação (BUCHOLTZ e HALL, 2005), percebe-se que ela serve para a preservação das faces individuais dos interlocutores, no sentido de que contribuem para a projeção de sujeitos alegadamente críticos e que reconhecem as fraquezas das ideologias indexadas. Percebamos no exemplo 5.17 que há marcas de concordância e compreensão.

A compreensão é marcada pela ratificação de não pertencimento ao grupo, de modo a adicionar mais detalhes, que não necessariamente adicionam mais argumentos aos textos, mas objetivam a autopreservação da face, como, por exemplo, “Não sou petista”, “Não sou bolsonarista” e “Já fui petista”. Em conjunto à compreensão, a concordância também aparece com o objetivo de preservar a face do outro, por meio da consideração de sua palavra, como, por exemplo, em “É óbvio que o PT errou” e “acho ele no mínimo fraco, sem falar das emponderamentos [sic] citados acima por você”.

Além dos pontos levantados acima, o exemplo 5.17 é também muito elucidativo para demonstrar a diferença entre a agressão e a preservação em nossos dados. Percebamos como,

embora o Comentador 1 apresente marcas de polidez que preservam as faces individuais sua e de sua interlocutora, ele prossegue com ataques ao PT, identidade interpretada por meio dos indexadores presentes no texto compartilhado – contra Bolsonaro. Como é recorrente nos dados da amostra, o ataque a uma identidade político-ideológica implica uma percepção de apoio à identidade antagônica, dessa forma, percebe-se a necessidade do Comentador 1 de proferir ataques à identidade dita petista.

De forma geral, os *Footings* de preservação caracterizaram-se pelo uso de marcas de polidez, cujo objetivo era preservar a face individual dos ouvintes. As marcas baseadas nas máximas de compreensão e concordância foram as mais produtivas, o que é consistente com o uso de asserções em discussões e debates. Apesar de menos produtiva, a análise da preservação foi suficiente para delimitar diferenças entre o funcionamento da polidez e impolidez no *Facebook*, além de coadunar com o resultado central de que se ataca mais grupos e preservam--se indivíduos. A próxima subseção dedica-se à análise dos *Footings* de ridicularização, um achado da pesquisa que se caracteriza pelo hibridismo e pelo entremeio entre ataque e preservação, polidez e impolidez.

5.3 RIDICULARIZAÇÃO

Inicialmente, a preocupação principal deste trabalho concentrava-se na questão da (im)polidez e na mobilização das marcas de impolidez para criar ofensas. Não obstante, se fez necessária a inclusão da discussão sobre *footing* para teorizar adequadamente sobre o contexto dos dados. Conforme já discutimos, neste trabalho, o conceito cunhado por Goffman (1981, p. 128) foi adaptado para os fins desta pesquisa para significar “o alinhamento que tomamos para nós mesmos e para os outros, conforme é expresso no gerenciamento da produção e recepção de um enunciado”, no nosso caso, no que diz respeito a como se entendem as avaliações de (im)polidez. Dessa maneira, pressupomos que os interactantes estabelecem um alinhamento ou alicerce, por meio do qual é possível interpretar as escolhas linguísticas como (im)polidas, em outras palavras, não são apenas as escolhas linguísticas ou mesmo multimodais que estão em jogo no processo de avaliação da impolidez, mas a avaliação dessas escolhas a partir do *footing* estabelecido pelos interactantes, o que justifica que falemos sobre *Footings* de (im)polidez.

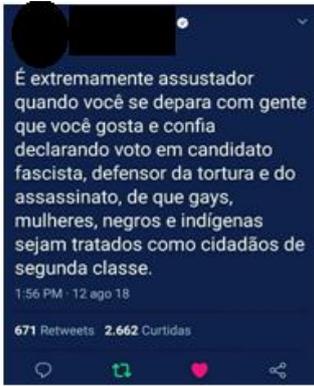
A observação dos dados desta pesquisa possibilitou observar três tipos de *Footings* de (im)polidez que continuamente se intercambiam no fluxo das interações. Tais *Footings* não

são concretamente observáveis, mas são inferidos por meio da observação do conjunto interacional. Na subseção 5.1, os *Footings* agressivos foram descritos como o alinhamento por meio do qual se mobiliza a linguagem para gerar ofensa. Esta seção, no entanto, aborda os *Footings* que provocam ridicularização, uma forma híbrida, conforme defendo aqui, de causar ofensa.

No caso dos *Footings* de agressividade, vimos que as expressões linguísticas geram ofensa por meio do conjunto cotexto, contexto e escolhas linguísticas (CULPEPER e HARDAKER, 2017). No caso da ridicularização, ainda é mantida a ideia de que há ataques, contudo esses ataques estão travestidos de efeitos de humor, ironia e sarcasmo, o que mantém o tom ou postura ofensiva, por outro lado, os atenua, pois, nesses alinhamentos, os ataques podem ser interpretados como piadas.

Vejamos o caso do exemplo 5.18, do Texto 9, no qual a Autora do *post* expõe, por meio da animação elaborada de um texto compartilhado em sua página, uma crítica acentuada a um grupo de pessoas que vota em um candidato nas eleições de 2018, no Brasil:

Exemplo 5.18

Postagem 9:	<p><u>Autora do post</u></p> <p>Assustador e depressivo 😞</p> 
-------------	--

A postagem da Autora do *post* pode ser interpretada sob o viés de um *Footings* agressivo, uma vez que tece uma crítica acentuada a um grupo de pessoas que alegadamente apoiam um candidato que apresenta propostas discriminatórias contra grupos de minoria, embora sejam da confiança e do convívio do autor e da animadora do texto. Conforme se observa, as escolhas lexicais e o uso do *emoticon* de tristeza na postagem conferem ao texto um tom sério e preocupante. Vejamos como o *footings* da interação se modifica ao passo que o

conteúdo do *post* é discutido nos comentários, no exemplo 5.19, o qual apresenta a sequência do Texto 9:

Exemplo 5.19

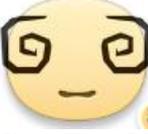
Comentários	
	<p>Comentador 1: Fique feliz. Isso significa que pessoas perto de Você estão despertando da hipnose marxista. 🤪🤪🤪</p> <p>Você poderá ser a próxima...</p> <p>😂😂😂😂</p>

O Comentador 1, no excerto acima, estabelece na interação um *footing* completamente diferente do *footing* da postagem original. Enquanto esta apresenta o conteúdo de forma séria e preocupante, o comentário faz com que esses conteúdos sejam entendidos via humor ou zombaria. Do ponto de vista das escolhas linguísticas e multimodais, percebe-se o uso de *emoticons* que representam paixão (🤪🤪🤪) e vergonha (😂😂😂😂), e do termo “hipnose”, usado metaforicamente para representar certa perda de sentidos provocada pela adesão à ideologia marxista.

De forma análoga ao que vimos na análise dos *Footings* agressivos, aqui vemos também táticas de intersubjetivação que buscam adequar o conteúdo discutido na postagem à identidade marxista. No entanto, não de forma incisiva e agressiva, mas, neste caso, por meio da ridicularização e do efeito de humor. Na concepção defendida por este trabalho, não há polidez – uso marcado da linguagem para preservação de faces – no entanto, não há uma agressividade deliberada, pois o humor acaba por atenuar a ideia de mobilização da linguagem para gerar ofensa. Vejamos quais são os efeitos da ridicularização para o fluxo dessa interação, no exemplo 5.20, que apresenta mais comentários do Texto 9:

Exemplo 5.20

Comentários	
	<p>Comentador 1: Fique feliz. Isso significa que pessoas perto de Você estão despertando da hipnose marxista. 🤪🤪🤪</p> <p>Você poderá ser a próxima...</p>

	<p>😄😄😄😄</p> <p><u>Comentadora 2:</u></p> <p></p> <p><u>Comentadora 2:</u></p> <p></p> <p><u>Comentadora 2:</u></p> <p></p> <p><u>Comentadora 2:</u> Presteeeeee atençaooooooooo Comentadoooooorl</p> <p>Presteeeeeeeeee muuuuuuuuitaaaaa atençaooooooooo</p> <p>Olheeee beeeem nos meus ooolhoossss</p> <p>Höooooort michhhhh</p> <p>E repitaaaaaa comigooooooooo:</p> <p>“Proletarier aller Länder, vereinigt euch!” [[tradução do alemão: Proletários de todos os países, unam-se]]</p>
--	---

O estabelecimento de um *Footing* de ridicularização parece ter sido mantido nas réplicas que seguem o comentário. A Comentadora 2 retoma o tópico da hipnose para ridicularizar a ideia lançada pelo Comentador 1, mais uma vez, do ponto de vista das escolhas linguísticas, a multimodalidade exerce um papel relevante para esta retomada. Percebamos que os três *emoticons* utilizados nas três primeiras réplicas possuem um destaque para os olhos e representam respectivamente susto, contemplação e perda de consciência. A sequência de *emoticons* apresentada parece fazer referência ao processo de hipnotizar-se, o qual resulta numa perda de pensamento consciente. Além disso, o trecho verbal que segue, na quarta réplica, apresenta também uma espécie de referência à hipnose no sentido de que usa alongamentos de vogais para representar uma fala mais lenta e se utiliza de frases associadas à hipnose, como “olhe bem nos meus olhos” e “repita comigo”. As frases em alemão fazem referência ao marxismo, tendo em vista que Karl Marx era alemão e escrevia nessa língua. A última frase da réplica pode ser traduzida como “Proletários de todos os países, unam-se!”, o que compõe a ideia de hipnose, pois essa seria a ideia a ser repetida.

Pela observação dessa interação, percebemos que a identidade político-ideológica é indexada tanto no comentário do Comentador 1, quanto nas réplicas da Comentadora 2. Percebamos que a princípio o texto compartilhado pela Autora do *post* não necessariamente apresentava indexadores do marxismo, mas a crítica tecida por ela funcionou como um indexador, na perspectiva do Comentador 1. Diferentemente dos exemplos analisados na subseção anterior, esse exemplo cria um contexto de humor que, ao passo que ataca a identidade marxista e as pessoas que se identificam com ela, atenuam esse ataque não chegando ao nível da agressão. Por essa razão, defendo aqui a ridicularização como uma forma híbrida de (im)polidez.

Durante a interação nesse comentário, é possível observar a avaliação da (im)polidez entre os participantes não só por meio da observação do fluxo interacional, mas também porque, em algum momento da interação, surgem comentários metapragmáticos (CULPEPER, 2011), que se caracterizam como avaliações explícitas dos participantes acerca de como avaliam a (im)polidez dos seus interlocutores. Vejamos o exemplo 5.21, abaixo, do mesmo Texto 9, no qual os comentários metapragmáticos estão sublinhados:

Exemplo 5.21

Comentários:	
	<p>[...]</p> <p><u>Comentador 1:Comentadora 2</u>, Eu sou socialmente vulnerável. Pois, não faço parte da casta que consegue bancar carros blindados. Na verdade, ando mais de busão que de carro.</p> <p>Socialista/Comunista jamais serei, com ou sem hipnose. 😊 Fique tranquila. 🙌</p> <p>Fique a vontade para me conscientizar (e não hipnotizar), livremente em quantos centavos quiser. 😊</p> <p>Abraços e boa sorte!</p> <p><u>Comentadora 2:</u> Comentador 1, rapaz, socialmente vulneráveis são os miseráveis, os renegados e marginalizados, as vítimas de racismo, machismo, misoginia, feminicídio, homofobia, transfobia, e sim, a classe trabalhadora em geral que pega seu busu diariamente para colocar o pão na mesa tb tá no lado dos explorados da equação, mas quando se é branco e hétero tua posição ainda é privilegiada, quer vc admita ou não. Nem te conheço, verdade, mas se colocar nessa posição meramente por não possuir um carro blindado já me dá uma dica ou outra da tua confusão conceitual.</p>

E o mundo não se divide apenas entre aqueles que andam de ônibus e os que andam de carros blindados, mas o que ajuda bastante o topo da pirâmide é aquele liso esperançoso jurando que um dia vai segurar o chicote. Liberalismo sucks.

Ah, fica tranquilo, não somos proselitistas! Somos a URSAL, não Testemunhas de Jeová. 🙄

Mas sempre que quiser dominar os meios de produção e instaurar a ditadura do proletariado, fica à vontade para aparecer nas nossas reuniões, o café é muito bom e Autora do post cozinha divinamente.

Ahahaha zoeras à parte:

Rapaz, tu é um cabra educado. Geralmente essa turma nem tem esse humor todo e parte logo pra irracionalidade. Só queria que tu entendesse que essa inclinação ideológica aos valores democráticos pautados nos princípios da isonomia, não necessariamente te leva ao marxismo-leninismo-stalinismo-ursalismo-lulismo-mercuryhookerismo. Você pode ser conservador, mas pode ser racional. Tu pode querer um cabra alinhado aos teus valores, quaisquer que sejam, mas ignorar a absoluta desqualificação desse candidato é dançar Macarena no abismo, brother.

Tipo se isso não te convence, quem sou eu?

Mas se quiser trocar umas ideias de boas, com vários centavos estatísticos, históricos e (por que não?), bíblicos, estamos aí 😊
Abração!



[...]

Comentador 1: Comentadora 2, quaaase parei de ler seu último comentário lá no "machismo".

Mas, como Vc foi "comportada" até aqui. Prossegui até o fim.

Saindo desse papo ideológico segregacionista, diga-me: como conservador, que opção Eu tenho que não o Bolsonaro? Aproveito a chance para lhe convidar a conhecer o time que está com Ele, pois convenhamos, política jamais se resume a UM político. 🙄

Grato pelo educado.

E vamos em frente, por mais discussões racionais sobre política.



Os comentários metapragmáticos dessa interação reverberam a conclusão de que, nos *Footings* de ridicularização, embora haja ataques, esses são atenuados, podendo

gerar, inclusive, situações de harmonia, como no caso dessa interação ilustrada acima. Do ponto de vista das escolhas verbais e multimodais, percebe-se que a utilização dos *emoticons* é bastante presente, estes acabam sendo os recursos paralinguísticos disponíveis para acentuar o caráter agressivo ou ridicularizador na interação. Adicionado a eles, também estão as marcas de risos “kkkkkkkk” e “hahahahha”, as quais funcionam como pistas para que o leitor saiba que não se está falando sério.

Embora a ridicularização seja tomada como um traço híbrido, no entremeio da polidez e impolidez, deve-se considerar que as avaliações da (im)polidez são prioritariamente variáveis (EELLEN, 2001), e é absolutamente normal e esperado que os participantes demonstrem avaliações diferentes em relação a um mesmo comportamento. Vejamos como a ridicularização pode ser avaliada de forma distinta, tomando como base o exemplo 5.22, do mesmo Texto 9. O excerto abaixo se trata da réplica do Comentador 3 em relação ao comentário do Comentador 1, analisado nesta subseção:

Exemplo 5.22

Comentários	
	<p>[...]</p> <p>Comentador 3: É verdade Autora do post, eu tb fico muito espantado com isso, pessoas que eu outrora achava que era impossível, caiu no pensamento que ele salvará a pátria, porém percebo que vai além do Bolsonaro, é como se houvesse realmente um ódio ao Socialismo (mesmo sem saber 5% do que ele representa e de sua história), ou cansados dos candidatos que já existem, e por esse "impulso" votam nele. Porém, ele não é apenas um adversário político, ou esses amigos e familiares não estão apenas votando em um candidato diferente do meu, estão votando em candidato que quer de volta um regime de tortura e atraso, machismo, homofobia, racismo, comunidades indígenas e quilombolas ameaçadas... Isso vai muito além de um candidato com propostas diferentes. Com tudo isso repenso se vale a pena manter esses laços familiares e de amigos ou se realmente devo perdoá-los pela ignorância ou preguiça política! Boa noite!</p> <p>Comentador 1: Tira os óculos, Comentadora 2. Não consigo ver seus olhos. 😞😞😞</p> <p>Comentador 1: Viu só, Comentadora 2? O Comentador 3 respondeu antes de mim e puft! Hipinitizado está! 😂😂😂</p>

O Comentador 3, em meio ao estabelecimento de um *Footing* de ridicularização, adota uma postura distinta, com a qual se direciona explicitamente à Autora do *post*, mas, por meio da leitura do seu comentário, percebemos que, na verdade, é uma resposta àqueles que votam

no candidato Bolsonaro e odeiam o Socialismo, mesmo sem conhecê-lo. Conforme já discutido em seções anteriores, esse é um exemplo de *innuendo* (GOFFMAN, 1981), que se caracteriza como uma insinuação ou uma mensagem indireta para que se chegue ao alvo. Ao que nos parece, a avaliação de (im)polidez do Comentador 3 foi diferente daquela estabelecida pela Comentadora 2, pois foi apoiada em um *footing* mais agressivo, chegando a estabelecer um insulto ao fim do texto, quando dá a entender que os eleitores de Bolsonaro são ignorantes ou preguiçosos políticos. O Comentador 1, por sua vez, se utiliza do mesmo expediente que o Comentador 3, pois, na última réplica de excerto, declara que o Comentador 3 está hipnotizado, em um comentário destinado à Comentadora 2.

O encadeamento interacional desse texto demonstra que a ridicularização aparece e pode funcionar como uma forma de atenuação, mas ratifica também a variação nas avaliações da (im)polidez, o que é um princípio das abordagens discursivas no estudo desse fenômeno. Ainda sobre esse aspecto, nos *Footings* de ridicularização, os nossos dados revelaram que há uma maior plasticidade no julgamento da (im)polidez nesse contexto. O Texto 9, acima, pôde elucidar essa questão por meio de múltiplas avaliações presentes em diálogo multipartidário.

Vejamos essa noção materializada em outros textos, no exemplo 5.23, do Texto 20:

Exemplo 5.23

Postagem	<p>Autor do <i>post</i>:</p> <p>Mais novo impossível:</p> 
----------	--

Aqui, o Autor do *post* anima um quadrinho em que o Partido Novo, um dos que apresentou candidato à presidência em 2018, é ridicularizado. Além disso, a legenda, elaborada pelo animador do texto, sarcasticamente critica o partido ecoando o sentido de que

o partido, na verdade, não é novo por meio de uma ironia. Na sequência dessa postagem, podemos acompanhar os seguintes comentários, no exemplo 5.24, do Texto 20:

Exemplo 5.24

	<p>Comentadora 1: Autor do post!?! E eu aqui toda apaixonada por Amoêdo. 😊 Vou lavar sua boca com sabão! 😂😂😂😂😂 Um abraço, moço grandão. 🙄</p> <p style="text-align: center;">Autor do post: Kkkkkkkkkkkk Comentadora 1? Conheci você mais crítica... Abraço!!</p> <p style="text-align: center;">Comentadora 1: Autor do post Continuo! Porém desacreditada das figuras carimbadas. Sinto saudades! Abraço!</p>
--	---

No comentário 1, a Comentadora apresenta um ponto de discordância em relação à postagem animada pelo Autor do *post*, o que caracteriza esse texto como uma discussão. É estabelecido, neste caso, um *Footing* de ridicularização em função de uma brincadeira “vou lavar sua boca com sabão 😂😂😂😂😂”. Contudo, o conjunto textual do comentário apresenta aparentemente marcas de comportamento político (WATTS, 2003), que são definidas como comportamentos reconhecidos como aceitos socialmente, porém esperados. No entanto, do ponto de vista da análise, essa marca de comportamento político “Um abraço, moço grandão. 🙄” deve ser interpretada como polidez – uso da linguagem marcada para preservar a face – uma vez que, neste contexto de comentário do *Facebook*, essa não é uma marca esperada. Dessa maneira, podemos ver, em certa medida, uma sobreposição de *Footings* de polidez e de ridicularização, marcada pelo entremeio da ridicularização e da preservação.

Na resposta do Autor do *post*, vemos a imitação da estrutura empregada pela comentadora, no entanto o autor tece uma crítica mais incisiva, levando ao sentido de que a comentadora não é crítica. Esse é um tipo de insulto personalizado travestido de piada, é marcado principalmente pelo uso do “kkkkkkkkk” e da repetição da estrutura empregada pela Comentadora 1. Na última réplica, a comentadora defende-se afirmando que é crítica, mas não rebate o insulto, pelo contrário, justifica sua resposta e finaliza com mais uma estrutura de polidez.

O caso do Texto 9 é emblemático para ilustrar a plasticidade das avaliações de (im)polidez dos *Footings* de ridicularização, pois esses, embora apresentem características

identificáveis, aproximam-se ora da preservação, ora da agressão. Em contrapartida, no exemplo 5.25, do Texto 11, a ridicularização ainda aparece no entremeio, mas dessa vez mais próxima à agressão. Este fragmento é parte de uma discussão sobre política em torno da entrevista do então candidato Jair Bolsonaro ao Jornal Nacional, quando a jornalista Renata Vasconcelos respondeu a uma provocação do candidato em relação ao seu salário. No fluxo da conversa, o Comentador 10 discorda de um aspecto levantado pelo Comentador 8, quando diz “o povão não possui o filtro da academia”. A partir dessa discordância, eles estabelecem um *Footing* de ridicularização por meio do qual ironizam as capacidades cognitivas do outro.

Exemplo 5.25

	<p>Comentador 8: É por esse "discursinho" deste canalha que ouvimos nos ônibus, nas filas, no mercado, o mesmo discurso travestido de opinião. A ditadura vai-se tornando aceitável. E isso não pode ser tolerado. Sei que é divertido tal provocação. Principalmente para nós acadêmicos. Mas o povão?..ahh, o povão não possui este filtro da academia, não.</p> <p>[...]</p> <p>Comentador 10: <u>Autora do post</u> sabe que discordamos em quase td kkkkk em relação a política. Mas respeito tua opinião. <u>Só acho inaceitável esse discurso que esse camarada falou aí que o povão n sei oq, que nós acadêmicos somos superiores.</u>Pelo amor de Deus, ôôô ser humano não é pq vc vota na esquerda que isso te faz superior intelectualmente. Votarei no bolsonaro e te respeito por ter a intenção de votar o Boulos apesar de achar que na última hora ele fará uma coligação e n concorrerá. Não é academia (como você diz) que da filtro a ninguém. <u>Quando li o comentário fiquei até envergonhado por compartilhar o mesmo ar que essa sumidade acadêmica.</u></p> <p>Autora do post: <u>Comentador 10</u>, concordamos (incrível! Hahaha) que ser de direita e esquerda não tem a ver necessariamente com ser acadêmico. Até pq saiu recentemene</p>
--	--

	<p>uma pesquisa dizendo que a maioria dos eleitores de Bolsonaro são homens com curso superior e de classe média alta. Também não acho que Comentarador 8 quis dizer que quem é de esquerda é superior intelectualmente. Acho ele falou mais da criticidade das pessoas em relação ao discurso de Bolsonaro na TV. No sentido de que quanto mais publicizar, mais adepto não crítico vai ter. E ele associou essa criticidade de perceber discursos sobre a ditadura com mais clareza à academia. E eu discordei, dizendo que o ~povão (não acadêmico) consegue compreender sim o conflito de discursos, etc. Enfim. Acho que a conversa tava mais relacionando a percepção crítica dos discursos com a academia. E não a esquerda com o suprasumo da intelectualidade, como vc falou. Eu concordo com vc sobre a ideia de que soa elitista falar de criticidade como algo restrito à academia.</p> <p><u>Comentarador 8:</u> Hahaa. Comentarador 10 [[apelido no diminutivo]]! <u>Que a tua auto-estima te encaminhe pra um bom lugar! pq vc já está a léguas de distância da realidade!</u> "De ego inflado e intelecto pobre" de nada te adiantaria um "filtro", sem a capacidade de interpretar textos, vc só é capaz de ingerir comida mastigada! E a Autora do post [[apelido]] te fez este grande favor!</p> <p><u>Comentarador 10:</u> Tá bom <u>Comentarador 8</u> n irei discutir com você. Nem vale a pena. <u>Não tenho tamanha intelectualidade.</u> <u>Kkkkk.</u> Tudo na vida possui várias percepções e pontos de vista. Você não é mais crítico que ninguém por ser formado em filosofia. Engraçado que você nem me conhece, mas td bem. Continue com seu discurso de sumidade intelectual acima do resto do povão, é o que lhe resta.</p>
--	--

As ironias, neste exemplo, distanciam-se daquelas apresentadas no Texto 20, pois estão mais próximas aos *Footings* da agressão, tendo em vista que as expressões hiperbólicas

“tamanho intelectualidade” e “sumidade acadêmica” atingem diretamente a face dos interlocutores, caracterizados como pessoas sem humildade. Os dois últimos exemplos, portanto, demonstram de forma mais elucidativa a hibridez dos *Footings* de ridicularização e ratificam que esses alinhamentos são formas de entremeio no que diz respeito à (im)polidez.

Os *Footings* de ridicularização ainda aparecem constantemente como forma de deslegitimação da seriedade dos argumentos apresentados nas discussões. No exemplo 5.26, do Texto 12, vejamos como a ridicularização é coconstruída e pode evoluir para avaliações de impolidez no fluxo das interações:

Exemplo 5.26

<p>Postagem:</p>	<p><u>Autor do post:</u></p> <p>Um policial, teoricamente, bem treinado e aprovado por um psicólogo faz isso e vcs aí querendo liberar arma pra todo mundo!</p>  <p>METROPOLES.COM PM do DF saca arma em escola e ameaça colegas do filho ✓ O militar teria ido ao colégio buscar o adolescente, que supostamente estav...</p>
<p>Comentários:</p>	
	<p><u>Comentador 1:</u> Eita, culpa de bolsonaro!! Materia nova pro g1!!! 😂😂😂😂😂😂 ne ?</p> <p><u>Autor do post:</u> Estas no post errado parceiro! Estas com dificuldade pra entender? não tem bolsonaro em frase nenhuma nesse post, esse post é pra qualquer um que apoia! Bye</p> <p><u>Comentador 1:</u> 😂chorou parou😂</p>

Nesse exemplo 5.26, percebe-se que o Comentador 1 inicia a interação por meio da ridicularização, associando o texto compartilhado ao candidato Bolsonaro. Embora o texto compartilhado não faça referência direta ao político, o contexto socio-histórico que rodeia essa interação explica a associação, uma vez que é informação pública que o então candidato em questão era a favor da flexibilização do porte de armas no Brasil. Conforme percebemos, mais uma vez, a interpretação das identidades atacadas no *Facebook* é constantemente elaborada por processos inferenciais em que os interlocutores interpretam indexadores implicados nas postagens.

Pode-se perceber, portanto, que, no exemplo 5.26, a ridicularização é iniciada a partir do reconhecimento da ofensa a uma figura política que é legitimada para representar uma postura ideológica – a de apoies de Bolsonaro. Embora a alegada ofensa a Bolsonaro tenha sido interpretada por meio de um processo inferencial e implícito, a ridicularização no comentário 1 aparece como uma forma de deslegitimar o texto compartilhado, atacando a face individual do Autor do *post*, como disseminador de uma notícia irrelevante. A resposta do Comentador 1 reverbera essa interpretação, pois mostra que o Autor do *post* recebeu a ridicularização de forma pessoal, e, por isso, ele responde diretamente ao autor, alegando que o seu texto não era sobre o então candidato.

A ridicularização é continuada pelo Comentador 1, o qual declara “😂 chorou parou😂”. Nesse momento, cabe ressaltar a importância que a multimodalidade tem para a identificação dos *Footings* de ridicularização. Tanto no comentário quanto na réplica do Comentador 1, os *emoticons* de risada funcionam como pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) para que compreendamos que o texto se trata de uma piada. De forma geral, pode-se perceber esse constante uso de recursos imagéticos nos exemplos analisados nesta subseção. Além dos *emoticons*, outros recursos multimodais como o “kkkkkk”, “hahahaha” e uso de *Gifs* animados também figuram como pistas de contextualização para a ridicularização.

Em vista dessa observação, percebe-se que o uso de recursos multimodais está especialmente atrelado à criação da ridicularização e do conseqüente efeito de humor. Por conseguinte, podemos perceber uma influência acentuada dessa funcionalidade dos espaços de escrita do *Facebook* para a criação de ridicularização, demarcando assim uma influência dos recursos técnicos na (im)polidez.

Nas réplicas que seguem o Texto 12, no exemplo 5.27, percebemos uma mudança no *footing* que deflagra a avaliação de impolidez na interação analisada:

Exemplo 5.27

	<p><u>Autor do post:</u> kkkkk olha o nível dos eleitores de bolsobosta, "chorou parou" Me senti na sexta série agora, realmente parou broder!!! Melhore viu, abs</p> <p><u>Comentador 1:</u> Sem desespero amigo, relaxa o coracao se n tu tem um ataque 😂😂😂 peace and love please</p> <p><u>Autor do post:</u></p>  <p>[[gif animado – mulher gargalhando]]</p> <p><u>Comentador 2:</u><u>Autor do post</u> para tá feio !! Você vem atacando o candidato Bosonaro em outras publicações suas vai fazer campanha do teu candidato!!! Vivemos numa Democracia votamos em quem queremos inclusive você .</p> <p><u>Autor do post:</u><u>Comentador 2</u> como o amigo preza pela democracia, faço das suas as minhas palavras!! Numa democracia eu posso fazer o que quiser respeitando o estado democrático de direito, E nesse momento estou fazendo publicações sobre o candidato mentiroso.</p> <p><u>Comentador 1:</u> Oxe, tu num disse agorinha que n tava falando dele, vixxe!</p> <p><u>Autor do post:</u><u>Comentador 1</u> amigo vc precisa urgente de alguém pra lhe ensinar o que é uma INTERPRETAÇÃO, estou preocupado com você. Leia novamente o que eu disse no primeiro post, Leia de</p>
--	--

	novo até entender e dps conversamos, pq assim não dá
--	--

A partir do comentário do Comentador 2, percebe-se uma mudança no *footing* da interação evidenciada pela ausência de pistas de contextualização de ridicularização, notadamente *emoticons* e marcas de risos. Além disso, são utilizadas marcas de impolidez, como o silenciador “Para que ta feio” e o reforço de mensagem na última réplica do Comentador 1, com o uso da caixa alta, a qual normalmente representa gritos. Esse encadeamento de turnos marca uma mudança no *footing* e demonstra que há avaliação impolida a partir da análise das reações visíveis dos interactantes. Mais uma vez, é válido ratificar a variabilidade nas avaliações de (im)polidez, as quais são reveladas pelos comentários tecidos pelos participantes, que, nesse caso, mudaram da ridicularização para a agressão.

Em resumo, os *Footings* de ridicularização foram achados eventuais da pesquisa, pois são construídos a partir de relações de ironia e deslegitimação dos discursos dos interlocutores. Nesse caso, a análise da frequência e presença de marcas de (im)polidez não se fez relevante porque a criação da ridicularização vem mais especificamente do uso irônico das escolhas linguísticas, sendo estas de polidez ou impolidez. Não obstante, as marcas que devem ser destacadas na análise desses *Footings* são os recursos multimodais, os quais regularmente funcionam como pistas de contextualização para que a interação seja entendida como piada ou ridicularização. Dessa maneira, a ridicularização é vista como uma forma híbrida de (im)polidez que ora pende para a ofensa, ora para a atenuação.

5.4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Esta seção, conforme anunciei em seu início, tem particular interesse na descrição da (im)polidez nos dados da amostra por meio da análise em três categorias de *Footings* de (im)polidez: agressão, preservação e ridicularização. De modo geral, esta seção atende ao objetivo geral da pesquisa: descrever a configuração e o funcionamento da (im)polidez em discussões no *Facebook* a partir do aparato teórico desenvolvido para abordar o tema em interações *on-line*.

Para tanto, as análises se pautaram na descrição dos processos de ataque a identidades e faces, processos de preservação das faces, análise das marcas linguísticas associadas à (im)polidez, bem como a explicação do processo de ofender-se em interações *on-line*. Além disso, a ridicularização foi definida como um alinhamento híbrido que se localiza no entremeio da polidez e da impolidez.

Essa subseção, por sua vez, pretende resumir os principais achados da pesquisa e relacioná-los às questões das funcionalidades técnicas e características interacionais da interação mediada pelo *Facebook*. Por conseguinte, apresento aqui a discussão dos resultados das análises, bem como os desdobramentos que esses achados representam para área de estudos da (im)polidez e para a descrição das interações *on-line*, as quais estão intimamente relacionadas aos hábitos de uso da internet no Brasil.

O primeiro achado a ser considerado foi a maior produtividade dos *Footings* de agressão em comparação aos demais. Conforme já comentei anteriormente, a nossa análise não permite, mesmo porque não objetiva, concluir que as pessoas em geral são mais agressivas no *Facebook*. Essa conclusão não pode ser feita, em função do tamanho da amostra e da metodologia empregada, primeiramente porque a quantidade de textos e de participantes não foi pensada para representar demograficamente os usuários de internet entre brasileiros e, em segundo lugar, porque foi adotada uma abordagem qualitativo-interpretativista que não visou a uma investigação macro das discussões no *Facebook*, pelo contrário, investiu na análise minuciosa de situações que, embora fossem particulares, pudessem ser replicadas a outros contextos. Além disso, a categoria de *footing*, conforme já discutido anteriormente, não pode ser quantificada, pois não se pode determinar exatamente onde o *footing* começa ou termina, pode-se, na verdade, inferi-lo a partir da análise das ações dos interlocutores reveladas pelas suas escolhas linguísticas dentro de um contexto de análise situada.

A nossa análise da agressão, no entanto, pode chegar à definição de que esses *Footings* se caracterizam pelo uso da linguagem para deliberadamente causar ofensa, normalmente embasando avaliações de impolidez por parte dos interactantes. Em outras palavras, as agressões são caracterizadas por ataques deliberados, normalmente configurados pelo uso de marcas de impolidez que deflagram avaliações impolidas por parte dos participantes. Portanto, ao identificarmos *Footings* de agressão, normalmente existem reações visíveis de participantes relacionadas a emoções negativas, o que coaduna com a noção de impolidez em Culpeper (2011).

As análises também revelaram uma das características fundamentais da impolidez no *Facebook*: a de que ela se caracteriza majoritariamente por ataques direcionados às identificações, normalmente político-ideológicas, dos participantes, em detrimento dos ataques direcionados às faces individuais dos interlocutores. Essa conclusão é suportada pelos diversos exemplos em que os participantes criam insultos ou críticas que não são endereçadas a um participante em particular, mas a uma identidade. São comuns, nos nossos dados, por exemplo, casos em que partidos ou figuras políticas como o PT, Lula, Bolsonaro, etc. são atacados.

Igualmente comuns são os casos em que essas ofensas são tomadas para si, por parte de participantes específicos, mesmo que eles não tenham sido endereçados na conversa. É como se os usuários do *Facebook* normalmente se ofendessem porque “vestem a carapuça”, como diz a expressão popular. As análises demonstraram que boa parte das ofensas são tomadas por meio de um processo inferencial, em que os usuários que se sentem atacados porque interpretam indexadores identitários (BUCHOLTZ e HALL, 2005), muitas vezes implícitos nos textos. Por muitas vezes, os usuários do *Facebook*, ao verem uma crítica a um determinado partido político ou mesmo representante político de um posicionamento ideológico, ofendem-se e respondem por meio de agressões geradoras de impolidez.

As respostas que surgem a partir dos insultos direcionados às identidades podem ser direcionadas às faces individuais dos interlocutores, ou às suas identidades políticas. A análise do direcionamento das marcas comprovou que, em realidade, a maior parte das marcas de impolidez estão direcionadas às identidades dos participantes, o que revela certa preferência por agredir posicionamentos ideológicos em detrimento de indivíduos.

Esses resultados estão intimamente ligados a características da interação *on-line*, como, por exemplo, o caráter público das interações no *Facebook*, que implica a ausência de destinatários específicos nos *posts* e a forte influência da audiência nas interações em discussões *on-line* no *Facebook*. Conforme argumentei na seção 4 deste trabalho, a estrutura de participação (GOFFMAN, 1981) no *Facebook* é modificada, pois há uma dissolução da noção de ouvintes ratificados, uma vez que praticamente não há ouvintes não ratificados. No caso dos *posts* analisados nesta tese, praticamente todos os usuários da internet são ouvintes ratificados, ou seja, têm capacidade técnica de não apenas acompanhar os conteúdos das interações, bem como de participar eventualmente no papel de falantes.

É justamente essa mudança na interação que, a meu ver, estimula que haja mais discussões de interesse público, como política, e que conseqüentemente os ataques sejam mais direcionados às identidades do que as faces, tendo em vista que, neste trabalho adotei a noção de faces como projeção individual do eu (GOFFMAN, 1967) e identidades como posicionamento social do eu e dos outros na interação (BUCHOLTZ e HALL, 2005).

Dessa maneira, o primeiro desdobramento dessa pesquisa em relação à sua contribuição empírica para descrição dos hábitos dos brasileiros em relação à impolidez é que os usuários atacam mais as identidades e menos as faces, ou seja, atacam-se mais os grupos (posições ideológicas) que os indivíduos. A descrição dos *Footings* de agressão foi particularmente útil para esse desdobramento, o que revelou como a linguagem é utilizada para causar ofensa nas interações *on-line*.

No que tange à questão da preservação, esses *Footings* demonstraram-se menos produtivos em relação à agressão, o que implicou uma presença menor de marcas de polidez nos textos da amostragem. Ao contrário da agressão, a preservação foi completamente direcionada às faces individuais dos participantes, o que demonstrou a necessidade interacional de proteger indivíduos em vez de identidades ideológicas.

Particularmente, a preservação normalmente apareceu nos momentos em que as interações se concentraram em assuntos de ordem pessoal. Assuntos com informações sensíveis demandaram o aparecimento da polidez, sobretudo o de marcas de concordância e compreensão. Essas marcas estão particularmente ligadas ao gênero dos textos pesquisados, pois, como aponta Leech (1983), as máximas de concordância e compreensão são mais comuns em asserções, comuns em debates.

A concordância apareceu quando os interactantes afirmavam concordar com um ponto defendido pelos seus interlocutores, ao passo que discordavam de outros pontos. Normalmente, a concordância serviu como uma prefaciação de discordâncias, ou seja, os interactantes concordavam para logo em seguida discordar. Por sua vez, a compreensão apareceu quando os interactantes forneciam informações extras para que suas mensagens não fossem interpretadas como ataques, como, por exemplo, colocar entre parênteses um trecho do tipo (isso não é um ataque).

Embora menos produtivos, os *Footings* de preservação mostraram que a discordância não é sinônimo de impolidez na internet. É possível discordar considerando a face dos

interlocutores de modo a evitar conflitos. Foi particularmente interessante observar que a polidez foi menos inovadora do que a impolidez, no sentido de que a pesquisa demonstrou a manutenção da ideia, muito difundida na literatura, de que a polidez é o uso da linguagem para preservação de faces. Nesse sentido, cabe ratificar a necessidade de usar aparatos teóricos diferenciados para tratar da polidez e de impolidez. Embora eu continue defendendo a ideia de *continuum* quando falo sobre (im)polidez, na concepção de Spencer-Oatey (2005), percebo a necessidade de investir em aparatos teóricos específicos para tratar dos assuntos, uma vez que fui levado, em função dos dados, a trabalhar com o conceito de identidades nos casos de impolidez. Em observância ao exposto, percebe-se a necessidade de investigar e descrever a polidez e a impolidez por meio de aparatos teóricos específicos, porém inter-relacionados, o que foi o caso do aparato de análise empregado nesta pesquisa.

Finalmente, esta seção também se dedicou à análise dos *Footings* de ridicularização, os quais são caracterizados pelo humor e deslegitimação da seriedade dos argumentos dos interlocutores. Essa categoria foi particularmente criada para dar conta de interações em que os ataques são camuflados por meio do humor. Em geral, esses *Footings* caracterizam-se pelo uso da ironia e do sarcasmo, não há, portanto, marcas de (im)polidez que sirvam de indícios da ridicularização, mas sim o uso irônico dessas marcas.

Essa categoria é aqui considerada como híbrida, pois está no entremeio entre a polidez e a impolidez, pois marca simultaneamente a presença de ataques suavizados pelos efeitos de humor. Em algumas vezes, a ridicularização pode pender mais para o lado da polidez, em outras vezes, da impolidez, conforme pode-se perceber pela análise das reações visíveis dos participantes nos exemplos trazidos na subseção anterior.

Além do uso da ironia, a ridicularização foi normalmente associada a marcas multimodais que funcionam como pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982), principalmente *emoticons* e outras marcas imagéticas que designam risos. Não se pode definir, sem a análise de contextos específicos, que os *emoticons* e as marcas de risos são necessariamente indicadores de ridicularização, contudo a análise de dados mostrou certa regularidade nesse padrão: geralmente os *emoticons* e as marcas de risos representaram *Footings* de ridicularização.

Sobre esse assunto, cabe ressaltar que o uso dos recursos multimodais são possibilidades apresentadas pelo design do *website*, e os usuários enxergam esses *affordances* (GIBSON, 1986) como forma de criação de ridicularização. A ridicularização parece ser uma

estratégia de ataque às faces ou às identidades mais suave do que a agressão em si, que marca uma tentativa deliberada de ataque. Os dados de ridicularização analisados nesta seção mostraram que às vezes, numa mesma interação, o mesmo enunciado pode ser avaliado polido ou impolidamente, a depender do interactante. A ridicularização, portanto, evidência o princípio da variabilidade nas avaliações prevista na literatura da área, de linha sociointeracional (ELEN, 2001; HAUGH, 2010, 2013).

Em resumo, esta seção tratou principalmente do objetivo de descrição da (im)polidez em interações no *Facebook* por meio da análise de três categorias: agressão, preservação e ridicularização. As análises apresentadas, de maneira geral, coadunam para o resultado geral da pesquisa, o qual demonstra que, em relação à (im)polidez, em discussões no *Facebook*, há predomínio de ataques direcionados às identidades e preservações direcionadas às faces, o que implica uma maior frequência de ataques a grupos e de preservação de indivíduos. A seção seguinte reforça os achados da pesquisa e ratifica os desdobramentos e consequências do trabalho empreendido tanto para a elucidação de características das interações *on-line* quanto para a contribuição teórica à área de estudos da (im)polidez.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como principal objetivo descrever a configuração e o funcionamento da (im)polidez em discussões públicas no *Facebook*. Dessa maneira, foi empregada uma metodologia que combinou análises qualitativas de cunho interpretativista e uma análise das marcas de (im)polidez utilizadas nos textos por meio da contagem dessas em relação à sua presença, quantidade e direcionamento. Ambas análises reforçaram o resultado geral de que a impolidez, nas discussões do *Facebook*, é mais direcionada às identidades dos interactantes, ao passo que a polidez se dirige às faces, preservando indivíduos em detrimento de grupos.

Em vista desse resultado central, pode-se dizer que a tese contribui para o entendimento dos hábitos de usuários brasileiros em discussões no *Facebook*, pois as análises demonstram, como já defendido, que há mais ataques a grupos e posições ideológicas que a indivíduos em separado. Além disso, também foi demonstrado que a preservação de faces surge normalmente quando são abordados temas mais particulares e individuais. Além disso, o processo de ofensa também foi elucidado porque os resultados da pesquisa apontam que para se ofender, no *Facebook*, se faz necessário um processo de identificação com as ideologias e grupos atacados.

Como desdobramentos, esses resultados podem explicar a impressão corrente de que o *Facebook* é um palco de inimizades e brigas porque, como as ofensas não são em geral direcionadas, elas podem atingir um número muito maior de pessoas – todas aquelas que se identificarem com as identidades atacadas. No que diz respeito ao processo de ofender-se, foi detectado que este está relacionado à interpretação inferencial das identidades atacadas, o que normalmente ocorre em função da identificação de indexadores identitários implícitos nas marcas de impolidez.

Dessa maneira, ao refletir sobre as perguntas “O que é considerado impolido no *Facebook*?” e “Como a impolidez se inicia?” (seção 2.1), os resultados demonstram que, na maior parte das vezes, a impolidez é iniciada por um processo de “vestir a carapuça”, ou seja, o interlocutor, ao inferir que sua identidade está sendo atacada, veste a carapuça e responde com impolidez. Esse tipo de padrão foi constante nos dados analisados, o que contribui para o entendimento dos hábitos de uso em discussões do *Facebook*.

Outras perguntas lançadas inicialmente foram “Como os interactantes atacam ou preservam verbal e multimodalmente no *Facebook*?” e “Quais marcas linguístico-discursivas são mobilizadas em situações de (im)polidez?”. Conforme apontam os resultados da pesquisa,

a maioria dos ataques e das preservações ocorreram a partir do uso de marcas de polidez e impolidez, empregados em contextos que favoreciam a sua interpretação como polida ou impolida. As marcas de impolidez mais empregadas foram as críticas e insultos, e as de polidez foram a concordância e compreensão. O uso dessas marcas coadunou com o resultado central da pesquisa, principalmente porque as marcas de impolidez destacadas, em sua maioria, se direcionaram a identidades. Podemos concluir, portanto, que as escolhas linguísticas mais comuns no *Facebook* são as duas apontadas acima.

Sobre o uso da multimodalidade, percebeu-se que ela foi constantemente empregada nos casos de ridicularização, marcados pela presença da ironia e do humor. Essa observação é também pertinente à explicação dos hábitos de uso da internet no Brasil, pois a pesquisa apresenta um indício de que os recursos multimodais no *Facebook*, como *emoticons*, *memes* e *gifs*, estão relacionados ao uso da ironia e do humor, enquanto, ao atacar ou preservar as faces e identidades, os usuários preferem o uso da linguagem verbal.

Embora esse achado seja uma conclusão pertinente aos nossos dados de pesquisa, seriam necessários mais trabalhos empíricos, cujo foco principal fosse o uso da multimodalidade no *Facebook*, para que pudéssemos comprovar essa conclusão de que os recursos multimodais são mais relacionados ao humor. Entretanto, inicialmente pode-se dizer que, nos textos da amostra, a multimodalidade foi empregada majoritariamente com o objetivo de ridicularizar.

Em resumo, a pesquisa é capaz de contribuir empiricamente porque apresenta um conjunto de resultados capaz de lançar luz sobre os hábitos de uso do *Facebook*, no Brasil. Embora tenhamos usado uma análise qualitativo-interpretativista, as análises aqui desempenhadas podem ser replicadas a outros contextos, uma vez que abordamos dados do cotidiano de práticas vernaculares na internet.

Além das contribuições empíricas, a pesquisa também apresentou avanços para a literatura da área de estudos da (im)polidez. Em primeiro lugar, foi construído aqui um aparato de análise a partir da análise de dados reais de uso da língua, o que fortalece a qualidade interna das categorias cunhadas, já que foram criadas a partir de uma realidade emergente, que é o uso da linguagem nos *sites* de redes sociais.

Além disso, a abordagem teórica se pautou em temas pouco explorados nos estudos da (im)polidez, sobretudo em relação aos pontos de convergência das teorias pragmáticas e sociodiscursivas e aos estudos sobre ideologia, identidade e interação *on-line*. Os estudos da (im)polidez vêm de uma longa tradição que pesquisa a (im)polidez em diálogos bipartidários,

na modalidade oral, face a face. Como caráter inovador, apresentei um estudo em interação mediada por novas tecnologias, em diálogos multipartidários e multimodais.

Para tanto, a abordagem não se pautou apenas na aplicação de categorias pré-estabelecidas vindas da literatura. Em oposição, a tese construiu uma abordagem híbrida que utilizou ferramentas de análise tanto das abordagens pragmáticas da (im)polidez (LEECH, 1983), quanto das abordagens discursivas (WATTS, 2003; SPENCER-OATEY, 2005; MILLS, 2011). Além disso, o trabalho de pesquisa também recorreu a estudos que, embora não sejam centrados exclusivamente na questão da (im)polidez, foram pensados de forma complementares, nas seções 3 e 4, em função de demandas dos dados pesquisados, como, por exemplo: identidades, aspectos da interação social e *footing*, esquema de participação e formato de produção.

Deve-se ressaltar, mais uma vez, o caráter inovador da pesquisa, que desenvolveu um aparato de análise para textos *on-line* publicados no *Facebook*. Esse aparato de análise marca uma contribuição teórica para os estudos da (im)polidez, tendo em vista que são poucos os estudos sobre essa temática, sobretudo em contexto de interações *on-line*, no Brasil.

Além disso, a fundamentação teórica, em conjunto com a metodologia aqui utilizada, sustenta o resultado central do trabalho, por meio da análise dos aspectos relacionados à construção e indexação de identidades, através dos discursos (BUCHOLTZ e HALL, 2005) evidenciados nos espaços de escrita (BARTON e LEE, 2015), das postagens, dos comentários e das réplicas, conforme demonstram as nossas análises qualitativas. Ademais, também deve ser ressaltada a maior presença de marcas de impolidez direcionadas às identidades, em detrimento das marcas direcionadas às faces. Dessa maneira, evidencia-se que tanto as análises qualitativas quanto as numéricas coadunam para o mesmo resultado.

No entanto, no que tange à polidez, a pesquisa ratificou o posicionamento da literatura da área, que tradicionalmente a enxerga como um processo de preservação das faces. Dessa forma, ambas as análises evidenciaram que a polidez é de fato usada para manutenção da harmonia entre indivíduos, mesmo que haja nas discussões bastantes ataques a identidades e posicionamentos ideológicos.

Além dos achados centrais descritos acima, a pesquisa também pode contribuir em relação ao conhecimento que se tem acerca da interação *on-line* de maneira geral. O modelo de Goffman (1981), por exemplo, foi readaptado ao contexto de interações em rede por meio do exercício de análise e ilustração das características sociointeracionais das interações em *sites* de redes sociais, como o *Facebook*. Os conceitos de esquema de participação e formato

de produção foram repensados a partir de uma realidade mediada pelas novas tecnologias em rede e recebeu reinterpretações, a exemplo das reflexões sobre a dissolução do conceito de ouvinte ratificado nas redes e da presença maciça da animação de textos no *Facebook*, estimulada pela funcionalidade dos compartilhamentos. O exercício de adaptação feito aqui deve ser incitado em estudos futuros para que possamos vislumbrar a possibilidade de rever conceitos tradicionais na Linguística, frente às suas mudanças em decorrência da transformação desempenhada pelas novas tecnologias.

A relação entre impolidez e identidade também foi um empreendimento relativamente novo na literatura, haja vista as considerações de Blitvich e Sifanou (2017) de que, em geral, as áreas de estudos da (im)polidez sempre estiveram muito concentradas na ideia de preservação e ataque de faces individuais. Neste trabalho, foi necessário encontrar uma definição teórica de identidades que estivesse relacionada à análise de interações, e esse objetivo foi particularmente atingido por meio da escolha de Bucholtz e Hall (2004a, 2004b e 2005), as quais advogam uma abordagem interacionista das identidades. Em função da natureza inferencial dos insultos e críticas no *Facebook*, os exemplos foram muito ricos em indexadores identitários, além das autorrotulações, demonstrando assim o rico processo de construção das identidades. Sobre essa questão, os resultados da pesquisa também evidenciam que, conforme defendido em Blitvich e Sifanou (2017), a impolidez tem, sim, o poder de ser um indexador identitário, haja vista os diversos exemplos em que os interlocutores inferiam as posições ideológicas dos outros com base nas identidades atacadas.

Dessa forma, espero que tenha sido evidenciado o foco na compreensão das avaliações de (im)polidez na internet, que estão intimamente relacionadas aos processos de ofender e ofender-se na redes sociais. Esta pesquisa nasce de um interesse particular em como as pessoas criam critérios para avaliação do que é (im)polido em discussões no *Facebook*, tendo em vista que esse espaço tem sido palco de muitas disputas ideológicas no últimos tempos. O trabalho, contudo, não fecha a porta para futuros estudos que possam aprofundar a análise do tema em dados mais variados, além das discussões no *Facebook*, ou até mesmo em outros *sites* de redes sociais, os quais certamente demandarão outras adaptações teóricas.

REFERÊNCIAS

- ATKINSON, P. Ethnomethodology: a critical review. **Annual Review of Sociology**. v.1, n.14, p. 441-465, 1988.
- AUSTIN, J.L. **How to do things with words**. Cambridge: Harvard University Press, 1962.
- BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARKER, C.; D. GALASINSKI. **Cultural Studies and Discourse Analysis**. A Dialogue on Language and Identity. London: Sage, 2001.
- BARROS, K. S. M. Perspectivas no estudo da polidez. In: CAMBRAL, A. L. T.; SEABRA, I. R.; GUARANHA, M. F. (Org.). **Descortesia e Cortesia: expressão de Culturas**. São Paulo: Cortez, 2017 p. 359-374.
- BARTON, D; LEE, C. **Language Online: Investigating Digital Texts and Practices**. [s.l.]: Routledge, 2015.
- BLITVICH, P. G.. A Genre Approach to the Study of Im-politeness. **International Review Of Pragmatics**, [s.l.], v. 2, n. 1, p.46-94, 1 abr. 2010. <http://dx.doi.org/10.1163/187731010x491747>.
- BLITVICH, P.; LORENZO-DUS, N.; BOU-FRANCH, P. A genre approach to impoliteness1 in a Spanish television talk show: Evidence from corpus-based analysis, questionnaires and focus groups. **Intercultural Pragmatics**, [s.l.], v. 7, n. 4, p.689-723, jan. 2010. <http://dx.doi.org/10.1515/iprg.2010.030>.
- BLITVICH, P; SIFIANOU, M. (Im)politeness and Identity. In: CULPEPER, J; HAUGH, M; KÁDÁR, D. **The Palgrave Handbook Of Linguistic (im)politeness**, [s.l.]: Palgrave Macmillan UK, 2017, pp. 227-256
- BLUM-KULKA, S. The metapragmatics of politeness in Israeli society. In: WATTS, R; IDE, S; ENLICH, K (org) **Politeness in Language: studies in its history, theory and practice**, Berlin: Mouton de Gruyter, 1992, pp 255-280.

BLUM-KULKA, S; J. HOUSE; G. KASPER. **Cross-cultural Pragmatics: Requests and Apologies**. New York: Ablex Publishers, 1989.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2015. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

BROWN, P; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language usage**. New York: Cambridge University press, [1978] 1987.

BUCHOLTZ, M; HALL, K. Language and Identity In: DURANTI, A. (ed.) **A Companion to Linguistic Anthropology**, pp. 369–94. Malden, MA: Blackwell, 2004a

_____. Theorizing Identity in Language and Sexuality Research. **Language in Society** [s.l.] v. 4 n. 33, pp 501–47, 2004b. DOI: 10.10170S004740450044021

_____. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse Studies**, [s.l.], v. 7, n. 4, pp. 585-614, 1 out. 2005. <http://dx.doi.org/10.1177/1461445605054407>.

CRYSTAL, D. **Internet Linguistics: A Student Guide**. London: Routledge, 2011

CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. **Journal Of Pragmatics**, [s.l.], v. 25, n. 01, p.349-367, 1996.

_____. **Impoliteness: Using Language to Cause Offence**. New York: Cambridge University Press, 2011.

CULPEPER, J; TERKOURAFI, M. Pragmatic Approaches to (Im)politeness. In: CULPEPER, J; KÁDÁR, D; HAUGH, M (Ed.). **The Palgrave Handbook of Impoliteness**. [s.l.]: Palgrave, 2017, pp 11-40

CULPEPER, J; HARDAKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J; KÁDÁR, D; HAUGH, M (Ed.). **The Palgrave Handbook of Impoliteness**. [s.l.]: Palgrave, 2017, pp 199-226.

CUNHA, E. **Estratégias de polidez na interação em aulas chat**. 2009. 294 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

DAY, D; WAGNER, J. Ethnomethodology and Conversation Analysis. In: VENTOLA, E; GERD, A. **Handbooks of Applied Linguistics: Communication Competence, Language and Communication Problems, Practical Solutions**. [S.L.]: Mouton de Gruyter, 2008, pp 33-52.

EAGLETON, T. **Ideology: an Introduction**. London: Verso, 1991.

EELLEN, G. **A critique of politeness theory**. Manchester: St. Jerome, 2001.

GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**. [s.l.]: Prentice Hall, 1962.

GIBSON, J. J. **The Ecological Approach to Visual Perception**, Hillsdale, NJ: LEA, 1986.

GOFFMAN, E. **Interactional Ritual**. New York: Anchor Books, 1967.

_____. **Forms of Talk**. Philadelphia: University Of Pennsylvania Press, 1981.

GRICE, H. P. **Studies in the way of words**. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

GUMPERZ, J. J. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. Introduction to part IV. In: GUMPERZ, J. J; LEVINSON, S. **Rethinking Linguistic Relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. pp 359-373

_____. On Interactional Sociolinguistic Method. In: SARANGI, S; ROBERTS, C. (eds.) **Talk, Work and Institutional Order**. Discourse in Medical Mediation and Management Settings. Berlin: Walter de Gruyter, 1999. pp 453-471.

_____. Interactional Sociolinguistics: a personal perspective. In: SCHIFFRIN, D; TANNEN, D; HAMILTON, H. (eds). **The Handbook of Discourse Analysis**. Malden: Blackwell, 2001. pp 215-228.

HAUGH, M. The discursive challenge to politeness research: An interactional alternative. **Journal Of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture**, [s.l.], v. 3, n. 2, p.295-317, 20 jan. 2007. <http://dx.doi.org/10.1515/pr.2007.013>.

_____. When is an email really offensive?: Argumentativity and variability in evaluations of impoliteness. **Journal Of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture**, [s.l.], v. 6, n. 1, p.7-31, jan. 2010. <http://dx.doi.org/10.1515/jplr.2010.002>.

_____. Im/politeness, social practice and the participation order. **Journal Of Pragmatics**, [s.l.], v. 58, p.52-72, nov. 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2013.07.003>.

HERITAGE, J. **Garfinkel and Ethnomethodology**. [s.l.]: Polity Press, 1991.

HOLMES, J. **Women, Men, and Politeness**. London: Longman, 1995.

HYMES, D. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B. e HOLMES, J. **Sociolinguistics**. England: Penguin Books, 1972. 381 pp. 269-293.

IDE, S. Formal forms and discernment: two neglected aspects of universals in language. **Multilingua**, [s.l.], v. 8, n. 2, pp 223-248, 1989.

KASPER, G.; S. BLUM-KULKA, eds. **Interlanguage Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

KIENPOINTNER, M; STOPFNER, M. Ideology and (Im)politeness. CULPEPER, J; KÁDÁR, D; HAUGH, M (Ed.). **The Palgrave Handbook of Impoliteness**. [s.l.]: Palgrave, 2017.

KOCH, I G V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2007

LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. **Papers from the ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society**, v. 9 n 1, 1973.

_____. **Talking Power**: The politics of language in our lives. Glasgow: Harper Collins, 1990.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. New York: Longman, 1983.

LEVINSON, S. Putting linguistics on a proper footing: explorations in Goffman's concepts of participation. In: DREW, P; WOOTON, A. **Erving Goffman**: Exploring the interactional order. Cambridge: Polity, 1987. pp 161-227.

LINGUISTIC POLITENESS RESEARCH GROUP (Ed.). **Discursive Approaches to Politeness**. [s.l.]: de Gruyter Mouton, 2011.

LOCHER, M. A. Introduction: Politeness and impoliteness in computer-mediated communication. **Journal Of Politeness Research**. [s.l.], v. 6, n. 1, p.1-5, jan. 2010.

LOCHER, M A.; WATTS, R J.. Politeness Theory and Relational Work. **Journal Of Politeness Research**. [s.l.], v. 1, n. 1, p.9-33, 1 jan. 2005. <http://dx.doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.9>.

MARCUSCHI, L. A . **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Oralidade e escrita. Conferência pronunciada no **II Colóquio Franco-Brasileiro sobre Educação**. Natal, UFRN, 26-28 de junho de 1995.

_____. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, D. (org.) **Variações e confrontos**. São Paulo: FFLCH/USP, 1998, pp. 15-45.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARXS, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano.

MILLS, S. Discursive Approaches to politeness and impoliteness. In: LINGUISTIC POLITENESS RESEARCH GROUP (Ed.). **Discursive Approaches to Politeness**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2011, pp 19-56.

PLESTER, B; WOOD, C. Exploring relationships between traditional and new media literacies: British preteen texters at school, **Journal of Computer Mediated Communication**, v 14, n 4, pp. 1108–1129, 2009

RECUERO, R. Social Media and Symbolic Violence. **Social Media + Society**, [s.l.], v. 3, n. 1, p.1-3, abr. 2015. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2056305115580332>>. Acesso em: 1 abr. 2017.

RIBEIRO, B T. Footing, positioning, voice. Are we talking about the same things?. In: DE FINNA, A; SCHIFFRIN, D; MAMBERG, M. **Discourse and Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SEARLE, J. R. **Expression and Meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SPENCER-OATEY, H. (Im)Politeness, Face and Perceptions of Rapport: Unpackaging their Bases and Interrelationships. **Journal Of Politeness Research**. [s.l.], v. 1, n. 1, p.95-119, 1 jan. 2005. <http://dx.doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.95>.

TERKOURAFI, M. Pragmatic Correlates of Frequency of Use: The case for a notion of minimal context. In: MARMARIDOU, S; NIKIFORIDOU, K; ANTONOPOULOU, E. (Ed.). **Reviewing Linguistic Thought: Converging Trends for the 21st century**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005, pp. 209-233.

_____ (Ed.). **Interdisciplinary Perspectives on Im-politeness**. [s.l.]: John Bejamins Bv, 2015.

WATTS, R J. **Politeness**. [s.l.]: Cambridge University Press, 2003.

WODAK, R. Language, Power and Identity. **Language Teaching**, v 45, n 2, abril de 2012. pp 215-233.

VAN DIJK, T. **Ideology**. A Multidisciplinary Approach. London: Sage, 1998

APÊNDICE A – TEXTO 1

Postagem	<p><u>Autor do post</u> compartilhou uma imagem:</p> <p>Aluno que atacou caravana de Lula diz amar escola criada pelo ex-presidente</p>  <p>Depois de hostilizar caravana no Rio Grande do Sul, aluno que faz três cursos em escola federal criada por Lula diz amar a instituição. Exemplo é emblemático por revelar nível do analfabetismo político que assola o País</p>
Comentários	
	<p><u>Comentador 1:</u> Analfabetismo político seu! O que Lula, ou qualquer outro governante, fez em benefício do povo foi pura e simplesmente só uma obrigação institucional do cargo, não um motivo para idolatria! Lembre-se que Hittler também fez muita coisa em prol do povo alemão por isso por eles foi "ungido", mas o preço dessa idolatria custou caro ao povo alemão. Portanto, parem (você e demais mentes psicóticas) de querer conferir poderes divinos ao apedeuta sem dedo (mais conhecido como Lula), parem de conferir-lhe uma honraria da qual ele não é merecedor. Lula não fez nada por amor ao Brasil, por abnegação e renúncia, mas por pura vaidade e oportunismo criminoso! Por isso já foi condenado em duas instâncias.</p> <p><u>Autor do post:</u> Uma obrigação que em 500 anos não havia sido cumprida... Diga-se de passagem... Só esse detalhinho que você esqueceu... Soldadinho de Chumbo. Pare bater continência e lambe as botas dos teus superiores... Ouse pensar por si mesmo.</p>

	<p><u>Comentador 1:</u> <u>Autor do post</u> Meu amigo, somos exatamente iguais, feito da mesma matéria, ao fim e ao cabo vamos todos descansar sobre 7 palmos. O único detalhe é que o PT te faz pensar que vc tem pensamento autônomo, mas tudo que vc fala é discurso pronto que vc só reproduz e se acha o cara, né!</p> <p><u>Autor do post:</u> Você mencionou parte dos eventos da vida, a matéria... A energia que nos move ou a alma que nos sustenta é bem distinta... As diferenças entre mim e você não estão apenas no campo do concreto, mas principalmente do ideológico e do espiritual...</p>
	<p><u>Comentador 2:</u> Teu "éreis" NUNCA fizeram! Aproveita e posta aqui os feitos do teu "presidenciável" em 27 anos de Câmara Federal!!! Nada!!! NENHUM projeto que beneficiasse ou melhorasse as condições de trabalho nem das FAs, nem PMs e muito menos Polícia Civil! 27 inúteis anos! Nem manifestações de apoio!! NADA!!! Um completo ENGODO!!!</p> <p><u>Comentador 1:</u> Quem são meus heróis? Caxias? Maria Quitéria? Kkk</p> <p><u>Comentador 2:</u> FHC, Aécio Escobar, Japa da Federal, Cunha, tucanomoro, Temer, dallagnol, Alexandre Frota, Kim Katanguiri... entre outros</p>
	<p><u>Autor do post:</u> Não creio que Usuário A vota em Bolsonazi???</p> <p>Misericórdia... Marina uma decepção... Virou joguete nas mãos de qualquer um... Que vergonha... Sem o mínimo de consistência que acreditei que ela tivesse.</p> <p><u>Comentador 2:</u> Ainda tens dúvidas?? bolsonazi sim</p> <p><u>Comentador 1:</u> Só sei que nada sei, mas sei que o PT não serve</p>

para nos governar! Seu líder-mor é um corrupto, CONDENADO! O que mais vcs querem? Que ele MATE alguém a sangue-frio pra vcs aplaudirem? É só o que falta! O que mais vcs querem?

Comentador 2: Matar antes q delate é com teu outro ídolo!

Comentador 1: **Comentador 2** Lula mandou matar Celso Daniel e Toninho do PT...a história está ai, aviva tua mente, rapá!

Comentador 2: **Comentador 1,** envia as PROVAS p os incompetentes

Comentador 1: **Comentador 2** Precisa mais não, Lula já foi condenado pelo Triplex kkk

Comentadora 3: Amigo **Comentador 1,** o pior cego é aquele que não quer ver.

Autor do post: O Rio de Janeiro é um exemplo de como o carioca/fluminense sabe bem eleger seus representantes... Agora com Temer está tudo diferente.

Comentador 1: **Autor do post** Melhorou muito...os 12 milhões de desempregados deixados por Lula e Dilma seriam 20 milhões se Dilma continuasse na Presidência

APÊNDICE B - TEXTO 2

<p>Postagem</p>	<p><u>Autora do post</u> compartilhou uma postagem</p> <p>← Tweet</p>  <p>@ [redacted]</p> <p>se vc acha aborto tão errado, vai lá ajudar essa mãe desesperada a criar</p> <p>vai arranjar advogado p ela ter condições de cobrar pensão</p> <p>vai conseguir vaga na creche pra ela poder trabalhar</p> <p>agora se vc nao vai fazer nada disso, cala a boca e nao se mete no que nao é da sua conta</p> <hr/> <p>6.253 Retweets 10,5K Curtidas</p>
<p>Comentários</p>	<p><u>Comentador 1:</u> Autora do post, com esses comentários que você fez eu, de fato, fiquei chateado.</p> <p>Estou por aqui pensando que você quer tirar a sua criança. Por favor, <u>Autora do post</u>, não faça isso.</p> <p>Se você fizer isso, de fato, a mãe de Deus vai ficar preocupada e as coisas não vão caminhar. Continue com a sua criança que tudo dá certo.</p> <p>Saiba. Se você precisar da minha ajuda, estarei aqui pra te ajudar e te amparar. Dinheiro, uma casa pra morar, várias e várias palavras de incentivo e tudo o mais que você quiser.</p> <p>Essa é a verdade, minha amiga. Saiba. A vida é uma glória de Deus e a gente precisa dela pra tudo caminhar. Fica aí um abraço pra você. Muita saúde e a gente se fala.</p> <p><u>Autora do post:</u> Não, Comentador 1, não quero tirar a minha criança. Mas continuo apoiando as mulheres que querem e precisam. Isso é escolha delas. Mas agradeço a sua proposta de amparo.</p> <p><u>Comentadora 2:</u> No uterus, no opinion. Por favor.</p>
	<p><u>Comentador 1:</u> Não, <u>Autora do post</u>. Apesar de ser uma escolha das mulheres, elas não devem fazer isso.</p> <p>Afinal, tirar a vida de alguém é uma coisa que pertence somente a Deus. Se a gente tira a vida de uma criança nossa, coisas péssimas vão acontecer e o mundo vai travar.</p> <p>Então, te faço um pedido. Por favor, oriente as pessoas pra que elas não façam</p>

	<p>aborto. Saiba. A vida é uma glória de Deus e é uma obrigação nossa nos mantermos nela até o final.</p> <p>Eu espero que você entenda isso, minha amiga, e faça tudo certo. Lembre-se, Autora do post. Manter a vida a todo o custo.</p>
	<p><u>Comentadora 3:</u> Bom orientar os migos que abandonam a criança, também é um aborto. Porque de culpa nessa vida a gente já está bem cheia. Se a gente não aborta é julgada igual, no final das contas só sobra pra gente.</p> <p><u>Comentador 1:</u> Sim, Comentadora 3. Tudo que você falou está certo. Existem muitos homens por aí que abandonam a mulher depois que ela tem a criança. Isso, de fato, é péssimo e Deus já não aguenta mais.</p> <p>A ordem é que todos os homens fiquem ao lado de suas mulheres durante toda a sua vida. Afinal, isso é o certo.</p> <p>Sim, Comentadora 3. As mulheres são as maiores vítimas de tudo isso que está acontecendo. Sempre a culpa é dela e não dos agressores. Isso é péssimo e Jeová já não aguenta mais. Vamos somar esforços pra impedir essa catástrofe e tudo caminhar. Simbora, minha amiga.</p> <p>Sim, Comentadora 3. Como disse pra você, a corda arrebenta sempre do lado mais fraco e os homens estão errados. Vamos continuar a nossa luta pra tudo dar certo e as coisas caminharem.</p> <p>Essa é a verdade, minha amiga. Fica aí um abraço pra você. Muita saúde e muita luta.</p>

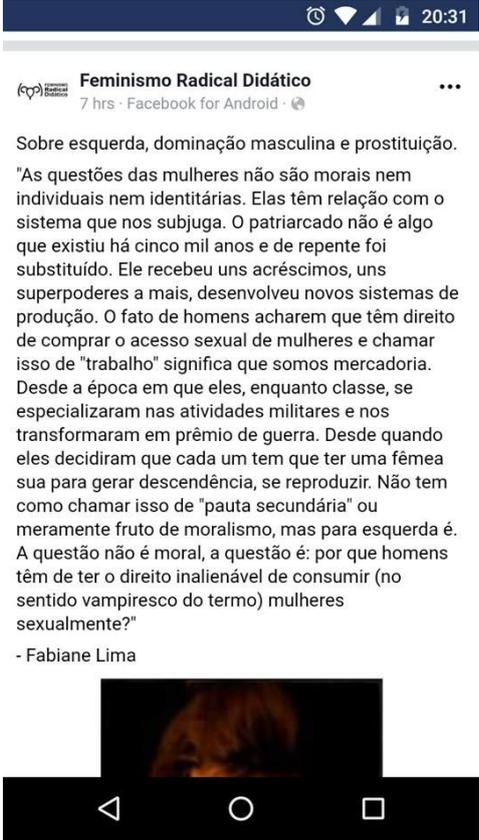
APÊNDICE C - TEXTO 3

Postagem:	<p>Autor do post:</p> 
Comentários:	
	<p>Comentador 1: Verdade</p>
	<p>Comentadora 2: #LulaLivre #LiberdadeparaLula #SOMOSTODOSLULASOMOSTODOSPT</p>
	<p>Comentador 3: Todos dando a bunda suruba por luladrão 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔 #LULA PRESO</p> 
	<p>Comentador 4: Vtc idiota!</p>
	<p>Comentador 5: Qual o significado de nazismo? Kkkkkkk</p>
	<p>Comentador 6: Ksksk sou facista tbm?</p>
	<p>Comentador 7: Boa noite amigo. Antes de vc falar que nazismo representa a direita, dê uma olhada nesse livro primeiro, ou em outro que vc quiser. Vc verá que são dois lados da mesma moeda. Não fiquei replicando mentiras sem estudar antes.</p>



APÊNDICE D - TEXTO 4

<p>Postagem:</p>	<p>Autora do post compartilhou uma postagem:</p>  <p>is with and August 6 at 10:39 AM</p> <p>Manuela D'Ávila como vice de Haddad, Katia Abreu como vice de Ciro. A luta pelo feminismo fará nessas eleições com que os partidos políticos capitalizem o movimento atraindo os votos das mulheres, mas nenhuma das duas defendem, verdadeiramente, qualquer pauta feminista. Manuela defende abertamente a regulamentação da prostituição e Katia Abreu tem origem na cultura oligárquica e da exploração do trabalho escravo, típica do agro negócio. Não tenho qualquer ilusão de que o que se faz hoje na política, seja de direita ou de esquerda, são as mesmas práticas da República Velha. Sempre mais do mesmo.</p>
<p>Comentários:</p>	<p>Comentador 1: Autora do post (apelido), eu tenho uma pergunta, mas é pergunta mesmo! Não é provocação, ataque ou qualquer coisa... é só para entender mesmo! Se uma mulher discorda de uma pauta de feministas, isso já a faz não feminista? Eu realmente achava que Manuela D'Ávila era feminista, mas vi esse post que não a classificava como tal, por uma pauta específica. Fiquei um pouco confuso...</p> <p>Autora do post: Não. Mas isso sou eu. A autora do texto, por exemplo, acha que apoiar prostituição e pornografia ""feminista"" são a prova de que uma mulher não se importa com a outra, o que faz dela uma não feminista. Eu concordo que apoiar prostituição e pornografia são o oposto de se preocupar com mulheres, mas como o movimento eh grande e complexo, não acho que tira carteirinha de feminista (pra mim, vc só fica devendo e muito ao movimento). Eh só não que não tem lógica mesmo. Dá uma olhada nos comentários desse post pra tu ver as opiniões de Eloisa.</p> <p>Comentadora 2: Pois é, eu tinha essa mesma questão, Comentador 1, pq considero o feminismo amplo e eu, por exemplo, me considero feminista e sou a favor da regulamentação da prostituição (de uma forma muito pragmática, como o aborto: não gosto que exista, mas se existe, prefiro que se dê o máximo de dignidade às mulheres).</p> <p>Mas, tirando esse ponto -pq acho q a Manuela é feminista sim- eu concordo muito que essa eleição, a forma como está se desenhando, só mostra o quanto de machismo e misoginia ainda vive o Brasil e a política brasileira. Concordo que essa busca por mulher pra compor a chapa (sempre vice, nunca cabeça) enquanto se corta a cabeça de outras em prol dos mesmos homens brancos de sempre, também vem como uma forma de se apropriar do movimento feminista.</p> <p>Comentador 1: Entendi, meninas! Obg! Concordo com vcs tbm no sentido de que as estratégias políticas são na vdd oportunismo para angariar votos... Aliás, é o que mais estamos vendo nessa eleição não importando a orientação política pq me parece que o PSDB tbm se utilizou de uma estratégia parecida...</p> <p>Comentador 1: Tenho repetido “escolha o menos pior” como um mantra pra aguentar ir à urna...</p> <p>Comentadora 3: Não temos opção. É escolher o menos ruim e de esquerda, infelizmente.</p>
	<p>Comentadora 4: Acho muito doido uma mulher poder dizer que a outra não é feminista, como se houvesse apenas um feminismo.</p> <p>Autora do post: As bases p interpretações são fornecidas pelos objetivos do movimento.</p>

	<p>Comentadora 4: O movimento é muito diverso, né? Acho muito violento negar a legitimidade de uma militante pq não concorda com as pautas que ela defendem.</p>
	<p>Comentador 5: Essa questão da prostituição é muito complexa... Por um lado eu vejo como o capitalismo transformando o corpo da mulher em mercadoria. Por outro lado, eu penso que a mulher tem direito sobre o seu corpo e deve ter a liberdade de fazer dele o que quiser. Eu penso que a prostituição não deveria ser criminalizada, mas deveria haver políticas públicas que possibilitassem que a mulher não fosse obrigada a recorrer à prostituição. Mas a situação hoje é bem diferente. Não são mais apenas as mulheres pobres que se prostituem. Parece que cada vez mais as mulheres de classe média têm visto na prostituição um meio de aumentar a renda. Essas mulheres trabalham em condições bem diferentes, têm a possibilidade de escolher os clientes, impõem regras e param quando querem. Será que essas mulheres não deveriam ter a liberdade de escolher trabalhar com isso?</p> <p>Comentador 5: Será que esse discurso é muito liberal???</p> <p>Autora do post: Vai nos comentários do posto original e vê o que as mulheres lá dizem.</p> <p>Autora do post: O único direito que existe nisso eh o direito só homem em comprar o acesso sexual do corpo da mulher. Estupro.</p> <p>Autora do post:</p>  <p>The screenshot shows a mobile interface with a status bar at the top (20:31) and a Facebook post from 'Feminismo Radical Didático' (7 hrs · Facebook for Android). The post text reads: "Sobre esquerda, dominação masculina e prostituição. 'As questões das mulheres não são morais nem individuais nem identitárias. Elas têm relação com o sistema que nos subjuga. O patriarcado não é algo que existiu há cinco mil anos e de repente foi substituído. Ele recebeu uns acréscimos, uns superpoderes a mais, desenvolveu novos sistemas de produção. O fato de homens acharem que têm direito de comprar o acesso sexual de mulheres e chamar isso de 'trabalho' significa que somos mercadoria. Desde a época em que eles, enquanto classe, se especializaram nas atividades militares e nos transformaram em prêmio de guerra. Desde quando eles decidiram que cada um tem que ter uma fêmea sua para gerar descendência, se reproduzir. Não tem como chamar isso de 'pauta secundária' ou meramente fruto de moralismo, mas para esquerda é. A questão não é moral, a questão é: por que homens têm de ter o direito inalienável de consumir (no sentido vampiresco do termo) mulheres sexualmente?' - Fabiane Lima". Below the text is a small image of a person's face and a navigation bar with back, home, and recent apps icons.</p>

APÊNDICE F - TEXTO 5

<p>Postagem:</p>	<p>Autor do post compartilhou uma postagem:</p> <p>Ciro Gomes Zueiro August 23 at 2:09 PM · 🌐</p> <p>Like Page</p> <p>Nem vamos nem falar do auxílio-moradia para ""comer gente"" mesmo tendo casa própria...</p>
<p>Comentários:</p>	<p>Comentador 1: Ei menino não pode acumular 3 pensoes não</p>
	<p>Autor do post: Governo do estado, prefeitura de fortaleza e assembleia legislativa Sao os 3 vinculos que ele teria direito, e 2 foram garantidos e ele RECUSOU. https://g1.globo.com/.../veja-o-que-e-fato-ou-fake-nas...</p> <p>Comentador 1: Autor do post menos amigão bem menos ele abriu mao se 2 e pelo que me const bem longes de 100 mil</p> <p>Autor do post: A gente percebe que o país ta de cabeça pra baixo quando pessoas vem criticar um cidadão que RECUSOU pensoes, só de "40 mil, 50 mil, 60 mil reais"em vez de criticar um verme que mesmo tendo residência, continuou usando dinheiro pago por mim e por você pra bancar casa que ele ja tinha. Estas fazendo o contrário amigão</p> <p>Autor do post: e sabe qual é a justificativa dele por usar dinheiro publico tendo imóvel? "ta na lei"! Se fosse pela lei, ciro era pra receber, mas é IMORAL. Vota nele irmao! Abraço</p> <p>Comentador 1: eu falei de ciro, Bolsonaro e outra historia</p> <p>Autor do post: Comentador 1 Mas ai é que tá irmao!! o errado da história é quem ACEITA, não quem RECUSA!!</p> <p>Comentador 1: Meu candidato e outro parceiro</p> <p>Comentador 1: Meu candidato se candidatou agora</p> <p>Comentador 1: Autor do post, tu me ouviu dizer que bolsonaro estava certo? Eu comentei um exagero da foto que tu postou somente, tem uma verdade e uma mentira.</p> <p>Autor do post: Comentador 1 kkkkkk é justamente o fato de nao ouvir você falar dele que tá errado irmao! Tem que falar! de todos!</p> <p>Autor do post: Se um político recebe algo imoral, vc nao fala, mas vem</p>

	<p>aqui falar porque ta errado o valor da pensão de um candidato que fez o oposto. veja que parcialidade.</p> <p><u>Comentador 1:</u> Se tu tá ja falou que ta errado</p> <p><u>Comentador 1:</u> Eu nao voto nele nen deixo minha familia votar</p> <p><u>Comentador 1:</u> Meu candidato e Joao Amoedo</p>
	<p><u>Comentador 2:</u> Bolsonaro é a maior farsa da política brasileira. Pilantra e oportunista, faz parte da corja em Brasilia e paga de santo e diferente. Esse pilantra vai ter a resposta do povo brasileiro nas urnas.</p>

APÊNDICE G - TEXTO 6

<p>Postagem:</p>	<p>Autor do post:</p> <p>Apoia Manuela, Boulos, Ciro, Goulart? Amigo!</p> <p>Apoia Marina, Lúcia, Amoêdo, Alckmin, Álvaro? Amigo!</p> <p>Apoia CANDIDATO RACISTA, MACHISTA, OPORTUNISTA, MISÓGINO E HOMOFÓBICO, QUE COME GENTE COM O DINHEIRO DO POVO? Então, não, não podemos ser amigos. Procure seu rumo.</p>
<p>Comentários</p>	
	<p><u>Comentador 1:</u> Gente que come dinheiro do povo? LULA</p>
	<p><u>Comentadora 2:</u> <u>Autor do post</u> jamais perderia uma amizade por candidato nenhum. O voto é livre.</p> <p><u>Comentador 1:</u> Tá aí uma coisa que eu queria ver, um petista racional. A partir do momento que Lula foi endeuzado, a racionalidade cedeu lugar ao fanatismo cego.</p> <p><u>Comentadora 3:</u> O voto e livre, mas quem apoia candidato desse nível e pq se sente representado por ele. Logo, quem apoia candidato racista, machista e homofobico e porque defende as mesmas causas que ele: racismo, machismo e homofobia. Ninguém precisa de amigos assim...</p> <p><u>Comentador 1:</u> <u>Comentadora 3</u> concordo.</p> <p><u>Autor do post:</u> O voto sim, os direitos humanos são uma conquista dura, <u>Comentadora 3</u>... Tolerar o ódio, o racismo, a misoginia, a homofobia, violência e o machismo é ser conivente, é dizer que você também é homofóbica, machista, racista e misógina... Muito me entristece você me dizer isso... Ainda mais sabendo que você se diz colega de um preto ([[nome do autor do post]]) e de um homoafetivo ([[nome de outra pessoa não participante]]).</p>

	<p><u>Comentadora 4:</u> <u>Comentadora 2</u> copio e colo sua resposta.</p> <p><u>Autor do post:</u> De pensar que há algum tempo você estava no [[nome do grupo]], grupo exemplo de militância... Ual!</p>
	<p><u>Comentadora 5:</u> E quando as pessoas são da própria família!? Mto chato ter de aturar!!!</p>
	<p><u>Comentadora 6:</u> Autor do post copiando e colando no meu feed (com créditos é claro)</p>
	<p><u>Comentadora 7:</u> Perco a amizade sim. Não é por candidato. É por posicionamento. Já falei em outro momento e repito: racismo e outros crimes citados aí por <u>Autor do post</u> não são opinião. Se compartilha da mesma opinião que o dito candidato, não é meu amigo não. Nem faço questão. Sou preta, sou mulher, meus amigos são pretos, gays, mulheres, pobres. Todos são pessoas. Mas para certas pessoas nesses comentários e que apoiam os que pensam assim, somos todos inferiores, preguiçosos, cidadãos de segunda classe. DESFAÇO AMIZADE SIM. Com esse tipo não tem conversa.</p> <p><u>Comentadora 8:</u> Corto caminho e nem quero conversa .</p>
	<p><u>Comentadora 9:</u> Já compartilhei, amigo! ❤️</p>

APÊNDICE H - TEXTO 7

<p>Postagem:</p>	<p><u>Autor do post</u> compartilhou uma imagem:</p> <p>Se seu candidato defende essas formas de violência, por favor, só me exclua. Obrigado.</p> 
<p>Comentários:</p>	
	<p><u>Comentador 1:</u> Fascismo e ódio são bandeiras de luta do PT. Homofobia já estiveram na pauta do PT, quando excluíram Gabeira, que na época era do PCdoB, de ser o vice de Lula. No lugar dele entrou um obscuro Paulo Bisol...fuça ai que tu vai descobrir.</p> <p><u>Comentador 2:</u> Ô vida dura!!! Tentar explicar o mico!!</p>  <p><u>Comentador 1:</u> Aceitem que dói menos! Cadê o candidato do PT? O tal do Andrade kkkk</p>

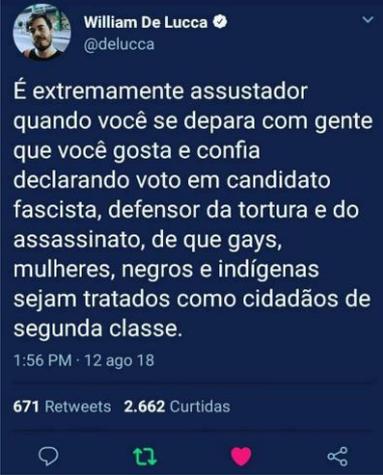
	<p><u>Comentadora 3:</u> Meu professor amado! A cada dia te admiro mais e mais!!!!      </p> <p>Éguaaaaaaaaaa</p>
--	--

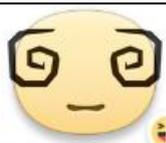
APÊNDICE I - TEXTO 8

<p>Postagem:</p>	<p><u>Autor do post:</u></p> <p>Brasileiros expulsando Venezuelanos.... Esse é o Brasil que se está construindo. Imagine esse povo com arma? Meu Deus... Estamos voltando à idade média... Um povo que se diz Cristão, que de dia espanca estrangeiro e de noite reza o terço, canta hino e lê a bíblia.</p>  <p>[[Figura 1 Vídeo de gravação amadora que mostra um grupo grande de pessoas correndo e outras pessoas gritando "toca fogo" e jogando líquidos inflamáveis sob objetos.]]</p>
<p>Comentários:</p>	<p><u>Comentador 1:</u> Fica difícil entender o contexto e expressar uma opinião isenta estando a 3 mil km de distância. A relação Brasil-Venezuela sempre foi ótima, e a fronteira em Pacaraima sempre foi pacífica, e continuará sendo. O episódio foi resultado de uma reação impulsiva de uma população indignada com a violência praticada contra um idoso, comerciante, agredido por 4 bandidos, que por acaso eram venezuelanos. Tal reação, acontece, diariamente aqui, ali e alhures, e não foi uma reação xenofóbica, assim fosse, já teria acontecido pois o venezuelanos vem buscando refugio no brasil ja faz mais de 6 meses. Ao contrário do que vc afirma, se a loja do Sr. brasileiro fosse guardado por seguranças armados, esses 4 bandidos não teriam agredido o proprietário da loja, como o fizeram!</p>

	<p><u>Comentador 2:</u> Não foi xenofóbica? Ah, <u>Comentador 1...</u> Vai estudar. Ainda vem com essa conversa do Buarque de Holanda, que o brasileiro é um homem cordial... Poupe-me...</p>
	<p><u>Comentador 3:</u> É mais do que vergonhoso. É de se perder a esperança. Este não é o Brasil que nós queremos. Imagine se EUA, Espanha, Portugal, França, Holanda, etc, que têm recebido milhares de brasileiros, resolverem fazer o mesmo?</p>

APÊNDICE J - TEXTO 9

<p>Postagem:</p>	<p><u>Autora do post</u></p> <p>Assustador e depressivo 😞</p> 
<p>Comentários</p>	
	<p><u>Comentador 1:</u> Fique feliz. Isso significa que pessoas perto de Você estão despertando da hipnose marxista. 🤪🤪🤪</p> <p>Você poderá ser a próxima...</p> <p>😂😂😂😂</p> <p><u>Comentadora 2:</u></p>  <p><u>Comentadora 2:</u></p>  <p><u>Comentadora 2:</u></p>



Comentadora 2: Presteeeeee atençãoooooooooo Comentadoooooorl

Presteeeeeeeeee muuuuuuuuitaaaaa atençãoooooooooo

Olheeee beeeem nos meus ooolhoossss

Höooooort michhhhh

E repitaaaaaa comigooooooooo:

“Proletarier aller Länder, vereinigt euch!”

Comentador 3: É verdade **Autora do post**, eu tb fico muito espantado com isso, pessoas que eu outrora achava que era impossível, caiu no pensamento que ele salvará a pátria, porém percebo que vai além do Bolsonaro, é como se houvesse realmente um ódio ao Socialismo (mesmo sem saber 5% do que ele representa e de sua história), ou cansados dos candidatos que já existem, e por esse "impulso" votam nele. Porém, ele não é apenas um adversário político, ou esses amigos e familiares não estão apenas votando em um candidato diferente do meu, estão votando em candidato que quer de volta um regime de tortura e atraso, machismo, homofobia, racismo, comunidades indígenas e quilombolas ameaçadas... Isso vai muito além de um candidato com propostas diferentes. Com tudo isso repenso se vale a pena manter esses laços familiares e de amigos ou se realmente devo perdoá-los pela ignorância ou preguiça política! Boa noite!

Comentador 1: Tira os óculos, **Comentadora 2**. Não consigo ver seus olhos. 🙄🙄🙄

Comentador 1: Viu só, **Comentadora 2?** O Comentador 3 respondeu antes de mim e puft! Hipinitizado está!



Comentadora 2: **Comentador 1** ainda bem. Quanto mais zumbis respeitadores das minorias, melhor o mundo. 🙌😊

Comentador 1: **Comentadora 2,** sendo assim, não custa lembrar: o número é 17 e o resto é [#Bolsonaro2018](#). 😂😂😂

Comentadora 2: **Comentador 1** tomara que não 😊 e tomara que um dia vc não esteja em uma posição de vulnerabilidade social! Tomara igualmente que minha hipnose funcione e vc não se torne um comunista, pq, ahahah, ninguém precisa ser comunista para ter empatia, né não? Mas que vc se torne cinco centavos mais consciente e solidário já tá valendo! Enquanto esse dia não chega, a internet (ainda) é um ambiente livre para a gente se manifestar 😊
Boa sorte e abraços!

Comentador 1: **Comentadora 2,** Eu sou socialmente vulnerável. Pois, não faço parte da casta que consegue bancar carros blindados. Na verdade, ando mais de busão que de carro.

Socialista/Comunista jamais serei, com ou sem hipnose. 😊 Fique tranquila. 🙌😊

Fique a vontade para me conscientizar (e não hipnotizar), livremente em quantos centavos quiser. 🙌😊

Abraços e boa sorte!

Comentadora 2: Comentador 1, rapaz, socialmente vulneráveis são os miseráveis, os renegados e marginalizados, as vítimas de racismo, machismo, misoginia, feminicídio, homofobia, transfobia, e sim, a classe trabalhadora em geral que pega seu busu

diariamente para colocar o pão na mesa tb tá no lado dos explorados da equação, mas quando se é branco e hétero tua posição ainda é privilegiada, quer vc admita ou não. Nem te conheço, verdade, mas se colocar nessa posição meramente por não possuir um carro blindado já me dá uma dica ou outra da tua confusão conceitual.

E o mundo não se divide apenas entre aqueles que andam de ônibus e os que andam de carros blindados, mas o que ajuda bastante o topo da pirâmide é aquele liso esperançoso jurando que um dia vai segurar o chicote. Liberalismo sucks.

Ah, fica tranquis, não somos proselitistas! Somos a URSAL, não Testemunhas de Jeová. 🙄

Mas sempre que quiser dominar os meios de produção e instaurar a ditadura do proletariado, fica à vontade para aparecer nas nossas reuniões, o café é muito bom e Autora do post cozinha divinamente.

Ahahaha zoeras à parte:

Rapaz, tu é um cabra educado. Geralmente essa turma nem tem esse humor todo e parte logo pra irracionalidade. Só queria que tu entendesse que essa inclinação ideológica aos valores democráticos pautados nos princípios da isonomia, não necessariamente te leva ao marxismo-leninismo-stalinismo-ursalismo-lulismo-mercuryhookerismo. Você pode ser conservador, mas pode ser racional. Tu pode querer um cabra alinhado aos teus valores, quaisquer que sejam, mas ignorar a absoluta desqualificação desse candidato é dançar Macarena no abismo, brother.

Tipo se isso não te convence, quem sou eu?

Mas se quiser trocar umas ideias de boas, com vários centavos estatísticos, históricos e (por que não?), bíblicos, estamos aí 😊

Abração!



Comentador 4: Como eu cansei de "debater" (visto que a grande maioria deles só sabem reproduzir palavras feitas) com os eleitores do Bolsonaro via rede social, só queria pegar unzinho pessoalmente para desconstruir todas essas idéias bizarras deles. Ao meu ver, quem vota no dito cujo não é só mal caráter, mas, sobretudo, desinformado.

O cidadão aí em cima falou de marxismo, outros falam de socialismo e comunismo (coisas que o Brasil nunca foi), mas duvido que os mesmos saibam o que de fato representam esses pensamentos.

Comentador 1: Comentadora 2, quaaase parei de ler seu último comentário lá no "machismo".

Mas, como Vc foi "comportada" até aqui. Prossegui até o fim.

Saindo desse papo ideológico segregacionista, diga-me: como conservador, que opção Eu tenho que não o Bolsonaro? Aproveito a chance para lhe convidar a conhecer o time que está com Ele, pois convenhamos, política jamais se resume a UM político. 🗳️

Grato pelo educado.

E vamos em frente, por mais discussões raciais sobre política.



Comentador 1: Explica para mim, Comentador 4. Talvez Vc possa saber mais que os autores que consultei para me embasar. 😊👍

Ah! E com foto de "ciro 2018", no perfil. Teu conceito já começa na privada. Melhora aí.

Abraço, do "Cidadão acima" (que agora está abaixo). 😊

Comentadora 2: Comentador 1 ué, pq?! 😬O.o

Comportada? Que fofo. 😊

Oxe, com Amoedo, Rocha, Meirelles, Alckmin, O Cabo Crazy, Maia, Marina?! Só tem conservinha. Kkkkk

Tudo raposa velha, tal e qual Bolsonaro. Amoedo de novo tem é nada. Tanto ele quanto Rocha se autodenominam “liberais na economia e conservadores nos costumes” o que é de uma redundância pueril kkkkkkkkk to-may-to, to-mah-to.

Qual o timaço de Bolsonaro que vai mudar os rumos do Brasil?

Paulo Guedes? Kkkkk 😬

Quem mais? Ele apresentou alguém mais além dos filhos dele e uns milicos? Me ilumine com essa info, vc deve tá bem mais por dentro.

Desculpa, brother, mas nem pra debate o cara quer ir mais. Aí depois quer. Aí depois não quer mais. Aí depois quer.

O cara é cínico e doido. E hipócrita, pq aquela triangulação feiosa com os 200.000 da JBS não era do fundo partidário coisa nenhuma. Foi a magia da lavagem de dinheiro mesmo. E ainda teve a cara de pau de assumir “qual o partido que não recebe? Devolvi na hora.”

Ah, mano.

Enfim.

Comentador 1: Comentadora 2, porque detesto "textões".

De resto, vou continuar por inbox, pois já "floodiei" demais o post da **Autora do post...** 😊👍

Comentador 5: Comentador 1... Vc não está vendo a totalidade do time do Bolsonaro... Influencers norte americanos querendo sugar nossa economia... Moldado pelo patrocínio das empresas que jogam dinheiro nas costas do prometido ministro da economia... A MILLENIUM ...

Mas isso é um lado mais profundo nas artimanhas da direita que de conservadora não tem nada...

Vc se diz conservador então sua única opção seria o cabo daciolo ops... Daciolo... Mas esse parece mais doido queno próprio Bolsonaro...

Comentador 5: Dá a lida nesse texto

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1170106083165221&id=100004975215720

Autor externo:

Pessoal, não deixem de ler esse texto. Sério.

O verdadeiro Posto Ipiranga de Bolsonaro
Alex Solnik

Paulo Guedes não é somente o Posto Ipiranga de Bolsonaro para assuntos econômicos. É o Posto Ipiranga para todos os assuntos. Principalmente políticos. Paulo Guedes é o ideólogo do candidato da extrema-direita. E não está sozinho nessa empreitada. Seria maluquice e maluco ele não é. Não estão sós com a mão no bolso, ele e Bolsonaro e aqueles filhos e o pequeno PSL. Não é um Exército de Brancalione. O PSL é apenas um detalhe. Um biombo.

O grande partido que está por trás de Bolsonaro é o Instituto Millenium, do qual Guedes é um dos fundadores. Uma espécie de DIP sem Estado Novo. Uma espécie de Ministério de Propaganda da Direita à espera de um governo. E cujo objetivo é impor uma agenda ultraliberal ao Brasil.

Financiado por grandes empresas de comunicação, como Globo, Abril, Estadão, Folha, corporações financeiras e bancos, o Millenium emprega, desde 2009, todos os meios de propaganda à sua disposição para demonizar a esquerda, em especial o PT e tornar a direita mais palatável. Através de artigos, colunas, palestras e produtos de consumo como bonés e camisetas com inscrições detonando símbolos da esquerda, como Che Guevara. E tem obtido sucesso.

O Millenium é o seu verdadeiro Posto Ipiranga.

O Instituto funciona como agregador de dezenas de outros institutos e blogs - MBL, Vempra Rua - todos com a mesma orientação ultraliberal, como o Instituto Mises, presidido pelo dono do verdadeiro Posto Ipiranga (ou melhor, do Grupo Ipiranga), Helio Beltrão Filho, cuja matriz fica nos Estados Unidos e que também é diretor do Millenium.

Fazem parte do Millenium centenas de jornalistas – colunistas, repórteres, escritores - que enaltecem os valores e as ideias de direita, visando atingir os jovens. A lista é enorme. Vai de Nelson Motta a José Nêumane Pinto. Ser de direita era vergonhoso, agora ficou chic. Não havia jovens na direita, agora há muitos.

Por trás de Paulo Guedes há uma forte estrutura, baseada em capitais internacionais ligados a múltiplos interesses - a mesma que em 2013 quase derrubou a presidente Dilma colocando mais de 1 milhão de pessoas nas ruas contra ela - capitais que estão ávidos para comprar as estatais brasileiras

na bacia das almas.

Bolsonaro vem sendo preparado pelo Millenium há muitos anos para ser o primeiro presidente assumidamente de extrema-direita do país, com a missão principal de “manter a ordem”.

Os financiadores, integrantes e simpatizantes do Millenium precisam de alguém que assegure a ordem porque a sua agenda é explosiva. Implementada, vai, inevitavelmente, provocar reações da população que terão de ser sufocadas com uso da força.

Eles planejam vender todas as estatais brasileiras, como Guedes confirmou na entrevista de ontem à Globo News. Todo o patrimônio nacional, com o que pretende arrecadar 1 trilhão para abater a dívida de 3 trilhões. O que vai criar um enorme desemprego e previsíveis ondas de protesto. O estado tem 500 mil funcionários. Todos serão demitidos pelos novos donos. Imaginem o caos.

Querem acabar com o ensino público e gratuito nas universidades. O que não será aceito pelos estudantes sem protestos. Mais confusão. Querem impingir uma reforma da previdência assassina do futuro. Mais protestos. Continuar com o teto de gastos públicos. Com a reforma trabalhista tal como está. Querem acabar com as despesas obrigatórias do orçamento nacional, como as com educação e saúde. Vão desidratar as verbas dos programas sociais.

Bolsonaro não é candidato de si próprio ou do pequeno partido que o abriga, está a serviço de uma agenda de dilapidação total de toda a infraestrutura construída pelos brasileiros desde Getúlio. E empregará toda a repressão necessária para cumpri-la se chegar ao poder.

Comentador 1: **Comentador 5,** apenas 36 interações no link sugerido e comentários suprimidos? 🤔

Estranho, não?!

Todavia, vou pesquisar mais sobre a Millenium. Grato pela informação. 😊👍

Comentador 5: pesquise... eu já andei pesquisando mas li e sai das paginas.. não fiquei salvando link pq não via necessidade.. até aparecer esse post que me fez pensar.. não pelas interações mas pelo conteúdo...

Comentador 1: **Comentador 5,** eis o canal do tal Instituto Millenium: <https://www.youtube.com/user/institutomillenium>

Eles têm amos de 4 anos de histórico em postagens.

Óbvio, não vi muitos vídeos, pois acabei de conhecer o mesmo.

De TODAS AS CARAS que vi por lá só reconheci a do [#RodrigoConstantino](#), um liberal raiz e que, inclusive, é opositor do Bolsonaro. rs...

Enfim, o IM é um Instituto Liberal focado em economia. Não vi um título sequer falando de outra coisa por lá.

Economia, empresa, voto consciente, economia e mais economia...

Enfim, como suspeitei, o autor do texto que Você me linkou antes deve ter "trocado" algumas informações sobre os fatos.

Propositalmente. 🤔

Comentador 5: vc ta falando só do canal do youtube... veja a gama

	<p>de publicações da milenium em todo seu espectro desde revistas e tal... e a propriedade do grupo do talvez min do bolsonaro...</p>
	<p><u>Comentador 6:</u> Dá medo mesmo. Categoria que se acha superiora</p> <p><u>Comentador 1:</u> Somos. Mas, só em quantidade mesmo. 😊</p>
	<p><u>Comentador 7:</u> Confie em desconhecidos. Probabilidades similares...</p>
	<p><u>Comentador 8:</u> O mais triste é que não adianta nem tentar argumentar, eles saíram da hipnose do marxismo e caíram na hipnose do fascismo...</p> <p><u>Autora do post:</u> Exatamente.</p> <p><u>Comentador 1:</u> Fascismo é coisa da esquerda, Man.</p> <p>No 3, acordarás...</p> <p>1, 2,</p> <p>👉👉</p> <p><u>Comentador 5:</u> Certo e todas as ditaduras do mundo são civis... Vou fingir que acredito !</p> <p><u>Comentador 5:</u> Os espectros esquerda e direita estão deturpados... Oque vale pra mim é a humanidade... Candidato apoia a humanidade ou prefere acabar com a humanidade ?</p> <p><u>Comentador 1:</u> Quem prega o fim da humanidade tambem é a esquerda.</p> <p>● Aborto, liberação das drogas, caos social, degradação da estrutura familiar, fome, assassinatos ideológicos, ateísmo e miséria para a população. ●</p> <p>👉 Pautas de esquerda no presente e num passado recente.</p>

Comentador 1: Pois é. Algo tão absurdo que chega a parecer uma piada, neh **Autora do post**?

Mas, infelizmente, não é. 😓

Autora do post: piada pra mim é essa lista aí como pregação do fim da humanidade 😊:)

Comentador 1: **Autora do post,** basta estudar sobre socialismo e verás que até comida é item de luxo nessa realidade.

É! Não iria dá nem para fazer pratos deliciosos numa realidade socialista. 😓

(sem piada)

Autora do post: **Comentador 1,** não tô pregando socialismo aqui 🙄

Meu único comentário basicamente aqui foi da sua lista de pregação do fim da humanidade pq discordo completa e totalmente. Mas né... opiniões! Respeito e nem tenho forças mais para debater feito meus amigos fizeram, apenas fico preocupada e triste de ver algumas pessoas, principalmente as que eram exemplos pra mim, como eleitores do dito cujo. Mas é isso. Só tu que veio aqui floodar de resto 😊

Tô bem nice. E preocupada, apesar de nice. Hahahah
Vida que segue. Ou não, a depender do retrocesso.

Comentador 1: **Autora do post,** 🌧️🌧️

Flooding... 😂😂😂

Desculpe por tal, prometo que depois das Eleições ficarei quieto. 😊☐

	<p>Até lá, é guerra aqui na #infovia.</p> <p></p> <p>Beijão! </p> <p><u>Comentador 5:</u> Vamos a lista do fim do mundo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Armas pro povo se matar - Criminalizar aborto que não reduz a quantidade de fetos mortos mas mantém o numero de mulheres mortas -Manter Maconha que nunca matou ninguém proibida e álcool, cigarro e tarjas pretas que matam milhares permitidos -Assassinatos ideológicos (liberando armas fica mais fácil pra gente matar o bozonaro) - suicídio econômico de um país, liberando o mercado sem igualar condições de investimento. -suicídio educacional, criando UMA escola de alto nível (militar) e deixando todas as outras as minguas... suicídio da saúde, tentando salvar bebes de nascer prematuramente somente mandando a mãe pro dentista e sabemos que essa causa não está nem entre as 10 que mais causam nascimento prematuro - <p>A lista só cresce.. só copiar os planos do bolsonaro aqui que é certeza de que a merda ta feita....</p>
	<p><u>Comentador 9:</u> Man, o voto é livre. Viva a democracia!</p> <p><u>Autora do post:</u> Eu n estou repreendendo o voto de ngm. Nem to sendo pejorativa. Democracia é isso. Inclusive de lamentar que ela deixe de existir em breve.</p> <p><u>Comentador 10:</u> A opinião também é livre. Viva a liberdade de expressão... </p>

	<p><u>Comentador 11:</u> A verdade é que as máscaras caem, as pessoas que se espelham nesse candidato facista e tem a oportunidade de por pra fora toda sua podridão racista, homofóbica e misógina sendo validados pelo discurso desse cara.</p> <p>É isso, votos por identificação, mal caratismo mesmo.</p>
--	---

APÊNDICE K - TEXTO 10

Postagem:	<p><u>Autora do post</u> compartilhou uma imagem:</p> <p>Que homão</p>  <p>The infographic features a portrait of Fernando Haddad on the left. To his right, the text reads: 'VOCÊ SABIA?' in a red banner, followed by 'FERNANDO HADDAD TEM 55 ANOS, É ADVOGADO, MESTRE EM ECONOMIA, DOUTOR EM FILOSOFIA E ESTUDOU CIÊNCIA POLÍTICA NO CANADÁ'. Below this, three bullet points describe his career: 'Foi analista e consultor na Fundação Instituto e Pesquisas Econômicas (Fipe), onde criou em 1998 a tabela Fipe', 'Foi Ministro da Educação de 2005 a 2012, ajudando a criar o FIES e ProUni, além de reformular o Enem', and 'Quando foi prefeito de São Paulo, de 2013 a 2016, sua gestão recebeu um prêmio da ONU'. At the bottom, it states 'Está há 35 anos no Partido dos Trabalhadores e não tem nenhum escândalo de corrupção!'. A small logo 'DES GOVERNA DOS' is visible in the bottom left corner of the infographic.</p>
Comentários:	
	<p><u>Comentador 1:</u> e acaba de virar réu.</p> <p><u>Autora do post:</u> Ele mesmo tomou medidas via CGM, o próprio juiz cita isso no despacho. Como foi no mandato dele, natural que seja investigado. Virar réu de algum processo está longe de ser julgado culpado, menos no Brasil, que é "culpado até se prove o contrário".</p> <p><u>Autora do post:</u> E o golpe continua...</p> <p><u>Comentador 1:</u> Concordo com você, mas venhamos e convenhamos, buscar um pouco da história de Haddad no governo, entendemos o motivo de que o pessoal de sp rejeitar tanto ele.</p> <p><u>Autora do post:</u> Não entendi seu comentário. Estás me falando para buscar a história dele enquanto prefeito? Não preciso nem buscar, pois eu estava em SP na época, tenho minha opinião formada com base no que vivi. Sobre a rejeição em SP, nada mais</p>

	<p>do que esperado também. É uma cidade cheia de desigualdade, mesmo assim elitista e preconceituosa. Vivi na pele isso, inclusive. Lembro-me de ver nos jornais os argumentos das elites contra a construção da ciclofaixa: "E agora? Onde vou estacionar meu carro?".</p> <p><u>Comentadora 2: Autora do post</u> boa! Basta ver os políticos que o povo de SP adora e o que o povo rejeita. Nada novo na história.</p> <p><u>Comentador 1: Autora do post</u> ok, mas então por que ele só tem +/- 4% das intenções de voto ?</p> <p><u>Comentador 3: Comentador 1</u> por dois fatores. Tem o Lula ainda na parada, mas já já eu acredito que ele saia. E, por causa desse primeiro fator, a imagem dele não tem alcance nacional.</p> <p><u>Comentador 1: Comentador 3</u> Mas sem lula na jogada, que ele tem apenas +/- 4% saca ?</p> <p><u>Comentador 1:</u> "MP acusa Haddad de enriquecimento ilícito por meio de caixa dois" . ops ?</p> <p><u>Autora do post:</u> Vide o terceiro período do meu primeiro comentário.</p>
	<p><u>Comentadora 5:</u> Que homão!</p>
	<p><u>Comentador 6:</u> #JoãoAmoêdo</p> <p><u>Autora do post:</u> oh noo...</p>

APÊNDICE L – TEXTO 11

Postagem:	<p><u>Autora do post:</u></p> <p>O mito não tem noção né gente. 100 or</p> <hr/> <p>NÃO FALA DO MEU SALÁRIO</p> 
Comentários:	
	<p><u>Comentador 1:</u> Renata 200 mil Bonner 800 mil Ué???</p> <p><u>Autora do post:</u> <u>Comentador 1,</u> longe de mim defender a globo, mas deu pra entender muito bem quando ela disse que não aceitaria receber salário diferente SE desempenhasse mesma função. Não desempenha né, Bonner é editor chefe. Nem acredito que tás aqui defendendo o argumento tosco de Bolsonaro. Argumento não né, falácia e ad hominem. O cara deu mil voltas pra responder às questões, deturpou tudo. Vergonha alheia.</p> <p><u>Comentador 1:</u> É, bom é o Boulos. Rsssssss</p> <p><u>Autora do post:</u> <u>Comentador 1,</u> boa resposta, nível bolsonaro em sair pela tangente e usar falácia nível jardim da infância</p> <p><u>Comentador 1:</u> <u>Autora do post</u> é? Nossa! Chora mais. A esquerda esta com os dias contados.</p>

Mimimi

Autora do post: Ahahahah eu tô cansada de tentar algum tipo de diálogo com gente com esse nível cognitivo. Parece um bebeção que só sabe repetir mantras anti-esquerda, frases de efeito. Não consegue analisar o próprio discurso, muito menos responder ao que é questionado. Daqui a pouco vai me mandar "chupar um canavial de rola", como fez com outra pessoa aqui no meu facebook. Eu já disse, vou repetir: muita raiva, pouco argumento. Não enche mais o saco, faz favor. Obg 🙄

Comentador 2: Autora do post [[apelido]], não adianta! Desencana dessa galera!

Comentador 3: Autora do post [[apelido]], acho que existem eleitores e potenciais eleitores de Bolsonaro. Quem fechou com ele pelo interesse em controle e repressão indiscutíveis não precisa de nenhum projeto, plano ou argumento: a promessa de aniquilação simboliza o desejo que essas pessoas partilham e que o candidato prega.

Acho que esse esforço de diálogo é muito importante, mas com pessoas que, embora considerem/flertem com o discurso da ordem (do candidato do caos, rs), não estejam surdas para o sujeito como um todo, que se mostra a todo tempo despreparado, vazio e violento.

Autora do post: **Comentador 3,** pois é. E às vezes é importante deixar claro, de forma mais enfática, como acho despreparado, vazio e violento. Sem rodeios e grandes explicações, sabe. Acho q é um suspiro mínimo de alívio

Comentador 1: A esquerda tentou por mais de 30 anos, deixou um legado de corrupção, de improbidade, de deturpação moral, infelizmente não deu certo, agora, chegou a hora de acabar com os Jean Willis da vida, com o MST, com as Organizações

criminosas como o PT, PSDB, PSOL e devolver o Brasil aos Brasileiros.

E que Deus nos ajude, pous, o mimimi vai ser grande.

Uma boa noite à todos.

Comentador 4: PSDB de esquerda me fez chorar aqui, parte de rir, parte de lamento pela ignorância alheia...

Comentador 1: **Comentador 4** não, o FHC é militar. Tadinho....precisa comer mais mortadela.

Comentador 4: Sim, sim, FHC é de esquerda, PSDB é de esquerda, quem mais é de esquerda, fala aí? Todo mundo que tu não gosta? HUAUHSUAHSHUSA Ao invés de ficar rotulando de forma rasa, seria mais produtivo pra tu ter uma ideia melhor estabelecida de espectro político antes de tentar emitir opinião sobre.

Comentador 4:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Espectro_pol%C3%ADtico



Comentador 1: **Comentador 4** antes de me rotular, procure se informar melhor, FHC e Lula possuem a mesma raiz, a diferença é que um estudou e oboutro sempre foi malandro.

Comentador 4: <https://politica.estadao.com.br/.../eleicoes,o-que...>

	 <p><u>Comentador 1:</u> <u>Comentador 4</u> procura um canal de rola e me esquece.</p> <p><u>Comentador 4:</u> Os links tão aí. Não precisa nem dizer que leu pra mim nem pra ninguém. Só lê e aprende, é bom pra tu mesmo.</p> <p><u>Comentadora 5:</u> <u>Comentador 1</u> chocada com esse discurso!</p> <p><u>Comentador 6:</u> só queria ter aula contigo!</p>
	<p><u>Comentador 7:</u> veii, achei a cutucada válida HAHA mermo vindo do nazistinha</p> <p><u>Autora do post:</u> Achei bem válida a cutucada (de novo) da ditadura. Sempre bom lembrar, mas não como motivo de orgulho, como faz o babaca</p> <p><u>Comentador 7:</u> sim, lógico! a cutucada foi válida no sentido da provocação. lamentável no sentido que foi projetada pra defender 64.</p> <p><u>Comentador 8:</u> Não possuiu nada de válido. O elogio à ditadura é sempre um desserviço! E quando vem em cadeia nacional (e na globo?!) A naturalização deste desvio moral atinge seu êxito.</p> <p><u>Autora do post:</u> Comentador 8, o elogio é um desserviço, mas evidenciar, em horário nobre, que a globo apoiou o golpe proporcionou o reconhecimento da emissora e o pedido básico de desculpa tb. Acho isso importante, embora tenha surgido de um contexto tosco</p> <p><u>Comentador 9:</u> perfeito, autora do post</p>

Comentador 8: É por esse "discursinho" deste canalha que ouvimos nos ônibus, nas filas, no mercado, o mesmo discurso travestido de opinião. A ditadura vai-se tornando aceitável. E isso não pode ser tolerado. Sei que é divertido tal provocação. Principalmente para nós acadêmicos. Mas o povão?,...ahh, o povão não possui este filtro da academia, não.

Autora do post: Comentador 8, não é questão de ser engraçado. É uma forma de jornalistas reconhecidos condenarem abertamente a ditadura e se desculparem. São mais influentes que Bolsonaro, mais vistos como neutros e razoáveis. Serem obrigados a dar esse tipo de resposta é importante, eu acho. E o povão não é burro, claramente vê que tem um conflito de discursos, não é só a voz de Bolsonaro. Ele sempre diz essas bostas, interessante é esse contraponto feito não por adversários políticos, mas por jornalistas q são minimamente vistos como isentos

Autora do post: Mas entendo qnd vc diz q nao deveria ter espaço pra defender a ditadura em rede nacional. Mas, como disse Cirão, são as noia da democracia

Comentador 10: **Autora do post** sabe que discordamos em quase td kkkkkk em relação a política. Mas respeito tua opinião. Só acho inaceitável esse discurso que esse camarada falou aí que o povão n sei oq, que nós acadêmicos somos superiores. Pelo amor de Deus, ôôô serhumano não é pq vc vota na esquerda que isso te faz superior intelectualmente. Votarei no Bolsonaro e te respeito por ter a intenção de votar o Boulos apesar de achar que na última hora ele fará uma coligação e n concorrerá. Não é academia (como você diz) que da filtro a ninguém. Quando li o comentário fiquei até envergonhado por compartilhar o mesmo ar que essa sumidade acadêmica.

Autora do post: **Comentador 10,** concordamos (incrível!

Hahaha) que ser de direita e esquerda não tem a ver necessariamente com ser acadêmico. Até pq saiu recentemente uma pesquisa dizendo que a maioria dos eleitores de Bolsonaro são homens com curso superior e de classe média alta. Também não acho que Comentador 8 quis dizer que quem é de esquerda é superior intelectualmente. Acho ele falou mais da criticidade das pessoas em relação ao discurso de Bolsonaro na TV. No sentido de que quanto mais publicizar, mais adepto não crítico vai ter. E ele associou essa criticidade de perceber discursos sobre a ditadura com mais clareza à academia. E eu discordo, dizendo que o ~povão (não acadêmico) consegue compreender sim o conflito de discursos, etc. Enfim. Acho que a conversa tava mais relacionando a percepção crítica dos discursos com a academia. E não a esquerda com o suprasumo da intelectualidade, como vc falou. Eu concordo com vc sobre a ideia de que soa elitista falar de criticidade como algo restrito à academia.

Comentador 8: Hahaa. Comentador 10 [[apelido no diminutivo]]! Que a tua auto-estima te encaminhe pra um bom lugar! pq vc já está a léguas de distância da realidade! "De ego inflado e intelecto pobre" de nada te adiantaria um "filtro", sem a capacidade de interpretar textos, vc só é capaz de ingerir comida mastigada! E a Autora do post [[apelido]] te fez este grande favor!

Comentador 10: Tá bom **Comentador 8** n irei discutir com você. Nem vale a pena. Não tenho tamanha intelectualidade. Kkkkk. Tudo na vida possui várias percepções e pontos de vista. Você não é mais crítico que ninguém por ser formado em filosofia. Engraçado que você nem me conhece, mas td bem. Continue com seu discurso de sumidade intelectual acima do resto do povão, é o que lhe resta.

APÊNDICE M - TEXTO 12

<p>Postagem:</p>	<p><u>Autor do post:</u></p> <p>Um policial, teoricamente, bem treinado e aprovado por um psicólogo faz isso e vcs aí querendo liberar arma pra todo mundo!</p>  <p>METROPOLES.COM PM do DF saca arma em escola e ameaça colegas do filho ✓ O militar teria ido ao colégio buscar o adolescente, que supostamente estav...</p>
<p>Comentários:</p>	<p><u>Comentador 1:</u> Eita, culpa de bolsonaro!! Materia nova pro g1!!! 😂😂😂😂😂😂 ne ?</p> <p><u>Autor do post:</u> Estas no post errado parceiro! Estas com dificuldade pra entender? não tem bolsonaro em frase nenhuma nesse post, esse post é pra qualquer um que apoia! Bye</p> <p><u>Comentador 1:</u> 😂chorou parou😂</p> <p><u>Autor do post:</u> kkkkk olha o nível dos eleitores de bolsobosta, "chorou parou" Me senti na sexta série agora, realmente parou broder!!! Melhore viu, abs</p> <p><u>Comentador 1:</u> Sem desespero amigo, relaxa o coracao se n tu tem um ataque 😂😂😂 peace and love please</p> <p><u>Autor do post:</u></p>



[[gif animado – mulher gargalhando]]

Comentador 2: **Autor do post** para tá feio !! Você vem atacando o candidato Bosonaro em outras publicações suas vai fazer campanha do teu candidato!!! Vivemos numa Democracia votamos em quem queremos inclusive você .

Autor do post: **Comentador 2** como o amigo preza pela democracia, faço das suas as minhas palavras!! Numa democracia eu posso fazer o que quiser respeitando o estado democrático de direito, E nesse momento estou fazendo publicações sobre o candidato mentiroso.

Comentador 1: Oxe, tu num disse agorinha que n tava falando dele, vixxe!

Autor do post: **Comentador 1** amigo vc precisa urgente de alguém pra lhe ensinar o que é uma INTERPRETAÇÃO, estou preocupado com você. Leia novamente o que eu disse no primeiro post, Leia de novo até entender e dps conversamos, pq assim não dá

Comentador 1: Kkkkkkkkkkkkk

Comentador 1: Eu to preocupado é com vc votando em ciro 😂😂😂

Comentador 1: “E nesse momento estou fazendo publicações sobre o candidato mentiroso.”

Comentador 3: kkkkkkkkkkkkk

Autor do post: **Comentador 1** é né, alguém tem que fazer uma contrapartida, diferente de alguns que só fazem balançar a cabeça igual lagartixa e rir porque não tá nem aí pro país

Autor do post:



(gif animado)

Comentador 1: **Autor do post** oxxe que bixo doido... kkkkkkk fala, depois desfala, depois fala de novo

Autor do post: **Comentador 1** eu sou doido né? Tu só faz rir, "chorou parou" sem argumentação nenhuma irmao, melhore

Comentador 3: Comentador 1 (apelido no diminutivo) o homem tá decidido a fazer campanha contra Bosonaro!!

Autor do post: Se seu candidato tá eleito, me poupe de comentários néscios, venha com algo produtivo e que agregue, é o que nosso país precisa. E não com "kkkkkkk, chorou parou, não estamos no colégio" abs

Comentador 1: **Autor do post** num chore nao! Rlx man, te amo, n precisa ficar tremendo de nervoso ❤️

Autor do post: **Comentador 1** kkkkkkkk, tô tranquilo irmao! Não voto em torturador

Comentador 1: Entao tamo junto, pq eu tbm n 🤝

Comentador 3: [#bosonaro17](#)

Comentador 4: exclui esses ignorantes, caio... melhor qualidade do que quantidade, sou mais a favor da paz... eles querem te fazer sentir ódio, o que eles sentem

Autor do post: **Comentador 4** realmente tá difícil meu amigo... mas a luta é grande

Comentador 5: Eles sabem Autor do post que o circo tá fechando e estão

	<p>desesperados, se acham que vão ganhar a eleição com Bolsonazi não deveriam estar preocupados!</p> <p><u>Comentador 1:</u> Ooou Ricardao, kkkkkkk tu acha mesmo ? 😂😂😂😂😂</p> <p><u>Comentador 5:</u> É nada! 😊</p>
	<p><u>Comentador 6:</u> Por esse e outros motivos que devemos ter uma população bem armada para se defender! esse cara é um exemplo vivo de despreparo</p>

APÊNDICE N - TEXTO 13

Postagem:	<p>Autor do post:</p> 
Comentários:	
	<p><u>Autor do post:</u> Vamos eleger uma bancada forte derrotar o centrão</p> <p><u>[[Marcação de usuário]]</u></p> <p><u>[[Marcação de usuário]]</u></p> <p><u>Comentadora 4</u></p>
	<p><u>Comentadora 2:</u> O PT tem muito o que fazer. Bola pra frente! A vitória é nossa. Cada dia mais forte! Haja vista o aumento do número de filiados.</p>
	<p><u>Autor do post: Comentadora 3</u></p> <p><u>Comentadora 3:</u> Não era bem isso que eu queria. Mas sabemos que ela levará vários dos nossos. Essa fodastica é futuro, e bem próximo.</p> <p><u>Autor do post: Comentadora 3</u> 🙌</p>
	<p><u>Comentadora 4:</u> Temos que superar quaisquer desavenças que possam nos desunir. Há um objetivo maior em jogo. Lula sempre foi conciliador. Ele tem qualificação e sabe por onde começar a reconstrução desse país destruído pelo golpe. #LulaLivre #LulaInocente #LulaPresidente #NãoVotoEmGolpista #Otroc</p>

	oVemNasUrnas
	<u>Autor do post:</u> 🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌
	<u>Comentador 5:</u> Vamos todos votar em Paulo Câmara, eeeee
	<u>Comentador 6:</u> Uma bancada forte! Atenção! Os golpistas estão pedindo voto!
	<u>Comentadora 7:</u> O PT se superou desta vez. É preciso reconhecer. Agora se aliou, com a benção de Lula, aos "golpistas".
	<p><u>Comentadora 4:</u> Sabíamos que os golpistas viriam com cara de arrependidos ao ver as intenções de voto em Lula dispararem. As alianças seguem necessárias (detesto essa frase, mas é fato. Pois o PT sozinho não virá o jogo). Lula além de exímio conciliador, tem competência e qualificação de modo que saberá reconstruir esse país destruído pelo golpe, o que não quer dizer que tenhamos que votar em golpista (queria mesmo era que o povo tivesse consciência de classe e fosse politizado, mas isso vai demorar séculos pra acontecer). O que temos não é o ideal, mas é o real. #LulaLivre #LulaInocente#LulaPresidente #NãoVotoEmGolpista #Otroco VemNasUrnas</p> 
	<u>Comentadora 8:</u> Não voto. Não voto em mais ninguém do PT. Talvez em Lula apenas. Se eu resolver ir votar.

Comentadora 4: Compreendo sua indignação, **Comentadora 8** e respeito sua decisão. Mas espero que quando a poeira baixar possamos analisar a questão com mais racionalidade, pois estamos diante de um jogo que se faz necessário agirmos com sagacidade.

Autor do post: Comentadora4 🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌

Comentadora 8: Comentadora 4 só o que temos feito é esperado a poeira baixar e aceitarmos tudo, uma cagada atrás da outra. Não se pode exigir lealdade diante da traição. Não é justo. Cada um colhe o que planta. O PT não é religião e Lula não é Deus. Tudo tem limite

Autor do post: E nós temos nossos limites. Autocritica é bom

Comentadora 8: É. É ótimo.

Comentadora 7: Comentadora 8, eu concordo plenamente com vc

Comentadora 7: Comentadora 4, eu votei em Lula todas as vezes que ele se candidatou. Depois votei em Dilma pq ele pediu. Minha indignação reside exatamente aí. Acreditei que eram diferentes, mas são, a meu ver, piores que os demais, porque roubaram as minhas esperanças. PT e Lula nunca mais!

Comentadora 4: Comentadora 7 não pretendo ponderar com você em seus argumentos. Eu apenas compreendo teu descontentamento, até porque já senti isso também. Mas não temos um povo realmente esclarecido politicamente. Se assim tivéssemos, nenhum político safado viria candidato. Mas, infelizmente a realidade é outra e não dispusemos de muitas "armas". As mudanças são tão lentas que conseguimos regredir 50 anos em 2. O processo histórico é longo e lutamos com o que temos no momento

Comentadora 8: Comentadora 4 ok, mas é preciso haver reciprocidade. Não se pode agradecer com traição a um estado que vem dando apoio incondicional ao partido.

Comentadora 8: Se não for assim, não passamos de boiada, de gado

passivo.

Autor do post: Vc disse que com o golpe o Brasil estava mudando. Veja como mudou com Aécio, aquele em quem vc votou. Quem nao reconhece a revolução feita neste pais pelo PT pra mim nunca votou em Lula. Me engana que eu gosto **Comentadora 7**

Autor do post: Comentadora 8 seus comentários estão atraindo anti-petistas. Aqui nao é o lugar. O lugar de anti-petistas é na pagina do PSDB, de Bolsonaro, de Ciro. Xô!

Comentadora 8: Autor do post PT não é religião. É preciso criticar quando é o momento. Críticas levam ao crescimento, e o que está errado tem que ser dito.

Autor do post: Comentadora 8 nao sao criticas. Sao comentarios de quem nunca votou no PT e apoia o golpe. Nunca votaram no PT e fecham os olhos pra revolução da educaçao com Haddad. Haddad está está aí. Com Lula e com ele temos esperança de devolver a educaçao ao país. É nisso que acredito. Xô golpistas!

Comentadora 4: Amigos, pfvr, não se agridam. Eu também fiquei descontente com alguns caminhos escolhidos pelo PT, entretanto tive a tranquilidade para analisar posteriormente o ocorrido. Lula sabe o peso disso, tanto que disse ao assumir o mandato que o PT não poderia errar porque seria muito cobrado por isso. Mantenhamos a calma, pois democracia é exercício

Comentadora 8: Autor do post nunca votei no PT? Vem cá, você me conhece de onde? Sabe o quê da minha vida, da minha história e das minhas escolhas? Tá vendo quando a pessoa perde a razão por não ter argumentos? Sempre votei em Lula. Fiz campanha pra ele até quando não tinha ainda idade pra votar. Agora, mantenho meu senso crítico e minha independência de pensamento, senão viro uma boiada igual à dos eleitores de Bolsonaro. Repito: PT Não é religião. Não sou cega.

Autor do post: Eu nao disse que vc nao era petista. Eu disse que vc

estava atraindo antipetistas. Aqueles que aproveitam situações para destilar seu ódio porque o PT revolucionou o país com suas políticas sociais. Enquanto houver PT, vai ter inclusão social.

Comentadora 8: **Autor do post** eu vou votar em Lula novamente, mas não vou deixar de criticar o que está errado. Veja, por exemplo, isso aqui. Tá certo? Não, tá errado. <https://www.viomundo.com.br/.../pt-psb-no-amazonas-veta...>



Comentadora 8: Grazziotin foi uma das mais aguerridas lutadoras contra o golpe.

Autor do post: **Comentadora 8** vejo o plano maior Lula Haddad Manuela. Estamos felizes com isso.

Comentadora 8: Sim, achei ótima a chapa, minha crítica é à forma como foi feita a aliança com o PSB. Está sacrificando candidaturas de gente que lutou ferozmente contra o golpe, entregando estados importantes nas mãos de golpistas e, desculpe a expressão, fudendo por mais quatro anos com a população desses Estados. Como Pernambuco vai sobreviver a mais 4 anos de Paulo Câmara? Eu não quero nem pensar. Quem sofre mais são os mais pobres. Isso não é justo. Critico mesmo. É traição.

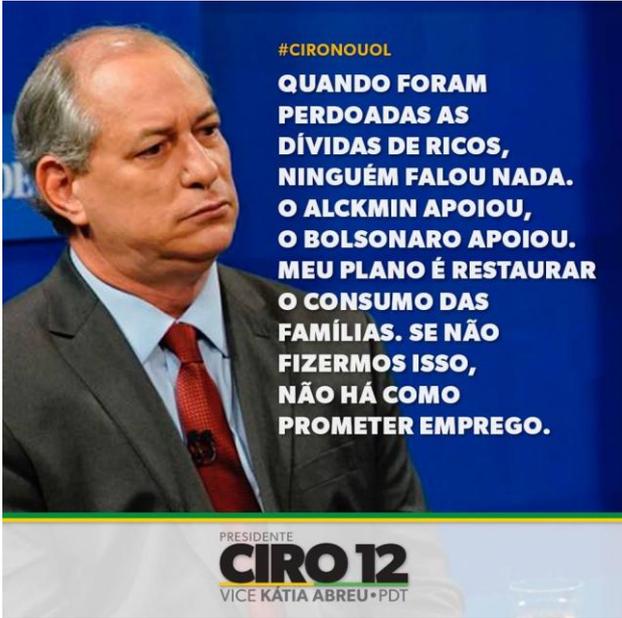
Comentadora 8: Por que não fizeram a aliança liberando as candidaturas locais?

Autor do post: **Comentadora 8** Que maturidade de Marília! Ganhou minha admiração.

Comentadora 8: **Autor do post** sim, ela foi madura. Mas o que fizeram com ela foi terrível.

	<p><u>Autor do post: Comentadora 8</u> vai ser minha prefeita</p> <p><u>Comentadora 7: Autor do post</u>, eu não tenho porque enganar a vc nem a ninguém. Não devo satisfação a ninguém. Nunca disse que não reconheço o que foi feito na gestão de Lula, mas essa defesa cega de vocês virou idolatria. Não participo disso. O PT me dá nojo.</p> <p><u>Comentadora 7:</u> Meu querido, eu não votei em Aécio! Votei em Dilma. Isso não me faz sentir melhor. Como disse, entretanto, não devo satisfação a vc nem a ninguém</p> <p><u>Comentadora 7:</u> Eu disse que o Brasil mudou com o golpe? OONDE?? Sua dificuldade para aceitar opiniões diferentes da sua são de fato incríveis. Por isso, encerro essa discussão que não leva a nada.</p> <p><u>Autor do post: Comentadora 7</u> partido que cuida de pobre da nojo. É verdade.</p>
	<p><u>Autor do post:</u> Nesse nao <u>Comentador 5</u></p>
	<p><u>Comentador 9:</u> <u>marcação de usuário</u></p>

APÊNDICE O - TEXTO 14

<p>Postagem:</p>	<p><u>Autora do post:</u></p> <p>Ciro é um candidato pragmático, de propostas pra tirar as classes pobre e média desse mar de lama. Vamos fugir da polarização, do ódio e das pautas acadêmicas e vamos nos unir em torno de um projeto progressista novo sério para o povo? #Ciro12</p> 
<p>Comentários</p>	<p><u>Comentador 1:</u> Só uma ressalva: Ciro NÃO É de esquerda.</p> <p><u>Autora do post:</u> Quem é de esquerda?</p> <p><u>Comentador 2:</u> Pois é, quem é de Esquerda?</p> <p><u>Comentadora 3:</u> Lula de esquerda?! Rs</p> <p><u>Autora do post:</u> Com quem eu falo pra poder entrar na esquerda?</p> <p><u>Autora do post:</u> Eu me lembro de quando tava na França na época das eleições de Macron, que é um super direita e liberal pros franceses, quando eu ouvia os discursos dele sentia que ele era mais esquerda do que toda a nossa esquerda junta. Coisas da latinoamerica.</p>

Comentador 4: Autora do post , nos EUA, Hillary e Obama são esquerda...

Comentador 1: Boulos do PSOL é um candidato de esquerda. Apesar de eu não concordar 100% com o plano dele, por motivos de: populismo e reformismos (Oi, Ciro rs), acho que ele é o plano de governo que mais se aproxima da classe trabalhadora. Ciro tem uns planos que chegam a arrepiar os pelos de qualquer um que esteja contra a política neoliberal. A gente naturalizou muito, eu acho, denominar esquerda qualquer ideal progressista e inclusivo... O Ciro é bem de direita no sentido econômico... Rsr
Óbvio que o assistencialismo e as políticas públicas são mais prioridade, porque ele entende que isso é motriz de desenvolvimento, mas acho que só por isso mesmo. Rsr

Comentador 2: Não me parece economicamente de direita taxar grandes fortunas, heranças... quebrar cartel dos bancos... Mas tb n sou especialista no assunto

Comentador 1: No final nenhum deles apresenta um plano que impeça as grandes empresas de continuarem lucrando bilhões enquanto exploram nosso trabalho, dominam a cultura e economia e continuam sua hegemonia econômica. Até porque os que defendem isso morrem antes de virarem candidatos.

Comentador 1: Ciro fala muito sobre taxar grandes fortunas. A questão não é taxar, porque a taxaço já existe, mas aumentar o percentual. O problema é pôr isso em prática e os tipos de reformas e acordos que estariam por trás de um processo como esse. É uma questão mais complexa mesmo, mas eu saliento que Ciro com certeza seria opção minha em segundo turno dependendo da situação. É só pra propor um debate sobre a questão do ser de esquerda e direita... Porque eh acho isso bem debatível referente a todos os candidatos

Comentador 2: Acho msm que não é transparente o que significa

ser de Esquerda ou Direita. E vc tb, parece. Massa.

Comentador 1: Acho que eu mudaria a palavra transparente por "consenso". Talvez haja realmente várias visões do que viria a ser de esquerda ou direita. Foi o que eu propus no debate... Vieses econômicos, ideológicos etc. Não quis rebater ninguém. Mas, no final, eu acredito que pesa bastante a política de desenvolvimento econômico e a questão da interferência estatal sobre grandes empresas, com medidas que se voltem para a classe trabalhadora. Por isso acho que, em algumas medidas, ele não é "de esquerda"

Comentador 2: Talvez tu esteja certo. Eu só não sei de quais medidas tu ta falando. E falo isso sem provocação msm. É que vejo tanta Esquerda em Ciro

APÊNDICE P - TEXTO 15

<p>Postagem:</p>	<p><u>Autora do post:</u></p> <p>O grupo Mulheres Unidas contra Bolso.naro (que em 1 semana juntou mais de 2 milhões de mulheres) foi hackeado. Um sujeito entrou, retirou as moderadoras do comando e mudou o nome do grupo para Mulheres com Bolso.naro. Isso não é uma brincadeira, isso é criminoso. Revela como tratam nossos corpos e invadem nossos espaços, extirpam a nossa voz. Revela como se comporta o fascismo.</p> <p>Já somos 2 200 000 mulheres contra o tal candidato! Mulheres do Brasil inteiro tomam posição política contra o preconceito e discriminação, como pauta política, representada por um deputado de extrema direita, com pautas Nazifascista contra a diversidade de pensamentos na sociedade brasileira. Mulheres unidas contra o retrocesso!</p> <p>Tá com a gente? Copie e cole no seu mural!</p> <p>#EleNão</p> <p>#EleNunca</p> <p>#MulheresUnidasContraBolsonaro</p> <p>#MulheresUnidasContraoFascismo</p>
<p>Comentários:</p>	
	<p><u>Comentador 1:</u> Kkkkkkkkk.....facista? As centenas de Blogueiros recebendo para alavancar o PT é o que?</p> <p>Para quem não sabe, o tal grupo criado tinha outro nome, Gina Indelicada e muitas contas foram inseridas sem o consentimento das mesmas, inclusive aqui em casa.</p> <p>Ou seja, uma guerra virtual e quem tem telhado de vidro, tem que ficar pianinho.</p> <p>Bolsonaro 17 ganha no primeiro turno, para desespero da esquerda caviar.</p> <p style="text-align: center;"><u>Comentador 2:</u> é verdade isso, eu era a Gina</p>

Comentador 1: Comentador 2 acho que vc era a va gina.

Comentador 1: Comentador 2



Autora do post: Comentador 1, vai tomar no cu. Consegue nem fazer piada decente. Que nojo. Tá finalmente bloqueado. Mantenha distância.

APÊNDICE Q - TEXTO 16

Postagem:	<p><u>Autora do post:</u></p> <p>Vai vendo! Depois não reclamem...</p>  <p>NOTÍCIAS.UOL.COM.BR General ligado a Bolsonaro fala em banir livros sem "a verdade" sobre 1964 ✓</p>
Comentários:	
	<p><u>Comentador 1:</u> Você já esta enchendo o Saco vou te bloquear</p> <p><u>Autora do post:</u> <u>Comentador 1</u> mas é meu face! E você que vive me mandando coisa no privado? Eu nem reclamo, mas pode bloquear.</p> <p><u>Autora do post:</u> <u>Comentador 1</u> sabe qual é o seu problema? Não quer aceitar a realidade, nunca tem argumentos pra rebater. Por isso fica incomodado.</p> <p><u>Comentadora 2:</u> Afff.... isso é sério amiga <u>Autora do post</u> ???</p> <p><u>Comentadora 2:</u> #EleNão #EleNunca</p>
	<p><u>Comentadora 3:</u> Eles nunca tem argumentos para rebater.</p>

APÊNDICE R - TEXTO 17

Postagem:	<p>Autora do post compartilhou uma postagem:</p>  <p>The image is a bar chart with a black background. At the top, it compares 'VOTARAM EM BOLSONARO' (57,797,073) and 'NÃO VOTARAM EM BOLSONARO' (89,504,543). Below, three bars represent: 57,797,073 voters for Bolsonaro (yellow bar), 47,039,291 voters for Haddad (red bar), and 42,465,252 abstentions, blank, or null votes (blue bar). Source: TSE. Below the chart is a Facebook post snippet from 'Analfabeto Político' dated October 29, with the text 'Não se esqueça disso.' and a 'Like Page' button.</p>
Comentários:	
	<p>Comentador 1: Para ser justo:</p> <p>Votaram em HADDAD 47.039.291</p> <p>Não votaram em HADDAD 100.262.325</p> <p>Só pra lembrar, pau que dá em Chico dá em Francisco</p>
	<p>Comentador 1: 100 milhões ainda é bem mais que 89 milhões! Qual é mesmo o raciocínio?</p> <p>Autora do post: Comentador 1, queremos apenas dizer que as</p>

	<p>ideias propostas pelo candidato que tanto nos assustam não revelam o posicionamento da maioria. Não significa, porém, que tenham votado no Haddad. Entretanto, visto que muitos se abstiveram, ficamos felizes em perceber que não há adesão a causas preconceituosas e segregacionistas como se divulga.</p> <p><u>Comentador 1: Autora do post</u> boa resposta! Faço sua resposta minha também em relação ao roubo à doutrinação e à corrupção espalhada pelo PT! Note, escrevi espalhada, não criada!</p> <p><u>Autora do post: Comentador 1</u> , não sou petista, amigo! É óbvio que o PT errou, mas eu optei por não eleger um candidato que, ao meu ver, empoderou discursos perigosos para a sociedade. Espero que ele faça um bom governo, mas não confio em suas intenções. Imagino como as minorias estão se sentindo neste momento e isso me dói. Aguardemos os próximos capítulos...</p> <p><u>Comentador 1:</u> Rezemos para que dê certo.</p> <p>Não sou Bolsonarista, acho ele no mínimo fraco, sem falar das emponderamentos citados acima por você. Mas já fui PTISTA até 2011. Ontem lavei minha alma. Fui traído e feito de idiota quando usava broche do PT, adesivo de Lula lá, quando fiz por 5 eleições seguidas campanha na rua de graça por um ideal de justiça social e contra a corrupção que foi sempre a FALSA bandeira dessa GANGUE!</p> <p>Meu recado foi para o PT! Ou o PT se reconstrói, pelo visto a derrota ainda não foi suficiente, ou igual a mim ele terá sempre ex-militantes dispostos a impedir que outros jovens inocentes sofram de lavagem cerebral.</p>
	<p><u>Comentador 2:</u> Interessante. 100.259.325 não querem Haddad e 89.504.543 não querem Bolsonaro. Não entendi porque o nome</p>

analfabeto...

Autora do post: Comentador 2 , amigo, presta mais atenção
ao que está lendo... É o nome da página, uma ironia...

Comentador 2: Autora do post Eu seio. Kkkk

APÊNDICE S - TEXTO 18

<p>Postagem:</p>	<p>Autora do post compartilhou uma postagem:</p> <p>Triste, minha gente! Triste! Como uma mulher pode votar nesse cara? Me explica! Como?!</p> 
<p>Comentários:</p>	<p><u>Comentadora 1:</u> Pode-se cometer violência sexual utilizando até objetos, n se precisa necessariamente de um pênis, portanto castração química n é solução! Mais algum argumento?</p> <p style="padding-left: 40px;"><u>Comentadora 2:</u> Querida castração química não é que ele fica sem o penis subir mas SEM O DESEJO SEXUAL... portanto ele não tem vontade de estuprar... leia mais</p> <p style="padding-left: 40px;"><u>Comentador 3:</u> Kkkkkkkk pois e.. a esquerda morre a cada dia mais ... estão no ultimo suspiro como um peixe morrendo agonizando e dizendo ele nao kkkk ele nao kkkkk</p> <p style="padding-left: 40px;"><u>Comentadora 1:</u> <u>Comentadora 2,</u> sugiro que vc releia meu comentário!</p> <p style="padding-left: 40px;"><u>Comentadora 2:</u> <u>Comentadora 1</u> já li e reli vc fala que castração química não é a solução pq podem usar objeto pra estuprar não só o penis... mas quem não tem desejo sexual, não sente vontade de fazer nada relacionado ao ato nem no</p>

	<p>pensamento, quanto mais com objeto ou qualquer outra coisa... castração química e a solução sim! Não é suposição, Já é adotado em países mais desenvolvidos e comprovadamente seguro</p> <p><u>Autora do post: Comentadora 2</u> , eu acho que você não entendeu bem o ato em si. Estupro não tem a ver com desejo, tem a ver com violência, domínio, demonstração de poder. Tanto é que isso é comum nas prisões mesmo entre homens que se consideram hétero, apenas para demonstrar poder. Por isso que a castração química em si não soluciona o problema.</p> <p><u>Comentadora 2:</u> Autora do post [[apelido]] discordo... já foi comprovado, q essas práticas de castração química, q já são realizadas nos países desenvolvidos, o estuprador perde sim interesse no ato em si... seja a vontade de dominar, de ver sofrer, de poder, de qualquer sentimento que vem junto do desejo em si...</p> <p><u>Comentador 4:</u> Qual é o país desenvolvido que usa castração química? (Não é ataque não! É só curiosidade mesmo, pq eu realmente nunca ouvi falar que usassem)</p> <p><u>Comentador 4:</u> Já googlei! Mas a “castração” na vdd é o uso de hormônios para diminuição da libido e não é feita de forma definitiva, o condenado tem que tomar os remédios todo mês... Qdo falavam castração química eu achava que era para sempre...</p> <p><u>Autora do post: Comentador 4</u> , e, praticamente em todos os casos, tem que ser em comum acordo. Não pode ser impositivo.</p> <p><u>Comentador 4: Autora do post</u> , sim! O preso escolhe para ter redução da pena! Até pq ele tem que tomar os remédios ...</p>
	<p><u>Comentadora 2:</u> Autora do post [[apelido]] não divulga sem pesquisar.. independente de posição partidária e política.. você, como</p>

educadora, tem um papel muito importante na divulgação dos fatos ...

http://www.camara.gov.br/proposico.../prop_mostrarintegra...

Leia !!!!

Comentador 3: **Comentadora 2** eh oque eu digo todo dia a ela.. notícias maldosas com duplicidade e tendenciosas

Autora do post: Eu li, Comentadora 2 [[apelido]]! O que você acha que não está coerente? Pode me explicar?

Comentador 3: **Autora do post** voces querem implantar o aborto de todo jeito nao e ? Dqn

Comentador 3: So que não 🙄🙄🙄

Autora do post: **Comentador 3** , aborto em caso de estupro já é legalizado no Brasil. Não entendo como uma pessoa pode ser a favor de forçar outra a carregar o fruto de uma violência sexual durante 9 meses. É reviver o estupro todo dia. É desumano.

Comentador 3: **Autor do post** violência sexual amiga eu te entendo.. mais a.mulher dormiu brigada com o marido e no outro dia querer tirar o feto e pau nao e ?

Autora do post: **Comentador 3**, de onde você tirou isso, meu amigo?! Tem isso aí na minha postagem, é?! Tá viajando?

Comentador 3: Você falou da outra vez.. que sexo sem ser consensual era estupro.. ou nao foi??

Autora do post: **Comentador 3**, sim! E não é?

Comentador 3: **Autora do post** entao.. o correto seria alem do aborto.. a.mulher que fez sexo não por pura vontade desejo

denunciar o marido nao e ? Para que as regras e leis impostas ao estuprador sejam rigorosamente impostas ao marido estuprador.. concorda ? E essa mulher nao seria mais louca de conviver com um estuprador.. afinal você falou que nao poderia conviver com a imagem do estupro todos os dias

Autora do post: Comentador 3, com certeza! Não discordo disso

Autora do post: Comentadora 2 [[apelido]], acabei de descobrir, por essa justificativa, que eu já abortei, pois tomei pílula do dia seguinte. Piada isso, né?! Então usar camisinha é genocídio...

Comentadora 3: Nanda em nenhum momento defendi que a mulher não deve ter o direito de escolha em caso de estupro... aonde vc leu algo sobre isso...

Comentadora 3: Só discordei do conteúdo da sua postagem que é diferente da realidade que ocorreu na câmara

Autora do post: Comentadora 2, é diferente em que sentido? Ainda não entendi...

Comentadora 3: Autora do post já mencionei o link pra vc ler sobre a lei que vc postou que é Jair bolsonaro quem IMPEDE as vítimas de terem atendimento prioritário...

Comentadora 3: Autora do post só ler o link acima na íntegra e pode pesquisar mais no site das câmaras, vc terá acesso a todos os projetos de leis, suas emendas, seus vetos te.

Autora do post: Comentadora 2, ele é um dos autores da lei, ou não é? Eu li o link.

Autora do post: Lei a ser revogada na íntegra:

Lei nº 12.845, de 1º de Agosto de 2013

Dispõe sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Os hospitais devem oferecer às vítimas de violência sexual atendimento emergencial, integral e multidisciplinar, visando ao controle e ao tratamento dos agravos físicos e psíquicos decorrentes de violência sexual, e encaminhamento, se for o caso, aos serviços de assistência social.

Art. 2º Considera-se violência sexual, para os efeitos desta Lei, qualquer forma de atividade sexual não consentida.

Art. 3º O atendimento imediato, obrigatório em todos os hospitais integrantes da rede do SUS, compreende os seguintes serviços:

I - diagnóstico e tratamento das lesões físicas no aparelho genital e nas demais áreas afetadas;

II - amparo médico, psicológico e social imediatos;

III - facilitação do registro da ocorrência e encaminhamento ao órgão de medicina legal e às delegacias especializadas com informações que possam ser úteis à identificação do agressor e à comprovação da violência sexual;

IV - profilaxia da gravidez;

V - profilaxia das Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST;

VI - coleta de material para realização do exame de HIV para posterior acompanhamento e terapia;

VII - fornecimento de informações às vítimas sobre os direitos legais e sobre todos os serviços sanitários disponíveis.

§ 1º Os serviços de que trata esta Lei são prestados de forma gratuita aos que deles necessitarem.

§ 2º No tratamento das lesões, caberá ao médico preservar materiais que possam ser coletados no exame médico legal.

§ 3º Cabe ao órgão de medicina legal o exame de DNA para identificação do agressor.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias de sua publicação oficial.

Brasília, 1º de agosto de 2013; 192º da Independência e 125º da República.

DILMA ROUSSEFF

José Eduardo Cardozo

Alexandre Rocha Santos Padilha

Eleonora Menicucci de Oliveira

Maria do Rosário Nunes

Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 02/08/2013

Autora do post: Comentadora 2 , eu também não disse que você disse que a mulher não deve ter o direito de escolha. Acho

que você se confundiu em relação ao que eu respondi a Júnior.

Autora do post:



10:27 65%
camara.gov.br
DEPUTADOS

Página Inicial / Atividade Legislativa / Projetos de Lei e Outras Proposições / Autores

Autores

PL 6055/2013 Autores

Projeto de Lei

- Pastor Eurico - PSB/PE
- Costa Ferreira - PSC/MA
- Pastor Marco Feliciano - PSC/SP
- João Dado - PDT/SP
- Leonardo Quintão - PMDB/MG
- Dr. Grilo - PSU/MG
- Zequinha Marinho - PSC/PA
- Alfredo Kaefer - PSD/PR
- Henrique Afonso - PV/AC
- William Dib - PSD/SP
- Jair Bolsonaro - PPR/RJ
- Ottoniel Lima - PRB/SP
- Eurico Júnior - PVR/RJ

55ª Legislatura - 4ª Sessão Legislativa Ordinária
Telefone: +55 (61) 3216-0000 | Disque-Câmara: 0800-619-619
Câmara dos Deputados - Palácio do Congresso Nacional - Praça dos Três Poderes - Brasília - DF - Brasil - CEP 70160-900
CNPJ: 00.530.352/0001-59 | Horário de atendimento ao público: 9h às 19h

APÊNDICE T - TEXTO 19

Postagem:	<p>Autora do post compartilhou uma postagem:</p> <p>A história que se repete...</p> <div data-bbox="432 461 940 1173" style="background-color: black; color: white; padding: 10px; text-align: center;"> <p>Era uma vez um ex-militar que decidiu entrar para a política. Ele se aproveitou da revolta da população com o cenário político e econômico atual para impor suas ideias racistas e preconceituosas. Desemprego, alta inflação, muita criminalidade, corrupção reinavam em seu país. Então ele ressaltou o patriotismo e a religião para justificar suas ações. Colocou a culpa da desgraça do país nas minorias e seguiu com seu plano.</p> <p>Esse era Adolf Hitler.</p> <p>Quem não conhece os erros do passado está fadado a cometê-los novamente.</p> </div>
Comentários:	
	<p><u>Comentadora 1:</u> Hitler jamais foi de direita. Sempre foi um esquerdista, iniciou carreira política no Partido dos Trabalhadores Alemães, o qual, posteriormente, mudou o nome para Partido 'Nacional Socialista', de onde se origina a redução 'Nazista'. Um dos comentários da própria imagem, que apenas copiei aqui!</p>
	<p><u>Comentadora 1:</u> Juntou-se ao Partido dos Trabalhadores Alemães, precursor do Partido Nazista, em 1919, e tornou-se seu líder em 1921. Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Adolf_Hitler</p>
	<p><u>Autora do post:</u> <u>Comentador 3,</u> por favor, esclareça essas pessoas aqui... Já que você é professor de história, talvez eles acreditem numa</p>

	<p>fundamentação teórica consistente. Eu estou ficando cansada 🤔</p> <p>Comentador 3: <u>Autora do post</u> aprenda com Aristóteles. Ele acreditava que se num debate existisse um ignorante, nada mais plausível conceder a razão a ele. Assim se encerra a discussão e esse ignorante com a falsa ilusão de que venceu. Beijos.</p>
	<p><u>Autora do post:</u> Inclusive, eu nem citei direita ou esquerda no post. Só pra esclarecer...</p>
	<p><u>Comentadora 1:</u> Destruíu o regime constitucional e o substituiu por um regime totalitário. Assim, estabeleceu o nacional socialismo como o único partido e realizou uma sangrenta repressão contra os dissidentes. A perseguição contra os judeus, iniciada com as Leis de Nuremberg (1935), culminou com o extermínio de judeus europeus, ciganos, comunistas e homossexuais, fato que ficou conhecido como a Solução Final. Fonte: https://www.infoescola.com/biografias/adolf-hitler/</p>
	<p><u>Autora do post:</u> Minha linda, apresente 5 ideais de Hittler que sejam compatíveis com os ideias da esquerda, por favor! Sem copiar links, utilize seu conhecimento e faça o esforço de pensar um pouquinho. Apenas 5.</p> <p>Comentador 4: <u>Autora do post</u> Posso responder ou vc vai ficar triste como das outras vezes e se calar e não fazer nenhuma interação depois? 😊</p> <p>Comentador 4: <u>Comentador 4</u> ou vai me dá aquela resposta clássica " o face e meu falo o que quiser" como das últimas vezes 😊</p> <p><u>Autora do post: <u>Comentador 4</u></u> , eu estou esperando a resposta da colega. Aguarda só um tempinho?</p> <p><u>Comentador 5:</u> Bolsonaro vem ai kk</p>

	<p><u>Comentadora 6:</u> Engraçado que o post não cita nomes nem posição política... mas a carapuça serve!</p> <p><u>Autora do post:</u> Já tem 40 minutos que eu espero uma resposta, <u>Comentadora 6!</u> 🤔</p> <p><u>Comentadora 6:</u></p> 
	<p><u>Comentador 7:</u> Só passando aqui de boas pra avisar que Hitler era um grande gênio econômico e estratégico, seja qual for o candidato que estão falando aí, ele não merece ser comparado com Adolfinho.</p>  <p><u>Autora do post:</u> Verdade! Perdão! 🙏</p>
	<p><u>Comentador 8:</u> Autora do post [[apelido]], assim desse jeito você mata os nossos professores de história do [[nome do colégio em que estudaram]] de infarto..hahahahahaa:</p> <p>Tanto o nazismo alemão quanto o fascismo italiano surgem após a Primeira Guerra Mundial, contra o socialismo marxista - que tinha sido vitorioso na Rússia na revolução de outubro de 1917 -, mas também contra o capitalismo liberal que existia na época. Ele foi uma espécie de terceira via para o que existia na época. Não era que o nazismo fosse</p>

	<p>à esquerda, mas tinha um ponto de vista crítico em relação ao capitalismo que era comum à crítica que o socialismo marxista fazia também. O que o nazismo falava é que eles queriam fazer um tipo de socialismo, mas que fosse nacionalista, para a Alemanha. Sem a perspectiva de unir revoluções no mundo inteiro, que o marxismo tinha. O projeto do movimento nazista , previa uma "revolução social para os alemães", diferentemente do projeto dos partidos de direita da época, "que vinham de uma cultura política do século 19, de exclusão completa e falta de diálogo com as massas. A ideia de uma "revolução social para a Alemanha" deu origem ao Partido Nacional-Socialista alemão, em 1919. Ou seja o HITLER, fazer parte do partido nacional socialista, será que ele tem mais semelhanças com quem atualmente? Mesmo propagando a ideia de que o nazismo planejava uma revolução social na Alemanha - o que incluía, por exemplo, maior intervenção do Estado na economia -, o partido fazia questão de deixar clara sua oposição ao marxismo. Esse é outro ponto em comum com os partidos de esquerda , maior intervenção estatal. Acredito que essa sua postagem carece dos mínimos conhecimento de história de uma pessoa que passou pelo ensino médio. Se for pra comparar com algum Brasileiro, talvez Hitler, seja muito mais parecido com o Getúlio vargas que foi um ditador populista de esquerda.</p> <p style="text-align: center;"><u>Autora do post:</u> Cópia, mas dá os créditos, querido! Se você realmente acredita nisso, parabéns! Vou seguir o conselho do meu amigo <u>Comentador 3</u> que é melhor...</p> <p style="text-align: center;"><u>Comentador 5:</u> Kkkkkkkkk</p> <p style="text-align: center;"><u>Comentador 8:</u> Tô no aguardo de suas argumentações HISTÓRICAS sobre o tema, sem ofender pessoas. Apenas história!</p>
	<p><u>Comentador 9:</u> Eu to aqui lendo o post do texto lá em cima de fundo preto. To tentando entender onde está a referência ao eixo direita-esquerda. Acho que as pessoas tão lendo de menos e usando</p>

	<p>argumentos (ofensas) prontas demais.</p> <p><u>Comentador 10</u>: Existem duas linhas de pensamentos para gente bobinha.</p> <p>>Hitler era de direita então ninguém de esquerda vai fazer maldades.</p> <p>>Hitler era de esquerda então ninguém de direita vai fazer maldades.</p> <p><u>Comentador 9</u>: <u>Comentador 10</u> , pois é... Como se direita e esquerda fossem uma coisa só.</p>
	<p><u>Comentadora 11</u>: <u>Autora do Post</u>, o brasileiro é um povo extremamente criativo e nessas eleições provou que merece o título. Somos capazes até de editar a história da Alemanha! 🤔🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷</p> <p><u>Autora do post</u>: Cansada, mulher! Sinceramente! Tem hora que dá desgosto... Daqui a pouco a galera vai dizer que tubarão martelo é ferramenta e que baleia azul é cor...</p> <p><u>Comentadora 11</u>: <u>Autora do post</u>, é triste, viu</p> <p><u>Autora do post</u>: <u>Comentadora 11</u> , PQP! Essa galera é desocupada demais! Dels me defenderay!</p>

APÊNDICE U - TEXTO 20

<p>Postagem:</p>	<p>Autor do post:</p> <p>Mais novo impossível:</p> 
<p>Comentários</p>	
	<p>Comentadora 1: Autor do post!? E eu aqui toda apaixonada por Amoêdo. 😊</p> <p>Vou lavar sua boca com sabão! 😂😂😂😂😂</p> <p>Um abraço, moço grandão. 🤗</p> <p>Autor do post: Kkkkkkkkkkkk Comentadora 1? Conheci você mais crítica...</p> <p>Abração!!</p> <p>Comentadora 1: Autor do post Continuo! Porém desacreditada das figuras carimbadas.</p> <p>Sinto saudades! Abração!</p>
	<p>Comentador 2: Novo modinha.</p>
	<p>Comentador 3: O Novo é a evolução do lobby. É o lobby transformado em partido.</p>